

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

CECILIA APARECIDA COSTA

**A CRIAÇÃO DO GEOPARQUE BODOQUENA-PANTANAL
NO MUNDO DA SUSTENTABILIDADE: A MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA
E A PRODUÇÃO DE TERRITÓRIOS**

DOURADOS – MS

2018

Cecilia Aparecida Costa

**A Criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal
no Mundo da Sustentabilidade: a Mercantilização da Natureza e a Produção de
Territórios**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação –
Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências
Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados
como requisito final para a obtenção do título de
Doutora em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo César Moretti

Dourados – MS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C838c Costa, Cecília Aparecida
A Criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal no Mundo da Sustentabilidade: A
Mercantilização da Natureza e a Produção de Territórios [recurso eletrônico] / Cecília Aparecida
Costa. -- 2018.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Edvaldo César Moretti.
Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2018.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Natureza. 2. Mercantilização. 3. Geoparque Bodoquena-Pantanal. 4. Nioaque. 5. Mato Grosso
do Sul. I. Moretti, Edvaldo César. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**“A CRIAÇÃO DO GEOPARQUE BODOQUENA-PANTANAL NO MUNDO DA
SUSTENTABILIDADE: A MERCANTILIZAÇÃO DA NATUREZA E A PRODUÇÃO
DE TERRITÓRIOS”**

BANCA EXAMINADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTORA

Presidente / Orientador

Prof. Dr. Edvaldo Cesar Moretti

1º Examinador

Prof. Dr. André Geraldo Berezuk

2º Examinadora

Profª Drª Vera Lucia Freitas Marinho

3º Examinador

Prof. Dr. Paulo César Boggiani

4º Examinador

Prof. Dr. Eduardo Salinas Chavez

Dourados, 18 de junho de 2018.

*À minha amada filha, Fernanda,
que, desde a sua gestação, tem vivido
imersa no meu mundo da tese.*

AGRADECIMENTOS

Chega a ser difícil acreditar que, finalmente, a pesquisa está sendo concluída e chegou o momento de lembrar com carinho de todos e todas que, direta ou indiretamente, participaram do processo de construção dessa tese.

É indiscutível que a caminhada foi difícil e que algumas etapas pareciam intermináveis, mas teria sido pior se não tivesse contado com o apoio de pessoas especiais e importantes; por isso, gostaria de agradecer-los imensamente.

À minha família, que sempre reconheceu a formação acadêmica a nível pós-graduação como sendo algo de grande importância e, por isso, além de incansavelmente encorajar-me a acreditar que era possível e que eu era capaz, não poupavam esforços para ajudar-me com os afazeres domésticos e com os cuidados com a minha pequena Fernanda. Exemplo disso, destaco as inúmeras vezes que minha mãe se deslocou de Ivinhema para Dourados, enquanto minha irmã, Josiane, abdicou de suas férias; tudo para que eu pudesse dedicar ainda mais tempo à tese.

Ao meu esposo Renato e minha filha Fernanda, que foram privados de muitos momentos de lazer devido à minha “sempre” falta de tempo.

Ao Grupo de Pesquisa Território e Ambiente- GTA, que, desde o ano 2000, não só tem contribuído para minha formação acadêmica, como também tem me proporcionado a oportunidade de fazer grandes amigos.

Ao Ângelo, meu grande amigo, que sempre se mostrou muito disposto a me ajudar e, capturando rapidamente minhas ideias, conseguia transformá-las em mapas.

Ao amigo Bruno e a amiga Karoline (a Karol ou Karolzinha), eu quero dizer: vocês foram fantásticos; não é qualquer amigo que enfrenta o calor escaldante de Nioaque durante uma semana para ajudar a pesquisadora grávida a percorrer assentamentos rurais, comunidades quilombolas, aldeias indígenas para realizar entrevistas. Podem ter certeza que sou muito grata pelo cuidado que vocês tiveram comigo e com a pequena Fernanda; pela companhia sempre muito agradável; e, pelas ricas discussões e reflexões sobre o meu objeto de pesquisa.

À Karoline, minha amiga: é difícil encontrar palavras para te agradecer, pois você nunca mediu esforços para me ajudar.

Ao professor Edvaldo, minha gratidão por toda orientação dada ao longo desses 18 anos. Saiba que assim como os teus direcionamentos teóricos foram importantes, as tuas palavras de encorajamento também tiveram grande força para que eu pudesse chegar ao doutorado.

À FUNDECT e a CAPES, que ao concederem em conjunto a Bolsa de Doutorado, proporcionaram a oportunidade de uma maior dedicação à pesquisa.

Aos professores Dr. Charlei Aparecido da Silva, Dr. Eduardo Salinas Chávez e Dr. Adelson Soares Filho, pelas importantes contribuições feitas na qualificação.

Ao professor Jones, pela valiosa orientação referente ao processo de construção de identidade e produção de território.

À amiga Anuska, que abdicou do seu descanso de domingo para fazer as revisões ortográficas.

Aos entrevistados: dirigentes de Nioaque, empresários, artesãos e lideranças das comunidades quilombolas Família Cardoso, Araújo Ribeiro e Romano Martins da Conceição, dos assentamentos rurais: Palmeira, Colônia Conceição e Andalucia e das aldeias indígenas “Cabeceira, Água Branca e Brejão, que gentilmente nos receberam e prontamente responderam os nossos questionamentos.

Ao Márcio Cafure, pela gentileza e prontidão em nos atender todas as vezes que buscamos por informações.

Ao João Xavier, o Joãozinho, por toda a atenção nos dada durante o desenvolvimento da pesquisa.

À Geomonitora Andrea, pela disponibilidade e prontidão com o fornecimento de informações referentes à pesquisa.

Ao Paulo Correa, que muito contribuiu com a pesquisa através de esclarecimentos sobre a história do geossítio, com o fornecimento de cópias de matérias importantes e acompanhamento em parte das visitas realizadas nos assentamentos rurais, aldeias indígenas e comunidades quilombolas; e, estendo, gentilmente, os agradecimentos à Margareth pelas informações compartilhadas.

Ao Fernando Vinhas, que gentilmente nos ajudou com alguns dos registros fotográficos.

Ao professor Afrânio, por ter conseguido encontrar um momento vago em sua agenda apertada para conceder esclarecimentos.

A todos e todas, muito obrigada!!!

[...] é importante entender tudo isso porque nos leva a um conceito de humanidade. Somos absolutamente insignificantes e precisamos saber disso. Há cerca de trinta reações em cadeia na fotossíntese, e nós só conhecemos a primeira e a última. Não existe coisa mais importante na face da Terra do que isso, e nós continuamos nos achando muito transcendentais e importantes.

Pepe Mujica (2015).

RESUMO

O objetivo da tese é analisar a construção da necessidade de conservação ambiental criada pela sociedade ocidental moderna e a formatação do “Mundo da Sustentabilidade” considerando a produção de territórios associada a estes processos, tendo como recorte empírico, a implantação do modelo de geoparques como área de conservação. No que se refere ao Geoparque Bodoquena-Pantanal, recorte espacial desta tese, ele foi criado no Mato Grosso do Sul em 2009. Sua área com extensão de 39.700 km² abrange treze municípios. Dentre esses municípios, a atenção desta tese foi direcionada à Nioaque em razão de que esse tem sido o único a demonstrar muito interesse e participar ativamente do processo de desenvolvimento do projeto estadual. As indagações seguintes “o discurso de conservação que está embutido nesse modelo pretende atender a quais interesses? Conservar o que e pra quem? A criação de um geoparque contribui na produção de territórios e identidades territoriais? O que justifica a ausência dos geoparques nos países pobres?” causaram inquietações e acabaram contribuindo para dar origem à tese. Tese essa que refere-se ao fato de que o surgimento dos geoparques, embora seja defendido como uma nova opção de conservação ambiental para atender as necessidades impostas pela sociedade ocidental moderna, na realidade, tem como principal objetivo atender aos interesses econômicos, representando uma opção de geração de lucro através da mercantilização da natureza via atividade turística. É possível afirmar que esse modelo de conservação como não é diferente dos produtos gerados pelo “Mundo da Sustentabilidade”, apresenta-se como justificativa da sua criação a preocupação com a conservação dos elementos naturais, em específico, aqueles relacionados à memória da Terra. Entretanto, através desta pesquisa foi possível comprovar a tese que o verdadeiro objetivo da criação desses é a reprodução do capital, pois tomando como exemplo o município de Nioaque, todo o interesse político existente não é porque estão preocupados com a conservação do geossítio, mas com a possibilidade que esse representa para fomentar a economia local através da mercantilização da natureza, via atividade turística.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza. Mercantilização. Geoparque Bodoquena-Pantanal. Nioaque. Mato Grosso do Sul.

ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyze the construction of the need for environmental conservation created by modern western society and the formatting of the “World of Sustainability”, considering the production of territories associated to these processes and having as its empirical cut the implantation of the geopark models as conservation areas. As far as the Bodoquena-Pantanal Geopark is concerned, which is the spatial cut for this thesis, it is necessary to say that it was created in Mato Grosso do Sul in 2009. Its area of 39,700 km² covers thirteen municipalities. Among these municipalities, the attention of this thesis was directed to Nioaque since this municipality has been the only one that has shown great interest and has participated actively in the development process of this state project. The following questions caused disquiet and ended up contributing to guiding the thesis. There are four questions, being: Which interests does the conservation discourse that is embedded in this model intend to address? What should be kept and for whom? Does the creation of a geopark contribute to the production of territories as well as territorial identities? What justifies the absence of the geoparks in the poor countries? The present thesis refers to the fact that the emergence of geoparks, although defended as a new option for environmental conservation to meet the needs imposed by modern western society, has in fact as its main objective to serve the economic interests, representing an option for profit generation through the commercialization of nature via tourism. It is possible to state that this model of conservation, which is not different from the products generated by the "World of Sustainability", is the justification for the concern with the conservation of the natural elements, in particular, those related to the memory of Mother Earth. However, through this research it was possible to prove the thesis that the real purpose of the creation of these geoparks is the reproduction of capital. When taking the municipality of Nioaque as an example, it is noticeable that all this political interest does not exist because they are concerned with the conservation of the geosite, but because of the possibility that this represents as for fomenting the local economy through the mercantilization of the nature, via tourist trade.

KEYWORDS: Nature. Mercantilization. Bodoquena-Pantanal Geopark. Nioque. Mato Grosso do Sul.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Logomarca da Rede Europeia de Geoparques e da Rede Global de Geoparques ..	34
Figura 2 - Logomarca do Geoparque Mundial da UNESCO	35
Figura 3 - Distribuição dos membros da Rede Global de Geoparques – GGN.....	37
Figura 4 - Distribuição dos membros da Rede Europeia de Geoparques – EGN.....	39
Figura 5 - Logomarca do Projeto Geoparques baseada em uma gravura da Chapada Diamantina, Bahia, de Orville A. Derby (1906).....	42
Figura 6 - Localização do Geoparque Bodoquena-Pantanal	48
Figura 7 - Localização dos geossítios na área do Geoparque Bodoquena-Pantanal definida através do Decreto Estadual 12.897/2009	50
Figura 8 - Localização dos geossítios na área do Geoparque Bodoquena-Pantanal apresentada no Dossiê de Candidatura à GGN.....	51
Figura 9 - Localização do município de Nioaque	57
Figura 10 - Localização da Terra Indígena, Assentamentos Rurais e Comunidades Quilombolas do município de Nioaque	61
Figura 11 - Localização Geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu”- Nioaque.....	63
Figura 12 - Fotos da margem do rio Nioaque onde estão localizadas as pegadas de dinossauro	65
Figura 13 - Pegada cunhada por um ornitópole ou terópode.....	67
Figura 14 - Pegada de um ornitópole ou terópode.....	67
Figura 15 - Marcas possíveis de fauna bípede ou semibípede de postura ereta.....	68
Figura 16 - Marcas possíveis de fauna bípede ou semibípede de postura ereta.....	68
Figura 17 - Abelissauro, espécie de dinossauro representada pelo artista plástico	69
Figura 18 - Placa do monumento ao Vale dos Dinossauros de Nioaque-MS	70
Figura 19 - Régua usada para monitorar a situação das pegadas em relação ao nível do rio..	72
Figura 20 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:	73
Figura 21 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:	73

Figura 22 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas: 13 cm	74
Figura 23 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas: 28 cm	74
Figura 24 - Fotos dos moldes das pegadas feito em borracha de silicone.....	75
Figura 25 - Fotos das réplicas das pegadas feitas em resina	75
Figura 26 - Réplica das pegadas feita em resina	76
Figura 27 - Entrada do Núcleo Nioaque.....	132
Figura 28 - Placa de agradecimento da comunidade nioaquense ao proprietário pela doação do imóvel.....	133
Figura 29 - Fachada do Núcleo Nioaque.....	133
Figura 30 - Local para palestras no Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque	134
Figura 31 - Sala para futuro laboratório do Núcleo, em Nioaque	134
Figura 32 - Fotos da seção de rochas e minerais do laboratório	134
Figura 33 - Fotos da biblioteca do Núcleo, em Nioaque.....	135
Figura 34 - Primeira sala do geomuseu do Núcleo em Nioaque	135
Figura 35 - Segunda sala do geomuseu: Cápsula do Tempo.....	136
Figura 36 - Terceira sala do geomuseu: Sala do Paleoambiente	136
Figura 37 - Projeto “Geoparque vai às escolas”.....	139
Figura 38 - Projeto “Geoparque vai às escolas”.....	139
Figura 39 - Projeto “Geoparque vai às escolas” – oficina de modelagem das pegadas dos dinossauros	140
Figura 40 - Geopark Móvel	141
Figura 41 - Inclusão das esculturas de dinossauros ao letreiro do município de Nioaque....	144
Figura 42 - Identidade Nioaquense.....	147
Figura 43 - Cenário da encenação da Retirada da Laguna, em Nioaque.....	150
Figura 44 - Encenação da Ocupação da Vila Nioaque pelo exército paraguaio	151

Figura 45 - Sequência de fotos que ilustram, respectivamente, a encenação da chegada do corpo expedicionário a vila Nioaque; do confronto com o exército paraguaio; e, do retorno da Fazenda da Laguna	151
Figura 46 - Encenação da explosão da igreja e despedida da vila Nioaque	151
Figura 47 - Praça dos Heróis	152
Figura 48 - Escultura Coronel Pedro José Rufino	152
Figura 49 - Placas junto à escultura – Homenagem da Família ao bicentenário do nascimento do coronel; Identificação da obra com destaque ao parentesco do artista.....	153
Figura 50 - Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna	154
Figura 51 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagem do Governo Federal, no ano de 1923.....	154
Figura 52 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagem ao 1º Centenário da Guerra da Tríplice Aliança.....	155
Figura 53 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagens feitas em 1999 e 2017 – 150 do episódio histórico	155
Figura 54 - Monumento referente à primeira igreja de Nioaque.....	156
Figura 55 - Camiseta produzida pela Prefeitura Municipal de Nioaque e vendida na Retirada da Laguna, em 2015.....	157
Figura 56 - Troféu do Velocross Nioaque, realizado no dia 26 de fevereiro de 2017	158
Figura 57 - Convite de comemoração dos 169 anos de fundação de Nioaque.....	158
Figura 58 - Réplicas de armas utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança e das pegadas dos dinossauros expostas em estabelecimento comercial	159
Figura 59 - Réplicas de armas utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança e das pegadas dos dinossauros	159
Figura 60 - Escultura Coronel Pedro José Rufino exposta em estabelecimento comercial ..	159
Figura 61 - Artesanatos produzidos na Aldeia Cabeceira	167
Figura 62 - Artesanatos produzidos na Aldeia Brejão.....	167
Figura 63 - Cocares, brincos e cestaria produzidos na aldeia Brejão	167
Figura 64 - Artesanatos produzidos no Assentamento Rural Andalucia.....	168
Figura 65 - Artesanatos produzidos com palha de milho e fibra da bananeira	168

Figura 66 - Artesanatos produzidos com fibra da bananeira, palha de milho e lã ovina – Assentamento Rural Andalucia	169
Figura 67 - Etiqueta do Grupo de Trabalhadoras Rurais Raízes do Cerrado	169
Figura 68 - Artesanato do Assentamento Rural Palmeira	170
Figura 69 - Artesanatos do Assentamento Palmeira: bordado no chinelo, crochê e sementes	170
Figura 70 - Artesanatos do Assentamento Rural	170
Figura 71 - Artesanatos do Assentamento Rural Colônia Conceição	171
Figura 72 - Artesanatos da Comunidade Quilombola Família Cardoso.....	171
Figura 73 - Artesanatos da Comunidade Quilombola Araújo Ribeiro	171
Figura 74 - Souvenir de Nioaque	173
Figura 75 - Banner divulgando o “X-Dinossauro” do Tropical Lanches.....	177
Figura 76 - X-Dinossauro servido no Tropical Lanches	177
Figura 77 - Telão do Tropical Lanches, onde são apresentadas reportagens referentes às pegadas dos dinossauros	178
Figura 78 - Localização da rotatória da BR 060, do Ypê Auto Posto, da Padaria 3M e do Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal.....	180
Figura 79 - Escultura de dinossauros no Ypê Auto Posto	182
Figura 80 - Esculturas dos dinossauros	182
Figura 81 - Réplicas usadas como moldes para produção de souvenirs	183
Figura 82 - Escultura de dinossauro feita em resina.....	184
Figura 83 - Deterioração do mobiliário do Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque.....	190
Figura 84 - Falta de manutenção no Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque	191
Figura 85 - Placa de identificação do Núcleo de Nioaque com a pintura apagada	191

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Áreas Protegidas de países norte-americanos	110
Tabela 2 - Áreas Protegidas de alguns países centro-americanos	110
Tabela 3 - Áreas Protegidas de alguns países sul-americanos.....	111
Tabela 4 - Áreas Protegidas de alguns países europeus	111
Tabela 5 - Áreas Protegidas em alguns países africanos ex-colônias europeias	112
Tabela 6 - Número de parques nacionais criados em países africanos antes e depois da conquista da independência	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação dos geoparques pertencentes à Rede Europeia de Geoparques – EGN ..	40
Quadro 2 - Propostas de geoparques brasileiros	43
Quadro 3 - Geossítios do Geoparque Bodoquena-Pantanal	52
Quadro 4 - Escolas localizadas na zona rural.....	162

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AAIN - Artesão Aldeia Indígena de Nioaque

AARN - Artesão Assentamento Rural de Nioaque

AQN - Artesão Quilombola de Nioaque

Art. - Artigo

CEI - Centro de Educação infantil

CF - Constituição Federal

CPRM - Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

CONAMA - Conselho Nacional de Meio Ambiente

DGBP - Dirigente Geoparque Bodoquena-Pantanal

DN - Dirigente de Nioaque

DNPM - Departamento Nacional de Produção Mineral

DNIT - Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes

EEA - *European environment Agency*

EGN - *Eupean Geoparks Network* (Rede Europeia de Geoparques)

EM - Empresário de Nioaque

ExB - *Executive Board*

FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul

GAC - Grupo de Artilharia Armada

GBP - Geoparque Bodoquena-Pantanal

GGN - *Global Geoparks Network*

GTA - Grupo de Pesquisa Território e Ambiente

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade

ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IGGP- *International Geoscience and Geoparks Programme* (Programa Internacional de Geociências e Geoparques)

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IUGS - *International Union of Geological Sciences* (União Internacional das Ciências Geológicas)

LAIN – Liderança Aldeia Aldeia Indígena de Nioaque

LARN – Liderança Assentamento Rural de Nioaque

LQN- Liderança Quilombola de Nioaque

MMA - Ministério do Meio Ambiente

MS - Mato Grosso do Sul

PIBICJr - MS - Programa Institucional e Bolsas de Iniciação Científica Júnior no Estado de Mato Grosso do Sul

SEBRAE/MS - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Mato Grosso do Sul

SECITECE - Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior

SEMADE - Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico

SENAR/MS - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

SPU - Secretaria do Patrimônio da União

UC - Unidade de Conservação

UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UICG - *Unión Internacional de Ciencias Geológicas*

UICN - União Internacional para Conservação da Natureza

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URCA - Universidade Regional do Cariri

USAID – *United States Agency for International Development* (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)

USP - Universidade de São Paulo

WWF – *World Wide Fund For Nature* (Fundo Mundial para a Natureza)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GEOPARQUE COMO MODELO DE CONSERVAÇÃO	28
2.1 – Geoparque – um modelo de conservação ambiental	28
2.2 - Geoparques no Brasil	42
2.3 - Mato Grosso do Sul e sua história com o Geoparque	44
2.4 - Caracterização do município de Nioaque	56
2.5 - Nioaque – Geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu”	62
3 A CONSTRUÇÃO DO MUNDO DA SUSTENTABILIDADE E A PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO DA CONSERVAÇÃO.....	78
3.1 O egoísmo e o autointeresse no processo de valorização da natureza no mundo ocidental	78
3.2 Da origem dos parques nacionais à sua participação na idealização dos geoparques	99
4 A CRIAÇÃO DO GEOPARQUE BODOQUENA-PANTANAL E A PRODUÇÃO DO “TERRITÓRIO TURÍSTICO” NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE – MS.....	124
4.1 A efetivação do Geoparque Bodoquena-Pantanal no município de Nioaque	130
4.2 O processo de construção de uma identidade territorial	145
4.3 A inserção da comunidade local no projeto Geoparque Bodoquena-Pantanal e os resultados parciais da temática “Vale dos Dinossauros” no município de Nioaque	160
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	195
APÊNDICES.....	205
ANEXOS	214

1 INTRODUÇÃO

Desde a graduação em Geografia, iniciada no ano de 2000, que se tem participado das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Território e Ambiente – GTA. Através desse envolvimento foi possível uma maior aproximação com as discussões referentes à relação sociedade/natureza, resultando na escolha dos objetos de estudo das pesquisas realizadas durante a trajetória acadêmica.

É importante mencionar que tanto a pesquisa de Iniciação Científica quanto as das monografias de graduação e especialização tinham como objeto de estudo a produção geográfica de áreas de conservação, especificamente o Parque Estadual das Várzeas do Rio Ivinhema/MS. Houve mudança no objeto pesquisado somente no mestrado, quando se passou a analisar a concepção de natureza produzida nas cidades de Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY. Entretanto, por mais que os objetos de pesquisa se diferenciasssem, o conceito holofote das análises sempre foi o olhar geográfico sobre a produção da natureza no mundo moderno.

Deste modo, quando chegou o momento de propor uma nova pesquisa para tentar o ingresso no doutorado, a opção pelo estudo da criação dos geoparques, em específico o Geoparque Bodoquena-Pantanal¹, pareceu bastante interessante. Como já se tinha uma carga de leituras e reflexões sobre a produção de áreas de conservação e de natureza, foi motivador pensar em uma proposta de pesquisa que permitiria investigar o modelo que surgia como uma alternativa para conservação ambiental. Na realidade, o que instigava era entender até que ponto o interesse em criar áreas de conservação tem relação, de fato, com a preocupação em superar a chamada crise ambiental produzida pelo modelo de desenvolvimento adotado pelo mundo moderno.

A partir desta perspectiva, tomou-se como objetivo para a pesquisa analisar a construção da necessidade de conservação ambiental criada pela sociedade ocidental moderna e a formatação do “Mundo da Sustentabilidade” considerando a produção de territórios associada a estes processos, tendo como recorte empírico, a implantação do modelo de geoparques como área de conservação.

¹Necessita esclarecer que o nome oficial desse geoparque é “*Geopark* Bodoquena-Pantanal”, utilizando a grafia na língua inglesa, assim como o geoparque do Araripe. Porém, nesta tese, optou-se pela escrita em português como forma de valorizar a implantação no Brasil e manter coerência no uso da língua portuguesa que é a oficial do país.

Cabe ressaltar que o uso, ao longo do texto, do termo “modelo de conservação” para se referir ao geoparque é porque os idealizadores dessa proposta a apresentam como uma alternativa para atingir a conservação ambiental e desenvolvimento local.

Especificamente, segundo Zouros (2004), um dos idealizadores do nome de geoparque e da criação da Rede Europeia de Geoparques (EGN), esse modelo de conservação para seguir os padrões europeus deve apresentar as seguintes características:

- [...] abranger um patrimônio geológico particular, com características geológicas, mineralógicas, geofísicas, geomorfológicas, – paleontológicas ou geográficas específicas. Deve incluir um certo número de sítios geológicos de particular importância em termos de qualidade científica, raridade, apelo estético ou valor educacional. A maioria dos sites encontrados dentro de um geoparque europeu deve ser parte do patrimônio geológico, mas seu interesse também pode ser arqueológico, ecológico, histórico ou cultural.
- [...] as autoridades locais de cada geoparque devem concordar com a promoção, com o apoio financeiro da União Europeia, de um Estratégia de desenvolvimento territorial para o desenvolvimento da área de geoparque. Um geoparque europeu deve ter fronteiras claramente definidas e área de superfície suficiente para o verdadeiro desenvolvimento econômico territorial.
- [...] Um geoparque europeu é obrigado a defender os valores da conservação do patrimônio geológico e, portanto, não pode ser tolerada nenhuma destruição ou venda de objetos geológicos de um Geoparque europeu.
- Um geoparque europeu deve ser gerido por uma estrutura claramente definida, organizada de acordo com a legislação nacional de cada país e capaz de fazer cumprir as políticas de proteção, desenvolvimento e desenvolvimento sustentável em seu território (ZOUROS, 2004, p. 165)².

² Tradução nossa. “[...] *encompass a particular geological heritage, with specific geological, mineralogical, geophysical, geo-morphological, paleontological or geographical features. It must comprise a certain number of geological sites of particular importance in terms of their scientific quality, rarity, aesthetic appeal or educational value. The majority of sites found within a European Geopark must be part of the geological heritage, but their interest may also be archaeological, ecological, historical or cultural.*

[...] *the local authorities of each Geopark have to agree to the promotion, with the financial support of European Union, of a sustainable territorial development strategy for the development of the area of the Geopark. A European Geopark must have clearly defined boundaries and sufficient surface area for true territorial economic development.*

[...] *A European Geopark is obliged to defend the values of geological heritage conservation and thus no destruction or sale of geological objects from a European Geopark may be tolerated. A European Geopark must be managed by a clearly defined structure, organized according to the national legislation of each country and able to enforce the protection, enhancement and sustainable development policies within its territory” (ZOUROS, 2004, p.165).*

Cabe esclarecer que os geossítios mencionados, são definidos pela UNESCO como “pequenos sítios de importância geológica e científica”³ que se encontram dispersos no interior de um geoparque.

Ainda sobre a definição de um geoparque e a justificativa para usar o termo “modelo de conservação”, é válido salientar que um geoparque não é considerado uma Unidade de Conservação, nem uma categoria de área protegida, pois ele não possui um enquadramento legal. No Brasil não é regido pelo SNUC⁴ e a nível mundial não é representado diretamente dentre as seis categorias de manejo de áreas protegidas da UICN⁵. É dito indiretamente porque, de acordo com Zouros (2010, p. 161), de modo amplo um geoparque cumpre os propósitos gerais de uma área protegida estabelecida pela UICN que diz respeito a “uma área de terra e/ou mar especialmente dedicada à proteção e manutenção da diversidade biológica, e de recursos culturais naturais e associados e gerenciados por via legal ou outros meios efetivos”⁶.

Ainda segundo o autor, devido ao fato dos geoparques estarem ligados à valorização e conservação da história da Terra (patrimônio geológico), eles estariam inclusos na “categoria III” de manejo de áreas protegidas da UICN, denominadas de “Monumentos Naturais”, a qual abrange as áreas protegidas “contendo uma ou mais características específicas naturais ou naturais/culturais, de valor excepcional ou singular devido à sua raridade inerente, qualidades representativas ou estéticas ou significado cultural”⁷.

Quanto à origem do nome geoparque, ele foi cunhado na década de 90 do século XX, por um geólogo e um geógrafo europeu e aplicado pela primeira vez, nesse continente, no ano de 2000 através da criação da Rede Europeia de Geoparques (EGN). Já no Brasil no ano de 2005, o *Geopark* do Araripe foi o responsável por dar início à história desse modelo de conservação no país, servindo de exemplo para criação dos demais geoparques, inclusive, o Geoparque Bodoquena-Pantanal, objeto de estudo desta tese.

No que se refere ao Geoparque Bodoquena-Pantanal, ele foi criado no MS pelo Decreto Estadual nº. 12.897, de 22 de dezembro de 2009. Sua área com extensão de 39.700

³ Tradução nossa. “*geosites (small sites of geological, scientific importance)*” (UNESCO, 161 EX/9, 2001, p. 2).

⁴ Sistema Nacional de Unidade de Conservação.

⁵ União Internacional para a Conservação da Natureza.

⁶ Tradução nossa. “[...] *an area of land and/or sea especially dedicated to the protection and maintenance of biological diversity, and of natural and associated cultural resources and managed through legal or other effective means*” (UICN, 1994, citado por ZOUROS, 2010, p. 161).

⁷ Tradução nossa. “[...] *containing one, or more, specific natural or natural/cultural feature which is of outstanding or unique value because of its inherent rarity, representative or aesthetic qualities or cultural significance*” (UICN, 1994, citado por ZOUROS, 2010, p. 162).

km² abrange treze municípios: Bonito, Ladário, Bodoquena, Corumbá, Jardim, Nioaque, Bela Vista, Porto Murinho, Miranda, Aquidauana, Anastácio, Caracol e Guia Lopes da Laguna. Dentre esses municípios, a atenção foi direcionada à Nioaque em razão de que, por mais que ele possua somente um geossítio e esse ainda não seja o mais significativo daqueles existentes no geoparque, tal município tem sido o único que tem demonstrado muito interesse e tem participado ativamente do processo de desenvolvimento do projeto. Afinal, a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal passou a representar para Nioaque uma oportunidade de desenvolver a atividade turística no município e, assim, fomentar a economia local.

Deste modo, a instituição do geossítio em Nioaque “Icnofósseis/Formação Botucatu” ou “Pegadas dos Dinossauros” foi permeada por acontecimentos que promoveram mudanças políticas, econômicas e culturais. A inserção da escultura de um dinossauro fêmea e seus filhotes deixando os ovos junto ao letreiro de identificação da cidade foi umas das ações do poder público para tentar construir uma identidade territorial para somar àquela já existente (“Filho de Heróis”) e produzir um território turístico no município.

É preciso ressaltar que a análise apresentada nesta pesquisa não se restringe em discutir as ações referentes ao geoparque executadas nesse município. Mas, procura-se fazer uma discussão que perpassa por questões que envolvam o processo de valorização da natureza e a origem dos geoparques a fim de buscar fundamentos que ajudem a defender a tese proposta. Tal tese refere-se ao fato de que o surgimento dos geoparques, embora seja apresentado como uma nova opção de conservação ambiental para atender as necessidades impostas pela sociedade ocidental moderna, na realidade, tem como principal objetivo atender aos interesses econômicos, representando uma opção de geração de lucro através da mercantilização da natureza via atividade turística.

As indagações que causavam inquietações e acabaram contribuindo para dar origem à tese são: o discurso de conservação que está embutido nesse modelo pretende atender a quais interesses? Conservar o que e pra quem? A criação de um geoparque contribui na produção de territórios e identidades territoriais? O que justifica a ausência dos geoparques nos países pobres?

Deste modo, para tentar encontrar respostas a tais questionamentos buscou-se contribuição na Ciência Geográfica. Ancorando-se essencialmente nas bases teóricas dessa ciência foi possível “mergulhar” no objeto de estudo e procurar trazer à tona aquelas informações que estavam ocultas e envoltas por discursos ideológicos próprios da sociedade capitalista.

Foi procurando criar uma estrutura que melhor ajudasse na organização do pensamento e na fundamentação dessa tese que se dividiu o trabalho em cinco seções. A primeira seção compreende a introdução da tese, enquanto que seu desenvolvimento ocorreu entre a segunda e quarta seções, restando para a quinta as considerações finais

No que se refere ao desenvolvimento do trabalho, cabe ressaltar que a segunda seção trata-se da institucionalização desse modelo de conservação ambiental. É feita uma abordagem da sua criação que se deu concomitantemente com a da Rede Europeia de Geoparques (EGN). Também é abordado o surgimento da Rede Global de Geoparques (GGN) devido à sua importância no processo de disseminação do referido modelo pelo mundo e, em especial, no Brasil. Afinal, tanto a criação do *Geopark* do Araripe como o Geoparque Bodoquena-Pantanal foi motivada pelo interesse em conseguir a inserção nessa rede. Ainda nessa seção, é apresentado o geoparque, objeto de estudo desta tese, bem como o município de Nioaque e seu geossítio.

Enquanto, na terceira seção busca-se apresentar uma discussão teórica sobre os interesses que permeiam as questões relacionadas à “preocupação ambiental”, refletindo-se na implantação de áreas de conservação. De uma maneira mais específica, são abordados os interesses que teriam motivado a criação do Parque Nacional do *Yellowstone* e a cunhagem do nome de parque nacional no continente americano, no ano de 1872 e, após um século, quais teriam influenciado no surgimento do nome de geoparque no continente europeu. Essa discussão se fez necessária porque se desejava verificar quais eram as diferenças existentes entre os parques nacionais e os geoparques e, principalmente, buscar entender os motivos que interferem na grande concentração de parques nos países pobres e dos geoparques nos países ricos.

Por fim, na quarta seção, procura-se trabalhar com a efetivação do Geoparque Bodoquena-Pantanal e sua influência no processo de produção de um território turístico e da construção de uma identidade territorial, no município de Nioaque, pautada no referencial teórico “Vale dos Dinossauros”. Assim, nesta seção, além de abordar os conflitos inerentes a esse processo e apresentar as atividades desenvolvidas ligadas ao geoparque, também se procura analisar como tem sido a participação da comunidade local no projeto geoparque, uma vez que **a inserção dessas comunidades a fim de promover o seu desenvolvimento econômico sustentável, junto da preservação de um patrimônio geológico, histórico ou cultural e da educação ambiental**, compõe os três objetivos principais do modelo de

geoparque. Nesta pesquisa, considerou comunidade local a população indígena, quilombolas e assentados rurais moradores no município de Nioaque⁸.

Para realização da pesquisa além do levantamento bibliográfico referente à temática através de consultas em diversas fontes, tais como: o acervo físico e digital das bibliotecas das Universidades – UEMS e UFGD, acervo pessoal do orientador, e sites de busca; ainda foi realizada uma pesquisa documental referente à criação do modelo de geoparque em sites da UNESCO, EGN e GGN; como também da criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal e sua tentativa de ingresso à rede global, em seu próprio site, bem como se teve acesso a documentos fornecidos via e-mail.

Quanto ao levantamento de dados primários, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas⁹ com os dirigentes municipais de Nioaque, com os dirigentes do Geoparque Bodoquena-Pantanal, com o coordenador nacional do Projeto Geoparques e o representante da UNESCO no Brasil. Entrevistá-los tinha como objetivo verificar quais eram as perspectivas existentes referentes à criação de um geoparque; identificar os motivos que impedem sua proliferação no Brasil e demais países pobres; e, levantar informações sobre o desenvolvimento e estruturação do Geoparque Bodoquena-Pantanal.

Entrevistou-se ainda as lideranças e os artesãos das aldeias indígenas: Cabeceira, Água Branca e Brejão; das comunidades quilombolas: Família Cardoso, Araújo Ribeiro e Romano Martins da Conceição; e, dos assentamentos rurais: Andalucia, Palmeira e Colônia Conceição. A escolha pelas comunidades, como já mencionada, se dá em razão da importância de sua inserção no projeto geoparque. Trabalhar com as lideranças se fez necessário porque se objetivava levantar informações através das entrevistas sobre o grau de conhecimento e participação de sua comunidade no geoparque e tentar identificar a existência de artesãos no local. Enquanto a escolha pelos artesãos, deve-se à possibilidade desses obterem lucro a partir da confecção de *souvenirs* ligados à temática dos dinossauros e suas pegadas.

⁸ Cabe destacar que nesse município existem quadro aldeias indígenas, quadro comunidades quilombolas e nove assentamentos rurais.

⁹ É necessário salientar que não serão mencionados os nomes dos entrevistados, pois esses serão identificados como: DN- Dirigente de Nioaque; DGBP – Dirigente do Geoparque Bodoquena-Pantanal; EN- Empresários de Nioaque; LQN – Liderança Quilombola de Nioaque; LAIN – Liderança Aldeia Indígena de Nioaque; LARN – Liderança Assentamento Rural de Nioaque; AQN – Artesão Quilombola de Nioaque; AAIN – Artesão Aldeia Indígena de Nioaque e; AARN – Artesão Assentamento Rural de Nioaque.

Embora não tenha sido planejado entrevistar empresários, com a realização das etapas da pesquisa se mostrou importante ouvir aqueles que estavam demonstrando interesse e participando da produção do território turístico.

É necessário ressaltar que a realização do trabalho campo foi importante porque além de permitir levantar dados primários e secundários, possibilitou não somente ouvir o que os entrevistados tinham a dizer, mas, principalmente, fazendo uso de um olhar que foi sendo ajustado ao longo de tantos anos de vivência com a Ciência Geográfica, observar *in loco* os interesses que permeiam o desenvolvimento do projeto geoparque e seus reflexos na produção do referido território e da identidade territorial.

Por fim, é preciso dizer que se o acúmulo de conhecimento pautado na Ciência Geográfica foi importante para fazer o exercício mencionado, pode se dizer que a realização da pesquisa desta tese proporcionou um amadurecimento e enriquecimento ainda maior, porque na tentativa de encontrar explicações que contemplasse os questionamentos apontados exigiu-se exaustiva pesquisa, leitura e dedicação. Assim, espera-se que as reflexões que resultaram de todo esse esforço possam trazer contribuições para as discussões que venham a surgir ligadas à implantação de geoparques e, especialmente, às relações que a sociedade ocidental moderna tem estabelecido com a natureza.

2 A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GEOPARQUE COMO MODELO DE CONSERVAÇÃO

No final do século XX, surgiu na Europa a ideia de criação de um modelo de conservação que, rapidamente, se disseminou por esse continente. Sua proposta se mostrava, para os países de pequena extensão territorial, uma alternativa interessante que poderia atender suas demandas, encaixando em suas realidades: econômica, social e cultural.

Esse modelo não está restrito na Europa, ele vem sendo adotado por diversos países no mundo, inclusive pelo Brasil. A história de sua origem, bem como, a forma como chegou ao Brasil são abordagens, que se fizeram necessárias, para ajudar entender, nesta seção, o surgimento do Geoparque Bodoquena-Pantanal-MS no ano de 2009, objeto de estudo dessa tese.

2.1 – Geoparque – um modelo de conservação ambiental

O geoparque é um modelo de conservação que foi idealizado no final do século XX, em um período que ocorria no mundo grandes transformações referentes à preocupação ambiental.

Em 1987, houve a publicação do documento intitulado “**Nosso Futuro Comum**” ou “**Informe Brundtland**”, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; e, em 1992, ocorreu a assinatura da **Agenda 21**, durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada na cidade do Rio de Janeiro. Neste intervalo de tempo, houve a aprovação da **Carta de Digne**¹⁰ – Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra –, durante o 1º Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, na França, em 1991. Portanto, os dois primeiros fatos foram importantes para constituição dos geoparques, pois os seus objetivos foram pautados na ideologia do desenvolvimento sustentável, que vivia o auge da sua disseminação. Porém, o último citado tem contribuição ainda maior porque marcou o início de uma preocupação específica no universo da conservação, a preocupação com a conservação da história da Terra – apontado por seus idealizadores como ideia central da proposta desse modelo.

De acordo com Rocha (2015), a preocupação que nasceu a partir desse simpósio foi ser materializada somente em 1996, durante o *30th International Geological Congress* em

¹⁰ Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra, 1991. Documento em anexo.

Beijing (China) quando Guy Martini (geólogo francês) e Nickolaus Zouros (geógrafo grego) iniciaram a discussão do conceito de geoparque e da possibilidade de criação de uma Rede Europeia que “visa proteger a geodiversidade, promover a herança geológica ao público em geral, bem como apoiar o desenvolvimento econômico sustentável dos territórios geoparque, principalmente através do desenvolvimento do turismo geológico” (EGN, 2018, s.n.).

Entretanto, Zouros (2004) relata que embora a ideia tenha surgido em 1996, a referida rede somente foi ser instituída, de fato, em junho de 2000. Acrescenta o autor que, as diretrizes elaboradas pela Divisão de Ciências da Terra /UNESCO, destinadas aos geoparques da UNESCO¹¹ serviram de base para definição da Rede Europeia.

O autor relatou ainda que quatro regiões de diferentes países possuidores de características parecidas, tanto naturais como socioeconômicas, foram os fundadores da Rede Europeia de Geoparques (*European Geoparks Network-EGN*). Eis as regiões: *Réserve Géologique de Haute-Provence* (França), *Petrified Forest of Lesvos* (Grécia), *Geopark Gerolstein/Vulkaneifel* (Alemanha) e *Maestrazgo Cultural Park* (Espanha)”.

Segundo Zouros (2004, p. 165), essas regiões eram formadas por “áreas rurais, com um patrimônio geológico particular, beleza natural e alto potencial cultural, todos enfrentando problemas de desenvolvimento econômico lento, desemprego e alto nível de emigração”¹². Sendo assim, os responsáveis pela gestão dos parques e museus geológicos de tais regiões, concluíram que poderiam unir forças se criassem uma rede que combinasse promoção da proteção de seus patrimônios geológicos e desenvolvimento sustentável. O autor salienta que a EGN “foi construída com o apoio de iniciativas da União Europeia”¹³.

¹¹ As ações desenvolvidas que contribuíram para a criação de um Programa de Geoparques da UNESCO podem ser conhecidas através da leitura do item 1, do documento da UNESCO “156 EX/11 Rev.” de 1999, citado na sequência: “*En su 29ra reunión la Conferencia General decidió que la UNESCO adoptaría medidas para ‘promover una red mundial de sitios geológicos con características geológicas especiales’ (29 C/5, párr. 02036). En consecuencia, la División de Ciencias de la Tierra tomó la iniciativa de coordinar y aunar varios esfuerzos nacionales e internacionales relacionados con la conservación geológica, los ‘geotopos’, los ‘sitios geológicos’ o el patrimonio geológico en general, en particular evaluados en zonas de experimentación (1996-1998), y convocó varias reuniones de expertos internacionales en París (25 de noviembre de 1997, 6 de noviembre de 1998 y 5 de febrero de 1999) y Nairobi (18 y 19 de febrero de 1999) para preparar el marco de las futuras actividades de preservación del patrimonio geológico y la posible puesta en marcha de una nueva y enérgica iniciativa titulada ‘programa de parques geológicos’, bajo los auspicios de la UNESCO*” (grifos nosso, documento em anexo).

¹² Tradução nossa. “[...] rural areas, with a particular geological heritage, natural beauty and high cultural potential, all facing problems of slow economic development, unemployment and a high level of emigration”.

¹³ Tradução nossa. “[...] was built up with the support of the European Union initiatives” (ZOUROS, 2004, p.165).

É importante ter claro que a motivação da criação da Rede Europeia pautada no fator econômico e justificada como sendo uma preocupação com os elementos naturais não é novidade. Na realidade, Keith Thomas (1998) sabiamente defendeu a participação do egoísmo, autointeresse e interesse econômico no processo histórico da preocupação ambiental. De fato, dentre os interesses, o econômico ocupa lugar de destaque porque em uma sociedade regida pelo modo de produção capitalista tudo é transformado em mercadoria, inclusive os próprios sentimentos. Partindo desse princípio, seria muita inocência acreditar que a preocupação com elementos naturais possa, sozinha, ser promotora da idealização de um modelo de conservação. Vale ressaltar que embora essa discussão será realizada na próxima seção, faz-se necessário mencioná-la já, pois ela facilita a compreensão do que existe nas entre linhas de tal preocupação e, mais especificamente, na criação dos geoparques.

Desde os primeiros contatos¹⁴ com esse modelo de conservação já foi possível perceber que se tratava de um meio utilizado para mercantilizar os elementos da natureza através do escopo da conservação do patrimônio geológico e da História da Terra. Esse entendimento foi se tornando mais real à medida que a pesquisa avançava. O acesso ao documento da UNESCO, “156 EX/11 Rev., 1999”, às publicações de Zouros (um dos idealizadores do conceito e da Rede Europeia) e aos sites oficiais da UNESCO, EGN e GGN - *Global Geoparks Network*, foi essencial para ratificar o entendimento.

A fim de exemplificar a presença do interesse econômico no processo de criação desse modelo de conservação, cita-se o item 8 do documento da UNESCO¹⁵. Ele já mencionava a possibilidade de relacionar a criação do geoparque (parque geológico) com a exploração econômica via atividade turística.

*[...] un parque geológico representa un gran potencial para el desarrollo económico sostenible en el plano local. Estará destinado a permitir la **creación de empleo** y de **nuevas actividades económicas** vinculadas con su tema específico. Puede abrir **nuevos horizontes al turismo** (“geoturismo”) y al **comercio** y la **artesanía** (“geoproductos”), como por ejemplo la **fabricación sostenible de productos artesanales innovadores que tengan una connotación geológica, por ejemplo, reproducciones de fósiles y recuerdos** (156 EX/11 Rev. 1999, p.2, grifo nosso).*

Como já mencionado, apesar dos princípios de um geoparque e uma rede terem sido elaborados pela UNESCO, eles foram aplicados primeiramente pela EGN, por isso a

¹⁴ Referem-se a leituras de artigos acadêmicos, sites da UNESCO e EGN, visita à sede, em Campo Grande, do Geoparque Bodoquena-Pantanal e entrevistas com responsáveis por esse projeto.

¹⁵ Nele constam os detalhamentos da proposta de criação de uma rede mundial de sítios geológicos, que determinou a intenção de sua criação através do documento “29 C/5 Approved, 1997”.

semelhança entre a definição dos geoparques membros da EGN feita no site oficial o que era proposto no documento “156 EX/11 Rev., 1999”. Parte dessa semelhança é apresentada na citação seguinte:

A história da Terra, a natureza e a paisagem combinada com tradições culturais regionais fornecem os ingredientes para o desenvolvimento do geoturismo. Descobrir como a Terra mudou ao longo de milhões de anos, apreciando a escala de tempo envolvida nestas mudanças, combinadas com experiências individuais da natureza, **abre a porta a novos produtos, caminhadas no tempo, viagens de campo que envolvem degustação de produtos cultivados localmente ou apreciar a arte tradicional e oficinas de música** (EGN, 2018c, s.n., grifo nosso)¹⁶.

Como o intuito é mostrar o interesse que moveu e move à criação dos geoparques, o foco foi centrado na semelhança voltada ao vislumbre de obter desenvolvimento econômico através da atividade turística. Assim, retornando às citações e chamando atenção para o que nela foi destacado, chega-se a um ponto interessante que diz respeito a um mecanismo fundamental utilizado para promover um geoparque e atingir os objetivos propostos. Trata-se da instituição de uma marca. Afinal, de acordo com Ruão (2003), o poder que essas exercem já foi percebido pelo marketing desde a década de 50 do século XX quando ficou notório que era muito maior e mais importante a função que desenvolviam de fazer o apelo ao consumo do que a clássica de distinguir a concorrência e identificar o produtor. As marcas podem conferir aos produtos “características intangíveis, ou valores, sentimentos, ideias ou afetos, que sobrevaloriza mesmo em relação ao produto e sua prestação funcional” (RUÃO, 2003, p. 7-8).

Todo geoparque pode criar sua própria marca e, também, pode usufruir das marcas criadas pelas redes regionais, nacionais ou, até mesmo, internacionais. Para isso, basta conseguir o seu ingresso em um delas.

Portanto, considerando a relação direta que existe entre a possibilidade de obtenção de êxito econômico com os geoparques e a de usufruto de uma marca reconhecida (que não se restrinja ao local), conferindo-lhe qualidade, pôde-se concluir que esse modelo de conservação foi planejado para compor redes, ou seja, não foi idealizada a criação de geoparques individuais/soltos, mas conectados em entre si.

Através da análise de bibliografia referente aos geoparques e redes, percebeu-se que não há distinção entre suas origens. Eles são apresentados de forma a que um esteja imbricado

¹⁶ Disponível em: <http://www.europeangeparks.org/?page_id=151&lang=pt>. Acesso em: 21/01/18.

no outro. Prova disso é que não foi possível encontrar informação alusiva ao primeiro geoparque estabelecido no mundo.

Observou-se que a criação de geoparques de forma isolada dificultaria alcançar os objetivos propostos relacionados ao interesse econômico, uma vez que a exploração da atividade turística dar-se-á perante a melhora “da imagem geral ligada ao patrimônio geológico” (EGN, 2018a, s.n.)¹⁷.

Portanto, se o que se busca é visibilidade, nada melhor que essa ultrapasse as fronteiras e se estenda o mais distante possível. Sendo assim, é evidente que o desejo de cada geoparque, desde seu nascimento, seja conseguir inserção em uma rede internacional e passar a usufruir, dentre outros benefícios, do direito de uso da marca.

Afinal, Ruão (2003) esclarece que se uma marca com uma identidade pode conferir agregação de valor a um produto, então sendo essa de uma rede internacional, o valor agregado será possivelmente ainda maior. Tomando como exemplo a EGN, ela afirma em seu *site* que o rótulo de “Geoparque Europeu” é uma marca registrada de alta qualidade em Geoturismo que seus membros usufruem.

Sobre a existência de outros supostos benefícios adquiridos ao ingressar em uma rede, no caso da EGN, ela alega possuir um caráter cooperativo entre seus membros. Assim, afirma que isso favorece na diminuição dos isolacionismos presentes no setor do turismo, pois defende que, “em contraste com outros destinos turísticos, os geoparques partilham contextos e experiências comuns, divulgando mutuamente os seus atributos e atividades naturais e culturais”¹⁸. Deste modo, a EGN conclui que se o visitante tem uma experiência positiva, consequentemente, ele irá buscar repeti-la visitando outros geoparques.

Outra justificativa apresentada para a importância da rede é referente à possibilidade de criar mecanismos para que sejam discutidos os problemas que são comuns aos seus membros, buscando soluções e constituindo parcerias para pleitearem financiamentos. Por fim, o próprio *site* e a revista da EGN, bem como a divulgação dos Geoparques Europeus realizada nos Centros de Informação (Espaços Geoparques) são citados como sendo exemplos de cooperação na promoção do geoturismo.

Porém, antes de dar continuidade ao resgate histórico, é preciso esclarecer o que a UNESCO e a EGN definem como sendo um geoparque. Assim, para a primeira, como consta no documento “156 EX/11 Rev., 1999”, a modalidade idealizada deveria atender aos requisitos:

¹⁷ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=165&lang=pt>. Acesso em: 21/01/18.

¹⁸ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=151&lang=pt>. Acesso em: 28/01/18.

[...] un parque geológico estará constituido por una zona delimitada que presente características geológicas especiales, poco comunes o de gran belleza. Estas características deberán ser representativas de la historia geológica de una zona determinada y de las circunstancias y procesos que le dieron origen. Al igual que un “parque natural”, un parque geológico estará bajo la autoridad exclusiva del gobierno del país en el que se encuentra. (UNESCO-156 EX/11 Rev., 1999, p. 2).

Percebe-se que na conceituação feita pela UNESCO, o referido documento faz menção direta à delimitação da área, às suas características físicas e a quem lhe confere competência, sem fazer alusão ao desenvolvimento sustentável. Esse foi apresentado pela organização como uma “possibilidade” promovida pelo geoparque e não incluso no seu conceito. Porém, a inclusão desse já apareceu no ano seguinte (em 2000), quando os propositores da EGN se basearam nas diretrizes elaboradas pela UNESCO para definirem o seu modelo de geoparque. Assim, o Geoparque Europeu é caracterizado como sendo:

[...] um território, que inclui um património geológico particular e uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável apoiada por um programa europeu para promover o desenvolvimento. Um geoparque deve ter limites claramente definidos e área geográfica suficiente para um verdadeiro desenvolvimento económico territorial (EGN, 2018a, s.n.)¹⁹.

Segundo Rocha (2015), a chance de outras regiões e organizações da Europa pleitearem o ingresso à EGN e passarem a ter direito de desfrutar de seus benefícios se deu ainda em 2000. A autora acrescenta que a EGN firmou o seu primeiro acordo oficial de colaboração com a UNESCO (Divisão de Ciências da Terra) em abril de 2001 e que, em outubro de 2004, teria feito o segundo acordo através da assinatura da “Declaração de Madonie²⁰”. Esse acordo visava reconhecer a Rede Europeia “como o ramo oficial da Rede Global de Geoparques da UNESCO na Europa²¹”. A partir daquele momento, ela passou a regular o ingresso de membros europeus na Rede Global de Geoparques – GGN; ou seja, todo geoparque deste continente que desejasse sua inserção necessitava apresentar sua candidatura a EGN. As logomarcas que representam respectivamente as redes EGN e GGN são apresentadas na figura seguinte:

¹⁹ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=165&lang=pt>. Acesso em: 22/01/18.

²⁰ Documento em anexo.

²¹ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=637&lang=pt>. Acesso em: 01/05/2015.

Figura 1 - Logomarca da Rede Europeia de Geoparques e da Rede Global de Geoparques



Fonte: Rede Europeia de Geoparques, 2018²².

Merece ser destacado que a UNESCO oficialmente manifestou seu interesse em criar uma rede mundial em 1997. No entanto, isso só foi ser materializado em fevereiro de 2004. Portanto, o seu primeiro acordo com a EGN foi de fato também o seu primeiro trabalho com os geoparques, passando a oferecer apoio *ad hoc* através de solicitações de Estados Membros, como é informado pela UNESCO através do documento “186 EX/41. 5”, de 2011.

Desde 2001, la UNESCO ofrece su apoyo a los Geoparques sobre bases “ad hoc”, a través de solicitudes concretas de los Estados Miembros. UNESCO brinda un apoyo de secretaría que supervisa y coordina los procedimientos de aplicación y estándares. En este sentido, los Geoparques no son un programa “bona fide” de UNESCO y no existe desde un punto de vista legal el término Geoparque de UNESCO (UNESCO – 186 EX/41. 5, 2011, p.1).

A questão da relação que a UNESCO estabelece com os geoparques, em específico com a GGN, chama a atenção porque o seu compromisso se restringe em colocá-los sob seus auspícios, mesmo tendo contribuído com a idealização da rede e do modelo de conservação.

A GGN foi criada, de acordo com seu *site*, para fornecer uma plataforma de cooperação entre Geoparques, reunindo “órgãos governamentais, organizações não-governamentais, cientistas e comunidades de todos os países ao redor do mundo, numa parceria única [...]”²³. De acordo com Zouros (2016, p. 285), esta rede – que é uma organização internacional, não-governamental – a partir de 2014 se tornou “[...] uma associação sem fins lucrativos sujeita à legislação francesa [...]”²⁴, que mantém relações formais com a UNESCO.

²² Disponível em: <www.europeangeoparks.org>. Acesso em: 22/01/2018.

²³ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=633&lang=pt>. Acesso em: 23/01/18.

²⁴ Tradução nossa. “[...] is a non-profit association subject to French legislation [...]” (ZOUROS, 2016, p. 285).

Na sequência dos fatos históricos da participação dessa organização, a criação da marca “Geoparque Mundial da UNESCO” merece destaque. Observou-se que o intuito de criá-la baseou-se nos mesmos objetivos buscados pelos geoparques quando criam as suas próprias marcas ou pleiteiam inserção em uma rede. Portanto, o “Geoparque Mundial da UNESCO” teria função de promover a UNESCO e ampliar sua visibilidade em escala mundial. Nas palavras de Zouros:

A marca Geoparque Mundial da UNESCO poderia **contribuir fortemente para aumentar a visibilidade da UNESCO no mundo** e permitir que a UNESCO **assumisse a liderança** em divulgação pública de qualidade em desenvolvimento sustentável ligada a questões de geodiversidade, meio ambiente, geografia, mudanças climáticas e uso sustentável de recursos naturais (ZOUROS, 2016, p. 286-287, grifo nosso)²⁵.

Deste modo, da mesma forma que o autointeresse está presente na criação dos geoparques, ele também esteve presente na instituição dessa marca. Na figura 2 é apresentada a logomarca que identifica um Geoparque Mundial da UNESCO.

Figura 2 - Logomarca do Geoparque Mundial da UNESCO



Fonte: Rede Global de Geoparques, 2018²⁶.

Quanto ao modo que isso se deu, Zouros (2016, p. 286) relata que cumprindo decisões das 36ª e 37ª sessões da Conferência Geral da UNESCO, a ExB – *Executive Board* – montou o Grupo de Trabalho sobre Geoparques com “os Estados Membros, as Comissões Nacionais, a *Global Geoparks Network* (GGN) e a União Internacional das Ciências

²⁵ Tradução nossa. “*The UNESCO Global Geopark branding could strongly contribute to raising UNESCO’s visibility in the world and allow UNESCO to take the lead in high-quality public outreach on sustainable development linked to issues on geodiversity, the environment, geohazards, climate change and the sustainable use of natural resources*” (ZOUROS, 2016, p. 286-287).

²⁶ Disponível em: < globalgeoparksnetwork.org >. Acesso em 22/01/2018.

Geológicas (IUGS)”²⁷ e iniciou as reuniões em 2013. Segundo o autor, o resultado dessas reuniões foi a proposta dos “[...] parâmetros das possíveis atividades dos Geoparques Mundiais da UNESCO dentro de um Programa Internacional de Geociências e Geoparques (IGGP)”²⁸.

Assim, segundo Zouros (2016), a ratificação do estatuto do novo IGGP²⁹ e das Diretrizes Operacionais da Organização Mundial de Geoparques da UNESCO, bem como a apresentação da marca ocorreu na 38ª Conferência Geral da UNESCO em novembro de 2015.

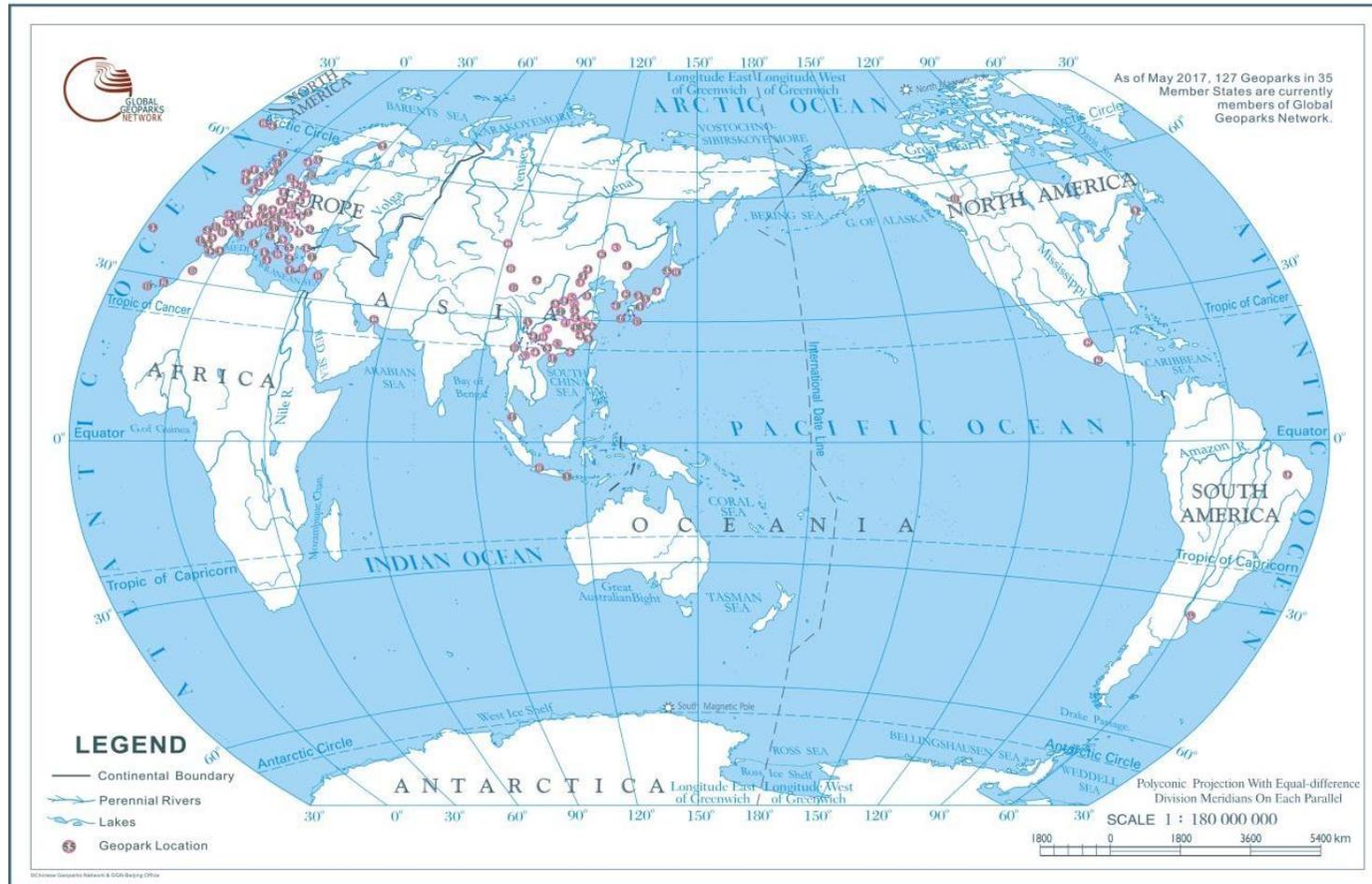
A partir de então, todo geoparque inserido na GGN passou a receber o rótulo de Geoparque Mundial da UNESCO. Como informa a GGN, até maio de 2017, havia 127 geoparques espalhados em 35 países pelo mundo. Tal distribuição pode ser visualizada na figura a seguir. O quadro com a relação dos geoparques e seus respectivos países encontra-se em anexo.

²⁷ Tradução nossa. “*Member States, National Commissions, the Global Geoparks Network (GGN), and the International Union of Geological Sciences (IUGS)*” (ZOUROS, 2016, p. 286).

²⁸ Tradução nossa. “[...] *parameters of possible UNESCO Global Geopark activities within an International Geoscience and Geoparks Programme (IGGP)*” (ZOUROS, 2016, p. 286).

²⁹ Esse programa “*se ejecutará mediante dos actividades: el Programa Internacional de Ciencias de la Tierra, una empresa realizada en cooperación con la Unión Internacional de Ciencias Geológicas (UICG), y los geoparques mundiales de la UNESCO. Las dos entidades coordinarán su labor por conducto de una secretaría conjunta de la UNESCO y de reuniones conjuntas de coordinación de sus respectivas Mesas, que convocarán cuando sea necesario. Los presidentes de los dos Consejos respectivos copresidirán el PICGG*” (UNESCO, 2015, s.n.).

Figura 3 - Distribuição dos membros da Rede Global de Geoparques – GGN



审图号: GS (2008) 1895 号

2012年5月

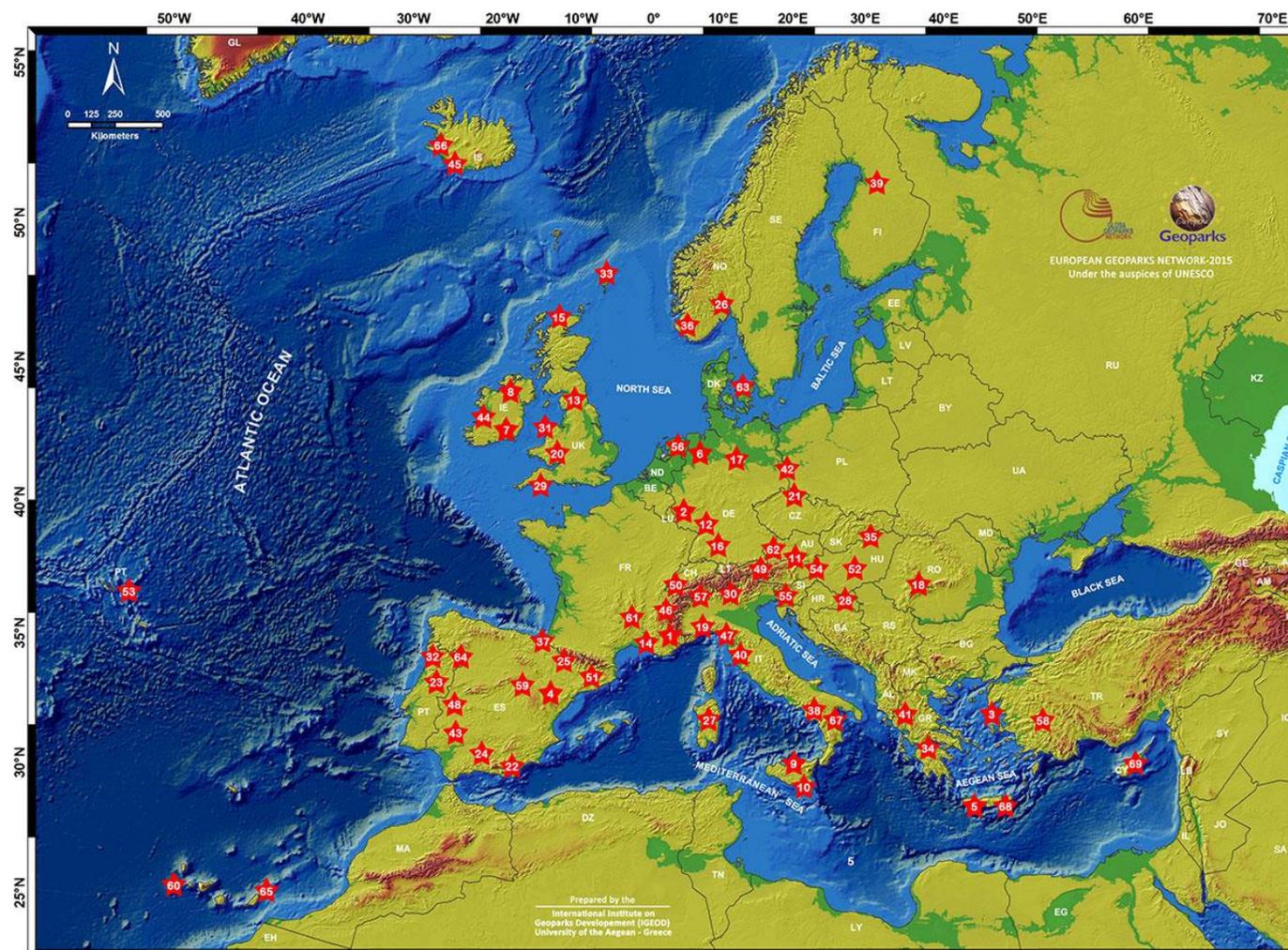
Fonte: Rede Global de Geoparques (2018)³⁰.

³⁰ Disponível em: <www.globalgeopark.org>. Acesso em 22/01/2018.

Observando a figura, verifica-se que a grande maioria dos geoparques pertencentes à GGN está localizada na Europa e na Ásia e, que entre eles, a quantidade não é muito diferente, pois na Ásia o número é de 51 (sendo 36 na China; 8 no Japão; 2 na Indonésia; 2 na Coreia; 1 na Malásia; 1 no Vietnã, e 1 no Irã) e na Europa chega a 69. Entretanto, a quantia é bastante insignificante nos continentes africano e americano, pois há apenas sete geoparques. No primeiro continente, somente o geoparque do Marrocos conseguiu ingresso na rede; enquanto no segundo, os geoparques estão distribuídos entre quatro países – 2 no Canadá e 2 no México; 1 no Brasil e 1 no Uruguai.

A distribuição dos geoparques pertencentes à GGN na Europa se dá entre 23 países. Cabe lembrar que todos eles são membros tanto da Rede Global quanto da EGN. Na figura 4 e no quadro1, respectivamente, é possível verificar a localização dos geoparques pertencentes a essas redes e ter conhecimento de seus nomes.

Figura 4 - Distribuição dos membros da Rede Europeia de Geoparques – EGN



Fonte: Rede Europeia de Geoparques (2018)³¹

³¹ Disponível em: < www.europeangeoparks.org >. Acesso em 22/01/2018.

Quadro 1 - Relação dos geoparques pertencentes à Rede Europeia de Geoparques – EGN

MEMBROS DA REDE EUROPEIA DE GEOPARQUES – EGN		
1	Reserve Geologique de Haute-Provence	FRANÇA
2	Vulkaneifel Geopark	ALEMANHA
3	Lesvos Geopark	GRÉCIA
4	Parque Cultural del Maestrazgo	ESPANHA
5	Psiloritis Natural Park	GRÉCIA
6	Natur- und Geopark TERRA.vita	ALEMANHA
7	Copper Coast Geopark,	IRLANDA
8	Marble Arch Caves Global Geopark	IRLANDA
9	Madonie Geopark	ITÁLIA
10	Rocca di Cerere Geopark	ITÁLIA
11	Nature Park Steirische Eisenwurzten	ÁUSTRIA
12	Bergstrasse-Odenwald Geopark	ALEMANHA
13	North Pennines AONB European Geopark	REINO UNIDO
14	Luberon, Parc Naturel Regional	FRANÇA
15	North West Highlands Geopark Scotland	REINO UNIDO
16	Swabian Albs Geopark	ALEMANHA
17	Geopark Harz . Braunschweiger Land. Ostfalen	ALEMANHA
18	Hateg Country Dinosaurs Geopark	ROMÊNIA
19	Parco Del Beigua	ITÁLIA
20	Fforest Fawr Geopark	REINO UNIDO
21	Bohemian Paradise	REPÚBLICA CHECA
22	Cabo de Gata – Nijar Natural Park	ANDALUZIA, ESPANHA
23	Naturtejo Geopark	PORTUGAL
24	Subbeticas Geopark	ANDALUZIA, ESPANHA
25	Sobrarbe Geopark	ARAGÓN, ESPANHA
26	Gea Norvegica Geopark	NORUEGA
27	Geological, Mining Park of Sardinia	ITÁLIA
28	Papuk Geopark	CROÁCIA
29	English Riviera Geopark	REINO UNIDO
30	Parco Naturale Adamello Brenta	ITÁLIA
31	GeoMôn GeoPark	PAÍS DE GALES, REINO UNIDO
32	Arouca Geopark	PORTUGAL
33	Geopark Shetland	ESCÓCIA, REINO UNIDO
34	Chelmos – Vouraikos Geopark	GRÉCIA
35	Novohrad – Nograd Geopark	HUNGRIA – ESLOVÁQUIA
36	Magma Geopark	NORUEGA
37	Basque Coast Geopark	ESPANHA
38	Parco Nazionale del Cilento e Vallo di Diano	ITÁLIA
39	Rokua Geopark	FINLÂNDIA
40	Tuscan Mining Park	ITÁLIA
41	Vikos – Aaos Geopark	GRÉCIA
42	Muskau Arch Geopark	ALEMANHA – POLÔNIA
43	Sierra Norte de Sevilla Natural Park	ESPANHA
44	Burren and Cliffs of Moher	IRLANDA
45	Katla Geopark	ISLÂNDIA
46	Massif des Bauges Geopark	FRANÇA
47	Apuan Alps	ITÁLIA
48	Villuercas-Ibores-Jara	ESPANHA
49	Carnic Alps Geopark	ÁUSTRIA
50	Chablais Geopark	FRANÇA
51	Central Catalunya Geopark	ESPANHA
52	Bakony-Balaton Geopark	HUNGRIA
53	Azores Geopark	PORTUGAL
54	Karavanke/Karawanken	ESLOVÊNIA - ÁUSTRIA
55	Idrija Geopark	ESLOVÊNIA
56	Hondsrug Geopark	PAÍSES BAIXOS
57	Sesia- Val Grande Geopark	ITÁLIA
58	Kula Geopark	TURQUIA
59	Molina and Alto Tajo Geopark	ESPANHA
60	El Hierro	ESPANHA
61	Monts d’Ardèche	FRANÇA
62	Ertz der Alpen	ÁUSTRIA
63	Odsherred	DINAMARCA
64	Terras de Cavaleiros	PORTUGAL
65	Lanzarote and Chinijo Islands Geopark	ESPANHA

66	Reykjanes Global Geopark	ISLÂNDIA
67	Geopark of Pollino	ITÁLIA
68	Sitia Geopark	CHIPRE
69	Troodos Geopark	GRÉCIA

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de “www.globalgeopark.org”.

O número de geoparques pertencentes à EGN e, conseqüentemente, a GGN pode sofrer uma inesperada alteração tanto para mais quanto para menos. Isso porque ao mesmo tempo em que há a tentativa de ingresso dos geoparques aspirantes, ocorrem esforços daqueles que já são membros para se manter como um “Geoparque Mundial da UNESCO”.

Afinal, tal rótulo não é definitivo. A cada 4 anos, todos os geoparques que conseguem ingressar na GGN sofrem uma nova avaliação de seu funcionamento e qualidade através de um processo de revalidação (*revalidation process*)³².

Geoparques de todas as partes do mundo podem pleitear seu ingresso na GGN. Porém, tanto para conseguir como para se manter na rede é necessário cumprir os critérios estabelecidos pelo estatuto do IGGP³³, que compreendem questões ligadas à definição da área, utilização para fins educacionais, legalização nacional, conjugação de proteção ambiental e desenvolvimento da comunidade local, filiação a GGN, respeito às leis locais e nacionais de proteção a patrimônios geológicos, entre outros. Segundo Rocha (2015, p. 18), trata-se de um processo bastante rigoroso que envolve “padrões de exigência, suportados, num rigoroso controle de qualidade”.

Diante do exposto, pode-se concluir que o que move a criação de geoparques e das redes, bem como a submissão de diversos países em passar por um criterioso processo de inserção e revalidação, não é pura e simplesmente a preocupação ambiental. É certo que existe uma preocupação, mas esta está muito mais pautada no interesse econômico. A prova disso é verificada tanto na necessidade de criar uma marca e torná-la de excelência, como de buscar o direito de usufruí-la.

Entretanto, esse fato continuará sendo omitido nos discursos que irão apresentar e justificar a criação de novos geoparques como um “novo modelo de conservação” que busca a

³² De acordo com a UNESCO, o processo envolve a elaboração de um relatório de progresso feito pelo geoparque para que seja analisado por assessores analistas de documentação e avaliadores que farão missões de campo. Se o geoparque atende os critérios, ele recebe o “*green card*”, que representa o direito de continuar por mais 4 anos usufruindo da marca “Geoparque Mundial da UNESCO”. Caso a avaliação não seja satisfatória, o órgão administrativo será notificado da necessidade de tomar medidas de adequação por um período de 2 anos. Este é o chamado “*yellow card*”. Porém, se o geoparque não conseguir voltar a atender os critérios após esse período, ele receberá um “*red card*” e isto lhe confere a perda do rótulo.

³³ O Geoparque Mundial da UNESCO está imbricado no Programa Internacional de Geociências e Geoparques – IGGP.

preservação de um patrimônio geológico, histórico ou cultural; educação ambiental; e promoção do desenvolvimento sustentável da comunidade local.

2.2 - Geoparques no Brasil

Em outros países o modelo de geoparque começou a proliferar desde 2000. Entretanto, no Brasil, a ideia chegou em 2005, ano seguinte à criação da GGN. A notícia do surgimento dessa rede motivou a Universidade Regional do Cariri – URCA, e a Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior – SECITECE, do Estado do Ceará, como informou o “geoparkararipe.org.br”, a prepararem a proposta do *Geopark* Araripe e encaminhá-la a UNESCO no ano de 2005, pleiteando seu ingresso a GGN.

O *Geopark* do Araripe³⁴ ao ser reconhecido como membro da GGN em 2006 se tornou o primeiro geoparque do continente americano. A aprovação de sua proposta pela UNESCO lhe conferiu visibilidade mundial e, também, serviu para disseminar o conceito de geoparque no Brasil, pois incentivou, ainda no mesmo ano, a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM, (nome fantasia “Serviço Geológico do Brasil”) a criar o “Projeto Geoparques - Propostas”. Esse projeto objetiva fazer a “identificação, levantamento, descrição, diagnóstico e ampla divulgação de áreas com potencial para futuros geoparques no território nacional, bem como o inventário e quantificação de geossítios” (SCHOBENHAUS e SILVA, 2012, p. 17). A figura apresentada na sequência ilustra a logomarca do referido projeto.

Figura 5 - Logomarca do Projeto Geoparques baseada em uma gravura da Chapada Diamantina, Bahia, de Orville A. Derby (1906)



Fonte: SCHOBENHAUS e SILVA, 2012.

³⁴ Como é informado no site oficial, esse geoparque está localizado no nordeste brasileiro, especificadamente no Estado do Ceará, abrangendo uma área aproximada de 3.441 km², distribuída entres os municípios de Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Esse território da conservação se destaca como importante por apresentar “registro geológico do período Cretáceo, com destaque para seu conteúdo paleontológico, com registros entre 150 e 90 milhões de anos, que apresenta um excepcional estado de preservação e revela uma enorme diversidade paleobiológica”. Disponível em: <<http://geoparkararipe.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11/02/18.

Como informa a CPRM, através de seu site oficial, a elaboração da proposta neste projeto é realizada pelo corpo técnico da empresa, apoiados pela comunidade geocientífica e, em alguns casos, a atividade indutora é realizada em conjunto com entidades governamentais ou privadas. A empresa ainda esclarece que esse trabalho é apenas o início para a criação de um geoparque, pois a responsabilidade de criar uma estrutura de gestão pertence à autoridade pública, comunidades locais e interesses privados.

Assim, ao longo desses anos de vigência do “Projeto Geoparques – Propostas”, foram elaboradas no país, até fevereiro de 2018, 37 propostas de geoparques, contabilizando as elaboradas pela empresa e aquelas produzidas externamente. Dentre essas propostas, existem aquelas que já foram concluídas, as que estão em execução e as novas, conforme apresentado no quadro seguinte.

Quadro 2 - Propostas de geoparques brasileiros

NOME DA PROPOSTA	UF	CITUAÇÃO
Cachoeiras do Amazonas	AM	Concluída
Morro do Chapéu	BA	Concluída
Pireneus	GO	Concluída
Astroblema de Araguainha-Ponte Branca	GO/MT	Concluída
Quadrilátero Ferrífero	MG	Concluída
Bodoquena-Pantanal	MS	Concluída
Chapada dos Guimarães	MT	Concluída
Fernando de Noronha	PE	Concluída
Serindó	RN	Concluída
Quarta Colônia	RS	Concluída
Caminhos dos Cânions do Sul	RS/SC	Concluída
Serra da Capivara	PI	Concluída
Uberaba	MG	Concluída
Litoral Sul de Pernambuco	PE	Concluída
Sete Cidades-Pedro II	PI	Concluída
Alto Vale do Ribera	SP	Em Execução
Guaritas-Minas do Camaquã	RS	Concluída
Catimbau-Pedra Furada	PE	Concluída
Alto Rio de Contas	BA	Concluída
Serra do Sincorá	BA	Concluída
Rio do Peixe	PB	Em Execução
Cânion do São Francisco	SE/AL	Em Execução
Cariri Paraibano	PB	Em Execução
Monte alegre	PA	Em Execução
Vale Monumental	CE	Novas Propostas
Serra da Canastra	MG	Novas Propostas
Carolina	MA	Novas Propostas
Tepuis	RR	Novas Propostas
Alto Rio Negro	AM	Novas Propostas
Alto Alegre dos Parecis	RO	Novas Propostas
Costões e Lagunas do Estado do Rio de Janeiro	RJ	Concluídas
Ciclo do Ouro de Guarulhos	SP	Concluídas
Campos Gerais	PR	Concluídas
Inselbergs de Ititim-Milagres	BA	Novas Propostas

Iraquara	BA	Novas Propostas
Rio João Rodrigues-S. Desidério	BA	Novas Propostas
Corumbataí	SP	Em Execução

Fonte: Adaptado pelo autor a partir de dados disponíveis em “www.cprm.gov.br”.

Através desse quadro é possível conhecer quais são as propostas, a Unidade da Federação onde estão localizadas e seu estágio de desenvolvimento. Nele também é possível verificar que no Mato Grosso do Sul existe somente um geoparque e é denominado de “Bodoquena-Pantanal”.

Apesar da CPRM entender que o Brasil é um país que apresenta uma rica geodiversidade, possuindo “testemunhos de praticamente todas as eras geológicas”³⁵ e tendo grande potencial para implantar esse modelo de conservação, o *Geopark* Araripe continuava sozinho a representar o Brasil na GGN e usufruir das vantagens de ser detentor da marca “Geoparque Mundial da UNESCO”.

No que diz respeito à possibilidade do Brasil criar uma rede nacional de geoparques, Schobbenhaus quando questionado³⁶ afirmou que se trata de uma iniciativa importante, mas que ainda não ocorreu. Sua importância seria justificada porque envolveria o *Geopark* Araripe e todos aqueles aspirantes, proporcionando visibilidade e estimulando o surgimento de novos geoparques. O entrevistado ainda frisou que “um geoparque só existe se ele funciona como tal”. Logo, para buscar ingresso na GGN, “ele precisa necessariamente existir”. Schobbenhaus informou que, no momento, sua equipe na CPRM está trabalhando para criar a “Comissão Brasileira de Geoparques” (*Geopark Committee* ou *Geopark Forum*) que terá função de avaliar as propostas de geoparques que vierem a surgir e submetê-las ao ingresso na GGN.

2.3 - Mato Grosso do Sul e sua história com o Geoparque

O Geoparque Bodoquena-Pantanal é um dos geoparques no Brasil que teve sua criação motivada com a inserção do *Geopark* Araripe à GGN, no ano de 2006. Deste modo, a sua criação não buscava somente implantar o modelo de conservação idealizado para os geoparques, mas, como é informado no seu *site* oficial, criar um território objetivando “o reconhecimento perante a Rede Global de Geoparques, sob os auspícios da UNESCO”³⁷.

³⁵ Disponível em: <www.cprm.gov.br/publique/Gestao-Territorial/Geoparques-134>. Acesso em: 11/02/18.

³⁶ Informação fornecida via e-mail no dia 09/02/2018.

³⁷ Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=67>. Acesso em: 16/02/18.

Afinal, tal ingresso representa “um selo de reconhecimento de excepcionalidade, que faz com que a região seja divulgada nacional e internacionalmente, facilitando, inclusive, o aporte de recursos financeiros” (MS, 2011, p 25).

De acordo com o IPHAN (2011, n.p.), a origem de sua criação aconteceu no município de Bonito, atendendo “a necessidade de ampliação dos instrumentos de proteção e gestão das Grutas do Lago Azul (Fazenda Anhumas) e Nossa Senhora Aparecida (Fazenda Jaraguá)³⁸”. Lima (2016) relata que o fato da competência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - se restringir ao interior da caverna levou a buscar parcerias com instituições, tais como: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Secretaria do Patrimônio da União – SPU, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Universidade de São Paulo – USP e Prefeitura Municipal de Bonito, que são responsáveis pela gestão da gruta. Estas parcerias proporcionariam o desenvolvimento de um trabalho em conjunto, abrangendo toda a área necessária.

As reuniões desta gestão fizeram surgir a ideia de criar um geoparque para que a área fosse gerida com base nesse modelo de conservação. Segundo a autora, o responsável pela sugestão e orientação para elaboração da proposta foi o arquiteto Carlos Fernando de Moura Delphim, técnico do IPHAN, que acabara de acompanhar o processo de reconhecimento do *Geopark Araripe*.

Assim, Lima (2016) afirma que a aplicação desse modelo de conservação ia ao encontro daquilo que era planejado para a conservação da Gruta do Lago Azul, podendo ainda contemplar uma área muito maior, uma vez que na proposta o geoparque se estenderia de Bonito a Corumbá. A autora, que também compunha a equipe, relata que houve exaustiva discussão para que pudessem concluir que Corumbá deveria ser inserido na proposta.

Lima (2016, p.136) salientou que a justificava para isso estava pautada no fato de entenderem que Bonito e Corumbá seriam dois polos que caracterizavam potencialidade à proposta. Portanto, era inviável desassociá-los, uma vez que “sem a inclusão dos fósseis da *Corumbella*, localizados em Corumbá, o projeto não seria aceito e que a região de Bonito, com a adequação de geossítios ativos no geoturismo completaria a proposta”. A autora observou ainda que o fator que teria contribuído para essa conclusão foi a questão que o geoparque usado como referência conseguiu seu reconhecimento junto a GGN em razão de

³⁸ Vale observar que no site do IPHAN é feita menção a essas duas grutas (Lago Azul e Nossa Senhora Aparecida). Lima (2016), no entanto, relata somente trabalhos envolvendo a Gruta do Lago Azul.

apresentar potencialidade de “expressivos e significativos fósseis” (LIMA, 2016, p. 136). Complementando o relato de Lima, destaca-se a informação veiculada através da revista do governo do Estado, intitulada “Cultura em MS”, publicada em 2011, que apresenta os fósseis como os promotores do polo de Corumbá à proposta do Geoparque Bodoquena-Pantanal:

O que projeta a região para a candidatura à categoria e geopark são suas particularidades geológicas e paleontológicas. Além da *Corumbella*, outro fóssil de destaque encontrado em Corumbá é a *Cloudina*, um metazoário que viveu no Ediacarano, período da era neoproterozoica, compreendida entre 630 e 542 milhões de anos atrás. Ambos testemunham uma transição na história do planeta, em que a vida evoluía de formas microbianas mais primitivas para outras mais evoluídas, caso dos dois fósseis. Por isso, o geopark ganhou o *slogan* de “O alvorecer da biodiversidade” (MS, 2011, p. 25).

Diante do exposto, fica reforçado que o referido geoparque foi idealizado para atender, primeiramente, interesses econômicos. Afinal, a origem da proposta pode ter surgido de uma necessidade de encontrar um modelo de gestão, como foi relatado pelo IPHAN e por Lima (2016). Entretanto, ao escolherem esse modelo de conservação, bem como criar o Geoparque Bodoquena-Pantanal com o objetivo de se tornar um membro da GGN, mostra que a preocupação com a conservação é, de fato, um mecanismo para mercantilizar a natureza.

Seguindo esse viés, é preciso esclarecer que existe ainda outro interesse na criação do referido geoparque: trata-se do interesse político, e ele está imbricado ao econômico. Um exemplo que comprova essa afirmação é o fato da publicação do Decreto Estadual n. 12.897, de 22 de dezembro de 2009, que cria o Geoparque Bodoquena-Pantanal, como afirmou Lima (2016, p.62), ter sido feita de maneira rápida visando atender “pressão política dos gestores municipais que estavam de forma atuante participando da proposta do GBP, uma vez que havia um entendimento unânime da importância de um *Geopark* para a região”. Segundo a autora, o então governador do Estado do MS, André Puccinelli tomou como base para a elaboração do decreto os trabalhos multidisciplinares que eram desenvolvidos desde 2006, necessários para a preparação do Dossiê de Candidatura à GGN.

Retornando para a discussão referente à tentativa do Geoparque Bodoquena-Pantanal de ingresso à GGN, cabe acrescentar que com a finalização do Dossiê de Candidatura no ano de 2010 permitiu que fosse feito ainda no mesmo ano o seu protocolo junto à representação da UNESCO no Brasil. Já entre os dias 18 a 21 de julho do ano seguinte, ocorreu a visita técnica dos avaliadores dessa rede.

Cumprida essa etapa, como informado na carta resposta (documento em anexo), o pedido e os relatórios de avaliação foram examinados e, durante a reunião realizada no dia 17 de Setembro de 2011, na Noruega, a Mesa Global de Geoparques concluiu que o Geoparque Bodoquena-Pantanal ainda não estava preparado para fazer parte da GGN, pois ainda não havia cumprido “alguns princípios importantes sobre geoparques”³⁹. De forma mais específica, foi alegado que esse geoparque “não está operativo e em funcionamento, [percebendo] que não há equipe de gestão, plano diretor, pessoas responsáveis, e nem orçamento separado para as atividades, e nem atividades são desenvolvidas pelo próprio geoparque” (UNESCO, 2011, s.n., tradução Geoparque Bodoquena-Pantanal). Por fim, foram feitas recomendações que deveriam ser cumpridas antes de tentarem um novo ingresso à rede.

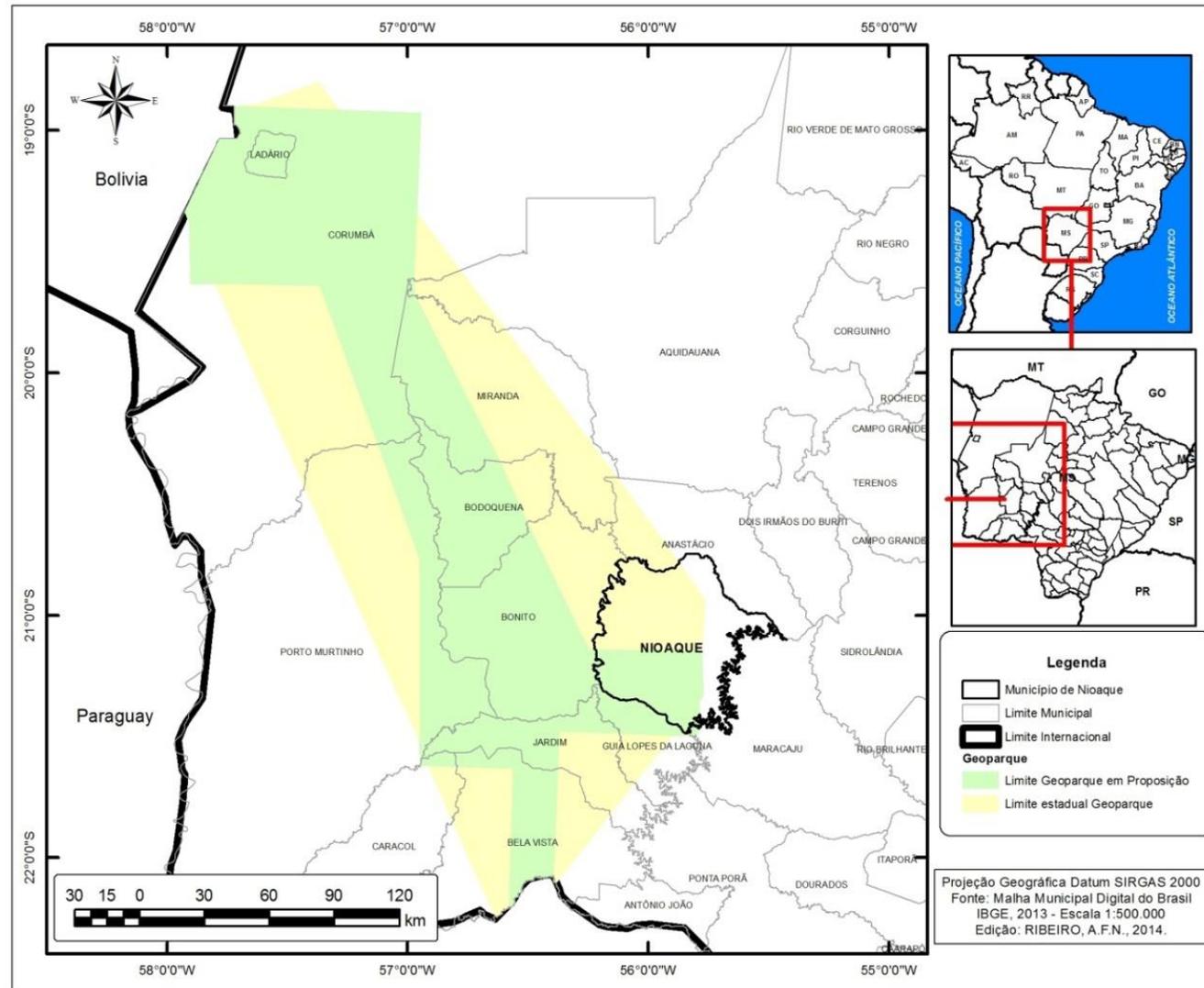
Dentre essas recomendações, a que mais merece destaque neste momento é aquela referente ao tamanho da área. Na carta-resposta, ela foi definida como sendo grande demais, o que a torna incontrolável. Afinal, enquanto os tamanhos médios desse modelo de conservação correspondem a 1000 km² e 2.500 km², o tamanho da área proposta abrangia 20.000 Km². Sendo assim, recomendou-se:

- Reduzir a área do Geopark proposta, que é considerada como sendo incontrolável, pois não é possível unificar pessoas sob uma identidade coletiva e única, vivendo várias centenas de quilômetros umas das outras. Isso não é possível no conceito de geoparques atuais, gerenciáveis, já que tamanhos médios de geoparques são entre 1.000 km² e 2.500 km². Aconselhamos que preparem uma nova proposta em uma área "núcleo", onde seria geologicamente interessante existirem vários geossítios e também comunidades residentes, para elaborarem projetos e participarem do movimento Geopark (UNESCO, 2011, s.n., tradução Geoparque Bodoquena-Pantanal).

Chamou-se atenção para esse ponto específico porque o tamanho da área já representava motivo de preocupação para os seus idealizadores. Entretanto, mesmo entendendo que se tratava de uma área extensa demais para os padrões europeus, assumiu-se o risco porque acreditaram que as excepcionalidades existentes nos dois polos proporcionariam mais benefícios do que prejuízos à proposta. Como prova dessa preocupação, destaca-se a redução da área definida pelo decreto estadual de criação do geoparque para aquela que foi sugerida no dossiê. A figura seguinte permite visualizar essa redução e conhecer a área abrangida.

³⁹ (UNESCO, 2011, s.n., tradução Geoparque Bodoquena-Pantanal).

Figura 6 - Localização do Geoparque Bodoquena-Pantanal



Como observado na figura, existem duas áreas denominadas de geoparque. Deste modo, a área representada pela cor verde refere-se aquela que foi apresentada no Dossiê de Candidatura a GGN, correspondente a 20.000 km². A cor amarela ilustra a área definida pelo Decreto Estadual, que totaliza 39.700 km² de extensão. Essa área tem formato de um “polígono irregular situado entre os paralelos 18°48” e 22°14” de latitude sul e meridianos 55°45” e 57°56” de longitude oeste de Greenwich”⁴⁰, ocupando parte do oeste e sudoeste do estado.

Portanto, a área inicial que era de 39.700 km² foi reduzida para 20.000 km² e, mesmo assim, ainda foi definida pela UNESCO como excessiva. Sobre essa questão, Lima (2016) analisa que buscou-se inserir os dois polos na proposta, porém, a distribuição de geossítios nesse geoparque não é uniforme, existindo uma ausência desses entre os municípios de Bodoquena e Corumbá, como é possível observar nas figuras 7 e 8.

⁴⁰ Art. 2, Decreto Nº 12.897, de 22 de dezembro de 2009.

Figura 7 - Localização dos geossítios na área do Geoparque Bodoquena-Pantanal definida através do Decreto Estadual 12.897/2009

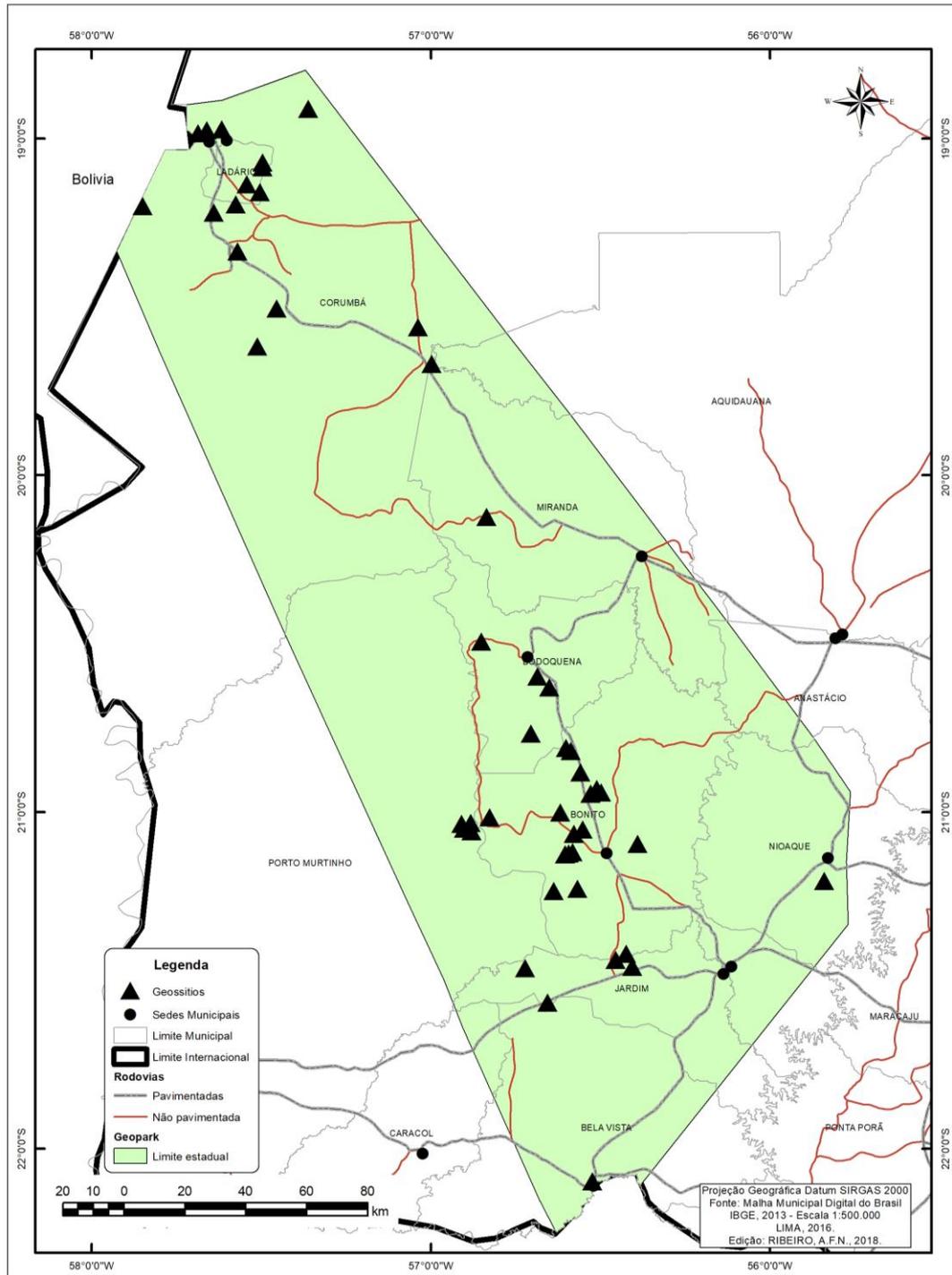
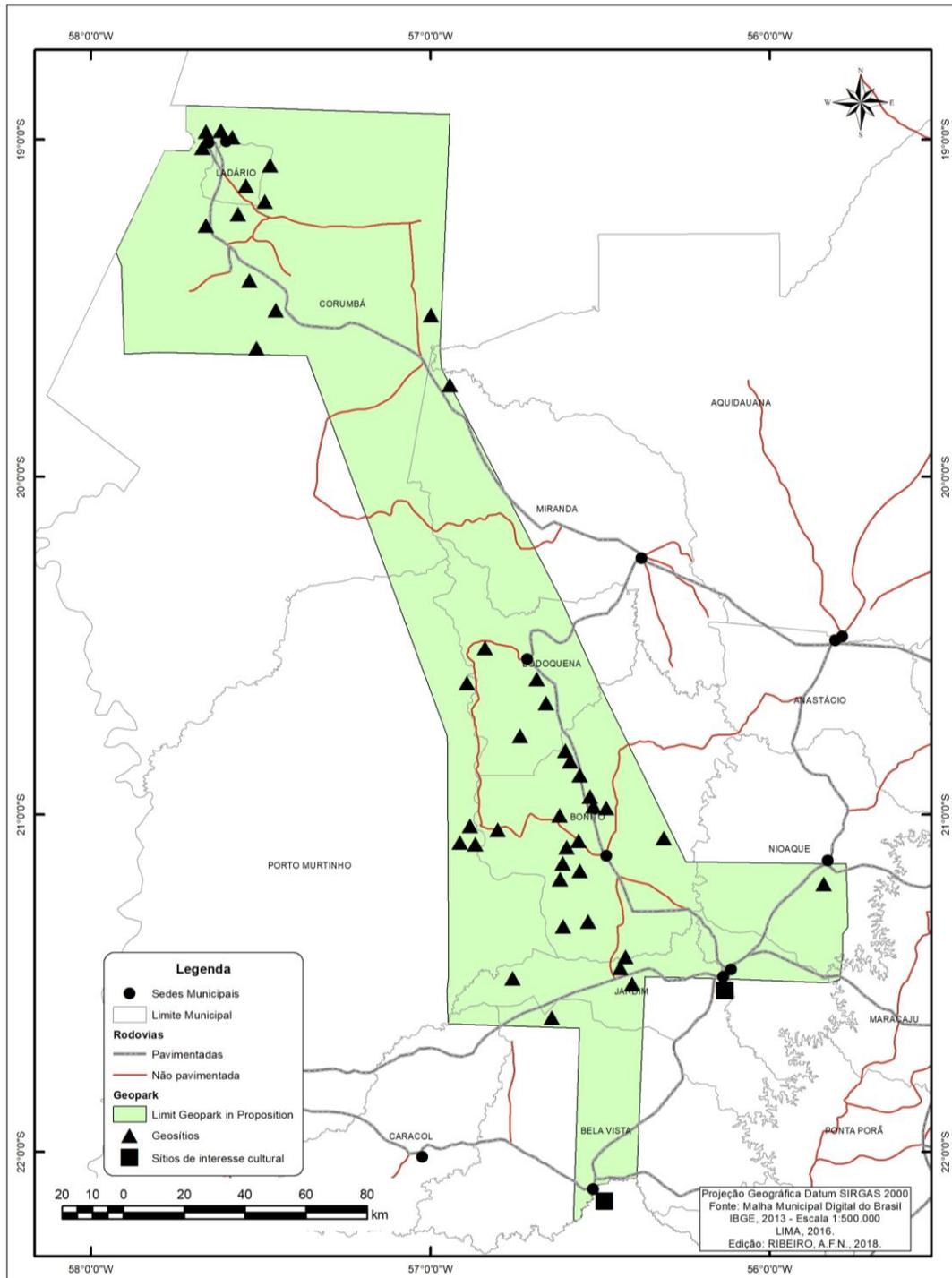


Figura 8 - Localização dos geossítios na área do Geoparque Bodoquena-Pantanal apresentada no Dossiê de Candidatura à GGN



Sendo assim, a autora sugere que seria pertinente que o Estado fragmentasse o projeto e o transformasse em dois geoparques, pois o Estado de Mato Grosso do Sul tem uma extensão territorial aproximadamente equivalente a quatro vezes o território de Portugal e, nesse país, existem quatro geoparques. Indo além, ressaltou que o Governo Estadual, ao invés

de estabelecer como prioridade a implementação do Geoparque Bodoquena-Pantanal, deveria priorizar a criação de um Programa de Geoparques Estaduais. Afinal, essa ação resolveria o problema do tamanho e incentivaria o desenvolvimento regional através da atividade turística, uma vez que o MS possui vocação para turismo em áreas naturais.

No que se refere ao número de municípios abrangidos pelo Geoparque Bodoquena-Pantanal, cabe destacar que há diferença entre a quantidade presente no Decreto e no Dossiê. No Decreto e, até mesmo no site do Geoparque, os municípios somam 13, sendo a abrangência total nos municípios de Bonito, Ladário e Bodoquena e, parcial em Corumbá, Jardim, Nioaque, Bela Vista, Porto Murtinho, Miranda, Aquidauana, Anastácio, Caracol e Guia Lopes da Laguna. No Dossiê o número diminui para 11, tendo sido excluídos do grupo Aquidauana e Anastácio.

Quanto aos geossítios localizados nesses municípios, de acordo com o referido decreto, foram instituídos um total de 54. No quadro 3, todos estão identificados por nome, interesse/importância de sua criação e localização.

Quadro 3 - Geossítios do Geoparque Bodoquena-Pantanal

Nº	IDENTIFICAÇÃO DO GEOSSÍTIO	INTERESSE	LOCALIZAÇÃO E SITUAÇÃO	FONTE
1	Baía das Garças	Geológico e ecológico. Rochas mais antigas do território.	Estrada MS-382 (Olegário Maciel), limite dos Municípios de Porto Murtinho e Bonito	DECRETO ESTADUAL E DOSSIÊ
2	Morraria do Puga	Geológico. Registro de Glaciação Neoproterozóica no Estado de Mato Grosso do Sul (Teoria da “Terra Bola de Neve”).	Morro do Puga, margem direita do Rio Paraguai, 6 (seis) km à jusante de Porto Esperança, Município de Corumbá	
3	<i>Anticlinal Anhumas</i>	Geológico. Evidências de atividade glacial (seixos de origem de Icebergs).	Estrada MS-382 (Olegário Maciel), Município de Bonito	
4	Mina Urucum-Vale	Geológico. Sedimentação química, ambiente glácio-marinho. Grandes reservas de hematita e itabirita (terceira maior do Brasil).	Mina Urucum-Vale, Município de Corumbá	
5	Mina dos Belgas	Geológico e histórico. Minério de Manganês na antiga Mina dos Belgas (atual Vale do Rio Doce).	Antiga Mina dos Belgas, Mina Urucum-Vale, Município de Corumbá	
6	Formação Cerradinho	Geológico. Evidências da separação do antigo continente “Rodínia” e abertura de oceano na região (800-900 milhões de anos atrás).	Estrada MS-382 (Olegário Maciel), Município de Bonito, limite com Porto Murtinho	
7	Paleomar do Tamengo	Geológico. Calcário de ambiente marinho raso plataformar.	Estrada MS 382 (Olegário Maciel), Município de Bonito	
8	Estromatólito de Porto Murtinho	Geológico e paleontológico. Estromatólitos (esteiras de algas fossilizadas).	Porto Murtinho, margem esquerda do Rio Paraguai, ao lado da ponte rodoviária da BR 262, Município de Corumbá	

9	Estromatólito da Morraria do Sul	Geológico, paleontológico, paisagístico e cultural. Estromatólitos (esteiras de algas fossilizadas), mirante do Pantanal do Nabileque.	Distrito de Morraria do Sul, Município de Bodoquena
10	Pedreira Saladeiro, Porto Sobramil	Geológico e paleontológico. Fósseis de <i>Cloudina</i> e <i>Corumbella weneri</i> (630-542 milhões de anos atrás).	Porto Sobramil, margem direita do Rio Paraguai, Município de Corumbá
11	Gruta do Lago Azul	Geológico, paleontológico, ecológico, paisagístico e cultural. Fauna troglóbica e destaque paleontológico com ocorrências de megafauna pleistocênica.	Município de Bonito
12	Gruta Nossa Senhora Aparecida	Geológico, paleontológico, ecológico, paisagístico e cultural. Fósseis pleistocênicos.	Município de Bonito
13	Gruta de São Miguel	Geológico, ecológico e paisagístico. Espeleotemas (estalactites e estalagmites).	Município de Bonito
14	Abismo Anhumas	Geológico, ecológico e paisagístico. Cones calcários (um dos sítios mais importantes no mundo com esse tipo de espeleotema).	Município de Bonito
15	Grutas do Mimoso	Geológico, ecológico e paisagístico. Cones calcários (um dos sítios mais importantes do mundo com esse tipo de espeleotema).	Município de Bonito
16	Lagoa Misteriosa	Geológico, ecológico e paisagístico. Maior dolina da região da serra da Bodoquena desenvolvida em dolomitos	Município de Jardim
17	Buraco das Araras	Geológico, ecológico e paisagístico. Dolina simultaneamente em arenito e em calcários.	Município de Jardim
18	Iconofósseis/Formação Botucatu	Geológico, paleontológico e cultural. Pegadas fósseis de diversos dinossauros em rochas sedimentares de idade jurássica.	Margem direita do Rio Nioaque, Fazenda Minuano, Município de Nioaque
19	Tufas calcárias do Parque das Cachoeiras	Geológico, ecológico e paisagístico. Cachoeiras formadas por tufas calcárias e pequenas cavernas e piscinas naturais.	Município de Bonito
20	Tufas calcárias da Cachoeira Boca da Onça e Cânion do rio Salobra	Geológico, ecológico e paisagístico. Tufas calcárias. Maior cachoeira do Estado de Mato Grosso do Sul (156 m).	Município de Bodoquena
21	Nascentes do Rio Sucuri	Geológico, ecológico e paisagístico. Carbonatação e visibilidade da água.	Rio Sucuri, Município de Bonito
22	Monumento Natural do Rio Formoso (Ilha do Padre)	Geológico, ecológico e paisagístico. Tufas calcárias.	Município de Bonito
23	Recanto Ecológico Rio da Prata	Geológico, ecológico e paisagístico. Tufas calcárias.	Município de Jardim
24	Lentes Calcárias do Rio Miranda “Estrada Parque” Pantanal Sul	Geológico, arqueológico, ecológico, paisagístico e cultural. Lentes calcárias fossilíferas na planície de inundação do Rio Miranda, Estrada Parque (vestígios	Município de Corumbá

		arqueológicos e fossilíferos).		
25	Crosta laterítica com inscrições rupestres, Fazenda Figueirinha	Geológico, arqueológico, paisagístico e cultural. Sítio arqueológico com inscrições petroglíficas.	Fazenda Figueirinha, BR 262, Corumbá/MS	
26	Crosta laterítica com inscrições rupestres, Fazenda Salesianos	Geológico, arqueológico, paisagístico e cultural. Sítio arqueológico com inscrições petroglíficas.	Estrada Parque, sopé da Morraria do Urucum-Santa Cruz, Município de Corumbá	
27	Proximidade ao acesso à Aldeia São João	Geológico e paisagístico. Visão da geomorfologia da borda escarpada oeste da Serra da Bodoquena.	Estrada Olegário Maciel (MS- 382), Município de Porto Murtinho	DECRETO ESTADUAL
28	Embasamento cristalino/Borda oeste da serra da Bodoquena	Geológico e paisagístico. Observação da borda oeste da Serra da Bodoquena.	Estrada Olegário Maciel (MS- 382), Município de Porto Murtinho	DECRETO ESTADUAL E DOSSIE
29	Tufas calcárias da Cachoeiras do Aquidaban	Geológico e paisagístico. Tufas Calcárias.	Município de Bonito	
30	Morro do Azeite	Geológico, paisagístico e cultural.	Morro do Azeite, margem esquerda do Rio Miranda, Município de Corumbá	
31	Mina Laís, parte sul da Morraria Urucum.	Geológico. Lavra do minério de ferro em depósito de táls (Qc).	Município de Corumbá	DECRETO ESTADUAL
32	Mirante da Fazenda Esperança	Geológico e paisagístico. Vista parcial da Morraria Tromba dos Macacos.	Rodovia BR-262, km 740, sentido Corumbá	DECRETO ESTADUAL E DOSSIE
33	Morraria Urucum -Santa Cruz. Mina de Ferro e Manganês	Geológico e paisagístico. Sedimentação química, ambiente glácio-marinho. Reservas minerais de hematita e itabirita (terceira maior do Brasil) e manganês pirolusita.	Morraria Urucum-Santa Cruz, Município de Corumbá	
34	Mina Santana, Morraria do Rabichão	Geológico e paisagístico. Sedimentação química, ambiente gláciomarinho.	Mina Santana, Morraria do Rabichão, Município de Corumbá.	
35	Morro do Jacadigo	Geológico e paisagístico. Sedimentação química, ambiente glácio-marinho. Reservas minerais de hematita e itabirita (terceira maior do Brasil) e manganês pirolusita.	Município de Corumbá	DECRETO ESTADUAL
36	Morro do Mel	Geológico. Sedimentação química, ambiente glácio-marinho. Mina ativa de Ferro.	Município de Corumbá	
37	Rochas Fosfáticas da Fazenda Ressaca e Primavera	Geológico. Afloramento de fosforito.	Fazenda Ressaca, município de Bonito	
38	Corumbella/Parque Ecológico das Cacimbas	Geológico, paisagístico e cultural. Ocorrência de fósseis de <i>Corumbella</i> .	Cacimba de Pedra, cidade de Corumbá	DECRETO ESTADUAL E DOSSIE
39	Parque Marina Gatass	Geológico, paisagístico, histórico e cultural. Ocorrência de fóssil <i>Cloudina</i> (570 milhões de anos).	Parque Marina Gatass, cidade de Corumbá	
40	Escadinha da XV	Geológico, paisagístico, histórico e cultural. Afloramento urbano da Formação Xaraés.	Cidade de Corumbá, Centro	

41	Morraria Campo dos Índios	Geológico, paisagístico, histórico e cultural. Afloramento de conglomerados da Formação Kadiwéu.	Entre o Distrito de Morraria do Sul (Município de Bodoquena) e o Posto Indígena Presidente Alves de Barros (Município de Porto Murtinho)	DECRETO ESTADUAL
42	Buraco das Abelhas	Geológico e paleontológico.	Município de Jardim	DECRETO ESTADUAL E DOSSIÊ
43	Gruta do Urubu Rei	Geológico.	Município de Bodoquena	
44	Tufas calcárias do Balneário Municipal Presidente Corrêa	Geológico. Tufas calcárias.	Balneário Municipal Presidente Corrêa, Município de Bodoquena	
45	Estância Li	Geológico. Evidência do fechamento da Bacia Corumbá e formação da cadeia de montanhas (Faixa de Dobramentos Paraguai).	Município de Bonito	
46	Tufas calcárias e cachoeiras da Estância Mimososa	Geológico e paisagístico. Tufas calcárias.	Estrada MS-178 Bonito-Bodoquena	
47	Rio do Peixe	Geológico e paisagístico. Tufas calcárias.	Estrada MS-178 Bonito-Bodoquena	DECRETO ESTADUAL
48	Mineração Horii	Geológico. Paredões do Calcário Tamengo.	Estrada MS-178 Bonito- Bodoquena	DECRETO ESTADUAL E DOSSIÊ
49	Tufas calcárias da Serra da Bodoquena	Geológico. Tufas calcárias fossilíferas, com ocorrências de impressões de folhas.	Estrada Olegário Maciel MS-382, Município de Bonito	
50	Nascentes e grutas Ceita Core	Geológico e paisagístico. Tufas calcárias.	Município de Bonito	
51	Buraco do Japonês ou dos Fósseis	Geológico, paleontológico e cultural. Fósseis pleistocênicos.	Município de Jardim	
52	Gruta e Nascente do Rio Formoso.	Geológico, paleontológico e cultural. Fósseis pleistocênicos.	Município de Bonito	DECRETO ESTADUAL
53	Lagoas Hiperálcaldas (salinas)	Geológico, ecológico, paisagístico, cultural. Georroteiro com geossítios ecológicos e culturais.	Parque Estadual do Pantanal do Rio Negro	
54	Roteiro Histórico da Retirada da Laguna	Histórico e Cultural. Georroteiro com geossítios históricos e culturais.	Roteiro Histórico da Retirada da Laguna (Municípios de Bela Vista, Guia Lopes da Laguna, Jardim, Nioaque, Anastácio/Aquidauana)	

Fonte: Adaptado pelo autor a partir do Decreto Estadual 12.897/2009 e do Dossiê de Candidatura do Geoparque Bodoquena-Pantanal à Rede Global de Geoparque Nacionais.

A quantidade de 54 geossítios instituídos pelo Decreto Estadual 12.897/2009 não corresponde com a que é apresentada no site do Geoparque Bodoquena-Pantanal. Pois nele, o número é de 45 geossítios em razão de, como informado pela equipe técnica, serem considerados apenas os identificados no Dossiê de Candidatura à GGN.

Deste modo, o quadro anterior foi elaborado confrontando a listagem de geossítios entre o Decreto e o Dossiê. Assim, os geossítios que constam em ambos os documentos são

identificados e seus nomes foram ajustados baseados no Dossiê por ser mais científico⁴¹. A exemplo disso, destaca-se o de Nioaque, que no Decreto aparece como “Pegadas dos Dinossauros”, enquanto que no Dossiê está como “Icnofósseis/Formação Botucatu”.

Outra questão que merece destaque é a que no Decreto todos são identificados como geossítios, mesmo o de número 54 do quadro, chamado: “Roteiro Histórico da Retirada da Laguna”. O Dossiê, no entanto, mostra uma divisão entre geossítios (totalizando 45) e sítios de interesse cultural (somente 2).

Portanto, o “Roteiro Histórico da Retirada da Laguna” que compreende os municípios de Bela Vista, Guia Lopes da Laguna, Jardim, Nioaque e Anastácio/Aquidauana no Decreto, é dividido em “sítio Nhandepá (Roteiro histórico da Retirada da Laguna)” e “Cemitério dos Heróis (Roteiro histórico da Retirada da Laguna)” no Dossiê. Quanto à localização, é o cruzamento das ruas Francisco Rocha e Barão do Triunfo na cidade de Bela Vista; e a cidade de Jardim, respectivamente.

Essa divisão feita no Dossiê excluiu os municípios de Aquidauana e Anastácio do grupo dos detentores de geossítios. Afinal, ambos os municípios contavam, apenas, com aquele geossítio, restando-os aceitar somente possuir terras compreendidas na área poligonal do geoparque.

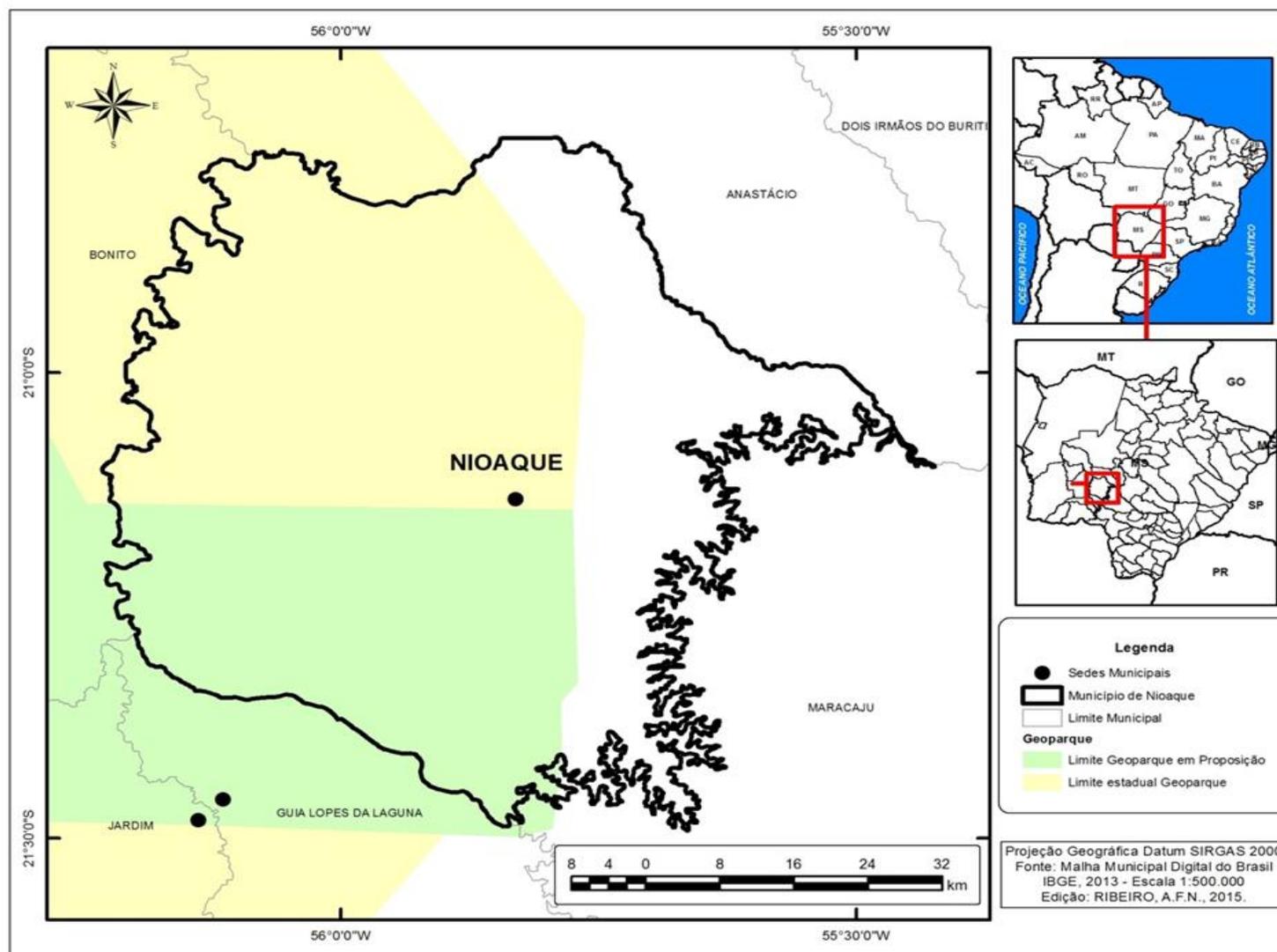
Apesar de toda essa quantidade e variedade de geossítios e municípios pertencentes ao Geoparque Bodoquena-Pantanal, nesse trabalho o foco é centrado no município de Nioaque e seu geossítio. Isso se dá em razão de que tal município tem se destacado, dentre os demais, no interesse pelo projeto e tem procurado contribuir com a sua estruturação e implementação.

2.4 - Caracterização do município de Nioaque

O município de Nioaque está localizado no sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, onde faz divisa com Anastácio ao nordeste, Maracaju a sudeste, Guia Lopes da Laguna ao sudoeste e Bonito a noroeste (figura 9). Segundo o IBGE, possui extensão territorial de 3.923,790 Km², área essa que representa 1,09% do Estado, segundo SEBRAE/MS.

⁴¹ Optou-se por fazer tal ajuste porque o Geoparque Bodoquena-Pantanal trabalha com quantidade de geossítios e suas nomenclaturas usadas no Dossiê sob a alegação de terem uma fundamentação científica.

Figura 9 - Localização do município de Nioaque



O acesso à sua sede é através da BR 060, que fica distante 198 km da capital estadual, e dá acesso também aos municípios turísticos, como Jardim e Bonito. Essa questão da localização é importante para esta tese porque influencia na perspectiva que tem sido construída pelos dirigentes e empresários locais sobre a implantação do Geoparque Bodoquena-Pantanal.

É dito isso porque Nioaque, ao longo dos anos, vem acompanhando o nascimento e desenvolvimento exitoso da atividade turística nos municípios vizinhos, enquanto sobrevive com sua economia pautada basicamente no setor de serviços e comércio e na pecuária. Portanto, a criação desse geoparque passou a representar uma opção de diversificação da economia local através do desenvolvimento da atividade turística.

De acordo com SEMADE (2016), a contribuição da pecuária na arrecadação de ICMS do município no ano de 2015 foi de R\$571.296,48, enquanto a agricultura de R\$16.212,20. Toda essa diferença foi justificada pelo DN-VI durante entrevista⁴², pelo motivo do solo não apresentar condições favoráveis para agricultura.

No que se refere à indústria nioaquense, essa participou com apenas R\$4.458,33 na arrecadação de 2015 (SEMADE, 2016), mostrando-se pouco representativa na economia municipal. De acordo com DN-II (Dirigente de Nioaque – II), o motivo para isso tem relação com a localização do município na Bacia Hidrográfica do rio Paraguai. Afinal, essa bacia hidrográfica possui legislação mais restritiva que a da Bacia Hidrográfica do rio Paraná.

Dessa forma, como foi informado na entrevista, a Lei Estadual n. 328, de 25 de fevereiro de 1982, que “Dispõe sobre a Proteção Ambiental do Pantanal Sul-Mato-Grossense” e regulamentada pelo Decreto n. 1.581, de 25 de março de 1982, representaria o seu principal instrumento legal de restrição para a instalação de destilarias de álcool e usinas de açúcar nos municípios dessa região.

Art. 1º Fica proibida a instalação de destilaria de álcool e usinas de açúcar na área de Pantanal Sul-Mato-Grossense, representada pela Zona da Planície Pantaneira, bem como nas áreas adjacentes, representadas pela Zona do Chaco, Zona Serra da Bodoquena, Zona Depressão do Miranda e Zona Proteção da Planície Pantaneira [...] (MATO GROSSO DO SUL, LEI 328/1982).

Art. 1º Para efeito do artigo 1º da Lei nº 328, de 25 de fevereiro de 1982, consideram-se atividades similares a destilaria de álcool ou usina de açúcar aquelas que produzam pinga, rapadura, ou outro derivado da transformação de cana-de-açúcar, sorgo, mandioca e espécies vegetais como gramíneas, tuberosas, cereais, dentre outras. Parágrafo único. A instalação de

⁴² Entrevista realizada em outubro de 2015.

empreendimento de pequeno porte, relativamente aos similares definidos neste artigo, fica condicionada ao atendimento das normas estabelecidas pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (MATO GROSSO DO SUL, DECRETO 1581/1982, grifo do autor).

Portanto, a localização do município pode apresentar tantos pontos negativos como positivos. Afinal, ao mesmo tempo em que representa um empecilho na diversificação da economia porque seu solo exige um uso maior de técnicas modernas no preparo para o desenvolvimento da agricultura, tornando a atividade inviável e porque a legislação reduz o leque de oportunidades referentes ao tipo de indústrias permitidas, a localização também pode ser um fator favorável, pois Nioaque não apenas está próximo de destinos turísticos conhecidos internacionalmente, como está na rota deles.

Sendo assim, foi alegado pelo EN-I (Empresário de Nioaque – I) durante entrevista que Nioaque está em vantagem quando comparado a outros locais que desejam investir na atividade turística, porque enquanto os demais precisam criar estratégias para atrair os turistas, esse município já os recebe diariamente. Nas palavras do entrevistado, “[...] os turistas já estão passando por aqui porque eles já têm outros destinos Jardim e Bonito, então, ter um atrativo pra pegar... acho que seria até mais fácil do que você tirar o pessoal pra vir só pra cá [...] você desviar o roteiro, já que eles estão passando por aqui”⁴³.

Entretanto, durante o período de desenvolvimento da pesquisa, existia apenas um empresário nioaquense que mantinha, essencialmente, seu negócio com o atendimento a esses turistas em trânsito. O estabelecimento referido é a Padaria e Confeitaria 3M. Deste modo, é possível afirmar que Nioaque até então representa apenas um ponto de parada para refeição durante o trajeto Campo Grande – Bonito/Jardim.

É graças a esses motivos que o geoparque tem sido bem aceito pelos dirigentes municipais e parte da população. Pois, através desse projeto de governo o geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu” onde estão localizadas as “Pegadas dos Dinossauros”, pertencente a Nioaque, passou a receber atenção e divulgação tanto nacional como internacional, podendo vir atender aos interesses desse grupo.

Vale ressaltar que embora tenha sido afirmado por dirigentes durante as entrevistas que Nioaque possui belezas naturais possíveis de serem também exploradas, o que se verificou foi que atualmente as atenções estão voltadas somente para o geossítio e o evento anual denominado de “Festival Retirada da Laguna”. Esse que, como consta no site da

⁴³ Entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2015.

prefeitura municipal, refere-se a exposições, shows e teatro a céu aberto representando as invasões ocorridas na cidade durante a “Guerra da Tríplice Aliança” (1864-1870).

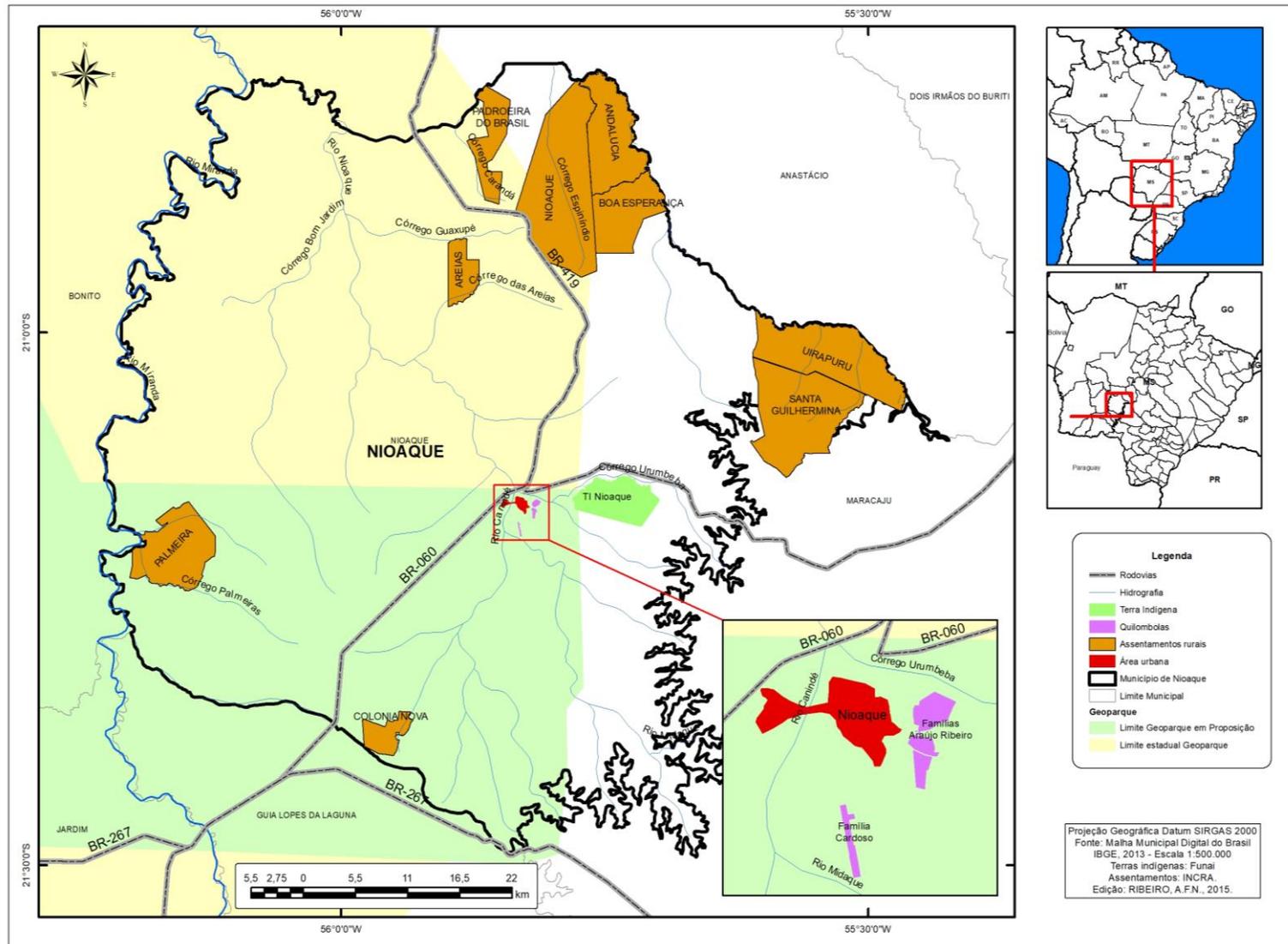
Ainda sobre esse é um evento, é necessário salientar que ele é tido como importante para o município porque possui um significado tanto econômico quanto cultural, uma vez que ilustra a identidade dos nioaquenses, que orgulhosamente se autodenomina “Filhos de Heróis”.

Porém, essa identidade, que era única até a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal e a oficialização das pegadas como geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu”, passou a ter que dividir lugar com uma nova identidade municipal que os dirigentes estão empenhados em construir. Sobre essa construção identitária será feita uma abordagem mais detalhada no decorrer da seção 4 desta tese.

De acordo com o censo de 2010, do IBGE, a população era composta por 14.391 habitantes, dividida entre a área rural e a urbana, em uma proporção muito semelhante. Segundo a SEMADE/MS, a população residente na área rural é de 7.334, enquanto que na urbana há 7.057 habitantes.

No contexto da população e sua distribuição, o fato de que muitos desses habitantes são assentados rurais, indígenas e quilombolas merece atenção. Afinal, Nioaque possui **nove assentamentos rurais** (Areias, Andalucia, Santa Guilhermina, Uirapuru, Conceição, Boa Esperança, Palmeiras, Padroeira do Brasil, Colônia Nova), **quatro aldeias indígenas** (Terra Indígena de Nioaque formada pelas aldeias Cabeceira, Água Branca, Brejão e Taboquinha) e **quatro comunidades quilombolas** (Famílias Cardoso, Araujo Ribeiro, Romano Martins da Conceição e Bulhões), identificados quanto à localização na figura seguinte.

Figura 10 - Localização da Terra Indígena, Assentamentos Rurais e Comunidades Quilombolas do município de Nioaque



O destaque para essa população se faz necessário porque a participação da população local nas propostas dos geoparques visando o seu desenvolvimento econômico sustentável é uma exigência que consta no estatuto do IGGP, como um dos requisitos a ser cumprido para se tornar um Geoparque Mundial da UNESCO, conforme é transcrito na sequência.

Los geoparques mundiales de la UNESCO deberían hacer participar activamente a las comunidades locales y a los pueblos indígenas por ser interesados principales en el geoparque. En asociación con las comunidades locales, se debe redactar y aplicar un plan de cogestión que atienda las necesidades sociales y económicas de las poblaciones locales, proteja el paisaje en que viven y conserve su identidad cultural. Se recomienda que en la gestión de un geoparque mundial de la UNESCO estén representados todos los actores y autoridades locales y regionales pertinentes. En la planificación y la gestión de la zona se debería incluir, junto con la ciencia, los sistemas locales e indígenas de conocimientos, prácticas y gestión (UNESCO, [2000?], s.n., grifo nosso)⁴⁴.

Considerando que o Geoparque Bodoquena-Pantanal já buscou numa primeira tentativa o seu ingresso a GGN e, que ao tê-lo negado não desistiu, pretendendo num futuro pleitear novo ingresso, é importante que a população mencionada de Nioaque seja inserida no projeto. Desta forma, analisar a participação de tal população no projeto mostrou-se necessária nesta pesquisa e será feita nas seções seguintes.

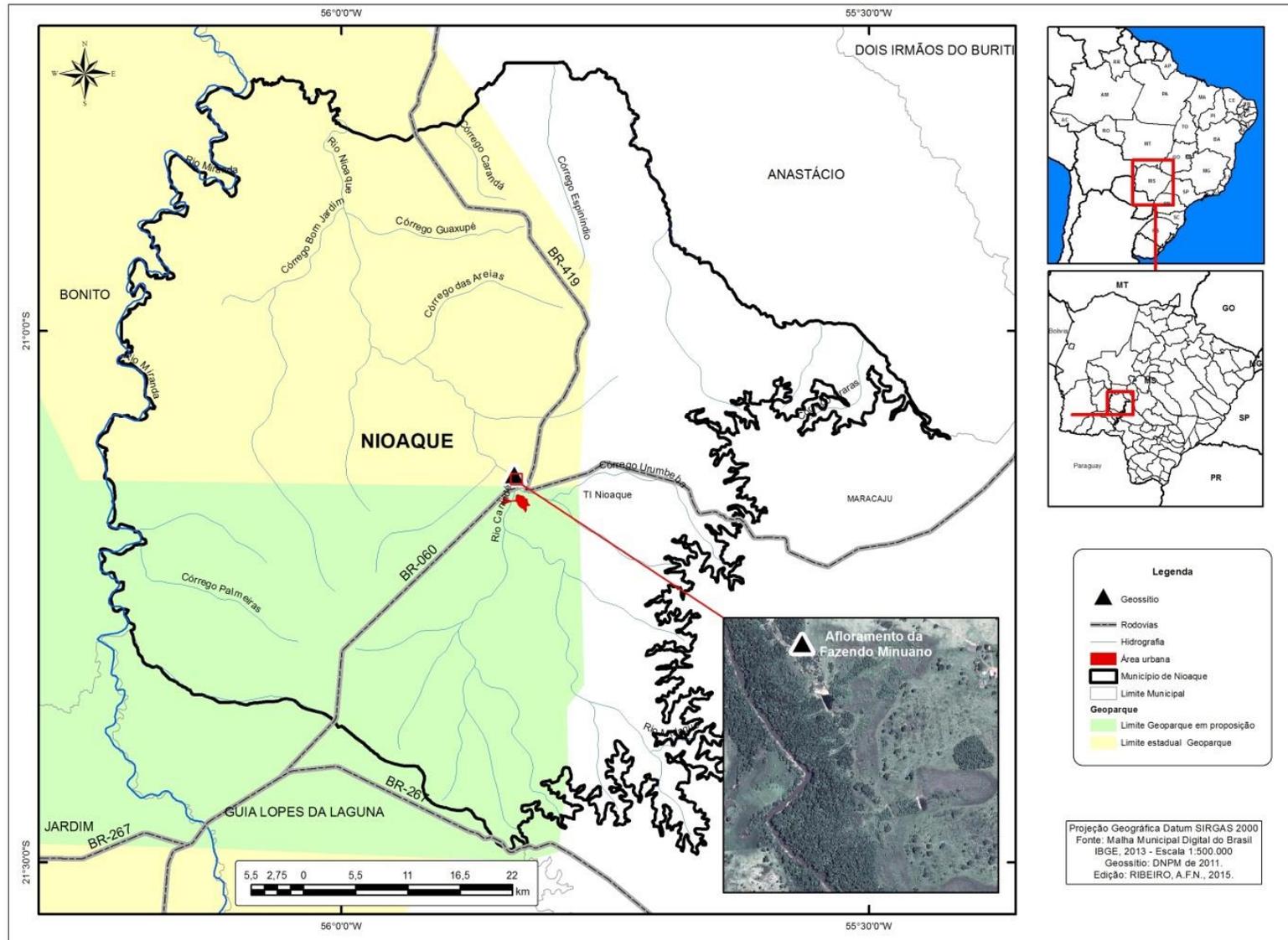
2.5 - Nioaque – Geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu”

O geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu” ou “As Pegadas dos Dinossauros” está localizado na margem direita do rio Nioaque, no município estudado, compreendendo uma faixa marginal de domínio da União, no interior da fazenda Minuano⁴⁵, como é possível observar na figura seguinte.

⁴⁴ Estatuto del Programa Internacional de Ciencias de la Tierra y Geoparques.

⁴⁵ Memorial descritivo da área encontra-se em anexo.

Figura 11 - Localização Geossítio “Icnofósseis/Formação Botucatu”- Nioaque



De acordo com o Dossiê de candidatura do Geoparque Bodoquena-Pantanal à Rede Global de Geoparques Nacionais sob os auspícios da UNESCO, o geossítio é formado por:

Pegadas de dinossauros impressas em arenitos eólicos jurássicos da Formação Botucatu, unidade hidrogeológica mais importante do Aquífero Guarani e associada à Bacia Serra Geral. Geossítio importante do ponto de vista paleontológico e hidrogeológico, por ser um local onde afloram arenitos de um dos maiores e melhores reservatórios de água doce do mundo (BRASIL, 2010, p. 36).

A existência dessas pegadas no meio científico foi registrada já em 1990 através de relatório denominado de “Registro do Sítio Paleontológico ‘MS-NI-01’” elaborado por Gilson Rodolfo Martins, e publicado no “Volume 5, Número 1” da “Revista Científica e Cultural” da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

Martins (1990, p. 7) inicia seu relatório contando que foi informado pela professora Lori Gressler, membro da família proprietária da área rural onde estão localizadas as pegadas, que “havia rastros de animais, não identificados, solidificados em um lajedo de arenito no leito desse rio (Nioaque)”. Tal informação o instigou a visitar o local em julho, setembro e outubro de 1987, e coletar dados para a elaboração do relatório.

O autor faz uma caracterização geral das pegadas quanto à sua localização, quantidade, tamanho e profundidade:

O local é um lajedo de arenito – aproximadamente 35 m de comprimento por 5m ou 6 m de largura – que aflora no fundo do leito, à margem direita. Na época do ano (inverno seco e quente) em que visitamos a área, o nível do rio estava aproximadamente 3 a 4 m abaixo do nível médio, permitindo que as pegadas ficassem expostas a seco – o que não ocorre nas estações chuvosas. [...] O lajedo de arenito no leito do rio onde se encontram os rastros é uma superfície irregular, inclinada da margem para a calha. [...] Identificamos 27 pegadas, em baixo relevo, com formato e tamanhos variados. Porém, acreditamos que haja mais pegadas: nem todas têm um aspecto nítido, e algumas, provavelmente, estão submersas. Sua distribuição ora obedece uma sequência que evidencia passadas ora apresenta-se isoladamente. O conjunto, de um modo geral, indica que seguem a direção NE. A profundidade das impressões é variável entre 1 cm a 5 cm aproximadamente. A maior pegada apresenta, aproximadamente, 37 cm de diâmetro, e a menor 12 cm de altura por 12 cm de largura, aparentemente, assemelha-se a uma cunhada por um ornitópole (MARTINS, 1990, p. 10-11).

Cabe destacar o fato de as pegadas estarem na margem do rio (figura 12), que dependendo do nível das águas ficam submersas, impedindo sua visualização. Essa questão é motivo de preocupação para os dirigentes em razão de não poderem ser exploradas o ano

inteiro e, também, por estarem mais expostas às ações das intempéries. Este é um fator que poderia acelerar o processo de erosão e, conseqüentemente, perda do geossítio.

Figura 12 - Fotos da margem do rio Nioaque onde estão localizadas as pegadas de dinossauro



Fonte: Geoparque Bodoquena Pantanal, 2015

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

De acordo com o paleontólogo Scheffler (2016)⁴⁶, a localização das pegadas as deixa muito vulneráveis à erosão fluvial. Logo, houve a necessidade de cimentar a rocha para impedir que fosse levada pelo rio. Esse procedimento foi realizado por uma equipe que tinha Scheffler como membro.

Ainda sobre a vulnerabilidade das pegadas, o Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM, representado pela equipe técnica Diógenes de Almeida Campos⁴⁷, Felipe Barbi Chaves⁴⁸, Irma Tie Yamamoto⁴⁹ e Rodrigo da Rocha Machado⁵⁰, no dia 28 de julho de 2011, produziu relatório após vistoria na área e chamou a atenção para a questão da erosão fluvial, bem como da presença de banhistas no local. Nesse relatório, o DNPM (2011, p. 11) descreve o local:

No afloramento da Fazenda Minuano, coordenadas 21°08'7" S/55°50'10.5" W (datum WGS84), verificou-se a presença de uma pegada fóssil e outras possíveis pegadas, de dimensões centimétricas, preservadas no arenito avermelhado. Foram observadas, ainda, estruturas circulares e elípticas de origem incerta (DNPM, 2011, p. 7).

A equipe ainda ressaltou que “o afloramento da Fazenda Minuano possui relevância paleontológica (interesse científico) devido à ocorrência da pegada fóssil e outras possíveis pegadas o que justifica assim a sua preservação *in situ*” (DNPM, 2011, p. 11).

⁴⁶ Informação fornecida por Scheffler via e-mail, no dia 13/01/16.

⁴⁷ Geólogo. Chefe de Divisão do Museu de Ciências da Terra.

⁴⁸ Especialista em Recursos Minerais. Chefe da divisão de Proteção de Depósitos Fossilíferos/DIFIS.

⁴⁹ Especialista em Recursos Minerais. Museu de Ciências da Terra.

⁵⁰ Especialista em Recursos Minerais. Museu de Ciências da Terra.

Diógenes de Almeida Campos, geólogo e membro da equipe, em entrevista concedida a imprensa durante a visita ao estado, afirmou que a existência das pegadas em Nioaque contribui para a inserção do estado do Mato Grosso do Sul no campo de estudos sobre paleontologia. O geólogo também teceu comentários sobre o local das pegadas, “[...] é fantástico, muito bonito pra visitação. Mas para que as pessoas possam conhecer é preciso montar uma infraestrutura adequada para proteger os vestígios”⁵¹.

Embora a equipe do DNPM tenha confirmado que se trata de pegadas de dinossauros, como já havia sido constatado por Martins em 1990, essa equipe afirma que ainda não se sabe a qual espécie pertence. Campos elucida que “tem que estudar que tipo de dinossauro pode ter sido. É algo complexo, que para ser concluído pode levar um dia ou nunca”⁵².

O entendimento de Scheffler vai ao encontro do de Martins. O pesquisador conclui seguramente que se trata de pegadas de dinossauros ao analisar a morfologia e, também, o contexto histórico local.

O que é preciso ficar claro é que **não há dúvida** que **estas pegadas são de dinossauros**, pela morfologia e também pelo contexto geológico, pois estão situadas na Formação Botucatu, uma rocha formada a aproximadamente 140 milhões de anos atrás, em um dos maiores desertos que já existiu no planeta. Na época Nioaque se localizava na borda deste deserto e apresentava rios temporários, por onde os dinossauros andaram e deixaram suas pegadas (SCHEFFLER, 2016, não paginado, grifo nosso).

Quanto à espécie de dinossauro, Martins (1990, p. 11) observou que dentre as pegadas, há uma que se parece com aquelas “cunhadas por um ornitópode”⁵³ (figuras 13 e 14). Cabe ressaltar que as figuras referem-se à mesma pegada observada por diferente ângulo:

⁵¹ Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/07/paleontologo-quer-apontar-animal-que-teria-deixado-pegadas-fosseis-em-ms.html>>. Acesso: 12/12/2015.

⁵² Idem a nota anterior.

⁵³ Os Ornitópodes são considerados um dos grupos mais interessantes de dinossauros ornitíscios. De modo geral, a sua forma de andar faz lembrar a de aves corredoras, como o avestruz e a isso se deve o seu nome, pois ornitópode significa "pé de ave". [...] Os Ornitópodes mais antigos eram corredores pequenos e ágeis. Mas, pouco tempo depois destes, surgiram os hipsilofodontídeos, que mudaram bem pouco desde o seu aparecimento até o seu desaparecimento em finais da época dos dinossauros. Atlas Virtual da Pré-História. Disponível em: <<http://www.avph.com.br/ornitopodes.htm>>. Acesso em 12/12/15.

Figura 13 - Pegada cunhada por um ornitópole ou terópode



Fonte: SCHOBENHAUS, C. e SILVA, C. 2012.

Figura 14 - Pegada de um ornitópole ou terópode



Fonte: Geoparque Bodoquena Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

Porém, Martins (1990) concluiu que, pelas condições geocronológicas e as características das pegadas, embora referem-se provavelmente a animais extintos dos tempos paleontológicos do Jurássico/Cretáceo, para fazer uma identificação de forma mais precisa da espécie que teria habitado a região, seriam necessárias mais pesquisas.

Entretanto, os paleontólogos Scheffler e Silva (2007) afirmam que a pegada descrita por Martins apresenta características morfológicas das deixadas pelos terópodes⁵⁴.

Uma das pegadas é digitígrada, mesaxônica, tridáctila, com dígitos terminados em garras, hypexes arredondados, apresentando feições de deformação ao seu redor, características morfológicas típicas de pegadas de dinossauros terópodes (SCHEFFLER e SILVA, 2007, p. 31).

⁵⁴ Os Terópodes foram um dos grandes grupos de dinossauros saurisquianos ou dinossauros com bacia de réptil. Há uma grande diversidade de dinossauros carnívoros, desde de pequenos compsognathus, do tamanho de uma galinha, até o terrível Tiranossauro [...]. Disponível em: <<http://www.avph.com.br/teropodes.htm>>. Acesso em: 12/12/15.

As demais pegadas, ilustradas pelas figuras 15 e 16, embora não apresentem características tão nítidas quanto às outras, oferecem pistas para identificá-las como originárias de fauna bípede ou semibípede de postura ereta.

As demais pegadas não apresentam feições morfológicas nítidas, mas formam pistas com altos valores de ângulo do passo, o que é característico de animais bípedes ou semibípedes com postura ereta. Estas pistas são morfológicamente compatíveis com aquelas produzidas por dinossauros terópodes ou ornitópodes (SCHEFFLER e SILVA, 2007, p. 31).

Figura 15 - Marcas possíveis de fauna bípede ou semibípede de postura ereta



Fonte: SCHOBENHAUS, C. e SILVA, C, 2012.

Figura 16 - Marcas possíveis de fauna bípede ou semibípede de postura ereta



Fonte: Geoparque Bodoquena Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

De acordo com Scheffler (2016, s.n.), cabe ressaltar que “o que vemos nestas marcas, não são exatamente as pegadas dos dinossauros, são estruturas de deformação das camadas sedimentares, que acumularam minerais, formando o que chamamos de concreções”. O

pesquisador ainda acrescenta que “apenas em poucas, as marcas das patas são realmente visíveis e passíveis de uma identificação muito precária”, como ilustrado nas figuras 13 e 14.

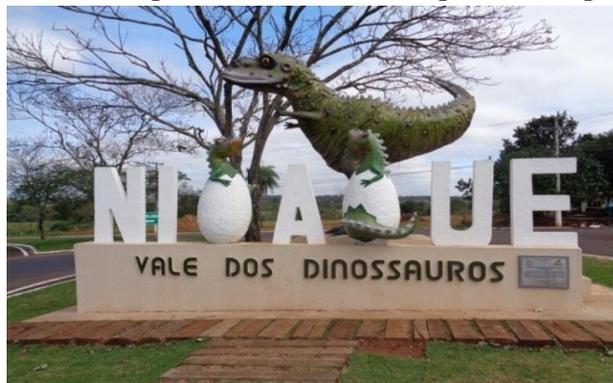
Na tentativa de tornar mais concreto para a população nioaquense o fato, que até então era desconhecido por muitos e, bastante abstrato para outros, desde a sua descoberta na década de 80 do século XX, o prefeito Gerson Garcia contratou o artista plástico João Xavier para fazer réplicas dos animais que teriam deixado as pegadas, certificando que a região no passado foi habitada por dinossauros.

Ao aceitar o desafio, o artista iniciou sua pesquisa para definir qual espécie seria representada. Assim, segundo João Xavier – o Joãozinho –, a definição foi fundamentada a partir de descobertas realizadas na Chapada dos Guimarães-MT e não nas pegadas encontradas no geossítio.

Durante entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2015, o artista explicou que teria sido encontrado o fóssil de um Abelissauro naquela região. O animal seria da mesma espécie identificada em Botucatu-SP e, também, em outros países, como Argentina e Uruguai. Ou seja, João Xavier acredita que existe grande probabilidade de as pegadas em Nioaque serem de animais desta mesma espécie dos Abelissauro, já que eles habitaram a América do Sul e tiveram existência comprovada nos estados de São Paulo e Mato Grosso. Assim, graças à proximidade com estes estados, Mato Grosso do Sul poderia compor o vasto território por eles ocupado.

Cabe ressaltar que os Abelissauros pertencem ao grupo dos Terópodes e, portanto, a conclusão do artista vai ao encontro daquela dos autores Scheffler e Silva (2007). Nas figuras 17 e 18 são ilustradas, respectivamente, a obra de João Xavier: um dinossauro Abelissauro fêmea e seus dois filhotes, deixando os ovos junto ao letreiro do município; e, a placa desse monumento explicando a que se refere o animal e suas dimensões.

Figura 17 - Abelissauro, espécie de dinossauro representada pelo artista plástico



Fonte: Cedida por RIBEIRO, Ângelo. 2014.

Figura 18 - Placa do monumento ao Vale dos Dinossauros de Nioaque-MS



Fonte: COSTA, 2015.

Nota: Trabalho de campo.

Enquanto os autores já mencionados alegam se tratar de pegadas de dinossauros, o geólogo Paulo Boggiani prefere ser mais cauteloso ao tratar do assunto. Apesar de Boggiani acreditar que o geossítio de Nioaque poderá “desenvolver a economia local e até ajudar na popularização da ciência, de maneira geral⁵⁵”, para afirmar que são pegadas de dinossauros, primeiramente, seria necessária uma pesquisa mais aprofundada na área, pois “são vestígios interessantes, mas é preciso que sejam estudados e comprovados”⁵⁶.

Quanto à área onde está localizado o geossítio, é importante destacar que já se encontra demarcada e, embora esteja no interior de uma propriedade particular, essa na realidade pertence à União. Afinal, de acordo com o Art. 20, inciso III, da CF de 05 de outubro de 1988, são bens da União “os lagos, rios e quaisquer correntes de água em terrenos de seu domínio, ou que banhem mais de um Estado, sirvam de limites com outros países, ou se estendam a território estrangeiro ou dele provenham, bem como os terrenos marginais e as praias fluviais”.

A União manifestou interesse em fazer doação do imóvel para o município de Nioaque, como tentativa de ajudá-lo, uma vez que o município pretende explorar a área através da atividade turística.

De acordo com DN-II, houve um impedimento na primeira tentativa de doação em razão da ausência de uma fundamentação detalhada da área. Deste modo, para atender as exigências feitas pelo cartório, a União tem procurado desenvolver estudos no local.

⁵⁵ Opinião veiculada pelo “Portal do MS” dia 22/07/2011. Disponível em: <<http://portaldoms.news/artigo/artigos/16389-pegadas-de-dinossauros-podem-virar-atracao-turistica-em-nioaque?imprimir=sim>>. Acesso em: 16/12/15.

⁵⁶ Idem a nota anterior.

Como o município ainda não possui a posse do terreno e preocupado com a preservação do local, esse tem buscado instituir ali uma área protegida, na categoria de Monumento Natural, pois de acordo com DN-II, a criação de uma Unidade de Conservação - UC surge como necessidade de uma proteção garantida por lei:

Porque um monumento natural?

Pra gente proteger de uma maneira mais institucional, lei, aquele negocio mais certo, do que só falar que é uma área protegida. [...] O que um monumento natural pode e o que não pode? Ele é integral, não pode haver degradação. [...] Proteção! (DN-II, 2015, informação verbal).

Essa necessidade se dá em razão do geoparque não possuir uma legislação própria para proporcionar juridicamente uma proteção ambiental. Em razão disso, esse modelo de conservação precisa respeitar as leis locais e nacionais, além de necessitar transformar os seus geossítios, aqueles que carecem de uma proteção ambiental em uma Unidade de Conservação-UC. No caso do geossítio de Nioaque, a categoria na qual ele melhor se enquadra é a de Monumento Natural.

O Monumento Natural é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral pertencente ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação - SNUC⁵⁷, definido pelo Art. 12 e § 1º, 2º e 3º da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, como:

Art. 12. O Monumento Natural tem como objetivo básico preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica.

§ 1º O Monumento Natural pode ser constituído por áreas particulares, desde que seja possível compatibilizar os objetivos da unidade com a utilização da terra e dos recursos naturais do local pelos proprietários.

§ 2º Havendo incompatibilidade entre os objetivos da área e as atividades privadas ou não havendo aquiescência do proprietário às condições propostas pelo órgão responsável pela administração da unidade para a coexistência do Monumento Natural com o uso da propriedade, a área deve ser desapropriada, de acordo com o que dispõe a lei.

§ 3º A visitação pública está sujeita às condições e restrições estabelecidas no Plano de Manejo da unidade, às normas estabelecidas pelo órgão responsável por sua administração e àquelas previstas em regulamento (BRASIL, LEI 9.985/2000).

⁵⁷ O SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – foi instituído pela Lei 9.985/2000, regulamentado parcialmente pelo Decreto 4.340/2002 e, segundo Amado (2013, p. 263), sua gestão é de responsabilidade dos órgãos: “consultivo e deliberativo: Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA; central: Ministério do Meio Ambiente – MMA; executores: Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade – ICMBIO e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, este em caráter supletivo; e, órgãos estaduais, distritais e municipais”.

O processo de doação do terreno, que até o momento é Patrimônio da União, para a prefeitura ainda encontra-se em tramitação. Sendo assim, o município de Nioaque só poderá explorar a área após o processo ser concluído.

Retomando a questão de que as pegadas estão localizadas em um local onde sua visualização está diretamente relacionada ao nível do rio, cabe mencionar o trabalho feito pelo geólogo do Geoparque Bodoquena-Pantanal.

Trata-se de um monitoramento feito a partir do uso de uma régua (figura 19) localizada na ponte do rio Nioaque à montante das pegadas a uma distância aproximada de 2.700 metros.

Figura 19 - Régua usada para monitorar a situação das pegadas em relação ao nível do rio



Fonte: Geoparque Bodoquena-Pantanal, 2015.

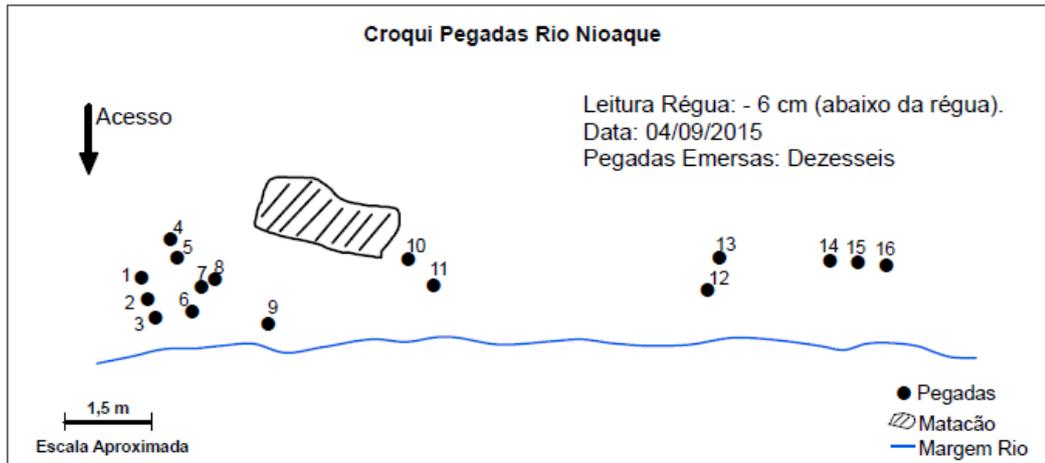
Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

O geólogo explicou⁵⁸ que o objetivo é conhecer a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas. Afinal, o acesso à régua é bastante facilitado quando comparado ao das pegadas. Foi relatado que observa-se a marcação do nível do rio na régua e, em seguida, verifica-se quantas pegadas ficaram submersas.

Esse monitoramento é representado em forma de croqui, apresentado nas figuras 20, 21, 22 e 23.

⁵⁸ Informações fornecidas via e-mail.

Figura 20 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:

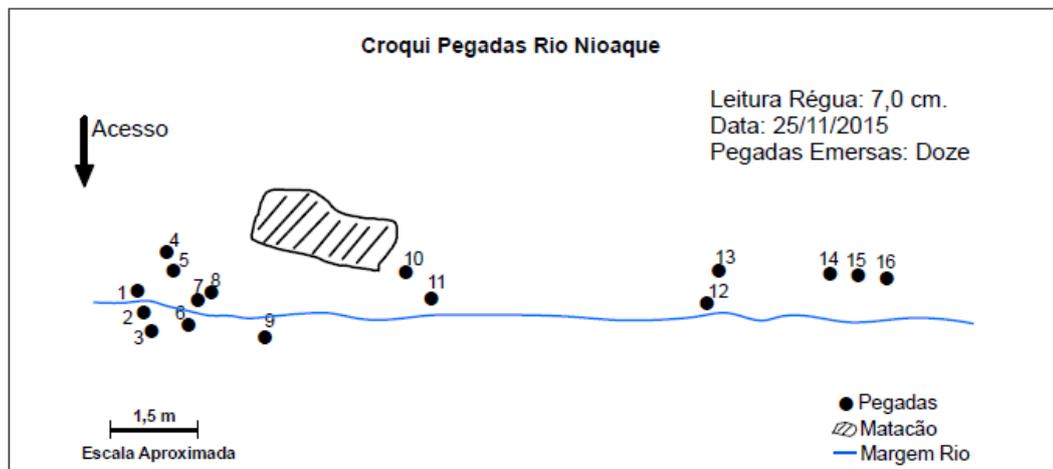


Fonte: Geoparque Bodoquena-Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

Na figura 20, observa-se que o nível do rio está 6 cm abaixo da régua. Logo, nesta situação, 16 pegadas estão aparentes. Enquanto que, na figura 21, o nível das águas alcançavam os 7 cm na régua, sendo suficiente para encobrir 4 pegadas.

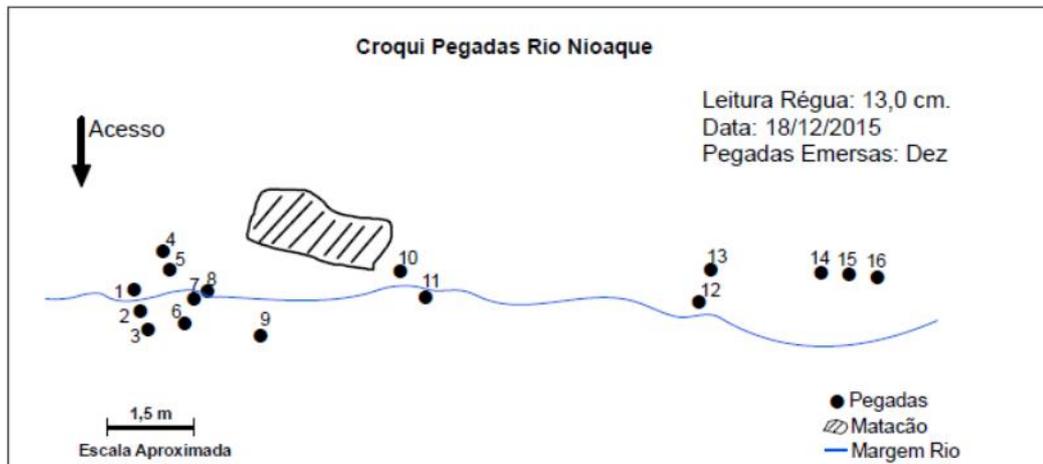
Figura 21 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:
7 cm



Fonte: Geoparque Bodoquena-Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

Figura 22 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:
13 cm

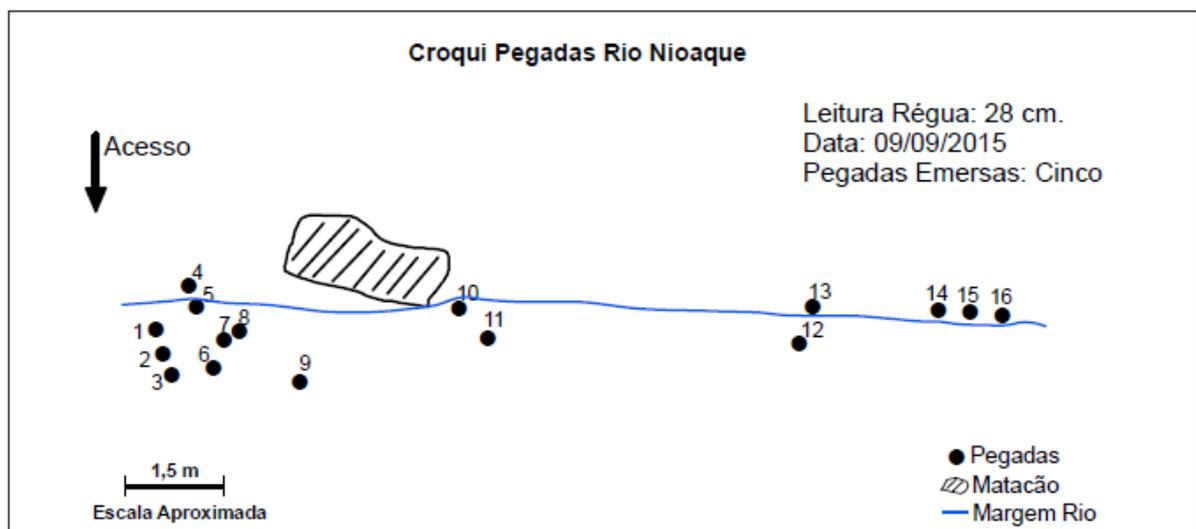


Fonte: Geoparque Bodoquena-Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

Na figura 22, ao atingir 13 cm na régua, as águas encobriam 6 pegadas. Enquanto que, na figura 23, o nível do rio já atingia altura suficiente para deixar submersas 11 delas.

Figura 23 - Croqui representando a relação entre o nível do rio e a visualização das pegadas:
28 cm



Fonte: Geoparque Bodoquena-Pantanal, 2015.

Nota: Acervo do Geoparque Bodoquena Pantanal. Figuras disponibilizadas via e-mail.

Segundo o geólogo, a partir desse monitoramento, já é possível saber como está a visibilidade das pegadas comparada ao nível do rio somente ao observar a régua.

Quando questionado sobre o objetivo desse monitoramento, o geólogo informou que serve somente para visitação do local. Não há rela o com a erosão fluvial. Entretanto, este

possível desgaste desperta preocupação entre os pesquisadores que estiveram no local e, até mesmo, entre os responsáveis pela administração municipal.

A apreensão de que as pegadas desapareçam, seja pela erosão seja pela ação antrópica, os motivaram a produzir moldes feitos em poliuretano e borracha de silicone, ilustrados pela figura seguinte.

Figura 24 - Fotos dos moldes das pegadas feito em borracha de silicone



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de campo.

Os moldes foram feitos pelo artista João Xavier que os utilizou para reproduzir as pegadas em resina (figuras 25 e 26). As réplicas estão expostas no Núcleo do Geoparque e são bastante usadas durante as palestras proferidas pelos geomonitores.

Figura 25 - Fotos das réplicas das pegadas feitas em resina



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015

Nota: Trabalho de campo.

Figura 26 - Réplica das pegadas feita em resina



Fonte: COSTA, Cecília. 2015

Nota: Trabalho de campo.

Há uma preocupação com o possível desaparecimento das pegadas, pois como afirma o entrevistado DN-I “temos medo que as pessoas que vão lá destruam as pegadas”. Na prática, observou-se que a produção dos moldes seria uma única ação concreta que garantiria o seu registro histórico, mesmo que não visasse a proteção. O DN-I (Dirigente de Nioaque- I) afirmou “[...] hoje se um vândalo for lá e destruir todas as pegadas nós já temos os moldes”.

O artista observou que não é feita uma orientação quanto à postura do visitante durante visita ao local, como também, não existe fiscalização. Isto deixa a área vulnerável a depredações. Informou ainda que, em meados de agosto de 2015, precisou cimentar a rocha da mesma forma que haviam feito Scheffler e sua equipe anteriormente. Ele relatou: “[...] há 2 meses descí lá, tem uma pegada de três dedos que estava quase acabando, então juntei as pedras, coloquei muito cimento e proteção na parte de baixo pra poder segurar porque, talvez, hoje já não existiria mais”⁵⁹.

Portanto, durante as entrevistas com os dirigentes, foi observado o forte desejo e empenho – apesar das dificuldades financeiras para estruturar tanto o núcleo quanto o acesso às pegadas – para que esse geossítio possa se tornar conhecido, transformando-se em um ponto turístico para ser explorado economicamente pelo município.

Esse fato é de grande importância para a pesquisa porque reforça o entendimento de que no mundo da sustentabilidade os discursos são impregnados de apelos à conservação, apresentados como sendo uma preocupação ambiental. Entretanto, na realidade, essa preocupação é usada para esconder que as ações voltadas à conservação ambiental são pautadas pelo egoísmo e autointeresse e que, a exemplo do Geoparque Bodoquena-Pantanal,

⁵⁹ Entrevista realizada em outubro de 2015.

sua criação é resultado de interesse político e econômico, um entrelaçado ao outro. O assunto sobre a participação do egoísmo e do autointeresse nas questões ligadas à conservação ambiental será tratado na próxima seção com uma discussão mais detalhada.

3 A CONSTRUÇÃO DO MUNDO DA SUSTENTABILIDADE E A PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO DA CONSERVAÇÃO

“[...] Mas de modo algum segue-se daí, inversamente, que o solo mais fértil é o mais apropriado para o crescimento do modo de produção capitalista. Este supõe o domínio do homem sobre a Natureza”.
Karl Marx (1996, p.142).

A relação da sociedade com a natureza foi se desenhando ao longo da história e definindo contornos diversos ligados diretamente à concepção que cada povo tem estabelecido com a natureza. No mundo ocidental moderno, a concepção predominante (aquela de recurso a ser explorado que está atrelada ao modo de produção capitalista) tem resultado em uma relação complexa, pois ao mesmo tempo em que envolve uma exploração exacerbada dos elementos naturais e uma busca por soluções para os problemas decorrentes dessa; envolve também interesses econômicos e políticos, disputa de poder e conflitos entre classes sociais.

Assim sendo, é no contexto desta complexidade que tem sido construído o chamado mundo da sustentabilidade. Nessa seção, sua abordagem dar-se-á de forma indireta através da discussão referente à “preocupação ambiental”, uma vez que dela vem a necessidade de criação dos territórios da conservação, especificados nesse trabalho pelos geoparques.

Quanto à referida preocupação, a discussão será pautada a partir da participação do egoísmo e do autointeresse humano no processo de valorização da natureza que, desde o surgimento no início do período moderno até a atualidade, não apenas têm se feito presentes, assim como vem representando o cerne dessa preocupação. Entende-se que não se podem negar as ações egoístas porque diz respeito, principalmente, a espécie humana. A participação do autointeresse representa o bem-estar físico, emocional, espiritual e financeiro; sendo que o último recebe destaque porque no modo de produção capitalista tudo é transformado em mercadoria e explorado economicamente, inclusive os próprios sentimentos.

3.1 O egoísmo e o autointeresse no processo de valorização da natureza no mundo ocidental

Assegurar quando teve início a “destruição” da natureza em nosso planeta é algo desafiador. Isto acontece porque vários fatos ocorridos ao longo da história podem representar o ponto de origem desta questão como afirma Marcel Bursztyn e Marcelo Persegona na obra

“A grande transformação ambiental – uma cronologia da dialética homem-natureza”. Para os autores, uma narrativa de tais fatos poderia ter vários inícios possíveis, como por exemplo:

Pode-se partir do *big bang* (quando tudo começou); do início das eras geológicas, há milhões de anos (quando nosso planeta registra os primeiros indícios de vida unicelular); dos vulcanismos (como o que provocou o início da separação dos continentes); das glaciações (como a que extinguiu os grandes mamíferos pré-históricos); da revolução neolítica (quando os homens começaram a se impor sobre a natureza); do princípio da civilização (quando nos sedentarizamos); ou dos tempos bíblicos da arca de Noé (possivelmente o primeiro grande desastre ecológico relatado) (BURSZTYN e PERSEGONA, 2008, p. 13).

Entretanto, apesar da relevância desses acontecimentos e de outros não mencionados onde estivesse presente a espécie humana ou não, o que mais interessa trazer para a discussão neste trabalho é a relação que a sociedade tem estabelecido com a natureza a partir do momento em que passou a concebê-la como um recurso a ser explorado. Esse entendimento colaborou para demarcar o início das maiores transformações do natural ao mesmo tempo em que, reconhecendo-as como “ameaçadoras”, cria-se mecanismos para tratar a questão. Afinal, como bem ressaltaram os autores Bursztyn e Persegona (2008), a evolução humana é contraditória, pois ao mesmo tempo em que produz meios que possibilitam um aumento na expectativa de vida e redução da mortalidade, coloca em risco sua espécie devido à forma que passou a se relacionar com os demais elementos da natureza.

Segundo Costa (2012), essa concepção de natureza como recurso é fruto de um processo que resultou da soma da interferência do poder da ciência; do surgimento do modo de produção capitalista⁶⁰; e do desenvolvimento de ideias⁶¹ como as de Nicolau Copérnico, Johannes Kepler, Galileu Galilei, Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton.

⁶⁰ Não é o objetivo dessa pesquisa fazer um resgate histórico sobre o processo de valorização da natureza. Tal discussão foi apresentada na pesquisa intitulada “A construção da concepção de natureza na fronteira de Ponta Porã/BR – Pedro Juan Caballero/PY e a produção do urbano”, disponível em: <<https://tede.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/tede/366/5/CECILIA COSTA.pdf>>, utilizada para a obtenção do título de mestra em Geografia, no ano de 2012, pela UFGD.

⁶¹ A contribuição, de forma resumida, dessas ideias refere-se à comprovação por Kepler e Galileu da teoria heliocêntrica cogitada por Copérnico, em substituição a do geocentrismo que era parte integrante da doutrina da Igreja. Como afirma Capra (1982, s.n.), Bacon foi o precursor da teoria clara do procedimento científico indutivo e que após Bacon “[...] o objetivo da ciência passou a ser aquele conhecimento que pode ser usado para dominar e controlar a natureza [...]”. Descartes, no entanto, extraiu o princípio da finalidade instituído por Aristóteles e elevou o valor da mente sobre a matéria. Deste modo, a natureza passa a ser concebida como uma máquina, regida por leis matemáticas e não fruto de ações divinas. E, por fim, segundo o autor mencionado, Newton “completa formulação

Portanto, não é resultado de uma ideia ou fato isolado. A perpetuação desse entendimento se deve ao predomínio do modo de produção capitalista, uma vez que a busca incessante pelo lucro transforma tudo em mercadoria, pois como afirmou Marx (1996, p. 29), essa é uma célula germinativa desse modo de produção.

Para Neil Smith (1988, p. 87), a “relação com a natureza é no capitalismo socialmente determinada, e não difere de nenhum modo de produção anterior. Mas difere marcadamente no conteúdo dessa determinação social e na complexidade de relação com a natureza”. No capitalismo, ultrapassa-se a questão da racionalidade própria do ser humano de sobrevivência de planejar suas ações e as suas relações de produção.

A relação contemporânea com a natureza obtém o seu caráter específico a partir das relações sociais do capitalismo. [...] A lógica da determinação social não é simples racionalização, que emerge imediatamente da necessidade de produção e consumo de valores de uso, nem mesmo na racionalização da produção para a troca. Ao contrário é uma abstração lógica que se junta à criação e acumulação do valor social, o qual determina a relação com a natureza no capitalismo (SMITH, 1988, p. 86-7).

Smith (1988) acrescenta que com o surgimento do capitalismo “pela primeira vez historicamente o crescimento econômico, sob a forma de acumulação de capital, tornou-se uma necessidade social absoluta e a ampliação contínua da **dominação da natureza** tornou-se igualmente necessária”. O autor afirma que esse modo de produção, mantido pelo capital e a sociedade burguesa, produz alterações em relação à natureza especificamente qualitativas e que, pelo fato do capitalismo ter herdado um mercado mundial, conseqüentemente “a meta do capital é a produção na natureza na escala global e não somente um crescente manejo habilidoso sobre a natureza” (SMITH, 1988, p. 102-3, grifo nosso).

Portanto, pode-se afirmar que a solidificação do modo de produção capitalista proporcionou alterações nas relações estabelecidas entre a sociedade e a natureza extremamente profundas, entendida pelos autores Keith Thomas (1988) e Clarence Glacken (1996) como sendo, até mesmo, maiores que aquelas produzidas pela influência judaico-cristã. Thomas (1988) ancora-se em Karl Marx para fazer tal afirmação:

Como notaria Karl Marx, não foi sua religião, mas o surgimento da propriedade privada e da economia monetária, o que conduziu os cristãos a explorar o mundo natural de forma que os judeus nunca fizeram; foi aquilo

matemática da concepção mecanicista da natureza e, portanto, realizou uma grandiosa síntese das obras de Copérnico e Kepler, Bacon, Galileu e Descartes”.

que ele chamou “a grande influência civilizadora do capital” que, finalmente, pôs fim à “deificação da natureza” (THOMAS, 1988, p. 29).

O autor cita o relato do dissidente inglês Thomas Tryon que, em 1680, comparou a relação que os índios norte-americanos estabeleciam com a natureza (denominadas de exigências moderadas) com aquela estabelecida pelos invasores europeus (tidas como uma apropriação implacavelmente manipulatória), concluindo que o principal responsável pela destruição ambiental, ocorrida no Canadá, eram os novos incentivos econômicos e não o cristianismo. Relata o autor:

Mas ele reconhecia que foram os novos incentivos que fizeram a diferença: foi menos a substituição do animismo pagão pelo cristianismo que a pressão do comércio internacional de peles o que levou à caça predatória e a uma destruição sem precedentes da vida selvagem canadense (THOMAS, 1988, p. 28-9).

Seguindo o mesmo entendimento, Glacken (1996, p. 186) salienta que *“las actividades humanas en los tiempos clásicos y en la Edad Media, a diferencia de las que siguieron a la revolución industrial, hicieron menos dramáticos y ciertamente menos impresionantes los cambios en el medio físico”*.

Como já mencionado, nesse modo de produção tudo é transformado em mercadoria. Como observou Karl Marx, em “O Capital”, “a riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ [...]” (MARX, 1996, p.165). Assim, partindo dessa constatação, há a possibilidade de afirmar que os geoparques, objeto de estudo desta tese, são idealizados para mercantilizar os elementos da natureza, utilizando-se do discurso predominante de apelo à conservação, presente no mundo moderno. No que se refere à mercadoria, utiliza-se do entendimento de Marx para conceituá-la.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção (MARX, 1996, p. 165).

Apesar do modelo de conservação, denominado de geoparque, ter sido idealizado na década de 90 do século XX, observa-se que alguns dos seus princípios, como uso racional e preservação para uso futuro, já se faziam presentes em séculos anteriores naquelas áreas

destinadas à proteção de elementos da natureza, na Europa. Afinal, como poderiam ser diferentes se possuíam no seu “cerne genes do capitalismo”?

Assim, mesmo em períodos de transição do modo de produção feudalista para o capitalista, observa-se que características como egoísmo, autointeresse e interesse econômico já compunham o contexto de um ideário de conservação, sendo materializado nas florestas reais e nos parques de cervos, na Europa.

Autores como Thomas (1988) e Glacken (1996), respectivamente, em suas obras, fizeram registros da ocorrência dessas áreas tanto na Inglaterra como na França, no final da Idade Média e início da Idade Moderna.

Thomas (1988) afirma que na Inglaterra essas áreas mantiveram sua essência calcada nas características mencionadas mesmo sofrendo ressignificações. Glacken corrobora com esse entendimento, descrevendo aquilo que denominou de reserva de áreas florestais para terrenos de caça, na França, mais como um capricho da realeza e nobreza que preocupação e consciência ambiental.

*La reserva de áreas forestales para terrenos de caza es un tipo de uso frecuentemente mencionado en historias modernas de la desanómia. Se argumenta que era un caso de conservación inadvertida, cuya necesidad no era comprendida, que se **debía simplemente a que el entusiasmo cinegético de reyes y nobles hacía que estos no admitieran intrusos destructores** (GLACKEN, 1996, p.310, grifo nosso).*

Segundo o autor, esse uso restrito gerou ódio contra os bosques e seus proprietários e esse sentimento teria atingido seu ápice na Revolução Francesa. Glacken (1996, p.311), sentindo necessidade de dar maior atenção a história do uso florestal, bem como da complexidade de seu uso e costume, em especial no final da Idade Média, citou exemplos para ilustrar “*la influencia de la ley o de la costumbre en la conservación o el cambio del paisaje [...]*” são eles: a *gruerie*, a *afforestation* e o *baliveau*.

O primeiro, afirma o autor, poderia ser apresentado também como *gruagium*, *danger* e suas variações. Glacken mencionou que, no entendimento de De Maulde⁶², *gruerie* teria sido o principal responsável pela conservação do bosque de Orléans durante toda a Idade Média e que sua essência era restringir aos proprietários a liberdade de exploração da floresta.

La esencia de esa práctica era que no se permitia al propietario explotar a su gusto la floresta; la explotación estaba sometida a supervisión de la autoridad central, un oficial del rey que supervisaba las ventas y las

⁶² De Maulde estudou o bosque de Orléans, na França.

operaciones implicadas en la mismas. El derecho de guerie acompañaba muchas veces al derecho de grairie, esto es, el disfrute exclusivo de derechos de subsuelo, de pastos y de caza (GLACKEN, 1996, p. 311).

Entretanto, o autor destaca que o segundo seria aquele que mais se aproximaria das motivações modernas de conservação, pois teria relação com a conservação florestal e a ganância econômica. Glacken (1996, p. 311) define *afforestation* como: “[...] ciertos espacios forestales, reservados y de acceso prohibido, eran protegidos de la devastación resultante de descuidos en el continuo ejercicio diario de usos y derechos comunes, a lo largo del período requerido para la saludable producción del bosque”.

E por último os *baliveaux*. De acordo com o autor, esse termo tem relação com o reflorestamento natural, pois se trata de jovens árvores que eram poupadas do corte, durante o desmatamento, a fim de que, posteriormente fornecendo sementes, viessem a contribuir com o processo de regeneração da flora. Glacken acredita que essa teria sido a única forma mais eficiente para o reflorestamento na época. O interessante na história dos *baliveaux* é o respeito que adquiriam, pois devido a grandiosidade, que é consequência da idade, elas se destacavam na paisagem, servindo de marcos na delimitação de propriedades, bem como emprestavam seus nomes para designar certas regiões.

[...] Muchos de ellos, especialmente en el siglo XVI, fueron famosos. Los árboles dieron nombre a ciertas regiones. Con frecuencia aquellos grandes árboles liberados quedaban en campos alejados del bosque. Tan grande era el respeto que se les tenía, tan remota se veía la posibilidad de cortarlos, que se convirtieron en mojones para delimitar las herencias, una costumbre perpetuada en Orléans y los campos vecinos, de modo que en el siglo XV estaban vigentes las mismas penas por quitar de en medio una señal de límite y por talar un árbol que tuviera aquel uso. Los árboles dejados para la reproducción natural se convirtieron en objetos bellos y documentos legales vivientes (GLACKEN, 1996. p. 312).

Outro ponto que merece atenção na obra de Glacken refere-se aos conflitos existentes entre aqueles que eram favoráveis à conservação e os que desejavam o desmatamento para o desenvolvimento de cultivos. Ou seja, esse não é um problema da atualidade. Pelo contrário, é secular! E os discursos que permeiam a temática também vem mantendo a sua essência. Nesse sentido, pode-se afirmar que esses conflitos históricos têm papel importante porque são usados como uma justificativa ideológica no processo de elaboração e disseminação do modelo de desenvolvimento sustentável. Nessa leitura e construção do mundo moderno capitalista, a sociedade teria encontrado uma “fórmula

mágica” para que, finalmente, conseguisse uma “convivência harmoniosa” entre o desenvolvimento e a preservação.

Observando os motivos distintos de tais conflitos apresentados por Glacken (1996, p. 313), percebe-se a força das características supracitadas: o egoísmo, o autointeresse e o interesse econômico. Embora o autor ressalte que não se tratava de uma conservação no sentido moderno do termo e que os conflitos estavam em uma escala local, o que desperta a atenção era a quem interessava a questão. Portanto, os grupos eram compostos de um lado pelos “*cultivadores*” e do outro pelos “*intendentes forestales*” e “*oficiales similares*”. Os monges, no entanto, poderiam estar em qualquer um dos lados. O primeiro queria o desmatamento para fazer o cultivo e, o segundo defendia o bosque porque para desempenhar seu ofício hereditário; logo, obviamente, precisaria existir áreas para serem supervisionadas. Tratava-se claramente de interesse pessoal e não uma defesa pelo ambiente preservado.

A existência de áreas arborizadas na Inglaterra, segundo Thomas, caracterizava fortemente, desde o século XIII, um aferimento de lucro e que aos poucos foi sendo conjugada com o interesse estético, o patriotismo e status social.

As árvores forneceriam tanto a lenha quanto a madeira necessária para a construção civil e naval. Assim, observa Thomas (1988, p. 238), que “a madeira era necessária para o uso e para o lucro”. A importância econômica, representadas pelas árvores, era tão presente que a partir do século XIII foram realizados muitos desmatamentos objetivando amenizar dificuldades financeiras de monarcas. Essas atividades esclarece o autor, mantiveram-se presentes até os séculos XVI e XVII.

Dentro desse contexto, também é preciso mencionar que a busca pelo lucro proporcionou a prática do plantio de árvores. Dessa forma, a atividade de reflorestamento, segundo Thomas (1988), de tão valorizada que passou a ser, provocou novas demandas de mercado, forçando o surgimento de diversos viveiros para o fornecimento das mudas.

Se o desmatamento era movido pela questão econômica, a manutenção da floresta também visava o mesmo fim e era de interesse dos pobres. Afinal, a área de floresta tanto era explorada para pastagem, como para corte de lenha. Ao desmatar prejudicaria essa população porque, primeiramente, reduziria a área explorada; e, segundo, porque se fosse feito o reflorestamento, o seu acesso seria limitado, uma vez que a técnica utilizada consistia no cercamento de determinados locais para proteção das árvores novas. Portanto, era natural tal população resistir à expansão dos cercamentos, bem como das áreas de cultivo. Thomas relata que era constante a pilhagem de lenhas destacando a importância das matas na economia doméstica dos mais desfavorecidos.

[...] As matas e sebes eram constantemente pilhadas pelos pobres, em busca de lenha. Se um homem plantava árvores num dia, queixava-se Arthur Standish em 1613, “os pobres arrancavam-nas ou as cortavam no outro, quando não na mesma noite”. Era quase impossível erguer uma cerca viva próximo a uma cidade, dizia, em 1700, Timothy Nourse, pois os pobres dos arredores a pilhariam em busca de gravetos para aquecimento nos invernos frios (THOMAS, 1988, p. 239).

Merece ser apresentado, neste contexto, o conceito de floresta do período discutido. Thomas (1988, p.240, grifo nosso), busca-o no Tratado de Manwood⁶³ e o cita “[...] (floresta) um certo território de terrenos cobertos de mata e de pastagens produtivas, privilegiado para animais selvagens e aves silvestres, de caça e de couro encontrarem descanso e abrigo, sob a segura **proteção do rei, para seu augusto gozo e prazer**”.

Portanto, esclarece o autor que não se tratava de área com vegetação densa, mas um lugar que permitia a presença de gado e cervos. Ele ainda acrescenta que floresta “[...] não era necessariamente uma mata e esta não era necessariamente uma floresta” (RICHARDSON, p. 162 citado por THOMAS, 1988, p.240). O mesmo acontecia com os parques de cervos, porém, segundo o autor, neles ainda era comum o plantio de árvores visando o abrigo dos animais, bem como a extração da madeira. Conclui-se que as florestas eram para abrigar a caça do rei, enquanto os parques de cervos eram propriedades privadas e, por isso, possuí-las significava *status* social.

O intuito de mencionar a existência e a função de tais áreas é trazer para a discussão os motivos que levam os ocidentais a instituir lugares destinados à conservação e preservação da fauna e da flora. A tentativa é trazer à luz aquilo que está oculto e instigar uma reflexão a partir do que é apresentado como justificativa para criação dessas áreas.

Nesse sentido, primeiramente é preciso compreender que a relação estabelecida pela sociedade com a natureza é pautada em atingir objetivos. Afinal, tudo o que o ser humano faz é idealizado. Existe racionalidade na ação. E nesta, está presente um interesse. Na modernidade, o interesse está alicerçado em uma estrutura capitalista, onde as necessidades a serem satisfeitas possuem características consumistas e não se restringem somente à sobrevivência (alimentar, abrigo, proteção). Elas se estendem por um universo complexo que sempre parecerá inatingível e insaciável.

No jogo de interesse em questão, torna-se questionável o caráter benevolente no tocante à preocupação ambiental, pois essa somente dar-se-á, caso seja conveniente e, quando

⁶³ Manwood, Lawes of the Forrest, fol. I.

ela aparece, o interesse econômico está embutido. Como prova disso, citam-se exemplos de atitudes que, aparentemente, referiam-se a uma mudança no tratamento e sentimento estabelecido com animais ao longo do período moderno, apresentados por Thomas. Primeiramente, esclarece o autor:

O amor aos animais não costumava ir tão longe a ponto a de ameaçar os interesses humanos. Não é coincidência que muito da campanha dissesse respeito ao tratamento dos animais domésticos de quem a sociedade dependia economicamente, e em cujo caso a convergência entre caridade e autointeresse mais se evidenciava (THOMAS, 1988, p.225).

Com aspecto de sentimento de amor devido serem criaturas de Deus, o autor apresenta a observação feita em 1607 por Edward Topsell, alegando que as ovelhas não eram amadas por esse motivo, mas porque eram úteis e aproveitáveis para o ser humano. As diferenças nos métodos utilizados para amansar cavalos eram também notórias. Aqueles que possuíam *pedigree* recebiam tratamento mais humano, pois o tempo usado era recompensado financeiramente. Até mesmo, a manifestação em favor da criação de animais em condições ambientais mais salubres não escapou do egoísmo ou autointeresse. O autor destaca esta situação ao citar os verdadeiros motivos que levaram à mudança nos moldes da criação de porcos. Thomas (1988) relata que, através da observação da fragilidade, coloração e diminuição no tamanho do fígado dos animais, ficou concluído quão mais saudável era para os porcos e, conseqüentemente para os seres humanos, que aqueles fossem criados soltos, ao ar livre, com comida e limpeza adequada e proteção contra as intempéries do tempo. A indicação de um abate rápido também fazia parte dos cuidados para se ter uma carne de boa qualidade.

No tocante à legislação referente à crueldade com os animais, Thomas (1988, p. 226, grifo do autor) lembrou ainda que essa foi elaborada seguindo o viés egoísta, pois a exemplo da “primeira peça moderna de legislação sobre o tema, a lei de 1641 do Massachusetts puritano, proibindo ‘a tirania ou crueldade para com toda criatura bruta **que seja geralmente mantida para uso do homem**’”, ficando de fora as demais.

Trazendo a questão do egoísmo – ou autointeresse, como é usado por Thomas (1988) – para a atualidade, pode-se tomar como exemplo a própria denominação de “problema ambiental” – no momento muito utilizada na sociedade e tratado em outro trabalho, publicado

em 2012⁶⁴. Compreende-se que ocorre um erro na denominação e para corrigi-lo é preciso alterar o adjetivo “ambiental” para “social”. Isso ocorre em razão de que esses problemas só existem porque dizem respeito diretamente ao ser humano já que de alguma forma ameaça a manutenção da espécie. Portanto, não existe “problema ambiental”, o que existe é “problema social”.

O uso da denominação “problema ambiental”, conforme abordado em 2012, possui uma carga ideológica que visa convencer a sociedade que o planeta está em risco e todos são responsáveis. Agindo assim, evita despertar um possível sentimento de revolta e indignação dos cidadãos que são afetados diretamente por esses problemas. Naquele momento concluiu-se que alterar o adjetivo (ambiental para social) não significa negar a existência de danos provocados pela relação que essa sociedade tem estabelecido com os demais elementos da natureza, mas compreender que, os referidos problemas ambientais só permanecerão assim reconhecidos enquanto forem um problema para o ser humano.

No que se refere a riscos ao planeta, é importante resgatar a observação feita por Drummond (2007) sobre a insignificância humana perante a perpetuação dos ciclos, surgimento do próprio planeta, das formas de vida ou extinção dessa. Afinal, como salienta o autor:

O próprio surgimento das primeiras formas de vida só ocorreu tardiamente em relação à aparição física do planeta e dos seus componentes abióticos, e desde então a vida nunca parou de mudar. Ou seja, a própria vida faz parte dessa história de mudanças e de continuidades. Essa história natural é movida por forças que nada têm a ver com a cultura humana (cuja aparição se deu há pouquíssimos segundos no relógio do tempo geológico). Essas forças continuam a atuar juntamente com a cultura humana e por cima dela, quando esta finalmente faz a sua tardia aparição (DRUMMOND, 2007, p. 105).

Portanto, é muita ousadia humana achar que os problemas são ambientais. Bem como, sentir-se superior em um cenário que pode, perfeitamente, seguir o espetáculo sem a sua atuação. Talvez, parta disso o comportamento egoísta frente aos demais elementos naturais.

O caráter egoísta dos interesses humanos pode tanto se apresentar estando envolto por aparentes sentimentos de solidariedade e respeito aos elementos naturais quanto de forma expressa. Quando a forma ocupada é a segunda, essa não causa repulsa porque a religião

⁶⁴ Refere-se ao trabalho realizado no Mestrado em Geografia e concluído no ano de 2012. O trabalho está disponível em: <<https://tede.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/tede/366/5/CECILIACOSTA.pdf>>.

judaico-cristã, a partir do mito da criação, fornece fundamentos para justificar o seu lugar privilegiado na natureza.

Segundo os autores Thomas (1988) e Glacken (1996), o mito da criação gerou o pensamento da superioridade humana porque produziu o entendimento de que o ser humano é, dentre as criações divinas, o único feito a imagem e semelhança de Deus. Logo, isso o torna especial perante tudo que o cerca.

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão".

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Deus os abençoou e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra".

Disse Deus: "Eis que dou a vocês todas as plantas que nascem em toda a terra e produzem sementes, e todas as árvores que dão frutos com sementes. Elas servirão de alimento para vocês.

E dou todos os vegetais como alimento a tudo o que tem em si fôlego de vida: a todos os grandes animais da terra, a todas as aves do céu e a todas as criaturas que se movem rente ao chão". E assim foi (GÊNESIS, I, 26-30).

O ser humano teria recebido de Deus autoridade para dominar um paraíso – o Jardim do Éden, no qual, segundo Thomas (1988, p. 22), “homem e bestas conviveram pacificamente. Os homens provavelmente não eram carnívoros e os animais eram mansos”. Porém, após ter desobedecido uma ordem de Deus, o homem foi expulso do paraíso, perdeu o domínio fácil sobre os demais elementos da natureza passando a sofrer para obter sustento. Segundo Thomas (1988) e Glacken (1996), na teologia, a desobediência do homem a Deus teria dado origem ao trabalho⁶⁵.

E ao homem declarou:

"Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual ordenei a você que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra, visto que dela foi tirado; porque você é pó, e ao pó voltará (GÊNESIS, III,17-19).

⁶⁵ Glacken (1996) observa que embora exista essa explicação teológica para a origem do trabalho, o entendimento desse como sendo algo relacionado ao sofrimento ou punição não é unânime, pois muitos exegetas cristãos o defenderam como algo prazeroso/agradável.

Na história narrada no livro de Gênesis, os descendentes de Adão também contrariaram a vontade de Deus a ponto de fazê-lo arrepender-se de sua criação. Através do dilúvio, Ele teria extinguido a vida na terra, salvando apenas Noé com sua família e um casal de cada espécie de animais. O dilúvio marca o fim do castigo humano e o recomeço de sua autoridade através de uma aliança firmada com Deus.

Deus abençoou Noé e seus filhos, dizendo-lhes: "Sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra.

Todos os animais da terra tremerão de medo diante de vocês: os animais selvagens, as aves do céu, as criaturas que se movem rente ao chão e os peixes do mar; eles estão entregues em suas mãos.

Tudo o que vive e se move servirá de alimento para vocês. Assim como dei a vocês os vegetais, agora dou todas as coisas (GÊNESIS, IX, 1-3).

No contexto da autoridade dada ao homem, merece ser mencionado o poder para atribuir nome a cada ser vivo, descrito no Gênesis.

Depois que formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, **o Senhor Deus os trouxe ao homem para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o seu nome.**

Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens (GÊNESIS, II, 19-20, grifo nosso).

A abordagem desse ponto é devido ao seu significado produzido na sociedade. Fazendo uso das características fisiológicas, própria da espécie⁶⁶, o ser humano não só nomeou os seres vivos, mas a todos os elementos da natureza, inclusive conferindo-lhes importância e valor, bem como, sentenciando o que merece ser preservado ou não. Segundo Thomas (1988, p. 62), é feita uma ordenação e classificação baseada na percepção que se tem da natureza. Logo, toda a massa de fenômenos ocorrida ao seu redor só é compreensível para si. Desta mesma maneira, a discussão de natureza só faz sentido e só interessa ao ser humano, porque o homem está na natureza e é ele quem dá sentido e agrega uso a ela. Drummond (2007) também contribui com a discussão, acrescentando:

[...] a recém- surgida cultura humana é capaz de afetar e até de modificar a natureza, tanto por intervenções físicas, químicas e biológicas, quanto pela construção de símbolos e significados sobre ela. O fato de darmos nomes aos componentes naturais, de arguirmos a sua beleza (ou feiura), ou de descobirmos a sua utilidade ou inutilidade, é um vetor de interação entre cultura e natureza e de influência mútuas [...] (DRUMMOND, 2007, p. 105).

⁶⁶ Não se pretende, neste trabalho, apresentar discussão sobre características que diferem os seres humanos de outros animais. Claude Lévi-Strauss, Karl Marx, Friederich Engels e Keith Thomas são exemplos de autores que tratam tal questão e merecem ser consultados.

Quando a abordagem é referente à religião, fica difícil ignorar a existência do antropocentrismo imbricado na sociedade ocidental. Afinal, esse estará presente nos argumentos religiosos tanto para elucidar a superioridade humana quanto até mesmo para explicar a origem da própria religião na teoria de Feuerbach, analisada por Schütz (2001). Para Feuerbach, a religião é uma invenção humana. Portanto, não foi o homem que teria sido feito a imagem e semelhança de Deus e, sim, Deus uma criação do homem, por isso todos os atributos divinos são atributos humanos.

Schütz (2001, p. 13), analisando fundamentalmente a obra “A Essência do Cristianismo” de Ludwig Feuerbach, explica que – para o autor – “o ser humano não podia pensar, sentir ou conceber algo para além de suas possibilidades inatas, ou seja, que ser e consciência coincidiam, buscou mostrar que a própria ideia de Deus só era possível porque no homem existiam as qualidades atribuídas a Deus”. Deste modo, Feuerbach concluiu que por serem os atributos divinos os atributos humanos, Deus seria ilusão e que a religião é um engano.

Tomando como base a obra dos autores Schütz (2001), Thomas (1988), Glacken (1996) e Chaui (2000), é possível afirmar que o egoísmo humano, frisado ao longo desta tese, principalmente no que se refere à relação estabelecida com os demais elementos da natureza, é uma característica da cultura ocidental.

Sobre essa cultura, Schütz (2001, p. 12) esclarece sucintamente que é o resultado da fusão de pelo menos duas culturas humanas, sendo “aquela que teve sua expressão mais explícita na Grécia Clássica e aquela que surgiu com a religião cristã e de suas raízes judaicas”. Segundo o autor, dessa fusão surge como o resultado mais atualizado “um modo de organização social, explicitado há alguns séculos atrás, e que, genericamente, denominamos capitalismo”.

Desta forma, é possível dizer que não se pode isolar a religião da sociedade ocidental, pois aquela está imbricada nessa. Entretanto, no tocante à influência da religião no processo de construção de uma concepção de natureza e sua interferência nas relações estabelecidas entre a sociedade/natureza, é preciso estar claro que ela alcança seu ápice durante o Período Medieval, iniciando um declínio no início do Período Moderno. Dividindo espaço com a ciência e seus frutos, a religião foi sendo ofuscada, mas não perdeu a sua essência, que – segundo Feuerbach – é a alienação. Schütz (2001, p.176) destaca que [...] “a religião é sempre e, ao mesmo tempo, expressão dos desejos e potencialidades humanas, mas também alienação do ser humano”. Corroborando com a discussão, Chaui (2000, p. 395)

apresenta a célebre frase de Marx “a religião é o ópio do povo” e a analisa. A autora assegura que Marx, considerando a teoria de Feuerbach, buscou apresentar como a ideologia, disseminada pela religião, é usada pela classe dominante para manutenção do *status quo*.

Com essa afirmação, Marx pretende mostrar que a religião – referindo-se ao judaísmo, ao cristianismo e ao islamismo, isto é, às religiões da salvação – amortece a combatividade dos oprimidos e explorados, porque lhes promete uma vida futura feliz. Na esperança de felicidade e justiça **no outro mundo**, os despossuídos, explorados e humilhados deixam de combater as causas de suas misérias neste mundo (CHAUI, 2000, p. 395, grifos do autor).

Diante do exposto, retoma-se a discussão sobre o principal responsável pelos danos aos elementos naturais. Isto é feito com o intuito de reforçar a atribuição dessa ao capitalismo. Ao mesmo tempo, pretende-se frisar a participação tida pela religião, que mesmo não mantendo força constante, permaneceu presente fazendo sua parte na elaboração do discurso oportuno para cada fase vivida pelo modo de produção vigente.

Portanto, como observou Glacken, a interferência religiosa está historicamente associada tanto nas transformações que resultaram em danos à natureza quanto na própria construção de uma preocupação com a conservação e preservação ambiental.

La idea de la administración ha tenido un interesante papel en la historia del pensamiento cristiano, en relación con las otras formas de vida incluso con la naturaleza inanimada; en años recientes se ha invocado también a menudo em los alegatos para la conservación y protección de la naturaleza, vinculando estrechamente la administración con la responsabilidad que um residente temporal em la tierra tiene hacia la posteridad (GLACKEN, 1996, p. 167, grifo nosso).

É preciso ressaltar que não é objetivo desta tese fazer discussão sobre religião. Entretanto, foi preciso abordá-la, mesmo sem ter pretensão de esgotar o assunto, porque ignorar o papel da religião em uma discussão sobre superioridade humana e egoísmo, deixá-la deficiente.

Dando continuidade ao entendimento de que o egoísmo humano é o motivador da preocupação ambiental, passa-se a analisá-lo nas causas que conduziram ao processo da volta à natureza. Afinal, é comum e pertinente que essas discussões sigam o viés dos problemas produzidos pelo modo de produção capitalista para explicar a causa, bem como apresentar a necessidade da busca pelo natural como alternativa para atenuar tais problemas. Contudo, o egoísmo presente no processo não recebe destaque.

O significado negativo que a vida no campo expressava foi mantido por séculos. De acordo com Thomas (1988, p. 290), desde a Renascença “a cidade fora sinônimo de civilidade, o campo de rudeza e rusticidade”. Assim, era preciso viver na cidade para ser civilizado, pois “era o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação. Era a arena da satisfação do homem”. A cidade também expressava segurança e lugar de “empreendimento propriamente humano”. Smith (1988), seguindo o mesmo entendimento, acrescenta:

O sertão é a antítese da civilização; ele é estéril, terrível, até mesmo sinistro, não tanto por ser a morada do selvagem, mas por ser seu *habitat* “natural”. O natural e o selvagem eram uma coisa só; eles eram obstáculos a serem vencidos na marcha do progresso e da civilização (SMITH, 1988, p. 37).

Da mesma forma, Carvalho (2001, p. 40) contribui ao reforçar que a concepção de “civilidade e cultura era construída como pólo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso, razão”.

Porém, bastou haver o crescimento das cidades, trazendo consigo suas mazelas, para que um novo olhar fosse lançado e fosse fixado sobre o campo. Como salienta Smith (1988, p. 37): “a valorização da natureza selvagem começou nas cidades” e foi iniciada pela nobreza e cidadãos com maior poder aquisitivo.

Segundo Thomas (1988), os registros da nobreza dividindo sua moradia entre campo e cidade antecedem o Período Moderno. Já no século XII, esse hábito da nobreza também despertou nos moradores ricos das grandes cidades vontade de possuir uma propriedade rural e, ao chegar o final do Período Medieval, esses cidadãos já estavam familiarizados com o fato de ter uma casa de verão.

Uma questão importante para ser destacada é referente ao padrão que essas casas de campo possuíam. Thomas observou que não se tratavam de cabanas rurais, mas de grandiosas mansões que buscavam manter o padrão de civilidade urbana, ou seja, essas pessoas ansiavam em usufruir da qualidade de vida proporcionada por morar no campo (ar puro, tranquilidade e contato com elementos naturais), mas sem abrir mão de ter conforto e sofisticação.

Em 1772, a rainha Carlota erigiu sua cabana nas matas em Kew; e, em fins do século XVIII, muitas “pessoas de fortuna” condescenderiam em passar um fim de semana ou outro numa “cabana ornamental”, geralmente construída com esse propósito e equipada com um grau de luxo completamente desconhecido do habitante comum do campo (THOMAS, 1988, p. 296).

Tal comportamento não se restringe a esse período histórico; pelo contrário, ele tem sobrevivido e, na atualidade, tem pautado os projetos turísticos que buscam oferecer uma fuga do urbano. Rodrigues salienta ([199-], p.59) que, neste caso, o grau do luxo e sofisticação irá variar dos “tipos’ de turismo e de turistas” e seu poder aquisitivo. No entanto, o que todos eles têm em comum é que, ao mesmo tempo em que procuram pelo “natural”, não dispensam uma infraestrutura moderna que lhes conferem segurança, comodidade e conforto.

O desejo de possuir uma “casa de verão” foi ganhando cada vez mais adeptos. Destaca Thomas (1988) que, em Londres, já no início do Período Moderno, os moradores mais abastados, a exemplo de alguns comerciantes, optaram por morar no campo durante o verão e se deslocarem diariamente até a cidade para cuidarem de seus negócios, uma vez que no campo encontrariam um ambiente muito mais propício para saúde e sossego, com direito a terem um maior jardim e pomares.

Para aqueles que não queriam ou não poderiam deixar a cidade em algum momento do ano, a fuga poderia se dar durante os finais de semana. Neste caso, salienta o autor que o uso do coche⁶⁷ teve papel importante no destacado momento histórico.

A nobreza iniciou esse movimento de ir e vir da cidade para o campo porque algo os incomodava na cidade. Mas, afinal, do que fugiam?

Analisando a obra de Thomas fica claro que o desejo – nascido na nobreza, estendido para os moradores de maior de poder aquisitivo e, até mesmo, chegando aos mais simples e humildes – estava relacionado diretamente aos problemas que surgiram e cresceram com as cidades.

Segundo Thomas (1988, p. 291), há relatos de descontentamento com a qualidade do ar em Londres já no século XIII e que, nos tempos elisabetanos⁶⁸, o carvão seria o grande responsável pela poluição atmosférica porque esse possuía “o dobro de enxofre do produto usado hoje em dia; seus efeitos eram proporcionalmente letais. A fumaça escurecia o ar, sujava as roupas, acabava com as cortinas, matava flores e árvores, e corroía a estrutura dos prédios”.

⁶⁷ O autor relata um fato ocorrido em 1667 referente a uma discussão doméstica que o casal avaliou ser mais vantajoso comprar um coche, ao invés de uma casa no campo, porque além de se isentarem das despesas e responsabilidades para mantê-la, o coche lhes daria liberdade para conhecer um lugar diferente a cada final de semana.

⁶⁸ Período correspondente a 1558 – 1603.

À medida em que o tempo passava, os problemas se agravavam. Assim, no século XVIII, as cidades da Inglaterra proporcionavam registros de um ambiente poluído, propenso à proliferação de doenças, nada agradável aos sentidos (olfato, audição e visão). O autor relata:

Sujeira no ar era o mesmo que sujeira nas ruas; e no verão as nuvens de poeira levantadas pelas rodas do tráfego sufocavam os passantes e tornavam difícil andar com os olhos abertos. Igualmente nociva era a poluição causada pelos gases e detritos gerados com a fermentação da cerveja, a tintura de roupas, a fabricação de goma e de tijolos, e todas as outras indústrias instaladas no meio da cidade (THOMAS, 1988, p. 292).

Verificando a obra de Friedrich Engels, intitulada “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” - em uma análise que se deu entre o período de 1760 a 1860 -, observa-se que tanto Londres quanto as grandes cidades industriais eram compostas em sua maioria por operários⁶⁹, ou seja, por população pobre a miserável. Assim, mesmo havendo as áreas nobres, aquelas destinadas aos operários dominavam a paisagem, em algumas cidades. Denominados pelo autor como “bairros de má fama”, essas áreas caracterizavam-se:

[...] habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias – onde, ademais, quando faz bom tempo, as ruas servem aos varais que, estendidos de uma casa a outra, são usados para secar a roupa (ENGELS, 2010, p. 70).

Engels (2010, p.71) esclarece ainda que a pobreza não se restringia aos referidos bairros e que aquelas habitações, nada parecidas como sendo humanas, poderiam estar também localizadas “próximos dos suntuosos palácios dos ricos”. Portanto, como noticiou *The Times*, de 12 de outubro de 1843, transcrito pelo autor, a pobreza – assim com as doenças – não respeitava fronteiras e invadia o território da alegria, do luxo e do moderno. Segue fragmento do relato:

⁶⁹ De acordo com autor, a classe operária não possuía homogêneas condições de vida. Ela estaria dividida entre os que “no melhor dos casos, uma existência momentaneamente suportável – para um trabalho duro, um salário razoável, uma habitação decente e uma alimentação passável (do ponto de vista do operário, é evidente, isso é bom e tolerável); no pior dos casos, a miséria extrema – que pode ir da falta de teto à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior que do melhor dos casos. E essa escala não se compõe de categorias fixas, que nos permitiriam dizer que esta fração da classe operária vive bem, aquela mal [...], a situação dos operários no interior de cada segmento é tão instável que qualquer trabalhador pode ter de percorrer todos os degraus da escala, do modesto conforto à privação extrema [...]” (ENGELS, 2010, p. 116).

Nossa seção policial publicada ontem indica que dormem nos jardins, todas as noites, cerca de cinquenta pessoas, sem outra proteção contra as intempéries que árvores e tocas escavadas em muros. Em sua maioria, são moças que, seduzidas por soldados, vieram do campo e, abandonadas neste vasto mundo à degradação de uma miséria sem esperança, tornaram-se vítimas inconscientes e precoces do vício.

Na realidade, isso é assustador. Os pobres estão em toda parte. Por toda parte, a indigência avança e insere-se, com toda a sua monstruosidade, no coração de uma grande e florescente cidade. Nos milhares de becos e vielas de uma populosa metrópole sempre haverá – dói dizê-lo – muita miséria que fere o olhar e muita que nunca será vista.

Mas é assustador que, **no próprio recinto da riqueza, da alegria e da elegância, junto à grandeza real de St. James, nas proximidades do esplêndido palácio de Bayswater, onde se encontram o velho e o novo bairros aristocráticos, numa área da cidade onde o requinte da arquitetura moderna prudentemente impediu que se construísse qualquer moradia para a pobreza numa área que parece consagrada ao desfrute da riqueza, é assustador que exatamente aí venham instalar-se a fome e a miséria, a doença e o vício, com todo o seu cortejo de horrores, destruindo um corpo atrás de outro, uma alma atrás de outra!** (*THE TIMES*, 12 de outubro de 1843, citado por ENGELS, 2010, p.75-6, grifo nosso).

Diante desses fatos, não é difícil entender o porquê de não só a nobreza, mas toda uma classe dominante ter sido motivada a procurar pelo campo. Por mais que pudesse usufruir daquilo que era entendido como sendo as maravilhas do urbano e que procurasse criar uma área que “negasse” a pobreza e a miséria, determinados fatos a convidava a viver uma indesejável realidade. O dinheiro não era capaz de isentá-la de problemas como: o da fumaça que, como já citado, corroía as casas e utensílios e comprometia os pulmões; dos gases tóxicos; dos odores desagradáveis; da poluição visual; e das epidemias provindas daquele propício ambiente (os bairros operários). Esse último problema pode ser confirmado através da citação, feita por Engels, de parte de um relatório da assembleia de cidadãos de Huddersfield⁷⁰, transcrita a seguir:

É notório que, em Huddersfield, ruas inteiras e muitas ruelas e pátios estão desprovidos de pavimentação, esgotos e outras formas de escoamento; aí se acumulam detritos, sujeira e imundícies, que apodrecem e fermentam, e por quase todo lado a água estagnada forma charcos; em consequência, as habitações contíguas são necessariamente sujas e insalubres, originando doenças que ameaçam a saúde de toda a cidade (ENGELS, 2010, p.84).

⁷⁰ Huddersfield: cidade industrial, que constituiu uma comissão de moradores para inspecionar a cidade, publicando seu relatório “no n. 352, de 10 de agosto de 1844, do *Northern Star*” (ENGELS, 2010, p. 84).

Apesar de todo caos instaurado nas cidades, não era interesse da classe dominante procurar resolver os problemas mencionados porque eles eram um produto indesejável⁷¹ gerado pelos seus meios de produção. Alterá-los significava romper com uma forma exploratória de mão-de-obra responsável pela geração de toda pobreza e miséria. Portanto, a fuga para o campo era uma opção interessante, pois não comprometeria seus lucros e, ainda, proporcionaria uma maior qualidade de vida. Afinal, como afirmou Engels (2010, p. 307): “desconheço uma classe tão profundamente imoral, tão incuravelmente corrupta, tão incapaz de avançar para além do seu medular egoísmo como a burguesia inglesa⁷² [...]”. Consequentemente, o processo da volta à natureza não se deu por amor ou encantamento aos elementos dessa, mas por conveniência e egoísmo de uma classe.

Assim, se mesmo para esses que usufruíam o melhor que a cidade poderia lhes oferecer em algum momento surgia o desejo de afastar-se de tal ambiente, imagina aqueles que viviam imersos a tudo de ruim que ali existia. Thomas (1988, p. 296) relata que “mesmo quem era pobre demais para se permitir a cabana de final de semana ainda olhava para o campo em busca de ocasional refrigério”.

No que se refere ao campo, existem alguns pontos que merecem atenção. O primeiro é a valorização das áreas cultivadas em detrimento daquelas não transformadas pelo homem durante os séculos anteriores a Revolução Industrial. Pois, assim como as cidades, as áreas submetidas ao trabalho humano também representavam civilização, cultura e progresso.

Entretanto, a partir do momento em que se ampliaram as áreas de cultivos, reduzindo drasticamente a paisagem não transformada, passa-se a proliferar um novo entendimento. Desde então, Thomas (1988) destacou que os pântanos não precisavam mais de drenagem para serem aceitos; as montanhas deixaram de ser odiadas, entendidas como deformidades (verrugas, furúnculos) e passaram a ser fonte de inspiração, meditação e contemplação; e, até mesmo, seus moradores, antes tidos como bárbaros, passaram a ser admirados pela simplicidade e inocência.

Outro ponto diz respeito à necessidade que o ser humano tem de buscar estabelecer domínio sobre os demais elementos da natureza, o que reforça o egoísmo e o autointeresse. Este último contempla tanto o seu bem estar físico e espiritual quanto o lado econômico –

⁷¹ De acordo com Rodrigues ([199-], p. 63), o modo industrial de produzir mercadorias é contraditório porque tanto produz mercadorias e territórios desejáveis e vendáveis, quanto as mercadorias e territórios indesejáveis e invendáveis.

⁷² O autor esclarece que ao se referir, nesse caso, a burguesia, estava incluindo também a aristocracia, em razão dessa ser “detentora de privilégios, em face da burguesia” (ENGELS, 2010, p. 307).

presentes nas questões ligadas à relação sociedade/natureza. Na afirmação de Descartes, está evidente a importância do domínio humano nas relações mantidas com os elementos naturais.

[...] conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e todos os outros corpos que nos rodeiam, tão distintamente como conhecemos os diversos ofícios de nossos artesãos, poderíamos empregá-los do mesmo modo em todos os usos a que são adequados e **assim nos tornarmos como que senhores e possesores da natureza** (DESCARTES, 1996, p. 69, grifos nosso).

Através da ciência e da tecnologia, o ser humano tem conseguido avançar na sua procura pela desmistificação da natureza, no desvendar de seus segredos⁷³ e, assim, alcançar certo domínio⁷⁴. Essa questão é importante no processo da “volta à natureza” porque interfere no sentimento tido pelos demais elementos naturais. Ora, se existe o domínio da situação; não há o que temer, não há motivos para odiar. E, assim, torna-se possível usufruí-los de outras formas, podendo citar, como exemplo, as montanhas. Atribuindo outros fins, elas podem ser usadas como um ótimo mirante para apreciar a paisagem; como um lugar para meditação; para respirar ar puro; e, praticar esportes.

É importante notar que todas as opções apontadas estão relacionadas ao bem-estar, satisfação e realização humana. É claro que, neste exemplo, ainda existe outro fator motivador, potencializando a disseminação de um novo olhar e utilidade aos elementos naturais – o econômico.

Considerando que os fatores contribuintes para a produção de novos sentimentos têm alicerces na Revolução Industrial, momento de ascensão do modo de produção capitalista, é notório que fosse fomentada a diversificação das atividades econômicas e, neste caso específico, da atividade turística⁷⁵ que, como afirma Paes-Luchiari (2007, p. 112), “é nesse

⁷³ Rodrigues ([199-], p. 11) salienta que embora fossem escalas de análise e representação diferentes das utilizadas nas pesquisas na atualidade, a preocupação em conhecer a natureza visando seu domínio remontam “o período da antiguidade clássica em toda parte do mundo habitado”. A autora ainda acrescenta que “desde a Grécia antiga há notícias de levantamentos realizados em áreas distantes, como as que Hérodoto realizou preocupado com a descrição dos lugares, Tales e Aniximandro com as medições e a discussão sobre a forma da Terra”.

⁷⁴ É importante ressaltar que Smith (1988), amparado em Engels, afirma que o domínio humano tem conotação de controle e, nesse sentido, adverte para que não se comemore tanto as vitórias perante a relação com os elementos naturais. Afinal, tais vitórias podem ser acompanhadas de uma vingança. O autor também questiona de forma sábia a quem interessa o controle em uma sociedade capitalista.

⁷⁵ Ao fazer a leitura do artigo de Slavoj Žižek (2017), publicado na revista eletrônica “Caros amigos”, no dia 10 de março de 2017, intitulado “Reciclagem, comidas orgânicas, andar de bicicleta... não é assim que nós salvaremos o planeta”, teve-se a impressão que tratava-se de um texto referente aos problemas das cidades durante a Revolução Industrial e o processo da “volta à natureza”. O autor relatava que em dezembro de 2016 “milhares de cidadãos chineses asfixiados pela poluição

período que a concepção contemporânea de turismo toma forma”. A “volta à natureza” passou a representar lucro para o guia turístico, para donos de hospedaria, vendas de cerveja e de refeição. A valorização da paisagem seria ainda explorada através da venda de desenhos e gravuras.

No correr do século XVIII a paixão pelo cenário montanhoso tomou conta do público que gostava de viajar. Pela década de 1760, não eram poucos os visitantes no Distrito dos Lagos, na Vale do Wye, na Snowdonia e nas Highlands escocesas em busca de efeitos cênicos excitantes. Quando John Byng escalou a Cader Idris em 1784, foi acompanhado por um guia que trazia turistas à montanha havia quarenta anos; em 1800, Coleridge podia queixar-se de que os lagos ferviam de turistas durante um terço do ano. [...] E quem permanecia em casa podia comprar desenhos e gravuras de cenários de montanha, reproduzidos em abundância a partir de meados do século (THOMAS, 1988, p. 309).

O ir e vir que, a princípio, se restringia à classe dominante era proporcionado, segundo Thomas (1988, p. 310), pelo aumento das estradas de pedágio⁷⁶, de “melhores cavalos, mais mapas e postes de sinalização”. E assim, retornando ao exemplo das montanhas, de acordo com o autor, teriam duas explicações possíveis para o aumento do número de visitantes: a) porque se tornaram mais acessíveis e “um pouco menos perigosas de escalar”; e, b) que o conforto da modernidade tornara a vida muito monótona para aquela parcela da população e que, por isso, ocasionalmente, viver a aventura de uma escalada era uma opção interessante.

Portanto, concorda-se com Carvalho (2001, p. 46) que os novos sentimentos frente aos elementos naturais caracterizavam “uma sensibilidade burguesa”. Além de estarem ligadas ao econômico, também estavam ligadas ao intelectual. Thomas (1988, p. 314) corrobora ao afirmar que, no século XVIII, as novas sensibilidades estavam relacionadas à sofisticação porque refletiam a “aspiração altamente literária”, não acessível a toda

atmosférica tiveram que se refugiar no campo na esperança de nele encontrar uma atmosfera mais respirável, [...] os transeuntes equipados com máscaras de gás circulavam em uma fumaça sinistra que cobria as ruas como uma coberta”. Assim, além da semelhança entre os cenários (atual e o das cidades da Inglaterra durante a Revolução Industrial), está a divisão de classes sociais, onde o trabalhador fica preso no ambiente poluído, enquanto os detentores do capital fogem para o campo, buscam por ar respirável. E, por fim, como tudo isso ocorre dentro do mesmo modo de produção, o caos naturalmente também foi transformado em mercadoria. Afinal, da mesma forma que aumentou a procura pelas máscaras de gás (item obrigatório para aqueles que permaneceram nas cidades), remédios, produtos e serviços que tivessem ligação com o problema, aumentou o lucro das agências de viagem, pois como destacou o autor, “uma escapada para o campo se tornou um luxo e Pequim viu prosperar as agências de viagem especializadas nessas pequenas excursões”.

⁷⁶ De acordo com Santos (2002), na Inglaterra, no século XVIII, o sistema de pedágio era utilizado para angariar fundos tanto para construir as estradas quanto para sua manutenção.

população⁷⁷. Entretanto, como afirma o autor, existia uma contradição presente porque ao mesmo tempo em que a Revolução Industrial causou alterações profundas no urbano e rural a ponto de gerar novas sensibilidades, também criou uma classe que, mesmo detentora dos meios de produção, valorizava a paisagem que ainda não havia sofrido modificações decorrentes de sua própria exploração. Também merece ser salientado que, a produção da natureza, em um processo dialético, ao mesmo tempo em que é produzida pela classe burguesa em construção contribui para a formação dessa classe e sua forma de pensar e agir (econômica, estética, moral...).

E, assim, essas novas sensibilidades fazem surgir o desejo e/ou necessidade de buscar por uma “natureza intocada⁷⁸”, forçando o homem moderno a isentar certas áreas do seu uso direto. Diga-se isenção de um uso direto e não da exploração capitalista porque entende-se que, no modo de produção vigente, a criação de tais áreas sempre terá um fim mercantilista, apesar de justificada pela preocupação ambiental.

3.2 Da origem dos parques nacionais à sua participação na idealização dos geoparques

Ar puro, água potável, sons da natureza, paisagem agradável ao olhar. Essa descrição dificilmente não irá instigar a imaginação a ilustrar mentalmente o cenário e despertar o interesse em usufruí-lo. Isso porque o sentido e a utilidade dados aos elementos naturais pertencem somente à espécie humana. Assim, discutir conservação ambiental, é primeiramente procurar pensar nos seguintes questionamentos: a) conservação de que?; b) conservação pra quem?; e, c) conservação por quê?

No subitem anterior, foi bastante frisado a participação do egoísmo e autointeresse humano no processo histórico da preocupação ambiental. O autointeresse caracterizando o bem-estar/satisfação e o financeiro. Esse último, no modo de produção vigente, irá se apropriar desses sentimentos e transformá-los em mercadoria. Portanto, embora os

⁷⁷ Engels (2010) expõe as condições extremamente precárias em que viviam a classe operária na Inglaterra durante a Revolução Industrial e chama a atenção para o fato de que se havia absoluta negligência com as relações estabelecidas (burguesia/proletariado) e absoluta exploração de sua força de trabalho em troca de migalhas que sequer eram suficientes para fornecer o mínimo de dignidade, imagina oferecer-lhes educação. Pode-se afirmar que, diante de tal cenário, a educação era um luxo!

⁷⁸ Essa natureza idealizada não existe na realidade. Afinal, em “Ideologia Alemã”, Marx e Engels já haviam sabiamente observado que “esta natureza que precede a história dos homens não é de forma alguma a natureza que rodeia Feuerbach; tal natureza não existe nos nossos dias, salvo talvez em alguns atóis australianos de formação recente, e portanto não existe para Feuerbach” (MARX e ENGELS, 1999 ,p.28-9).

questionamentos acima envolvam aspectos muito complexos, entende-se que o referido egoísmo e autointeresse compõe a essência de suas respostas.

Diante disso, usando de dois modelos de conservação – parques e geoparques –, tentar-se-á apresentar entendimentos que contribuam com reflexões referentes às indagações. Fazer esse recorte, escolhendo especificamente parques e geoparques é proposital. Embora o objeto de estudo desta tese seja os geoparques e embora eles não tenham teoricamente relação alguma com os parques, é preciso ficar claro o que esses dois modelos têm de incomum.

A começar pelos parques. Primeiramente, salienta-se que existe uma classificação reconhecida internacionalmente das categorias de manejo de áreas protegidas⁷⁹, instituídas pela União Internacional para a Conservação da Natureza – UICN. Dentre elas, há a categoria de Parque Nacional, pertencente à categoria II que o define como sendo:

[...] grandes áreas naturais ou próximas de áreas naturais reservadas para proteger os processos ecológicos em larga escala, juntamente com o complemento de espécies e ecossistemas característicos da área, fundação para oportunidades espirituais, científicas, educacionais, recreativas e de visitantes ambientalmente e culturalmente compatíveis⁸⁰.

Esse modelo de conservação no formato de “Parque Nacional” surgiu nos Estados Unidos, no ano de 1872, quando seu Congresso criou o *Yellowstone* e fez determinações quanto ao uso. Tais determinações, segundo Diegues (2001), embasado em Kenton Miller (1980), definiam que:

[...] a região fosse reservada e proibida de ser colonizada, ocupada ou vendida segundo as leis dos E.U.A. e dedicada e separada como parque público ou área de recreação para benefício e desfrute do povo; e que toda pessoa que se estabelecesse ou ocupasse aquele parque ou qualquer de suas partes (exceto as já estipuladas) fosse considerada infratora e, portanto, desalojada (DIEGUES, 2001, p. 27).

Essas determinações estabelecidas pelos Estados Unidos se firmaram como características do modelo que era cunhado, passando a ser reproduzidas pelo mundo. No

⁷⁹ **Category Ia:** *Strict nature reserve*; **Category Ib:** *Wilderness área*; **Category II:** *National park*; **Category III:** *Natural monument or feature*; **Category IV:** *Habitat/species management área*; **Category V:** *Protected landscape/seascape*; **Category VI:** *Protected area with sustainable use of natural resources*. Disponível em: <<https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/PAG-021.pdf>>. Acesso em: 29/12/2017.

⁸⁰ Tradução nossa. “*Category II protected areas are large natural or near natural areas set aside to protect large-scale ecological processes, along with the complement of species and ecosystems characteristic of the area, which also provide a foundation for environmentally and culturally compatible spiritual, scientific, educational, recreational and visitor opportunities*”. Disponível em: <<https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/PAG-021.pdf>>. Acesso em: 29/12/2017.

entendimento de Steiman (2008, p. 9), o referido país definiu “um papel para o Estado na proteção e administração de áreas protegidas” ao criar o Yellowstone.

É importante ressaltar que a prática de criar parques na Europa, de acordo com o Relatório da European Environment Agency – EEA (2012), intitulado “*Protected areas in Europe - an overview*”, remonta do Período Feudal. Naquele momento, os parques visavam proteger uma área para as caçadas reais. Segundo o relatório, o rei William da Inglaterra teria tido papel importante na história das áreas protegidas na Europa, porque, em 1087, ao declarar que parte da atual Nova Floresta era uma área destinada à prática dessa atividade, teria estabelecido “o princípio de desenhar uma linha em torno de uma área de terra em um mapa a fim de providenciar a sua gestão especial e proteção, incluindo medidas para punir aqueles que transgredissem as leis relativas a tais áreas”⁸¹.

Além de atender a interesses humanos, as áreas protegidas do Período Medieval e início do Período Moderno também representavam o individualismo, pois, por muito tempo, de acordo com o relatório citado, essas áreas caracterizavam um instrumento isolado que visava à conservação de recursos individuais.

A utilização de áreas da realeza somente passou a ter um maior uso público após as Revoluções Americanas e Francesas. Segundo Runte (1947), isso ocorreu porque seus ideais igualitários “desafiavam de forma semelhante os pressupostos históricos relativos ao privilégio”⁸². Assim, de acordo com o autor, na França, em 1852, Napoleão III efetiva essa transformação através da criação do Bosque de Bolonha, que é uma área de floresta no subúrbio da cidade de Paris.

A Inglaterra, no século XVIII, também seguia o mesmo viés. Runte (1947) afirma que a monarquia deste país passou a permitir o acesso a áreas abertas de Londres para que a população em geral tivesse suas necessidades atendidas. Nesse contexto, *Victoria Park*, criado em 1845, tornou-se um ícone no quesito de democratização da paisagem, pois ele foi o primeiro parque comprado e gerenciado para uso público como destaca o autor.

Já nos Estados Unidos, Runte (1947) relata que a criação de cemitérios rurais teria tido papel importante no processo de estabelecimento dos parques. De acordo com autor, a cidade de Boston, em 1831, teve a aprovação da legislatura de Massachusetts para criar o

⁸¹ (UNIÃO EUROPEIA, EEA, 2012, p. 10). Tradução nossa. “*With this action, William established the principle of drawing a line around an area of land on a map in order to provide for its special management and protection, including measures to punish those who transgressed the laws relating to such areas*”.

⁸² Tradução nossa. “[...] *similarly challenged historical assumptions regarding privilege*”. (RUNTE, 1947, s.n.).

primeiro cemitério rural (cemitério jardim) do país. Essa ação era de grande importância, uma vez que os cemitérios urbanos caracterizavam uma ameaça à saúde.

Tal cemitério, denominado de *Mount Auburn*, salienta Runte (1947), teria surpreendido os visitantes porque “atendia às necessidades dos vivos e dos mortos”⁸³, ou seja, às necessidades humanas. Runte acrescenta ainda que *Mount Auburn* se tornou muito popular, virando destino certo para os piqueniques e passeios em Boston. Afinal, “espaço aberto era espaço aberto”⁸⁴, destaca o autor. Assim, esse modelo logo se difundiu, inspirando Brooklyn, Filadélfia e demais cidades.

Portanto, a grande aceitação pública acabou influenciando no crescimento da ideia de parques. Tanto que, no ano seguinte (1832), “o Congresso Americano decidiu estabelecer reservas de carvalho para a Marinha na Flórida e protegeu Hot Springs, Arkansas, como uma ‘reserva’ federal”⁸⁵. Este último é considerado pelo autor citado como sendo “indiscutivelmente, um parque público”⁸⁶.

O seguinte ato que merece menção aconteceu em 1853 com a criação do Central Park em Nova York. Ele foi instituído através da compra de uma área pelo governo local e submetido a adequações sob a orientação de arquiteto para torná-lo mais agradável. Runte (1947) observa que estava claro que a preocupação não consistia em manter a paisagem original. Assim, sua organização espacial contou, em um primeiro momento, com a criação de lago, remoção de rochas e plantio de bosques e, posteriormente, adicionou-se pista de caminhadas e estatuetas. Tratava-se de formato bem diferente daquele que iria ser proposto pelos parques nacionais. Entretanto, o que eles teriam de comum era primeiramente a busca pela contemplação de interesses humanos e não com a preocupação ambiental.

Portanto, os parques urbanos surgiram visando atender as necessidades dos cidadãos, caracterizando um lugar para fugir das tensões, barulho e viver momentos de maior proximidade com os elementos naturais, mesmo sendo uma paisagem produzida. Enquanto isso, os parques nacionais nasceram de um contexto que, segundo os autores Runte (1947), Kupper (2008) e Jones (2015), envolviam questões ligadas, principalmente, ao nacionalismo, ao patriotismo. Desta forma, a explicação para o surgimento do Parque Nacional do *Yellowstone* só faz sentido quando analisado a partir do contexto histórico que era vivido pelos Estados Unidos no momento de sua criação.

⁸³ Tradução nossa. “[...] *servicing the needs of the living and the dead*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁸⁴ Tradução nossa. “*open space was open space*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁸⁵ Tradução nossa. “[...] *Congresso established oak preserves for the navy in Florida and protected Hot Springs, Arkansas, as a federal ‘reservation’*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁸⁶ Tradução nossa. “[...] *arguably a public park*” (RUNTE, 1947, s.n.).

É preciso lembrar que o parque foi criado um século após os Estados Unidos terem conseguido sua independência da Inglaterra e apenas sete anos do término da Guerra Civil (1861-1865). Logo, seus cidadãos precisavam, com urgência, produzir uma identidade a partir de um referencial nacional que os representassem enquanto país. Afinal, como observou Karnal *et al* (2011), mesmo que o lema do país fosse representado pela frase em latim “*E pluribus unum*” que significa “**de muitos um**” – uma vez que teria surgido da unificação de 13 colônias -, essa unidade, ressalta os autores, se restringia por serem contrários aos ingleses e, não necessariamente, por existir um sentimento nacional.

Tratava-se de estados, nascidos através da conquista da independência e que possuíam características totalmente diversas⁸⁷ entre Norte e Sul. Apesar de estabelecerem relações econômicas entre si, suas divergências acabaram culminando em uma tentativa de separação através de um conflito armado “A Guerra Civil” e, também, conhecida como “Guerra da Secessão”. Assim, afirmou Karnal *et al* (2011, s.n.) que, “após a Independência de 1776, a nação estava incompleta e só foi decididamente formada com o fim da Guerra Civil. Agora era preciso recolher os destroços”. Nesse sentido, tudo que envolvesse unidade e identidade nacional, desenvolvimento econômico e, até mesmo, reputação internacional, era válido para o país. Analisando as obras de Runte (1947), Kupper (2008) e Jones (2015), conclui-se que o Yellowstone atenderia um pouco de tudo isso.

Antes da existência desse parque, o referencial turístico do país era as Cataratas do Niágara. Entretanto, apesar de ser uma paisagem maravilhosa, observa Runte (1947), ela estava inteiramente sucumbida pela propriedade privada, onde os prédios e cercas comprometiam a visualização de suas quedas.

Os norte-americanos, assim como os europeus, acompanham com tristeza e críticas o processo de apropriação das cataratas que era intensificado, à medida que mais turistas chegavam trazidos pelas ferrovias. Seguindo a “Lei da oferta e procura”, a mercantilização da paisagem se dava a preços exorbitantes.

Diante disso, o governo sentia-se pressionado a encontrar uma solução para o problema, que aquela altura já havia tomado proporções internacionais. As críticas eram muitas, porém para salvar as Cataratas do Niágara era tarde demais. No entanto, o governo via no oeste uma possibilidade de se redimir.

⁸⁷ De acordo com Karnal *et al* (2011, s.n.), os interesses e estruturas entre o Norte e o Sul eram totalmente diversos. O Norte era “mais avançado em termos industriais, tinha uma classe média nascente e uma indústria de importância crescente”, seus trabalhadores eram “livres, assalariados, pequenos proprietários [...]”. Enquanto o Sul era “fundamentalmente agrícola, baseava-se no sistema de *plantation* e escravidão”, e tinha o escravo como mais uma de suas mercadorias.

Cumprido ressaltar que o oeste, diferente do leste, ainda estava sendo colonizado, mas com a aprovação do *Homestead Act* (Lei de Terras)⁸⁸, durante a Guerra Civil, foi estimulado sua ocupação e exploração e isso levava a concluir que as terras dessa região não permaneceriam públicas por muito mais tempo. No entanto, até aquele momento as paisagens mais espetaculares ainda estavam sob o domínio público graças a sua localização, pois esses locais não eram atraentes aos colonos por compreenderem as montanhas e desertos.

Além de ter que lidar com o constrangimento referente às Cataratas do Niágara, o país também sofria com as frequentes comparações com a Europa. Parte dessa situação está ilustrada nos questionamentos feitos em 1820 por Sydney Smith (arcebispo britânico) referente à cultura americana e relatados por Runte (1947, s.n.). Segundo o autor, Smith teria feito os seguintes questionamentos: “nos quatro cantos do globo quem lê um livro americano? Ou vai para uma peça americana? Ou olha para uma imagem ou estatua americana?”⁸⁹. Portanto, para os Estados Unidos compensarem essa carência através da natureza era preciso encontrar algo muito grandioso porque, como elucidado o autor, era incontestável a superioridade cultural europeia. Ela possuía um acúmulo de muitos séculos de história, representado através de suas catedrais, museus, ruínas, pinturas de mestres, artistas renomados, enquanto os Estados Unidos, até meados do século XIX, se agarrava somente as Cataratas do Niágara.

Essa situação não permaneceria assim por muito mais tempo. De fato, o governo tinha razão. No oeste se escondia o orgulho dos norte-americanos; no oeste haviam paisagens que ilustravam o passado através de uma história natural. Ali os “grandiosos monumentos naturais sob a forma de árvores milenares, picos altos e abismos acidentados”⁹⁰ afirma Jones (2015), igualavam-se na grandeza dos monumentos europeus. O Vale do Yosemite, localizado na Serra Nevada, no Estado da Califórnia, descoberto em 1851, foi o primeiro exemplo disso, pois além de cachoeiras e falésias, existiam ainda no lugar, as sequoias gigantes⁹¹.

⁸⁸ Trata-se de “uma lei federal que entregava um quarto de um distrito ainda não desenvolvido no Oeste para qualquer família ou indivíduo maior de 21 anos dispostos a migrar para a região” (KANAL *et al.*, 2011, s.n.).

⁸⁹ Tradução nossa. “*In the four quarters of the globe, [...] who reads an american book? Or goes to an American play? Or looks at an American picture or statue*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁹⁰ Tradução nossa. “[...] *grand natural monuments in the form of ancient trees, soaring peaks and rugged chasms*” (JONES, 2015, s.n.).

⁹¹ De acordo com informações disponíveis no site do “*National Park Service*”, essas são as maiores árvores do mundo, quando medidas por volume, podendo viver até 3000 anos. Sua longevidade está relacionada ao componente químico tanino, presente em grande concentração em sua casca. O tanino lhe confere resistência ao fogo, a insetos e ao apodrecimento. Disponível em: <<https://www.nps.gov/seki/learn/nature/bigtrees.htm>>. Acesso em 16/11/17.

Naquele momento, relata Runte (1947) que tais sequoias gigantes eram reconhecidas por políticos, pesquisadores e jornalistas como uma antiguidade americana e que, no entendimento do geólogo e explorador Clarence King, “nada no Velho Mundo tinha sua capacidade mágica de medir o tempo na ‘antiguidade verde’”⁹² como elas. Ainda fazendo referência a King, Runte (1947) complementa:

Com sugestiva referência à Esfinge e às pirâmides, ele descartou todos os grandes desafios arquitetônicos. Nenhum "fragmento de trabalho humano, pilar quebrado ou imagem arenosa gasta erigida parcialmente em um deserto patético, - nenhuma destas coisas liga o passado e o hoje como o poder desses monumentos da antiguidade viva”, ele manteve (RUNTE, 1947, s.n.)⁹³.

Apesar desse entendimento, na prática não houve nenhuma atitude voltada à conservação da região até que o país fosse criticado novamente pelos europeus. Eles alegavam que os Estados Unidos haviam mais uma vez falhado. Os motivos eram referentes à exposição das cascas da “*The Mother of the Forest*”⁹⁴ em Nova York e Londres e, também, das reivindicações feitas por colonos de terras no Vale do Yosemite. De acordo com o autor, os europeus afirmavam que se aquelas maravilhas naturais (as árvores gigantes) fossem nativas no Velho Mundo, com certeza seriam conservadas por lei.

Deste modo, relata Runte (1947, s.n.), em 30 de junho de 1864, o Parque Estadual de Yosemite foi criado pelo governo federal e entregue sua concessão ao estado da Califórnia, exigindo que fosse “inalienável para todos os tempos” e sua destinação era para “uso público, refúgio e recreação”. A área a ser conservada correspondia, segundo o autor citado, “somente ao Vale do Yosemite e seus picos circundantes – aproximadamente 56 milhas quadradas, [...] uma restrição similar aplicada à unidade do sul, o Mariposa Grove de sequóias gigantes”⁹⁵.

⁹² Tradução nossa. “*Nothing in the Old world had their magic ability of measuring time in “green old age”*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁹³ Tradução nossa. “*With a suggestive reference to the sphinx and the pyramids, he dismissed all of the ‘big trees’ architectural challengers. No ‘fragment of human work, broken pillar or sandworn image half lifted over pathetic desert, - none of these link the past and today with anything like the power of these monuments of living antiquity’, he maintained*” (RUNTE, 1947, s.n.).

⁹⁴ Segundo Runte (1947), os promotores da exposição selecionava espécies para a apresentar no leste do país e na Europa. A princípio a ideia era derrubar o gigante, porém como isso duraria dias, resolveram apenas remover sua casca. Elas foram tiradas na altura de 116 pés e cortadas em tamanhos que permitissem o transporte. O ato foi reconhecido por muitos como algo terrível, uma profanação a natureza.

⁹⁵ Tradução nossa. “*Only Yosemite Valley and its encircling peaks – approximately 56 square miles, [...] A similar restriction applied to the southern unit, the Mariposa Grove of giant sequoias*”. (RUNTE, 1947, p. 505, s.n.).

Runte (1947) observa que na delimitação da área foi ignorada a estrutura biológica e, principalmente, as bacias hidrográficas.

Portanto, além da necessidade de criar uma identidade nacional e evitar reincidir nos erros cometidos com as Cataratas do Niágara, ainda havia essa questão da fragilidade na delimitação da área a ser conservada, levantada pelo autor. Diante desse contexto é que Runte (1947) conclui que o nacionalismo e não o ambientalismo foi quem determinou a criação desse parque.

Porém, essa ausência da preocupação ambiental como prioridade nos projetos de criação de parques não se limitou no Yosemite. Ele sobreviveu e oito anos depois se repetiu na criação do Parque Nacional do *Yellowstone*, onde ganhou força para se proliferar pelo mundo.

Não é necessário um grande esforço para compreender o que se buscava quando *Yellowstone* foi idealizado. Basta ter conhecimento de que a principal interessada era a empresa *Jay Cooke and Company*, que financiava *Northern Pacific Railroad*. De acordo com Nash (2014, p.111), o interesse da ferrovia era transformar o *Yellowstone* em um polo turístico popular, como era as Cataratas de Niágara ou *Saratoga Springs*, para lucrar com o transporte uma vez que era a única linha da região. O autor ressalta que “uma região selvagem (*wilderness*) era a última coisa que eles queriam”⁹⁶. Portanto, o interesse embutido era econômico.

Ainda segundo o autor, a empresa agiu procurando por Ferdinand V. Hayden⁹⁷ para que ele liderasse um projeto que visava reservar “*the Great Geyser Basin*” como um eterno parque público sob o argumento que “havam reservado essa maravilha muito inferior, o Vale de Yosemite e as grandes árvores”⁹⁸. Assim, Hayden junto com Nathaniel P. Langford e o delegado do congresso de Montana, William H. Clagett, iniciaram o movimento de reivindicação do parque. De acordo com o autor, eles alegavam que a região corria perigo, pois especuladores e invasores a cobiçavam, por isso era preciso que o governo agisse rápido.

A reivindicação chegou ao Congresso e, no dia 18 de dezembro de 1871, o projeto de lei do parque começava a ser analisado. Como afirma Nash (2014, p. 112), o foco da discussão foi mantido na necessidade de “proteger ‘curiosidades notáveis’ e ‘maravilhas

⁹⁶ Tradução nossa. “*A wilderness was the last thing they wanted*”. (NASH, 2014, p.111).

⁹⁷ Segundo Nash (2014), Hayden foi diretor de Pesquisas Geológicas e Geográficas dos Territórios. Ele liderou expedições científicas anuais no oeste, incluindo o *Yellowstone* em 1871.

⁹⁸ Tradução nossa. “[...]reserved that far inferior wonder the Yosemite Valley and the big trees” (NASH, 2014, p. 111).

raras' de reivindicações privadas"⁹⁹. A estratégia usada pelos defensores, segundo o autor, não foi apresentar o quão era importante a conservação da área, mas demonstrar à população que seu uso era inviável ao cultivo, pois se tratava de uma região alta e fria. Sendo assim, o parque não traria prejuízos econômicos.

É interessante observar que o embate com os proprietários de terras, que sempre foi um dos principais problemas enfrentados durante um processo de criação de áreas de conservação de proteção integral, foi gerado concomitantemente com os parques. Afinal, no momento de discussão do projeto de lei do *Yellowstone*, seus propositores já previram que privar áreas da exploração agrícola e pecuária lhes causaria problema. Trata-se de uma questão tão polêmica para os parques que, além de influenciar na estruturação de outros modelos de conservação, também interferiu na idealização dos geoparques. Uma discussão mais detalhada a esse respeito será feita mais adiante.

Ainda sobre a ausência da preocupação ambiental como prioridade, Nash (2014) reforça a discussão, informando que a importância da região selvagem foi ignorada tanto nos documentos produzidos por pesquisadores e artistas entregues aos legisladores, quanto no debate do Congresso, como até mesmo, o próprio projeto. E, portanto, o documento assinado pelo Presidente Grant, no dia 1º de março de 1872, **não constava a existência de nenhuma conservação intencional**, foi criado, de fato, **“um parque público ou lugar agradável”**¹⁰⁰. Porém, destaca Nash, que o sentido de conservação nasceu posteriormente através de interpretações que foram dadas a determinação de proibição de uso do parque:

[...] a estipulação de que "toda a madeira, depósitos minerais, curiosidades naturais ou maravilhas" dentro do parque sejam mantido "na sua condição natural" deixou o caminho aberto para posteriores observadores para interpretar seus propósitos como o de preservar o país selvagem (NASH, 2014, p. 112-3)¹⁰¹.

Ainda contribuindo para pensar sobre os questionamentos iniciais, a questão da determinação da extensão da área – mais de três milhas quadradas – destinada ao parque é um ponto importante. Afinal, embora o tamanho (grandes áreas) tenha surgido como uma das principais características dos parques nacionais, sendo reproduzida em várias partes do

⁹⁹ Tradução nossa. “[...] *protecting ‘remarkable curiosities’ and ‘rare wonders’ from private claims*” (NASH, 2014, p.112)

¹⁰⁰ Tradução nossa. “[...] *a public park or pleasuring ground*” (NASH, 2014, p. 112, grifo nosso).

¹⁰¹ Tradução nossa. “[...] *the stipulation that “all timber, mineral deposits, natural curiosities, or wonders” within the park be retained “in their natural condition” left the way open for later observers to construe its purposes as preserving wild country*”.

mundo, sua origem, mais uma vez, não foi pensada enquanto importante para a conservação em si, mas, como elucida o autor, porque acreditavam que poderiam encontrar mais paisagens interessantes nas áreas que ainda não haviam explorado.

Portanto, como já mencionado, aquele que se tornou mundialmente um exemplo de modelo de conservação não foi planejado para esse fim. Os Estados Unidos tinham muitas outras necessidades a serem satisfeitas com a criação do Parque Nacional do *Yellowstone* e, dentre elas, não constava a questão ambiental.

Se ele acabou contribuindo para a conservação da natureza, pode ter certeza que isso foi apenas um bonus. Segundo Kupper (2008), as questões contempladas com sua criação, que eram realmente importantes, dizem respeito a sua ajuda na unidade interior do país; na sua visualização externa; e, também, na emancipação do patrimônio cultural daqueles americanos nascidos na Europa. Jones (2015) corrobora com a discussão, que ancorada em Judith Meyer, argumenta que os americanos estavam convencidos de suas limitações nas questões culturais, quando comparados à Europa, mas que a natureza “dada por Deus” se responsabilizaria em produzir algo que superasse as maravilhas europeias.

Quanto ao status de “nacional” que o país acabou cunhando – uma vez que criar áreas e denominá-las de parque não era algo novo, mas instituí-las como nacional, foi algo inédito –, segundo a autora, se encaixava na “remodelação do mito nacional americano após a Guerra Civil”, explicado por Judith, como “uma combinação de religião, patriotismo e a ideia da natureza como sublime”¹⁰².

Assim, salienta Jones (2015) que o grupo de brancos, burgueses e – geralmente – homens profissionais que emergia na sociedade americana, encabeçando a discussão ambiental, foi responsável por apresentar os espetáculos naturais do *Yellowstone* como sendo essencialmente americano. Portanto, merecia os cuidados da nação e, conseqüentemente, ser rotulado de “nacional”.

O que também teria favorecido a sua definição de nacional, acrescenta a autora, era a sua grande extensão territorial, que acabou abrangendo três estados – Montana, Wyoming e Idaho –, diferente do Yosemite que estava localizado somente na Califórnia. Assim, Jones (2015, s.n.) esclarece que o fato do “*Yellowstone* ter passado a ser um parque ‘nacional’ foi significativamente em grande parte um acidente de linhas em mapas e cronogramas: ele se

¹⁰² Tradução nossa. “*a combination of religion, patriotism, and the idea of nature as sublime*” (MEYER, 2003 citado por JONES, 2015, s.n.).

espalhou por três territórios, que ainda não eram estados de pleno direito”¹⁰³. Porém, independente da origem intencional ou não, os Estados Unidos conseguiram com essa criação que sua “natureza fosse nacionalizada e a nação naturalizada”¹⁰⁴. E, assim, a “invenção” norte-americana não só ficou conhecida, como também foi reproduzida pelo mundo. Segundo Kupper (2008), na lista das Nações Unidas de 2003, já constavam quase 4.000 deles, o que corresponde aproximadamente 4,5 milhões de km² de área protegida.

Esse que foi denominado por Kupper (2008) como sendo um **fenômeno global** é caracterizado por Steiman (2008) como uma “**marca**” (Parque Nacional). Isso porque além de se destacar dentre as categorias como aquela que apresenta maior percentual de áreas protegidas, também possui uma grande variação nos seus objetivos e extensões territoriais.

Para Steiman (2008), um grande responsável por tamanha difusão foi o próprio país, atuando através do seu Serviço Nacional de Parques ao promover cursos e fornecer apoio técnico e financeiro, especialmente para países da América Latina e Caribe. Nash (2014, p.314) opina sobre esse serviço prestado de forma crítica. Para o autor, “o pessoal enviado para executar os parques ou para treinar gerentes nativos tem um papel fundamental na transferência de selvageria por dinheiro”¹⁰⁵.

Essas afirmações vão ao encontro àquelas de Diegues (2001) que, amparado em Ghimire (1993), defende o interesse financeiro como sendo um dos fatores responsáveis pela grande concentração de parques nos países pobres. Afinal, entende-se que a criação de áreas protegidas nesses países, ao mesmo tempo em que exige a apresentação de justificativas, mostrando-se como algo complexo, pode ser sintetizada em uma única palavra: “mercadoria”. O contraste entre o estabelecimento de parques em países ricos e pobres pode ser visualizados nas tabelas¹⁰⁶ seguintes, elaboradas a partir de levantamento de dados disponíveis no *site* do *Protected Planet*.

¹⁰³ Tradução nossa. “*That Yellowstone happened to be a ‘national’ park was, significantly, largely an accident of lines on maps and timing: it straddled three territories, not yet full-fledged states*” (JONES, 2015, s.n.)

¹⁰⁴ Tradução nossa. “*Nature was nationalized and nation naturalized*” (JONES, 2015, s.n.).

¹⁰⁵ Tradução Nossa. Personnel sent to run the parks or to train native managers have a key role in the transfer of wildness for money.

¹⁰⁶ De acordo com UICN (2013, p. 11), “o termo “Parque Nacional”, que existia muito antes do sistema de categorias, foi encontrado particularmente adequado para grandes áreas protegidas sob a categoria II. No entanto, é verdade que muitos parques nacionais existentes em todo o mundo têm objetivos muito diferentes daqueles definidos na categoria II. De fato, alguns países classificam seus parques nacionais sob outras categorias da UICN”. Sendo assim, o número de parques apresentados nas tabelas pode não coincidir com aquele apresentado oficialmente por cada país porque os dados foram extraídos do *site Protected Planet* e esse trabalha com as áreas protegidas correspondentes ao sistema de categorias da UICN.

Tabela 1 - Áreas Protegidas de países norte-americanos

País	Extensão Territorial Nacional Km ²	Número de Áreas Protegidas	Total da área Nacional Protegida %	Número de Parques	Total de Área Protegida por Parques %
Canadá	9,955,032.941	7,642	9,69	1724	22,56
Estados Unidos	9,490,391.294	34,075	12,99	41	0,12
México	1,965,284.828	1,192	14,5	73	6,12

Fonte: Dados extraídos de *Protected Planet*¹⁰⁷.

Nota: Dados organizados pelo autor.

Tabela 2 - Áreas Protegidas de alguns países centro-americanos

País	Extensão Territorial Nacional Km ²	Número de Áreas Protegidas	Total da área Nacional Protegida %	Número de Parques	Total de Área Protegida por Parques %
Belize	22,297.76618	120	37,68	23	19,17
Costa Rica	51,636.14199	187	27,6	23	12,3
Cuba	111,643.2783	226	16,55	48	21,24
República Dominicana	48,509.80547	93	23,02	23	24,73
Guatemala	109,922.2585	259	31,75	13	5,02
Haiti	27,390.24191	8	1,95	2	25,0
Honduras	113,291.4823	105	28,44	24	22,86
Panamá	75,497.94621	95	20,89	12	12,63

Fonte: Dados extraídos de *Protected Planet*.

Nota: Dados organizados pelo autor.

¹⁰⁷ Disponível em: <<https://www.protectedplanet.net>>.

Tabela 3 - Áreas Protegidas de alguns países sul-americanos

País	Extensão Territorial Nacional Km ²	Número de Áreas Protegidas	Total da área Nacional Protegida %	Número de Parques	Total de Área Protegida por Parques %
Argentina	2,785,327.721	385	8,89	80	20,78
Brasil	8,529,399.243	2,197	28,94	256	11,65
Chile	759,820.962	187	18,4	35	18,72
Colômbia	1,145,032.899	621	14,16	80	12,88
Paraguai	401,498.4235	44	6,51	11	25,0
Peru	1,298,537.038	244	21,27	14	5,74
Uruguai	178,459.889	29	3,45	4	13,79
Venezuela	917,367.6523	251	54,14	43	17,13

Fonte: Dados extraídos de *Protected Planet*.

Nota: Dados organizados pelo autor.

Tabela 4 - Áreas Protegidas de alguns países europeus

País	Extensão Territorial Nacional Km ²	Número de Áreas Protegidas	Total da área Nacional Protegida %	Número de Parques	Total de Área Protegida por Parques %
Alemanha	357,584.3854	22,907	37,75	16	0,07
Bélgica	30,683.07213	2,013	23,29	0	0
Espanha	507,013.405	4,036	8,37	97	2,4
França	548,954.0701	4,650	25,99	6	0,13
Holanda	35,205.61182	447	11,24	20	0,47
Itália	301,335.3097	3,880	21,51	24	0,62
Portugal	92,141.09473	444	22,9	1	0,23
Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte	245,247.5873	11,684	28,73	24	0,21
Federação Russa	16,874,835.52	11,252	9,73	61	0,54
Suécia	449,390.1761	19,494	14,88	23	0,12

Fonte: Dados extraídos de *Protected Planet*.

Nota: Dados organizados pelo autor.

Tabela 5- Áreas Protegidas em alguns países africanos ex-colônias europeias¹⁰⁸

País	Extensão Territorial Nacional Km ²	Número de Áreas Protegidas	Total da área Nacional Protegida %	Número de Parques	Total de Área Protegida por Parques %
Angola	1,255,217.852	14	6,97	8	57,14
Botswana	581,162.9215	22	29,14	6	27,27
Chade	1,276,585.969	22	20,35	3	13,64
Guiné-Bissau	34,015.72123	36	16,66	2	5,56
Mali	1,256,684.114	30	8,23	4	13,33
Moçambique	791,081.8731	50	21,59	5	10,0
Níger	1,190,098.655	24	17,32	1	4,17
República Democrática do Congo	2,344,275.114	50	13,01	9	18,0
Ruanda	25,452.13068	10	9,11	2	20,0
República Unida da Tanzânia	947,252.6908	839	38,15	14	1,67
Zambia	755,640.3907	635	37,87	19	2,99

Fonte: Dados extraídos de *Protected Planet*.

Nota: Dados organizados pelo autor.

A elaboração das tabelas¹⁰⁹ teve como intuito mostrar que os parques estão localizados em sua grande maioria nos países pobres. Nas tabelas foi feita a apresentação de cada país de sua extensão territorial, do número de áreas protegidas e da quantidade percentual de área abrangida por essas para expor o número total de parques e o quanto eles representam de área protegida. Desta forma, ficou evidente o contraste que há entre tais países, pois o número de áreas protegidas, compreendendo as diversas categorias de conservação, é muito superior nos países ricos. Entretanto, quando se dilui esse número e fica com a parte correspondente somente aos parques e a porcentagem de área representada, não resta dúvida que essa categoria não é a mais preferida entre os referidos países.

De acordo com Diegues (2001) citando Ghimire (1993), “a rápida devastação das florestas e a perda da biodiversidade, a disponibilidade de fundos internacionais para a conservação e a possibilidade de geração de renda pelo turismo em parques” são fatores que explicam o aumento da “preocupação ambiental”. Nash (2014) corrobora com essa discussão, afirmando que a oportunidade econômica que a criação de parques e demais áreas protegidas

¹⁰⁸ Esses países conseguiram conquistar independência nos seguintes anos: Angola (1975), Guiné-Bissau (1973) e Moçambique (1975) - Portugal; Mali (1960), Chade (1960) e Níger (1960) - França; Botswana (1966), República Unida da Tanzânia (1964) e Zambia (1964) - Grã-Bretanha; República Democrática do Congo, 1960 e Ruanda, 1962 (Bélgica).

¹⁰⁹ A princípio, pretendia-se ilustrar tal realidade utilizando de mapas, porém devido à dificuldade em encontrar aquele que trouxesse, especificamente, a distribuição espacial dos parques, optou-se por substituí-los pelas tabelas.

significam para os governos desses países os levam a abraçar a ideia e os fazem se envolver em uma relação exportação-importação da natureza selvagem/*Wilderness*.

O autor explica que nesse processo a condição de natureza preservada está obviamente nos países onde a industrialização não é tão significativa a ponto de tê-la comprometida. Mas, ironicamente, nesse contexto, “as nações que têm região selvagem não querem isso, e aqueles que querem não a têm” (NASH, 2014, p. 343), seria um fenômeno que o autor chamou de “estômago cheio”, pois é restrito somente aos ricos, urbanos e sofisticados.

Além disso, ele esclarece que os sentidos dados à natureza como valor intelectual e econômico são próprios de sociedades urbanas e tecnológicas. Nessas sociedades emerge uma “classe social e econômica de amantes da natureza cujas afiliações nacionais não são tão fortes quanto seu interesse comum em desfrutar e salvar a região selvagem (*Wilderness*) onde quer que exista” (NASH, 2014, p. 343). Tal classe é formada por escritores, artistas, pessoas de poder aquisitivo elevado que, além de querer, podem pagar pela preservação da natureza.

Desta forma, a relação de exportação-importação se configura efetivamente como um processo de compra e venda da natureza selvagem e, como salienta o autor, o valor empregado não é pequeno, nem insignificante.

No que se refere ao produto vendido propriamente, Nash (2014, p. 343) comenta que com exceção dos “troféus”, resultado de caçadas e dos animais capturados com vida para os jardins zoológicos, os elementos naturais comprados permanecem no seu país de origem (país exportador), pois “a mercadoria comercializada é a experiência”¹¹⁰. A forma como os importadores usufruem do produto adquirido é esclarecida pelo autor na sequência.

Os importadores a consomem nas instalações. Além disso, há muitos entusiastas da natureza da poltrona. A sua ânsia de consumir filmes, programas de televisão, revistas e livros sobre animais selvagens, e apoiar a filantropia da natureza é uma importante forma de importação da natureza (NASH, 2014, p. 343-344)¹¹¹.

Neste contexto, o autor conceitua esse processo de exportação-importação como sendo “‘contêineres’ institucionais que as nações desenvolvidas enviam aos subdesenvolvidos com a finalidade de ‘empacotar’ um recurso frágil”¹¹². Para os países exportadores, a

¹¹⁰ Tradução nossa. “*The traded commodity is experience*” (NASH, 2014, 343).

¹¹¹ Tradução nossa. “*The importers consume it on the premises. In addition, there are many armchair nature enthusiasts. Their eagerness to consume motion pictures, television specials, magazines and books about wildlife, and to support nature philanthropy is an important form of nature importing*” (NASH, 2014, p. 343-344).

¹¹² Tradução nossa. “*‘containers’ that developed nations send to underdeveloped ones for the purpose of “packaging” a fragile resource*” (NASH, 2014, p. 344).

conservação da natureza se torna muitas vezes bem mais lucrativa que a sua devastação. Assim, uma vez que seus governantes estejam convencidos disso, inicia-se o processo de convencimento da população local¹¹³. Afinal, como ressalta o autor, para essa população o sentido dado à natureza será bem diferente daquele dado pelo turista¹¹⁴. A exemplo das africanas – que presenciam o ir e vir de turistas, utilizando-se dos safaris para buscar estabelecer um contato maior com a natureza – conviver com aqueles animais faz parte de sua vida, de sua história; não existe nada de novo que mereça um registro fotográfico nem muito menos que exija proteção. Logo, a criação de parques, áreas protegidas que restringem o uso direto, não faz sentido algum.

É interessante pensar que o próprio *Yellowstone* também é fruto desse processo de exportação-importação da natureza, pois, como elucida Nash (2014, p. 348), os norte-americanos não se deslocavam para o oeste em busca de lazer como os estrangeiros. Eles iam “por ciência e descoberta, por peles e ouro, para lutar contra índios e propriedades seguras”¹¹⁵. Entretanto, à medida que o país vai conseguindo seu desenvolvimento econômico, inicia-se uma transição de exportador para importador de natureza. Prova disso pode ser obtida através da observação da tabela 1. Verifica-se ali que o “pai dos parques nacionais” possui apenas 41 deles, quantidade muito pequena quando comparada aos seus vizinhos. O Canadá possui 1724 e o México 73. O número impressiona ainda mais ao somá-lo às demais áreas protegidas do país, pois nesse montante os parques nacionais norte-americanos representam apenas 0,12% do total de áreas protegidas do país. Mas, os Estados Unidos não são exceção. Como vem sendo discutido, os parques não estão concentrados em sua grande maioria nos países pobres

¹¹³ “As pessoas locais são lembradas, por exemplo, de que um leão macho adulto no Parque Nacional de Amboseli, no Quênia, gera US \$ 515 mil em receita turística ao longo de sua vida. Para um caçador furtivo, a carne e a pele podem trazer até US \$ 1.150,4. Com base nas receitas que geram atraindo turistas, leões ou elefantes podem ser os animais mais valiosos do mundo” (Tradução nossa). “*Local people are reminded, for instance, that an adult male lion in Amboseli National Park in Kenya generates \$515,000 in tourist revenue over the course of its lifetime. For a poacher, the meat and skin might bring as much as \$1,150.4 On the basis of the revenue they generate by attracting tourists, lions or elephants may be the most valuable animals in the world*” (NASH, 2014, p. 344).

¹¹⁴ Nash (2014, p. 342) cita o comentário feito pelo presidente da Tanzânia, Julius Nyerere, em 1961, onde afirmou: “Eu pessoalmente não estou muito interessado em animais. Eu não quero passar minhas férias assistindo crocodilos. No entanto, sou totalmente a favor da sua sobrevivência. Eu acredito que, depois de diamantes e sisal, os animais selvagens fornecerão a Tanganyika sua maior fonte de renda. Milhares de americanos e europeus têm o desejo estranho de ver esses animais” (Tradução nossa). “*I personally am not very interested in animals. I do not want to spend my holidays watching crocodiles. Nevertheless, I am entirely in favor of their survival. I believe that after diamonds and sisal, wild animals will provide Tanganyika with its greatest source of income. Thousands of Americans and Europeans have the strange urge to see these animals*” (NASH, 2014, p. 342).

¹¹⁵ Tradução nossa. “*for science and discovery, for fur and gold, to fight Indians and secure homesteads*” (NASH, 2014, p. 348).

por um acaso. E esse é um ponto importante porque ajuda a pensar na origem dos geoparques, objeto de estudo desta tese.

Assim, primeiramente é importante voltar para as tabelas, em específico a tabela 4, para verificar como é pequena a quantidade de parques na Europa. E, por que chamar a atenção para a Europa?

Porque foi lá que os geoparques foram criados e é lá que está localizada a maior parte deles, como é possível verificar nas figuras 3 e 4, apresentadas no capítulo anterior. Nesse continente, quando o modelo dos parques nacionais atravessou o Atlântico e o alcançou, provocou reações diversas. A começar porque foi criado pelos Estados Unidos. Assim, a adoção da ideia iria contribuir para a disseminação de algo criado por uma ex-colônia; seria ajudar a nova nação a formar sua identidade cultural. Depois, porque o modelo norte-americano não se encaixava na sua realidade. De acordo com Kupper (2015), a pequena extensão territorial desses países dificultava em reservar áreas para a conservação da natureza na mesma proporção do *Yellowstone*, pois além de suas áreas pertencerem a propriedade privada, tinham também pouco do principal, ou seja, a natureza “selvagem” (*wilderness*) para proteger. Eles já a importavam de outros continentes. Nas palavras do autor:

[...] A Europa, no entanto, apresentou uma paisagem intensamente cultivada e densamente povoada, em que os direitos de propriedade privada estavam entrincheirados. Quase não restavam territórios que preenchessem os critérios do espaço e da região selvagem não modificada. Quem quisesse fazer uso da ideia do parque nacional na Europa teve que traduzir *Yellowstone* de tal forma que atendeu a condição europeia ou (tendo em conta a diversidade de condições) lugares e discursos europeus (KUPPER, 2015, s.n.)¹¹⁶.

É importante ressaltar que, na Europa, os parques também eram reconhecidos pela população como um grande feito americano. Afinal, eles representavam uma mudança na valorização da natureza; representavam a materialização da preocupação ambiental, em um momento em que, no mundo ocidental, o processo da volta à natureza ganhava cada vez mais adeptos. Assim, esse sentimento acabava exercendo pressão em seus dirigentes influenciando na discussão sobre a criação desse tipo de área que, para ser implantado no continente, precisava sofrer ajustes para se encaixar na realidade europeia. Segundo Kupper (2015), o

¹¹⁶ Tradução nossa. “*Europe, however, featured an intensively cultivated and densely populated landscape in which private property rights were entrenched. Barely were there any territories left that met the criteria of space and unmodified wilderness. Whoever wanted to make use of the national park idea in Europe had to translate Yellowstone such that it met the European condition, or (taking into account the diversity of conditions) European places and discourses*” (KUPPER, 2015, s.n.).

resultado disso foi uma transformação no conceito geral de parque nacional, bem como sua ampliação e diversificação. A Suíça, por exemplo, é tida como o país que se tornou referência no quesito de adaptação do modelo original e na atribuição de novos objetivos. Portanto, o Parque Nacional Suíço nasceu visando atender, em especial, um público novo – os cientistas. Tal parque, segundo o autor, estava mais para ser um grande laboratório voltado às pesquisas ecológicas do que uma área de lazer, pois seu acesso era restrito e seu uso regulamentado pela racionalidade científica. Bucava-se com isso protegê-lo das contradições produzidas pelo turismo.

Kupper (2015) salienta que “era de extrema importância que a conservação da natureza alcançasse proeminência na Europa em simultâneo com o avanço das ciências ecológicas e do pensamento”¹¹⁷. Desta forma, a ação de combinar parques nacionais com ciência caracterizava-se como um “aprimoramento da inovação”, por isso a versão suíça ganhou espaço no meio científico e passou a ser um concorrente com o modelo norte-americano.

Outro país que também criou um concorrente para o norte-americano foi a Alemanha. Ela rejeitou o modelo dos parques nacionais e idealizou os Monumentos Naturais, alegando que esse seria mais adequado ao Velho Mundo. Os Monumentos Naturais representaram uma resposta europeia ao modelo norte-americano. De acordo com o autor citado, para o responsável pela ideia, Hugo Conwentz “[...] a preservação seletiva de uma variedade de características singulares da natureza, como árvores únicas, pequenas partes de florestas, zonas húmidas e pântanos, em uma rede de monumentos era superior à preservação de grandes extensões de terra em parques”¹¹⁸.

É importante mencionar que além das questões apontadas para corroborar com o entendimento da presença de poucos parques no continente, também merece atenção a prática, citada pelos autores Kupper (2015), Ford (2015) e Nash (2014), da implantação de parques feita pelas potências europeias em suas colônias, pois eram os locais onde ainda se encontravam os *Wilderness*. Entretanto, ao analisar os países africanos, citados na tabela 5, percebeu-se que com exceção de Angola, Moçambique e Níger, a criação dos parques

¹¹⁷ Tradução nossa. “[...] *was of utmost importance that nature conservation achieved prominence in Europe concurrently with the advancement of ecological sciences and thinking*” (KUPPER, 2015, s.n.).

¹¹⁸ Tradução nossa. “[...] *the selective preservation of a variety of singular features of nature, like unique trees, small parts of forests, wetlands and swamps, in a net of monuments was superior to the preservation of large stretches of land in parks*” (KUPPER, 2015, s.n.).

ocorreu, se não foi total, ao menos em sua grande maioria, após conquistarem independência, como pode ser verificado na tabela 6.

Tabela 6 – Número de parques nacionais criados em países africanos antes e depois da conquista da independência

País Colonizador	País Colonizado	Total de Parques Nacionais	Criação antes da independência	Criação depois da independência	Data não Informada
Portugal	Angola	8	8	-	-
	Guiné-Bissau	2	-	2	-
	Moçambique	6	6	-	-
França	Mali	4	-	-	-
	Chade	3	-	2	1
	Níger	1	1	-	-
Grã-Bretanha	Botswana	6	-	6	-
	República Unida da Tanzânia	14	3	11	-
	Zâmbia	19	-	19	-
Bélgica	República Democrática do Congo	9	-	-	9
	Ruanda	2	-	2	-

Fonte: Elaborado pelo autor.¹¹⁹

Em síntese, é possível dizer que nesses países citados a criação de parques ocorreu em dois momentos: anterior e posteriormente à conquista da independência; e, que foi influenciada tanto pelos interesses dos países colonizadores quanto dos países pobres. É pertinente salientar que a discussão da implantação de parques nesses países permite o desenvolvimento de muitas pesquisas, pois além de se tratar de um longo período de tempo, também envolve realidades socioeconômicas e culturais diversas. Para essa pesquisa o foco manteve-se centrado em questões que ajudam a compreender os fatores que contribuíram para o surgimento dos geoparques na Europa.

Mas, de fato, quais seriam esses fatores e o que poderia ter influenciado essa criação?

É preciso esclarecer que esses questionamentos têm feito parte das dúvidas que angustiam e, ao mesmo tempo, motivam o desenvolvimento da tese desde a qualificação em agosto de 2016. Muita leitura, pesquisa em fontes nacionais e internacionais, seguidas de reflexões conduziram a alguns entendimentos. Primeiro: que o geoparque não é fruto de uma preocupação ambiental isenta do egoísmo e autointeresse. Esses sentimentos estão fortemente presentes e são representados pelo fator econômico e pela disputa de poder.

¹¹⁹ Os dados foram extraídos, em grande maioria, do site “www.protectedplanet.net”. Vale destacar que o número citado de parques no site pode ser diferente do apresentado oficialmente pelos países porque o *Protected Planet* utiliza o sistema de categorias de áreas protegidas estabelecido pela UICN.

Enquanto os parques nasceram no momento em que a mercantilização da natureza, via atividade turística, ainda estava sendo construída, pois o processo da “volta à natureza” era algo recente, os geoparques foram criados na década de 90 do século XX, quando a discussão ambiental passou a ser pautada através do modelo de desenvolvimento sustentável em uma fase em que a atividade turística é valorizada pelo seu retorno financeiro.

Sendo assim, ele foi planejado contendo explicitamente o interesse econômico em seus objetivos. É possível notar isto na definição do geoparque europeu apresentada no site “www.europeangeoparks.org”.

Um Geoparque Europeu é um território, que inclui um património geológico particular e **uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável** apoiada por um programa europeu para **promover o desenvolvimento**. Um geoparque deve ter limites claramente definidos e área geográfica suficiente **para um verdadeiro desenvolvimento** económico territorial (EGNa, 2018, s.n., grifo nosso).

Para mostrar o quanto o fator econômico foi importante e determinante no processo de criação e disseminação dos geoparques, é retomada a afirmação de Rocha (2015, p. 13), feita no capítulo anterior, onde informou que esse foi um motivador para que França, Grécia, Alemanha e Espanha implantassem os geoparques. Afinal, representavam uma alternativa para solucionar os problemas que lhes eram comuns, como a “estagnação econômica, alta taxa de desemprego, êxodo rural, emigração e envelhecimento da população”.

No que se refere à disputa de poder, isso é algo que foi se mostrando pertinente durante as reflexões realizadas. Foi possível perceber que da mesma forma que os Estados Unidos criaram os parques nacionais buscando, dentre outras coisas, uma visualização externa, no continente europeu não foi diferente com a criação dos geoparques, pois esses mostraram-se como mais uma reposta europeia à ex-colônia. No Velho Mundo o modelo de parques foi ajustado em um formato que “reduzisse” seus problemas, tratando-se de um modelo “melhor” e isso demonstrava superioridade. Assim, os Estados Unidos representando a América, criaram a marca “Parques Nacionais”, enquanto a Europa, a marca “Geoparque”.

Na realidade, é questionável a alegação de serem novas as ideias contidas nessa proposta. Inicia-se pelo quesito da sustentabilidade pois, como mencionado no item anterior, alguns de seus princípios já existiam na Europa há séculos, materializados na criação das florestas reais e parques de cervos. Quanto à sua presença nos parques nacionais, embora não

faça parte da versão original cunhada em 1872 nas diretrizes elaboradas pela UICN¹²⁰ em 1994, a “utilização sustentável de recursos derivados de ecossistemas naturais” aparecia como sendo um objetivo potencialmente aplicável aos parques.

Outro ponto refere-se à valorização geológica. Os geoparques foram idealizados por um geólogo e um geógrafo durante o 30º Congresso Internacional de Geologia em Beijing, em 1996, para atender a necessidade de proteger a história da Terra, que passou a adquirir corpo no meio científico após o 1º Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, realizado em 1991. Portanto, teoricamente os geoparques estariam atendendo de forma inédita a tais questões e isso era outro grande feito desse modelo, ressaltado no site do *European Geopark* através da afirmação que “até recentemente, não existiu nenhum reconhecimento internacional do patrimônio da Terra de importância nacional ou regional, e nenhuma convenção internacional sobre o patrimônio da Terra”¹²¹.

De fato, nesse contexto havia algo novo, a valorização e disseminação de uma ciência e seu objeto de estudo em nível nacional e internacional. Todavia, a conservação de especificidades (patrimônio) geológicas através da criação de áreas protegidas não era inédito, pois o próprio Parque Nacional do *Yellowstone*, segundo informações disponíveis no site do *National Park Service*, “foi estabelecido como o primeiro parque nacional do mundo principalmente por causa de seus extraordinários geysers, fontes termais, *mudpots* e aberturas de vapor, bem como outras maravilhas, como o *Grand Canyon* do rio *Yellowstone*”¹²². É válido acrescentar que para dar um tom de novidade à ideia, promovendo-a e agregando-lhe valor, passou-se a adicionar o radical¹²³ “geo” – que significa Terra – formando palavras (substantivos) referentes ao geoparque como: (geo)sítio, (geo)turismo, (geo)educação, (geo)história, (geo)preservação, (geo)produto, (geo)cientistas, (geo)ciências, (geo)monitores.

Outro ponto interessante na análise da exploração geológica é a conexão que tal exploração tem com a “superioridade europeia”. Afinal, como apresentado, no momento da criação do Parque Nacional do *Yellowstone* havia uma “disputa de ego” entre a Europa e a América. As constantes comparações de suas riquezas culturais eram exemplo disso e

¹²⁰ Disponível em: <<https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/1994-007-Es.pdf>>. Acesso em: 29/12/2017.

¹²¹ Disponível em: <www.europeangeoparks.org/?page_id=170&lang=pt>. Acesso em 13/12/17.

¹²² Tradução nossa. “was established as the world’s first national park primarily because of its extraordinary geysers, hot springs, mudpots and steam vents, as well as other wonders such as the Grand Canyon of the Yellowstone River”. Disponível em: <<https://www.nps.gov/yell/learn/nature/index.htm>>. Acesso em 18/12/17.

¹²³ De acordo com o “site www.soportugues.com.br”, geo é um radical grego que atua como primeiro elemento na formação de palavras.

influenciaram no estabelecimento do Yosemite e do *Yellowstone* que continham os monumentos do Novo Mundo. Naquele momento a mensagem era que a Europa contava a história através de construções humanas, e os Estados Unidos, representando a América, contavam usando de seus elementos naturais.

Entretanto, com a origem dos geoparques, a Europa passa a mostrar que é também detentora de especificidades, raridades naturais, de um patrimônio geológico. E, portanto, usando esse patrimônio, ela é privilegiada por conseguir contar tanto a história da Terra quanto uni-lo ao seu patrimônio cultural e contar a história humana. Sobre a valorização geológica via geoparque, o *European Geoparks* traz a seguinte informação:

Muitas pessoas, quando se pergunta sobre patrimônio geológico pensam em lugares como o Grande Canyon, a Islândia, o vulcão Etna, a Calçada dos Gigantes ou os Alpes.

No entanto, há mais patrimônio geológico do que estes sítios, frequentemente afloramentos excepcionais. **Em toda a Europa existem exemplos de paisagens e rochas que fornecem evidências-chave de um determinado momento na história da Terra** e eles também fazem parte do nosso patrimônio geológico. [...] De muitas maneiras, **o patrimônio geológico da Europa é tão diverso, interessante e dinâmico como a herança multi-cultural de muitas regiões da Europa.** [...] Relativamente ao patrimônio geológico da Europa, é também a nossa história comum, onde a história se encontra escrita e pode ser lida nas rochas que se encontram na paisagem (EUROPEAN GEOPARKSb, 2018, s.n., grifo nosso)¹²⁴.

Neste contexto, também merece ser aludida a valorização “os laços que são criados com o território” advindos das relações políticas, econômicas e sociais que posteriormente resultam na produção de uma identidade territorial que é bem explorada pelo geoparque, e está imbricada na discussão ligada aos patrimônios e a história de um povo. Porém, outra vez questiona-se a novidade. Afinal, como frisado, o *Yellowstone* foi criado visando esse fim. A diferença no caso americano é que se buscava produzir uma identidade nacional, enquanto que com o geoparque pretende-se produzir um território da conservação e junto uma identidade.

Na verdade, a inclusão da identidade territorial na proposta do geoparque se mostrou mais como uma consequência da junção de várias questões ajustadas do modelo de parques nacionais. Tais questões referem-se: a) ao tamanho da área de conservação; b) ao uso permitido e a propriedade da terra; e, c) a relação da comunidade local com a área de conservação. Percebeu-se que na instituição de um geoparque os referenciais históricos e geográficos presentes naquele território acabam exercendo influência na formação identitária

¹²⁴ Disponível em: <http://www.europeangeoparks.org/?page_id=6&lang=pt>. Acesso em 14/12/17.

da comunidade local e são levados em consideração na organização do mesmo, sendo representados de alguma maneira. Por isso, optou-se por fazer a abordagem acerca da relação identidade e geoparque pautada na identidade territorial que será melhor abordada na próxima seção.

Antes de dar sequência à discussão, é necessário reforçar mais uma vez um ponto que tem sido constantemente tocado no decorrer da seção sobre o egoísmo e autointeresse já que eles são pertinentes na composição do modelo de geoparque. Afinal, tal modelo foi pensado para atender especialmente as necessidades e especificidades europeias. Sendo assim, é evidente que o tamanho da área fosse levado em consideração. De acordo com as diretrizes de 1994 instituídas pela UICN referente aos parques, foi determinado que “[...] *las fronteras se deben trazar con suficiente amplitud como para encerrar uno o más ecosistemas enteros que no estén sujetos a modificación material a causa de la explotación o la ocupación humana [...]*. Nessas diretrizes também foi destacado que o uso da categoria II, correspondente aos Parques Nacionais, não é a mais adequada para ser estabelecida na Europa por possuírem “*espacios naturales colonizados y manejados desde hace mucho tiempo con sujeción a sistemas de propiedad múltiple [...]*” (UICN, 1994, p. 190-191).

Entretanto, ao instituir o modelo de geoparques, a justificativa apresentada para que esses não fossem constituídos por grandes áreas não fez menção à carência de terras europeias, mas à dificuldade que uma grande área poderia causar para que fosse atingido o objetivo de unificar a população e, conseqüentemente, criar uma identidade. Porém, se o tamanho é considerado um problema, por que a propriedade da terra e seu uso não seriam para os europeus?

De acordo com as diretrizes dos parques da UICN, tanto o modo de uso quanto o tipo da propriedade devem ser compatíveis com a obtenção dos objetivos almejados. Deste modo, a orientação é que – para facilitar o manejo dos Parques Nacionais – a área fique sob a posse do poder público (local ou nacional) ou, até mesmo, de um órgão não governamental devidamente constituído e dedicado à conservação ambiental. Todavia, o processo de transferência do título da terra do privado para o público sempre é impregnado de tensões e conflitos.

Embora que, durante a própria criação do Parque Nacional do Yellowstone tenha apresentado preocupação com o choque de interesse entre os proprietários de terras e embora tenha procurado fazer uma abordagem que evitasse ou, ao menos, amenizasse o problema, o que se verificou foi que existe uma carência de bibliografia nacional e internacional que discuta a participação dos proprietários de terras no processo de criação dos parques nacionais

e das demais áreas de conservação que necessite a desapropriação. A discussão de maior repercussão recai sobre os problemas que, segundo Diegues (2001, p. 14), são de “caráter ético, social, econômico, político e cultural” causados às populações, denominadas pelo autor como tradicionais (às ribeirinhas, indígenas, pescadores artesanais e extrativistas) ao serem consideradas como uma ameaça à conservação local. Segundo Ghimire (1991), além de tal discussão ser abordada por organizações internacionais como as Agências das Nações Unidas; Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional – USAID; Fundo Mundial para a Natureza – WWF, ela tem também constado nas pautas dos Congressos Mundiais de Parques da UICN.

Desta forma, se a intuito era fazer um modelo melhor que aquele dos parques e a discussão mundial predomina sobre os problemas criados nas comunidades tradicionais, enfatizá-los demonstrando preocupação daria muito mais repercussão que expor o desejo de preservar os interesses dos proprietários de terras. Para reforçar a importância da inclusão da população na proposta do geoparque, Boggiani (2010) cita a frase de Chris Woodley-Stewart, o gerente do Geopark North Pennine (Reino Unido): “Geoparques não são apenas pedras, geoparques são sobre pessoas” e a explica afirmando que “através dos geoparques, procura-se a valorização das pessoas e não apenas a conservação da fauna e flora”.

Outro ponto relevante é que os geoparques visavam solucionar os problemas europeus citados (estagnação econômica, alta taxa de desemprego, êxodo rural, emigração e envelhecimento da população). Logo, não seria desapropriando terras nem desterritorializando a população local que tais objetivos seriam atingidos.

Portanto, era evidente que a opção pela inclusão da população fosse aderida porque além de contemplar o objetivo de prevenir conflitos e dar continuidade ao uso que era feito da terra, o geoparque ainda iria proporcionar uma agregação de valor, pois os produtos oriundos da área levariam a “marca” Geoparque. Porém, para que essa marca fosse reconhecida, conquistando seu espaço no mercado consumidor, era de grande importância haver união dessa população e o reconhecimento de sua identidade territorial.

A fim de exemplificar o quanto é conflituosa a criação de áreas de conservação de uso indireto e que, por isso os idealizadores dos geoparques não querem vivenciar o mesmo problema, cita-se o caso do Geoparque Bodoquena-Pantanal (objeto de estudo desta tese) que optou por usar o substantivo “geoparque” em língua inglesa para a constituição do nome oficial “*Geopark* Bodoquena-Pantanal”. Desse modo, ao substituir o “QU” pelo “K” pretendiam não ser confundidos com os Parques Nacionais que constitui uma categoria do

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação – do Brasil e, assim, obter apoio dos proprietários de terras.

É importante destacar que não é somente no Brasil que os geoparques não constituem categoria de conservação. Eles também não pertencem às categorias da UICN e isso acaba sendo um diferencial bastante frisado pelos seus defensores. Na prática, o que irá interferir é a inexistência de uma legislação específica que os disciplinam. Essa especificidade é entendida por Boggiani (2010) como uma vantagem porque “ao enquadrar o conceito em uma lei específica, ou com uma alteração do SNUC, iríamos engessar o processo e tirar o caráter inovador e dinâmico que ele apresenta e o que o torna diferente de outras modalidades de conservação”. Ainda segundo o autor, tal característica é importante por permitir “uma ampla gama de formas de gestão, podendo até ser privado”.

Essa especificidade também está intimamente ligada ao uso permitido da área do geoparque. Afinal, por não existir legislação específica acaba não tendo proibição do desenvolvimento de atividades, desde que atenda à legislação (geral) local e nacional; ou seja, se as atividades anteriores à criação do geoparque eram legais, não existe motivo para que essas sejam alteradas. Entretanto, ao mesmo tempo em que é apresentado como algo positivo, permite questionar a eficiência da conservação proposta porque deixa seus geossítios vulneráveis, impondo a obrigação de protegê-los através do uso de legislação apropriada.

Diante do exposto, observa-se que o egoísmo e o autointeresse são a essência da preocupação ambiental e, assim, participam ativamente do processo de construção do chamado mundo da sustentabilidade. Neste contexto, pode se afirmar que tanto os Parques Nacionais quanto os Geoparques tiveram suas criações motivadas por tais sentimentos e, quando se procura encontrar respostas para os questionamentos iniciais desse subitem, embasando-se nesses modelos de conservação, mais uma vez o egoísmo e o autointeresse marcam presença. Afinal, a conservação buscada é a de um recurso, de uma mercadoria; que interessa, de uma forma geral, aos seres humanos e, específica, a grupos de poder¹²⁵; enquanto o motivo, não podendo ser diferente, visa satisfazer suas necessidades e que devido a ação do modo de produção capitalista também as transformou em mercadoria. Sendo assim, fez da conservação dos elementos naturais, antes de tudo, mais uma forma encontrada para a obtenção de lucro e manutenção desse modo de produção.

¹²⁵ Tais grupos, de acordo com Ocon (2015, p. 240) podem ser de “poder ideológico, político e econômico”.

4 A CRIAÇÃO DO GEOPARQUE BODOQUENA-PANTANAL E A PRODUÇÃO DO “TERRITÓRIO TURÍSTICO” NO MUNICÍPIO DE NIOAQUE – MS

A seção anterior discutiu o processo de construção de uma “preocupação ambiental” no mundo ocidental moderno. A complexidade dessa construção envolveu princípios que, com o passar do tempo, foram ganhando corpo e foram se tornando a principal ideologia que permeia as questões ligadas à relação da sociedade com a natureza – o desenvolvimento sustentável. Assiste-se à construção do mundo da sustentabilidade, que – nesta pesquisa – tem explorado a faceta ligada à produção de territórios através da criação de geoparques, sendo apresentados nos discursos como territórios da conservação¹²⁶. Entretanto, quando analisou-se o Geoparque Bodoquena-Pantanal, a partir do município de Nioaque, percebeu-se que existe, de fato, a construção de um território, mas este não é da conservação e, sim, um território turístico.

A base da discussão está fixada no único geossítio presente nesse município denominado de “Icnofósseis/Formação Botucatu” ou “Pegadas de Dinossauros”¹²⁷. É a partir dele que o discurso da conservação passou a fazer parte da pauta política justificado, primeiramente, pela sua importância paleontológica, alegando que esse poderia contribuir para ensino e pesquisa em nível universitário, no ensino básico e, até mesmo, em caráter de informação para a população em geral que se interessar pela temática. Entretanto, na realidade, o fator motivador para isso é o desejo de criar um atrativo turístico para o município.

Partindo do entendimento de Medeiros (2015) que acredita que a construção de um território pode ter sua origem no imaginário, de um sonho, é possível afirmar que em Nioaque a construção do território turístico pode ser explicada nesta perspectiva de análise. Como já mencionado em outros momentos no texto, uma parcela da população residente em Nioaque (como os membros do poder público, artesãos e empresários) percebe e entende que, graças à sua localização (caminho entre Campo Grande – emissor de turistas, e Bonito – receptor de

¹²⁶ Não é objetivo desta pesquisa analisar se a propriedade de tal modelo é a de produzir territórios da conservação, como é demonstrado em sua proposta. Afinal, esta pesquisa se restringiu em analisar o Geoparque Bodoquena-Pantanal e, nessa, concluiu-se que por mais que nos discursos seja focado o argumento que ele representa uma alternativa para a conservação, na prática, verificou-se a produção de outro território – o turístico. Porém, é necessário pesquisar mais profundamente para que se possa afirmar que o que ocorre nesse geoparque não é uma especificidade sua, mas que é próprio do modelo.

¹²⁷ No Decreto de criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal, o nome dado ao geossítio localizado em Nioaque foi “Pegadas de Dinossauro”, enquanto que no Dossiê de Candidatura a GGN, o mesmo geossítio, foi identificado como “Icnofósseis/Formação Botucatu”.

turismo), o município poderia ser inserido como destino turístico. A perspectiva de criação do território turístico a partir de um sonho pode ser identificada pelas falas dos sujeitos entrevistados e que fazem parte do processo de produção do que está sendo chamado de território turístico:

Porque eu falo que as belezas naturais Deus deu pra Bonito, para o MS (referindo-se ao Pantanal) e deu pra Jardim – aquele rio maravilhoso, você olha ele assim e acha que é raso e tem 8-10 m, porque são muito límpidas as águas, o rio Formoso, rio da Prata é muito bacana! E daí eu falo por que não é possível fazer turismo em Nioaque?

Claro que é possível só que tem que acreditar em alguma coisa e tem que fazer isso aí... (DN- IV, 2015, informação verbal).

[...] nós só acreditamos no desenvolvimento do município somente através do turismo. É nossa briga! Estou na política por causa de um sonho, enquanto muitos aqui, ninguém acredita. Se você for perguntar aqui do projeto de turismo em Nioaque... estamos há 20 anos pelejando e agora com a ajuda do geoparque que a gente conseguiu fazer um pouco também. O Povo tem que acreditar no que tem! (DN-VII, 2015, informação verbal).

Isso pode dar um potencial futuro muito grande pra cidade de Nioaque é só acreditar! Tudo que a gente faz acreditando tem sucesso! (EN-II, 2015, informação verbal).

Embora a entrevistada DN-IV tenha afirmado que as belezas naturais estivessem localizadas em Jardim e Bonito, levando a entender que o seu município fosse desprovido dessas, o que apareceu nas falas de alguns entrevistados dos grupos de dirigentes, lideranças, empresários e artesãos é que Nioaque apresenta potencial para a implantação da prática do turismo¹²⁸. Nas afirmações seguintes, os entrevistados mencionam o que o município oferece como possibilidade de exploração via atividade turística:

Quando falamos em turismo em Nioaque não são só as pegadas, tem diversos pontos. Nós temos as furnas que tem lá cavernas, cachoeiras, tem essas fazendas que estão nos livros, tem oito ruínas aqui na estrada que vai pra Aquidauana, tem vários cemitérios antigos que são de mil oitocentos e pouco, tem a comunidade indígena muito rica no artesanato, cultura e dança. (DN-V, 2015, informação verbal).

[...] porque aqui tem as serras, as trilhas, tem morro, tem o rio, tem várias coisas (referindo-se ao seu assentamento) (LARN-I, 2015, informação verbal)¹²⁹.

¹²⁸ Cabe ressaltar que não é objetivo dessa pesquisa analisar o potencial turístico do município nem identificar tais atrativos.

¹²⁹ Liderança Assentamento Rural de Nioaque. Entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2015.

Nós temos um potencial muito grande para ser explorado na área do turismo [...] com relação aos balneários nós somos sitiados por vários rios e córregos, centenas de cachoeiras, quedas d'água, fazendas históricas, antigas que fazem parte da história da Guerra do Paraguai [...] está faltando vontade para explorar (EM-III, 2015, informação verbal)¹³⁰.

[...] tem muita gente que já veio fazer trilha ali na serra, já andaram. Então a gente tem um lugar pra ser explorado e que se conseguisse poderia vender os produtos na própria sede (AARN-I, 2015, informação verbal)¹³¹.

Apesar dos entrevistados entenderem que existe um potencial no município, precisou haver a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal para que o sonho de ver Nioaque como um destino turístico estivesse mais próximo de se concretizar. O motivo disso é porque o geoparque trouxe consigo a ideia de conservação e valorização da história da Terra e isto permitiu que o município direcionasse seu foco de atenções para promover a visibilidade de um local que, desde a sua primeira análise em 1987 por um profissional especializado, até a criação do geossítio era para a maioria dos nioaquenses apenas uma “estória”.

É importante, nesse momento, abrir um parêntese para ressaltar que esse geoparque já foi idealizado visando sua inserção na Rede Global de Geoparques – GGN. Dessa forma, houve articulações que envolveram representantes de todos os municípios abrangidos pelo geoparque e cujo objetivo era prepará-lo para a candidatura. Portanto, essas articulações buscavam não somente tentar implantar um modelo europeu no MS, mas também ajustar a sua realidade às exigências da rede. Era preciso incorporar atributos tidos como relevantes internacionalmente, bem como buscar orientações em outros geoparques (nacionais e internacionais) que conseguiram se tornar membro da GGN para criar uma proposta com maiores chances de ser aceita. Observou-se que a idealização e a preparação da proposta do Geoparque Bodoquena-Pantanal efetivou o que Saquet (2011, p.41) havia concluído anteriormente ao afirmar que “na organização do território há mudanças sociais que se substantivam em rearticulações e redefinições, em novas relações que combinam o local com o global”.

Retornando a atenção para Nioaque, é preciso salientar que, por meio do trabalho de campo, foi possível identificar que o geoparque encorajou os dirigentes locais de Nioaque a atuarem no sentido de produzir um território turístico. Como salientado por Haesbaert (1999, p. 172) “[...] que não há territórios sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes [...]”, o município tomou as pegadas

¹³⁰ Empresário de Nioaque. Entrevista realizada no dia 21 de outubro de 2015.

¹³¹ Artesã do assentamento Rural de Nioaque. Entrevista realizada no dia 20 de outubro de 2015.

dos dinossauros como símbolo para produção do território, bem como a própria figura dos dinossauros apresentada, já na entrada da cidade, junto da identificação de “Vale dos Dinossauros”, exposto na figura 17.

Ao conhecer a história dessas pegadas, desde a sua descoberta até a transformação em um geossítio, através da bibliografia e, principalmente, através dos relatos durante as entrevistas, ficou evidente que como é afirmado por Saquet (2013, p.127) a produção dos territórios se dá no tempo e no espaço através do “exercício do poder por determinado grupo ou classe social”. É dito isso, porque esse poder não só foi usado para definir o que iriam focar para desenvolver como atrativo¹³², como também foi essencial para inserir esse município e conseguir mantê-lo no Geoparque Bodoquena-Pantanal quando esteve em discussão a redução da área no processo de elaboração do Dossiê de Candidatura à GGN. Na fala seguinte, é possível confirmar tal fato:

[...] fui sozinho, com meu carro, pra não deixar Nioaque sem participação no Geoparque... Marcaram uma reunião pra Bonito e, em Bonito, queriam tirar fora Guia Lopes, Nioaque porque a região era muito grande e aí eu entrei, fiz uma jogada com Jardim pra conseguirmos nos manter dentro do geoparque [...] (DN-V, 2015, informação verbal).

Concordando com o entendimento de Saquet (2013), é necessário reforçar que a definição de tais símbolos usados para produzir um possível território turístico não foi escolhida pela população em geral, mas por um grupo. Pode-se afirmar que houve uma imposição, um controle por parte dos dirigentes, reforçado nas escolas e, simultaneamente, no comércio local ao inserirem aos poucos a temática dentro do município. O autor teorizou que “[...] as relações de poder estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle *do* e *no* espaço geográfico, de indivíduos, no processo de apropriação e domínio social, cotidianamente” (SAQUET, 2013, p.129). O autor ainda acrescenta:

[...] o processo de apropriação e produção territorial pode ser compreendido reconhecendo-se a relação espaço-tempo, o **domínio ou o controle político**, a apropriação simbólico-identitária e efetiva e, concomitantemente, a **dinâmica econômica**, em unidade, no processo de reprodução da dominação social, em que o Estado e os agentes do capital se fundem histórica e incessantemente. A apropriação, o controle político e as relações simbólicas são processos ligados ao capital (SAQUET, 2013, p. 130, grifo nosso).

¹³² Como já mencionado, outros atrativos turísticos poderiam até existir, mas tê-los ou não no município seria indiferente por conta da ausência de interesse, de recursos financeiros e de vontade de explorá-los.

No município estudado, verificou-se que o referido grupo de pessoas se apropriou do entendimento de que Nioaque poderia ter sido em um passado geológico um território de dinossauros para explorá-lo e tentar fomentar a economia, proporcionando a diversificação das atividades desenvolvidas localmente. Para isso, os dirigentes principalmente, usaram seu poder para disseminar a ideia e utilizaram meios materiais (inserindo a figura dos dinossauros junto ao letreiro que identifica o nome da cidade) e imateriais (usando dos meios de comunicação, expondo a ideia durante reuniões e festividades municipais, dentre outros). A próxima fala é um relato de como foi decidido colocar os dinossauros na entrada da cidade, ilustrando o exercício de poder.

[...] ela impactou (a escultura de dinossauro)! Impactou qualquer pessoa! Eu achei, assim, ousada porque enquanto a gente estava tentando saber, descobrir qual era o objetivo geral... o objetivo geral era criar o núcleo. Mas, nós vamos criar o núcleo, especificamente, só o núcleo ou nós vamos também continuar com os bolsistas [...]? Não, nós vamos trabalhar com o núcleo, nós vamos desenvolver o núcleo. Aí o prefeito:
-Não, eu vou colocar os dinossauros e 2 ovos!
Mas, prefeito é muito auspicioso, as pessoas vão rir porque chama o Vale dos Dinossauros, Cidade dos Dinossauros [...] (DN-IV, 2015, informação verbal).

Considerando a afirmação de Raffestin (1993, p. 53) de que “toda relação é o ponto de surgimento do poder [...]”, tem-se, portanto, que ele está imbricado em toda relação e torna-se inegável que as relações existentes e, logo, essenciais na produção dos territórios são relações de poder.

Tendo isso como certo, é possível concluir que, em tais processos, os conflitos sempre estarão presentes, pois, como observa o autor, baseado em Foucault, “onde há poder há resistência [...]”¹³³. Sendo assim, o município de Nioaque não fugiu à regra.

Antes de dar continuidade à questão dos conflitos que permeiam a discussão da temática “Vale dos Dinossauros” – alicerce do território turístico que se quer e que se tenta produzir no município estudado – é preciso deixar claro o que se entende por território. Sendo assim, para defini-lo tomou-se emprestado o entendimento de Saquet (2015), onde conclui-se que:

O território significa articulações sociais, conflitos, cooperações, concorrências e coesões; é produto de **tramas** que envolvem as construções (formas espaciais), as instituições, as redes multiescalares, as relações

¹³³ Raffestin (1993, p. 53).

sociais e a natureza exterior ao homem; é objetivo-material e subjetivo-imaterial ao mesmo tempo (SAQUET, 2015, p. 88, grifo do autor).

Neste texto, considera-se território como um produto social resultado de um processo de produção que envolve relações dentre as quais está a de “apropriação simbólico-identitária e afetiva”¹³⁴. Afinal, como fora alegado por Saquet (2015, p. 84), a apropriação e construção de territórios e de identidades e heterogeneidades ocorrem concomitantemente, pois uma depende e interfere na geração da outra.

A questão da identidade merece ser destacada. Além de ser um componente necessário na/da produção de territórios de uma maneira geral, ela é apresentada como sendo a essência do modelo no caso dos geoparques. Prova disso é obtida no fragmento seguinte, retirado do texto disponível no “www.europeangeoparks.org”, onde afirma que “Geoparques são, portanto, territórios com uma forte identidade regional, derivada de suas características naturais e culturais”¹³⁵.

Nos geoparques, o território já é produzido visando construir uma identidade, ou seja, é intencional, necessária e não somente uma consequência. Sendo assim, o que se quer destacar é a relevância desta em tal modelo de conservação, pois alega-se que para existir um geoparque é necessário que a população se aproprie, desenvolva um sentimento de pertencimento pelo território em produção, pelo símbolo instituído como representação territorial. Na fala apresentada a seguir, o entrevistado explica o seu entendimento pelo território do geoparque e, também, comenta sobre a importância do projeto Geoparque Móvel¹³⁶ na capilarização do sentimento de pertencimento por esse território.

[...] então, o aspecto território é num conceito muito mais de entendimento de pertencimento a um determinado fenômeno geológico local e **fazer com que as pessoas se identifiquem como estando no mesmo ambiente daquele fenômeno geológico** que se quer proteger, que se quer defender, que se quer desenvolver [...]. Às vezes falamos no escritório o que é território, mas, o cara que está lá embaixo nunca ouviu falar. Então, o Geoparque Móvel era a maneira da gente **capilarizar o sentimento de pertencimento ao território** por meio das atividades itinerantes (DGBP – I, 2018, informação verbal)¹³⁷.

A construção de uma identidade faz parte dos objetivos de um geoparque. Mesmo assim, os conflitos estão presentes, pois nascem das relações de poder estabelecidas no

¹³⁴ (SAQUET, 2013, p. 130).

¹³⁵ Disponível em: < http://www.europeangeoparks.org/?page_id=151&lang=pt>. Acesso em 18/03/18.

¹³⁶ A apresentação do projeto Geoparque Móvel será feita no decorrer do capítulo.

¹³⁷ Dirigente Geoparque Bodoquena-Pantanal. Entrevista realizada através de ligação telefônica, no dia 15/03/2018.

processo de produção do território. Afinal, ao idealizarem esse território, um grupo definiu um símbolo e passou a trabalhá-lo para que fosse apropriado pela população. Entretanto, a identidade que se tenta construir pautada no “Vale dos Dinossauros” causou certa resistência e é exemplificada nas seguintes falas:

[...] os dinossauros, a maioria achou que era uma brincadeira. [...] É igual o pessoal falou:

- Nós não queremos ser filhos de dinossauros, queremos ser filhos de heróis! (AQN-I, 2015, informação verbal)¹³⁸.

[...] estamos servindo de chacota, de deboche porque as pessoas da região chegam aqui e falam:

- Cadê os dinossauros? Estão aí atrás do balcão? (EM-III, 2015, informação verbal)¹³⁹.

Buscou-se apresentar que a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal encorajou o município de Nioaque a trabalhar para realizar seu sonho de possuir um território turístico. Para isso, usaram o seu geossítio para criar um símbolo, apresentaram este símbolo à população e passaram a tentar construir uma identidade territorial e, concomitantemente, seu território turístico. O detalhamento das relações estabelecidas e as ações desenvolvidas visando esse fim serão apresentados no decorrer desta seção.

4.1 A efetivação do Geoparque Bodoquena-Pantanal no município de Nioaque

Desde a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal, o município de Nioaque é, dentre os demais municípios que tiveram áreas abrangidas por esse geoparque, o que tem se destacado em termos de interesse e atitudes voltadas ao desenvolvimento desse projeto estadual.

Nioaque acreditou que o geoparque poderia trazer retorno financeiro através do desenvolvimento da atividade turística para o município. Logo, não hesitou em apoiar a proposta de nucleação, colocando-se como interessado em ter em sua sede o primeiro núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal.

A proposta de nucleação nasceu como uma alternativa para solucionar o problema relacionado à grande extensão territorial desse geoparque, uma vez que os núcleos facilitariam

¹³⁸ Os moradores de Nioaque se orgulham em dizer que são filhos de heróis. Tal questão será abordada no decorrer do capítulo; Artesão Quilombola de Nioaque; Entrevista realizada no dia 21/10/2015.

¹³⁹ Empresário de Nioaque; entrevista realizada no dia 21/10/2015.

sua estruturação e implementação. Os núcleos, portanto, como informado no “www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br”, têm como objetivo:

[...] fortalecer o Programa nas cidades que compõe seu território e promover a difusão da geociências (geoeducação, geoturismo e geoconservação) junto aos municípios parceiros do Geopark Bodoquena Pantanal, assim como estimular o desenvolvimento de competências locais e integração geral no território, oportunizando o desenvolvimento socioeconômico local, desta forma promovendo o desenvolvimento sustentável nos municípios (MS, 2016)¹⁴⁰.

Em notícia veiculada no site do Geoparque Bodoquena-Pantanal, no dia 03 de abril de 2014, o então Diretor Científico do Geoparque, Afrânio Soriano, comenta que “a iniciativa permite que os municípios, localidades e instituições públicas ou privadas possam atuar em conjunto na gestão dos geossítios¹⁴¹”. Ainda sobre a ideia de nucleação, o DGBP-I em entrevista explanou que essa proposta é fundamentada na teoria sistêmica.

[...] a estratégia de nucleação preconiza na visão sistêmica de que as partes constituem o todo, mas as partes são independentes entre si. Elas guardam entre si relações de interdependência, mas também se comportam como subsistema. Partindo desse princípio eu posso e devo ter locais, núcleos que teriam essa unidade geológica e a comunidade integrados e que seria um geoparque [...] (DGBP-I, 2018, informação verbal).

Entretanto, no entendimento de Lima (2016), cabe ressaltar que a criação dos núcleos pode ter uma conotação de falta de coesão do Geoparque Bodoquena-Pantanal e a GGN não admite isso. Dessa forma, se houver uma nova tentativa de inserção na rede, os núcleos podem representar um empecilho, pois se reconheceria que a área atual é extensa demais para aplicar o modelo preconizado.

Porém, na avaliação do entrevistado DGBP-I, a proposta de nucleação deu certo. Em suas palavras: “[...] o que eu consegui provar é que os núcleos funcionam... o município que menos tinha condições de fazer qualquer coisa ele fez [...]” (referindo-se a Nioaque).

Em entrevista, o DN-I relatou que em 2013, durante uma reunião em Campo Grande, o Diretor Científico do Geoparque propôs ao município de Nioaque a abertura de um núcleo. A resposta, naquele momento, foi positiva à proposta e um local foi prontamente cedido.

Na sequência, a equipe técnica do Geoparque fez uma visita para conhecer o prédio e fechou o acordo com o município, celebrando um Termo de Cooperação com a Fundação de

¹⁴⁰ http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=20. Acesso em: 10/01/16.

¹⁴¹ Notícia veiculada no site do Geoparque Bodoquena-Pantanal, no dia 03/04/2014. Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/news/view/id/74>>. Acesso em: 27/06/15.

Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do MS – FUNDECT, representada pelo Geoparque Bodoquena-Pantanal, que entrou em vigor no dia 15 de abril de 2013, com vigência de 48 meses, podendo ser renovado.

O objeto desse Termo de Cooperação constituiu em estabelecer parceria entre as partes para o desenvolvimento de “todas as ações pertinentes a temática Geopark-BP”¹⁴². Através desse Termo, o município se responsabilizou em repassar mensalmente para o Geoparque Bodoquena-Pantanal o valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais); além de oferecer um local para a instalação do núcleo e subsídio para a contratação de geomonitores. Em contrapartida, o Geoparque ofereceu capacitação aos geomonitores e uma ajuda inicial para estruturar o núcleo “através de ferramentas técnicas científicas, como: coleção de fósseis, minerais e rochas, biblioteca de referência em geociências, vídeos, palestras temáticas, roteiros de visitação, folhetos, mapas geológicos, etc”¹⁴³.

O referido núcleo está localizado na sede do município de Nioaque em um prédio onde funcionava a escola Marizete Braga Ramos, uma extensão da Escola Municipal Guilherme Corrêa da Silva (figura 27). Porém, antes de acontecer às primeiras reformas para tornar o local apto, o núcleo funcionou provisoriamente junto à Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Lazer.

Figura 27- Entrada do Núcleo Nioaque



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁴⁴.

O prédio do núcleo continua sofrendo reformas/adaptações, pois, como justificado pelo DN-I¹⁴⁵, o atraso na conclusão ocorre em razão de dificuldades financeiras, tanto municipal quanto estadual. O entrevistado também informou que a área onde esse está

¹⁴² Geopark-BP (Geoparque Bodoquena-Pantanal). Termo de Cooperação N°./2013, Cláusula Segunda.

¹⁴³ Idem à nota anterior.

¹⁴⁴ Disponível em:< www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br >. Acesso em 22/04/2015.

¹⁴⁵ Embora a entrevista tenha sido realizada em 2015, as referidas adaptações e reformas ainda não foram concluídas pelo mesmo motivo, que é a falta de recurso financeiro.

localizado tem problemas de documentação, o que dificulta buscar um financiamento para conclusão da obra. Porém, o município tem procurado resolver a questão e, para isso, interpôs uma ação judicial para desapropriar o imóvel. Tal ação estava em trâmite¹⁴⁶.

De acordo com o entrevistado, a irregularidade na documentação existe porque o imóvel em 1991 era propriedade particular de Aquiles de Andrade que doou para a construção da escola, porém a transferência da área para o município não foi regularizada. A figura 28 ilustra a placa de agradecimento da comunidade nioaquense ao proprietário pela doação realizada.

Figura 28 - Placa de agradecimento da comunidade nioaquense ao proprietário pela doação do imóvel



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de campo.

No que se refere às reformas idealizadas, na oportunidade, o DN-I comentou que constava no projeto a retirada do muro da parte frontal do imóvel – possível de ser visualizado na figura seguinte – para deixar o acesso livre à comunidade local e aos turistas.

Figura 29 - Fachada do Núcleo Nioaque



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁴⁷.

¹⁴⁶ Durante entrevista no dia 02/03/2018, o Dirigente-VIII de Nioaque não soube dar informações quando questionado sobre o andamento da ação, pois desconhecia o caso.

Durante a realização do trabalho de campo, em 2015, a organização do núcleo possuía a seguinte disposição e apresentação: uma cozinha, um espaço para palestras (Figura 30), uma sala destinada a um futuro laboratório (figura 31 e 32), uma biblioteca (figura 33) e salas para o geomuseu.

Figura 30 - Local para palestras no Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque



Fonte: Mato Grosso do Sul (2015)¹⁴⁸.

Figura 31 - Sala para futuro laboratório do Núcleo, em Nioaque



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de campo.

Figura 32 - Fotos da seção de rochas e minerais do laboratório



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de campo.

¹⁴⁷ Disponível em: < www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br >. Acesso em 22/04/2015.

¹⁴⁸ Disponível em: < www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br, 2015 >. Acesso em: 22/04/2015.

Figura 33 - Fotos da biblioteca do Núcleo, em Nioaque



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de campo.

O geomuseu foi planejado para ter um ambiente formado por 3 salas: a primeira, ilustrada pela figura 34, possuía painéis para serem “adesivados com temas das geociências e dos dinossauros”¹⁴⁹.

Figura 34 - Primeira sala do geomuseu do Núcleo em Nioaque



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵⁰.

A segunda sala (figura 35) é a representação de uma cápsula do tempo. Esta sala estava equipada com cadeiras e TV para que o visitante pudesse assistir vídeos referentes à temática.

¹⁴⁹ Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=20>. Acesso em: 10/01/16.

¹⁵⁰ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/04/2015.

Figura 35 - Segunda sala do geomuseu: Cápsula do Tempo



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵¹.

E, por fim, a sala do Paleoambiente (figura 36). Um trabalhado com adesivagem para representar o ambiente da região de Nioaque no período habitado pelos dinossauros também foi planejado para esta sala. Nela, ainda foi idealizada a ilustração das pegadas no chão; bem como, a reprodução de sons emitidos pelos dinossauros.

Figura 36 - Terceira sala do geomuseu: Sala do Paleoambiente



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵².

Durante a reunião do Conselho Gestor do Geoparque Bodoquena-Pantanal, realizada no dia 16 de setembro de 2014, em Nioaque, foi feita a apresentação de um vídeo do projeto arquitetônico em 3D¹⁵³ do núcleo. Nesta apresentação, o projeto de reforma do prédio também contava com uma passarela com o “tempo geológico” e anfiteatro a céu aberto com uma réplica de dinossauro. A proposta era produzir um ambiente apto para desenvolver atividades didáticas com públicos variados (turistas e as comunidades estudantil e local).

¹⁵¹ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

¹⁵² Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

¹⁵³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H4yshgkXbCQ>>. Acesso em: 20/11/2016.

O trabalho com os turistas seria voltado, em especial, à orientação sobre o processo de formação das pegadas e demais informações sobre a temática, antes de realizarem visita ao geossítio.

O município de Nioaque não só foi o pioneiro na implantação de um núcleo, como também na criação do Conselho Gestor Local do Geoparque Bodoquena-Pantanal. O conselho criado por decreto municipal¹⁵⁴, no ano de 2015, é “um órgão colegiado de caráter consultivo, competente para diagnosticar, promover e divulgar as ações necessárias para o desenvolvimento sustentável da região abrangida”¹⁵⁵. Especificamente, compete a esse Conselho Gestor:

- I - sugerir ações para o desenvolvimento do núcleo Nioaque Geopark, que serão postas em pauta nas suas reuniões, sendo que a execução dessas ações compete às entidades diretamente interessadas que as viabilizarão por meio dos instrumentos legalmente previstos;
- II - manifestar-se aos órgãos competentes pela fiscalização e proteção das áreas local de Nioaque – Geopark sobre obras ou atividades potencialmente causadoras de impacto na região;
- III - esforçar-se para compatibilizar os interesses dos diversos segmentos sociais relacionados com o Núcleo Nioaque – Geopark;
- IV - propor diretrizes e ações para integrar, conforme o caso, a relação com a população do entorno e/ou da região abrangente do Geopark;
- V - promover e divulgar o Núcleo Nioaque – Geopark Bodoquena-Pantanal, em conjunto ou isoladamente, desde que atendam aos padrões previamente aprovados.
- VI - sugerir e convidar outras entidades a integrar o Conselho Gestor local, visando ao desenvolvimento das ações do Núcleo Nioaque Geopark Bodoquena-Pantanal (NIOAQUE, DECRETO S. N., 2015, art.5).

Quanto à sua composição, seus membros – titulares e suplentes – são representantes da Câmara Municipal de Vereadores; Secretaria Municipal de Educação; Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer; Departamento de Planejamento, Projetos e Meio Ambiente; Secretaria de Governo; Ministério Público Estadual; e, 9º GAC de Nioaque (NIOAQUE, DECRETO S. N., 2015).

No entendimento do DN-II, a criação do conselho é fundamental para estabelecer um controle sobre o desenvolvimento das atividades que vierem a surgir proveniente ao turismo. Afinal, como salientou, cabe ao conselho aprovar todo produto que for criado com a marca “Geoparque” ou “Pegadas de Dinossauro”. Em suas palavras:

¹⁵⁴ A ausência da data da publicação e número do decreto é em razão de não ter tido acesso ao documento final. O que foi disponibilizado é uma versão não revisada.

¹⁵⁵ Texto não revisado do Decreto que cria o Conselho Gestor Local do Núcleo de Nioaque – Geoparque Bodoquena-Pantanal.

No turismo todo mundo quer fazer alguma coisa pra ganhar. Pra não ter aquela situação que a gente não consegue governar temos que fazer um conselho gestor.

Quem vai fazer a deliberação sobre tudo desde a venda disto aqui, que tem a marca Geoparque ou marca Pegadas de dinossauros, tem que passar pelo conselho Gestor (DN-II, 2015, informação verbal).

Com o núcleo criado e os geomonitores contratados, era preciso planejar as atividades a serem desenvolvidas voltadas à disseminação da temática geoparque e o seu geossítio. Para isso, como informou o DN-III, foi decidido em conjunto com os dirigentes de Nioaque e equipe técnica do geoparque que o meio mais apropriado para se atingir esse objetivo era trabalhar com educação. O entrevistado explicou que a opção pela educação – ou geoeducação por ser uma atividade ligada ao geoparque – se justifica devido ao fato de que junto com a geoconservação e geoturismo, eles constituem os pilares de tal modelo de conservação. O DN-III enfatizou que “tudo passa pela educação, você só ama aquilo que conhece! É preciso ter conhecimento, esse conhecimento científico porque senão sempre vai ficar no senso comum”¹⁵⁶.

Vale lembrar que o objetivo maior é produzir um território turístico e criar na população um sentimento de pertencimento pelo seu geossítio: as pegadas dos dinossauros. Sendo assim, concluíram que poderiam usar de um dos pilares – a geoeducação – para alcançar os demais. A equipe partiu do princípio de que é muito mais difícil convencer um adulto que uma criança, pois, além dela estar mais aberta a receber informações, ela também carrega consigo o aprendizado, reproduzindo-o no ambiente doméstico e, conseqüentemente, na comunidade. As duas falas seguintes possibilitam a identificação da intenção de utilizar a educação para tentar produzir um território turístico. Ainda assim, na primeira está explícito que o objetivo maior é fazer do município um destino turístico; a segunda, contudo, enfatiza a possibilidade de conquistar a população através da educação.

As professoras estão trabalhando com os alunos, ensinando, para que introduza essa ideia e para que alguns anos a gente possa explorar economicamente isso para o município. [...] a principal coisa é o turismo que nós gostaríamos de introduzir no nosso município (DN-I, 2015, informação verbal).

[...] nosso trabalho o “Geoparque Vai às Escolas” tem a intenção disso, trabalhar a geociências, o geoparque, a geoeducação para que eles possam amar e entender a importância de preservar e não o porquê do empreendedorismo que é a própria questão do geoturismo. Mas, tudo voltado para uma educação ambiental sustentável, nós trabalhamos muito a

¹⁵⁶ DN-III. Entrevista realizada no dia 22/09/2015.

questão da geodiversidade [...] O turismo é uma consequência (DN-III, 2015, informação verbal).

Apoiados nesse entendimento, propuseram o projeto “Geoparque vai às escolas”, que, de acordo com o entrevistado DN-III, busca trabalhar a temática geoparque nas geociências, a fim de despertar nos alunos o interesse pela preservação ambiental. Soares *et al* (2014, p. 1386) acrescenta que o projeto “visa atender, por meio de palestras, exposições, apresentações de filmes, dinâmicas e oficinas pedagógicas em Geociências, todas as escolas urbanas e rurais (inclusive de assentamentos e aldeias indígenas)”.

Quanto à metodologia desse projeto, o DN-III, explicou que, a princípio, os primeiros conceitos e noções de um geoparque e do geossítio de Nioaque são apresentados. Disse ainda que, como os alunos têm muitas dúvidas sobre as pegadas e sua formação, é feito um trabalho teórico (figuras 37 e 38) e, na sequência, uma oficina de moldagem simulando a fossilização das pegadas (figura 39).

Figura 37 - Projeto “Geoparque vai às escolas”



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵⁷.

Figura 38 - Projeto “Geoparque vai às escolas”



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵⁸.

¹⁵⁷ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

¹⁵⁸ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

Figura 39 - Projeto “Geoparque vai às escolas” – oficina de modelagem das pegadas dos dinossauros



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁵⁹.

Este trabalho dos geomonitores pode ser realizado no ambiente escolar ou no próprio núcleo. Quanto às escolas abrangidas pelo projeto, Soares *et al* (2014) afirma que são todas as escolas municipais e estaduais localizados em Nioaque. O entrevistado DN-III complementa a informação, elucidando que as escolas estaduais são parceiras no projeto e que a prioridade e a responsabilidade são as escolas municipais porque este é um projeto da Secretaria Municipal de Educação. DN-III informou ainda que a rede municipal de educação possui apenas uma escola na área urbana – Guilherme Correa – e um CEI (Centro de Educação infantil). As demais estão na aldeia indígena e nos assentamentos rurais Uirapuru, Colônia Conceição e Palmeira. Cabe destacar que a localização das escolas seria um ponto positivo para integrar a comunidade local, uma vez que o modelo do geoparque preconiza promover o desenvolvimento dessa população.

Apesar de o projeto “Geoparque vai às escolas” ter sido pensado para os alunos, ele foi aos poucos abrangendo toda a comunidade escolar. No decorrer da pesquisa, observou-se que também foram desenvolvidas atividades com os funcionários, professores e, até mesmo, com os pais. Cita-se como exemplo a atividade realizada no programa Profuncionário¹⁶⁰ de Nioaque, no dia 20 de junho de 2015. O site do Geoparque Bodoquena-Pantanal informou que foi um convite da coordenadora do Programa – Maria Ocampos Rodrigues do Couto.

No site também foi noticiado que, no mesmo ano, no dia 11 de março, uma equipe do geoparque¹⁶¹ ministrou uma palestra para os professores das redes estadual e municipal de

¹⁵⁹ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

¹⁶⁰ “O Profuncionário é um programa que visa a formação dos funcionários de escola, em efetivo exercício, em habilitação compatível com a atividade que exerce na escola”. Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?p=150>>. Acesso em: 18/01/2016.

¹⁶¹ Eram membros do geoparque e compuseram a equipe, Afrânio (como diretor científico), Alex e Fábio (geólogos) e Andreia e Noemia (como geomonitoras).

Nioaque, a fim de divulgar o geoparque e seu programa educativo, composto pela sequência de atividades listadas a seguir:

[...] começando pela palestra introdutória (explicação dos conceitos de geopark, patrimônio, sustentabilidade, geoeducação, geopreservação, geoturismo, entre outros). A seguinte é a palestra temática, onde o solicitante escolhe um dos temas oferecidos (Vulcões, Paisagens Cársticas e Cavernas, Dinossauros, Minerais, A Dança dos Continentes, ou Rochas), depois da palestra os alunos participam de uma atividade prática relacionada com o tema. Por último é exibido um documentário para posterior discussão sobre o tema que foi escolhido. Essas atividades destinam-se principalmente a alunos do Ensino Básico/Fundamental, Médio e superior, mas também aos professores e educadores ambientais interessados (MATO GROSSO DO SUL¹⁶², 2015).

O programa educativo não se restringe ao núcleo de Nioaque. Trata-se de um programa do Geoparque Bodoquena-Pantanal que “visa proporcionar o conhecimento das Geociências e o envolvimento das comunidades inseridas no Território do Geoparque, através de atividades educativas integradas a realidade local”¹⁶³. Para o seu desenvolvimento criou-se, em 2014, o Geopark Móvel (figura 40).

Figura 40 - Geopark Móvel



Fonte: Mato Grosso do Sul, 2015¹⁶⁴.

Usando uma van “caracterizada e equipada com material didático, ferramentas laboratoriais e de campo e recursos audiovisuais para projeção ao ar livre [...]”¹⁶⁵, o Geopark Móvel busca atender escolas, universidades e todos aqueles que desejarem e agendarem

¹⁶² Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/news/view/id/86>>. Acesso em: 28/06/2015.

¹⁶³ Programa Educativo do Geopark Bodoquena-Pantanal/2015 – Portifólio de Atividades: Núcleos e Geopark Móvel.

¹⁶⁴ Disponível em: <www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br>. Acesso em: 22/ 04/2015.

¹⁶⁵ Idem a nota anterior.

visita. Nessas visitas, é de responsabilidade dos geomonitores o desenvolvimento das atividades. No caso, específico de Nioaque esses profissionais são professores – de Geografia, História ou Biologia – da rede municipal que são cedidos para trabalhar no núcleo do geoparque. No início – em 2013 – provenientes do Termo de cooperação firmado, o trabalho era desenvolvido por três geomonitores, porém, no trabalho de campo realizado em março de 2018, constatou que restava apenas um geomonitor.

Se a contratação dos geomonitores é fruto do Termo de Cooperação, a sua formação também é. Porém, essa fica sob responsabilidade do Geoparque Bodoquena-Pantanal. Deste modo, os primeiros geomonitores foram capacitados pela geóloga Joana, do Geoparque Naturtejo – Portugal, que naquele momento compunha a equipe técnica do geoparque.

Segundo Soares *et al* (2014, p. 1384), a capacitação foi um curso de curta duração, que envolveu teoria e prática trabalhando temas como: “[...] a Terra no Universo, a Paleontologia e Geohistória, Geodinâmica Interna e Externa, Sustentabilidade na exploração de Recursos Naturais, Geodiversidade e Patrimônio Geológico, História geológica da região e Ensino das Geociências [...]”.

Os autores acrescentaram que a capacitação dos geomonitores em Nioaque envolveu também a participação em congresso científico¹⁶⁶ e trabalho de campo, visando uma inventariação de locais que despertam interesse geológico.

Outro ponto que merece menção referente às ações realizadas quando da criação do núcleo em Nioaque e seu foco na geoeducação foi o trabalho com bolsistas. O entrevistado DN-III explicou que conseguiram conciliar uma bolsa de estudo no valor de R\$ 100,00 (cem reais) para alunos da rede estadual e municipal. O critério de seleção baseou-se na idade, interesse – uma vez que aluno necessitava querer aprender um pouco mais sobre a geociências – e disponibilidade para cumprir horário no núcleo. Esses alunos eram bolsistas do Programa Institucional e Bolsas de Iniciação Científica Júnior no Estado de Mato Grosso do Sul – PIBICJr/MS. De acordo com Soares *et al* (2014), a bolsa teve duração 10 meses e o número de alunos contemplados contabilizou quinze. Os autores esclareceram que o objetivo do programa era propiciar aos alunos um contato com o meio científico, desenvolvendo projetos de pesquisa enquanto participavam de atividades teórico-práticas sob a orientação de professores e pesquisadores.

Para os entrevistados identificados como DN-III e DN-IV, o trabalho com os bolsistas foi avaliado como positivo. DN-III destacou que muitos deles atuam como

¹⁶⁶ II Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, em Ouro Preto (Minas Gerais).

colaboradores, pois, sempre que necessário, são procurados para dar suporte aos geomonitores. DN-IV informou que esses bolsistas ao conviverem com os geólogos Joana e Fábio sentiram-se motivados a seguir no campo da pesquisa. O entrevistado frisou que ficou surpreso com o resultado do trabalho.

Porque quando abrimos a sala do núcleo nós tínhamos 16 bolsistas, eram crianças, eram tão jovens que eu fiquei pensando “será que criança gosta mesmo de falar de dinossauro, de rochas? As rochas estão ali paradas não falam nada. O que quer dizer ludicamente para esses jovens?” Depois eu acreditei pela sistemática que foi criada junto com a FUNDECT, profissionais capacitados que conseguiram agregar com os jovens a possibilidade do desenvolvimento de um estudo diferenciado (DN-IV, 2015, informação verbal).

É importante salientar que, embora não seja o objetivo dessa pesquisa avaliar e discutir sobre o entendimento que os idealizadores do projeto “Geoparque vai à escolas” têm sobre educação ambiental, deve-se ressaltar que considera-se superficial a forma como essa tem sido abordada nas atividades ligadas ao Geoparque Bodoquena-Pantanal. Nota-se nas falas dos entrevistados e, também, no próprio portfólio de atividades educacionais do geoparque que as propostas de discussões são bastante pontuais e não fazem menção àquilo que é central no contexto: o modo de produção capitalista.

Sendo assim, o que se tem é um trabalho voltado para a temática ambiental que não permite avanços, pois não se discute, como afirma Cascino (2007, p. 150), questões referentes à “[...] uma mudança nos padrões de consumo, ou uma mudança no trato com os bens naturais, bem como alteração no modo de produção”. Irineu Tamaio (2002) corrobora com a discussão ao apresentar seu entendimento sobre como deve ser a educação ambiental:

A Educação Ambiental não pode se resumir às críticas sobre o processo de ocupação “degradante” que o homem promove na natureza, mas deve analisá-lo dentro de uma teia de relações sociais em que a prática pedagógica desenvolvida na escola é parte integrante de uma sociedade multifacetada por interesses ideológicos e culturais (TAMAIIO, 2002, p. 37).

Portanto, não é trabalhada a origem dos problemas relacionados à exploração dos elementos da natureza, pois fazem apenas discussões voltadas para as consequências dos danos ambientais e suas “soluções” técnicas. Mas, afinal, por que seria diferente? Por que iria exercitar o raciocínio para desenvolver espírito crítico se o que se busca é a reprodução do capital através da produção de um território turístico?

Se a abordagem fosse diferente, ela não cumpriria com o seu objetivo!

Enquanto a Secretaria de Educação seguia cumprindo sua função no projeto do município de produzir o referido território, outros setores da administração pública municipal também procuravam agir dentro de suas limitações.

A ação desenvolvida paralela à implantação do núcleo que é de grande importância no processo de tentativa de produção do território turístico foi a alteração do letreiro da entrada da cidade, no trevo que dá acesso à Sidrolândia, na BR 060. Trata-se da inclusão da escultura de um dinossauro fêmea e seus dois filhotes deixando os ovos às letras que formam o nome da cidade. A estrutura da obra, ilustrada nas figuras 17 e 41, mediu “cerca 3 metros de altura, 7 de comprimento, pesando 2.5 toneladas”¹⁶⁷ e foi assinada pelo artista plástico João Xavier.

Figura 41 - Inclusão das esculturas de dinossauros ao letreiro do município de Nioaque



Autor: Cedida por RIBEIRO, Ângelo. 2014.

Durante entrevista, o artista relatou que o letreiro já existia. No entanto, após a colisão de um carro com o monumento, houve a necessidade reconstruí-lo e foi então que surgiu a ideia de acrescentar os dinossauros.

A obra inaugurada em abril de 2015, segundo DN-IV, foi idealizada pelo prefeito Gerson Garcia Serpa. Nas palavras do entrevistado: “[...] foi uma vontade dele, ele achou que poderia fazer e fez”. DN-IV informou que nenhum outro prefeito acreditou que haveria um potencial turístico a ser explorado e que, enquanto a discussão estava voltada para o planejamento das atividades de geoeducação e implantação do Núcleo de Nioaque, o prefeito surpreendeu a todos ao comunicar que faria o monumento dos dinossauros.

Essa ação tem um significado importante no processo de tentativa de produção de um território turístico porque representa a materialização do seu referencial simbólico. Afinal, as

¹⁶⁷ Informação fornecida pelo Nioaque Online, no dia 16 de janeiro de 2015.

pegadas dos dinossauros já haviam sido descobertas há praticamente três décadas. Entretanto, elas tinham uma conotação mais abstrata, o que dificultava atrair atenção para si.

Com a inserção da escultura, o município conseguiu divulgar não só para quem passa pela cidade, mas também para seus próprios moradores a existência do geossítio. É importante salientar que muitos nioaquenses criticaram a obra. DN-II informou que o título “Vale dos Dinossauros” causou insatisfação e as pessoas contestavam: “Nossa! Nós somos dinossauros?” (DN-III, 2015). O entrevistado comentou ainda que a obra foi criticada até mesmo pelos professores que, teoricamente, seriam os principais responsáveis pela disseminação do projeto geoparque.

Muitos criticaram, outros elogiaram. Eu sou a favor da construção dos dinossauros no trevo porque Nioaque é uma cidade histórica que há muito tempo vem se arrastando, mas nunca chegou no jeito que está agora. Assim, ouvia falar nas pegadas dos dinossauros, mas nunca foi divulgado como agora. Agora tem até aquele lá no trevo (LAIN-I, 2015, informação verbal)¹⁶⁸.

Entretanto, DN-II salientou que as críticas tiveram papel importante porque a obra virou notícia nas redes sociais e na imprensa de maneira geral, contribuindo para divulgar o município de Nioaque e tornar o letreiro reformado um “ponto turístico”.

A resistência da população, como já mencionado, é fruto das relações de poder existentes na produção de um território. Por ter interesse em usufruir economicamente desse território, o município tenta desenvolver nas pessoas um sentimento de pertencimento pelo Vale dos dinossauros, criando uma identidade territorial que se junte com a dos “Filhos de Heróis” e componha a identidade nioaquense.

4.2 O processo de construção de uma identidade territorial

A afirmação “sou nioaquense”, seguindo o entendimento de Silva ([2000?], p. 75), decorre de um recurso gramatical que permite simplificar uma cadeia internável de negações, “de expressões negativas de identidades, de diferenças” do tipo “não sou bonitense”, “não sou jardinense”. Portanto, ao mesmo tempo em que esse recurso ajuda, ele também esconde e mascara a alteridade.

¹⁶⁸ Liderança Indígena de Nioaque. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2015.

Mas, o autor salienta que se a diferença está presente nas afirmações de identidade e a identidade também é essencial nas afirmações sobre diferença, então mencionar que alguém “é nioaquense” tem o mesmo sentido de dizer que a pessoa “não é bonitense”. Deste modo, o autor entende que a identidade e a diferença caminham juntas, pois uma depende da outra; uma não existe sem outra e, ambas, precisam “ser ativamente produzidas” (SILVA, [2000?], p. 76).

Segundo Silva, a necessidade de produzi-las é justificada porque são frutos de uma criação linguística; logo, não são elementos naturais, mas culturais e sociais. O que significa, de acordo com autor, que elas não estão isentas “aos vetores de força, as relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, [2000?], p.81).

O poder, destaca o autor, está presente na tentativa de identificar quem somos “nós” e quem são os “outros”, demarcando, assim, fronteiras. Isto implica também em atos de inclusão e exclusão; de classificação ‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’¹⁶⁹; bem como, institui o que é e quem é “normal e anormal”. Portanto, é no convívio dessas relações de poder, marcado pela presença da diferença, que a identidade é construída.

É importante ressaltar ainda que o processo de construção de uma identidade não se finda; não existem identidades definitivas e acabadas. Afinal, Silva ([2000?], p. 84), destaca que existem dois lados; dois grupos de forças que trabalham constantemente: um tende a “fixar e estabilizar as identidades” e o outro tende a “subvertê-las e desestabilizá-las”.

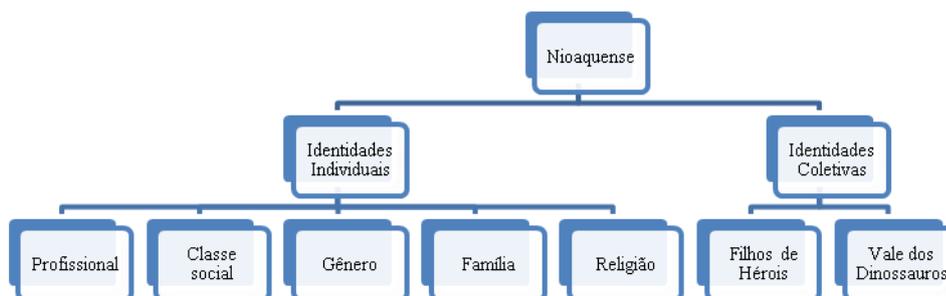
Somadas as relações de poder, deve-se mencionar o papel desenvolvido pelos símbolos no processo de construção de identidades e, por isso, Woodward ([2000?], p. 10, grifo do autor) afirma que tal construção “é **tanto** simbólica **quanto** social”. O autor esclarece que, pertencendo a processos distintos o “social” e o “simbólico” são “necessários para a construção e a manutenção das identidades”, uma vez que a marcação simbólica tem função de dar “sentido a práticas e relações sociais” (WOODWARD, ano, p. 14). Ainda é importante mencionar que em uma sociedade são produzidas identidades individuais e coletivas.

Portanto, retornando à identidade nioaquense, é possível dizer que essa identifica o cidadão que, além de possuir suas identidades individuais (relacionadas à profissão, à classe social, ao gênero, à família, à religião, dentre outros), partilha de uma identidade coletiva,

¹⁶⁹ SILVA, [2000?], p. 81-82.

sendo essa a que mais interessa neste momento da pesquisa. No organograma apresentado na sequência, busca-se ilustrar que a identidade nioaquense em construção abarca as identidades individuais e coletivas.

Figura 42 - Identidade Nioaquense



Fonte: Elaborado pelo Autor.

A identidade coletiva a que se refere é composta pela identidade “Filhos de Heróis”, cunhada a partir do referencial simbólico relativo à Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai), que vem sendo mantida há décadas e a outra mais recente é a do “Vale dos Dinossauros”, cujo referencial simbólico é representado pelas pegadas de dinossauros existentes no município. Portanto, como observou Goettert (2018), são duas identidades construídas a partir da história, a primeira “história humana” e a segunda a “história natural-animal”¹⁷⁰.

Os dirigentes do município de Nioaque trabalharam ao longo de décadas para construir e manter a identidade “Filhos de Heróis” que, na atualidade, é exposta com orgulho. A história dessa identidade tem sua origem na Guerra da Tríplice Aliança, – um conflito armado que ocorreu entre os anos de 1864-1870, envolvendo de um lado Brasil, Argentina e Uruguai e, do outro, o Paraguai –, em específico, no episódio da Retirada da Laguna.

O Coronel Wellington Corlet dos Santos, historiador militar, explicou – em vídeo publicado pelo exército brasileiro¹⁷¹ –, que a Retirada da Laguna transcorreu no ano de 1867, no contexto da guerra citada e refere-se a “uma operação militar de saída do território paraguaio e retorno ao território brasileiro”. Ele informou ainda que esse episódio foi vivido por um corpo expedicionário que, em julho de 1865, saiu do Rio de Janeiro, passando por Minas Gerais e São Paulo, com destino ao sul do então Mato Grosso em uma expedição terrestre em resposta aos ataques do Paraguai ao Brasil no ano de 1864. Após chegar à MT,

¹⁷⁰ Informação fornecida via e-mail, no dia 28/03/2018.

¹⁷¹ Vídeo publicado no Youtube, no dia 28 de julho de 2017, em homenagem aos 150 anos do episódio da Retirada da Laguna. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8UoQ2VkW9Y>>. Acesso em: 05/04/18.

esse corpo expedicionário seguiu em direção ao Paraguai. Porém, no momento em que conseguiram chegar às terras do inimigo, a coluna já estava bastante reduzida¹⁷² e não contava mais com os cavalos, possuía pouca munição e medicamentos e tinha ainda que procurar solucionar a falta de víveres.

Portanto, como é narrado por Visconde de Taunay, em sua obra “A Retirada da Laguna”¹⁷³, acreditava-se que, na fazenda da Laguna¹⁷⁴, encontrariam “grandes rebanhos, posições firmes e base para operações” ([2000?], p. 26). Entretanto, a realidade se mostrou decepcionante, pois lá encontraram apenas uma choupana de palha que os paraguaios pouparam do fogo – uma vez que mantinham a política da terra arrasada¹⁷⁵ –, e 50 cabeças de gado, que haviam dispersado do rebanho conduzido pelo exército paraguaio.

Diante da situação, viram-se obrigados a retornar para o Brasil. Segundo o historiador militar Santos, as tropas eram compostas inicialmente por 1700 pessoas. Porém, quando chegaram à Porto Canuto, em Aquidauana – lugar que se considera oficialmente o final da Retirada da Laguna –, no dia 11 de junho de 1867, o efetivo estava muito reduzido, contando apenas com 700 pessoas.

Quanto à participação do município de Nioaque nesse contexto histórico, como foi narrado durante a encenação¹⁷⁶ da Retirada da Laguna nesse município, Nioaque era uma vila que, na época, apresentava considerável importância regional. Com as investidas paraguaias sobre o Brasil, a vila acabou sendo invadida no dia 2 de janeiro de 1865 e manteve-se ocupada pelo Comando Geral das Forças em Operação Terrestre do Paraguai até 2 de agosto de 1866.

De acordo com os relatos de Taunay, quando o corpo de expedição militar chegou à Nioaque no dia 24 de janeiro de 1867, a vila apresentava vestígios de incêndio por toda parte, tendo restado somente “duas casas e uma pequena igreja de pitoresca aparência” ([2000?], p. 9).

Após a chegada, “instalaram-se o quartel-general e o trem à retaguarda, [...], ocupando o hospital as pequenas casas salvas do fogo e um grande galpão que às pressas se

¹⁷² As doenças e as deserções foram grandes responsáveis pela redução do grupo.

¹⁷³ O texto original foi publicado em 1874, porém nesse trabalho a consultada à obra se deu em uma versão em pdf, sem data, disponível em: <<https://cs.ufgd.edu.br/download/A%20Retirada%20da%20Laguna%20-%20Visconde%20de%20Taunay.pdf>>. Acesso 01/04/2018.

¹⁷⁴ Como informou Taunay, a Fazenda da Laguna, distante cerca de 4 léguas de Bela Vista, era de propriedade do Presidente da República do Paraguai e era destinada à criação de gado.

¹⁷⁵ Esclarecimento dado no vídeo publicado por Elias Tayar Galante, no dia 29 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MFkctkFIBF4>>. Acesso em: 06/04/18.

¹⁷⁶ Evento realizado anualmente no município de Nioaque.

construiu”. A igreja abrigou “muitos e diversos objetos, o instrumental das bandas de música, munições de guerra etc.” (TAUNAY, [2000?], p. 10 e 74).

A vila Nioaque continuaria a servir de acampamento para as mulheres dos soldados e de abrigo para o restante dos materiais do exército após as tropas retomarem a marcha, no dia 25 de fevereiro de 1867, pois essas levaram apenas o indispensável para sobrevivência de um mês.

Entretanto, o tempo ausente foi muito maior e, ao retornar, encontraram a vila, novamente, arrasada. Os paraguaios teriam chegado à frente, saqueando e queimando o que encontravam, poupando somente a igreja. Porém, como relatou Taunay ([2000?]), a igreja não havia sido poupada por motivo de respeito ao sagrado, mas porque foi usada como armadilha. Como era nela que objetos e munições estavam depositados, o exército paraguaio, após se apropriar daquilo que mais lhe seria útil, preparou, de maneira meticulosa, uma cilada usando da pólvora ali existente. Taunay salientou que o trabalho de retirar tudo aquilo que deveriam transportar era feito com a habitual precaução exigida para o manuseio de material explosivo e não porque suspeitavam de alguma armadilha do inimigo. No entanto, um dos soldados, que realizava o trabalho, ao encontrar um isqueiro não hesitou de usá-lo.

Tal ato acabou provocando focos de incêndio, resultando em uma explosão antes que toda a igreja fosse desocupada. Na citação seguinte, as memórias desse fato são narradas pelo autor:

Depois de carregarem o que mais poderiam aproveitar, deixaram o resto por destruir, para nos engodar e nos reter o maior lapso de tempo possível em torno de um amontoado de objetos, sob o qual colocaram um barril de pólvora com rastilhos. Não podíamos ter a menor suspeita de semelhante cilada; e, à vista dos cartuchos que devíamos transportar, tomamos as precauções costumeiras contra as eventualidades de uma explosão. Enquanto na igreja trabalhava o nosso pessoal sentinelas vigiavam, a fim de que nenhum fogo se acendesse pela vizinhança.

Ocorreu, contudo, que um infeliz soldado encontrasse pelo chão um isqueiro, dentro do edifício, e lhe viesse a estapafúrdia ideia de o utilizar. Saltou logo uma faísca sobre alguns grãos de pólvora dos que coalhavam a nave. Sem a umidade do solo, então muito grande ou acaso fossem os rastilhos contínuos, instantânea ocorreria a explosão. Para melhor nos enganarem haviam os paraguaios espalhado a pólvora sóbria e desigualmente com o minucioso cuidado, e os cálculos ardilosos do selvagem que preparara os seus malefícios. Só se viu, a princípio brilharem pequenas chamas e aqui e acolá se levantarem sucessivamente ligeiras espirais de fumaça. Já os soldados se precipitavam para conter o fogo, no momento em que ele tomava corpo, quando os oficiais presentes, compreendendo melhor o perigo, ordenaram que imediatamente fosse a igreja evacuada. A esta voz correram todos, em massa, para as portas; como o atropelo perturbasse a saída, deu-se a explosão antes que toda a gente se achasse do lado de fora. Pouco faltou para que todo o edifício voasse aos ares; foram as paredes sacudidas, mas o conjunto

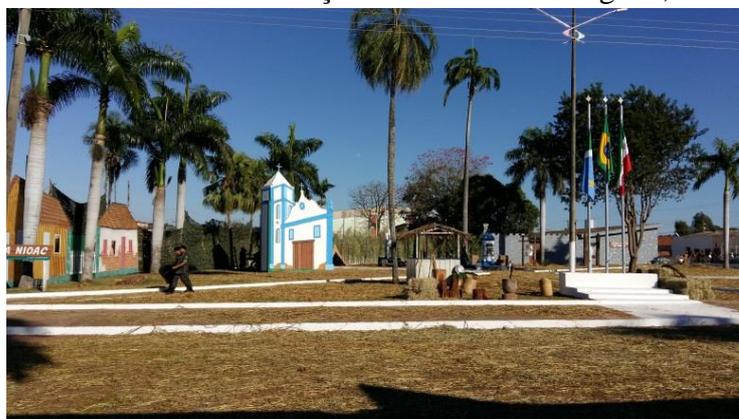
resistiu; assim não sucedera e teriam todos os nossos, que ali se achavam, infalivelmente perecido esmagados sob os escombros (TAUNAY, [2000?], p. 74).

De acordo com o autor, a explosão provocou a morte de aproximadamente 15 pessoas. Esse ocorrido foi eternizado por Taunay como sendo “o adeus dos paraguaios, a última demonstração de ódio contra nós” (TAUNAY, [2000?], p. 75). Após o incidente, aquele corpo expedicionário deixou a vila Nioaque, no dia 05 de junho, rumo à Aquidauana. A figura 46 apresenta uma sequência de fotos que ilustram a encenação da explosão da igreja e a despedida das tropas desta vila.

Como já mencionado, o município de Nioaque baseado nesses fatos históricos construiu e vem reproduzindo a identidade “Filhos de Heróis”. Afinal como, ressaltou Goettert (2018), a construção de identidades necessita de tempo e de certa “perseverança”, porém, o tempo por ele referido não se restringe, necessariamente, ao tempo natural, “mas social e, portanto, cultural e político”¹⁷⁷. Sendo assim, várias instituições, como o governo, exército, igreja, escola, família, têm contribuindo para a sobrevivência dessa identidade.

O município promove inclusive um grande evento anual para reviver o episódio da Retirada da Laguna e homenagear os seus heróis da guerra. Trata-se de teatro realizado na praça central denominada de “Praça dos Heróis da Laguna”, onde é feita a encenação da participação de Nioaque nesse episódio da guerra e é ilustrado nas figuras seguintes. No evento, a encenação é realizada por voluntários e pelo 9º Grupo de Artilharia de Campanha – GAC, sediado nesse município.

Figura 43 - Cenário da encenação da Retirada da Laguna, em Nioaque



Fonte: COSTA, Cecília. 2017.

Nota: Trabalho de Campo.

¹⁷⁷ Informação fornecida via e-mail.

Figura 44 - Encenação da Ocupação da Vila Nioaque pelo exército paraguaio



Fonte: UFGD, 2017¹⁷⁸.

Figura 45 - Sequência de fotos que ilustram, respectivamente, a encenação da chegada do corpo expedicionário a vila Nioaque; do confronto com o exército paraguaio; e, do retorno da Fazenda da Laguna



Fonte: UFGD, 2017¹⁷⁹.

Figura 46 - Encenação da explosão da igreja e despedida da vila Nioaque



Fonte: UFGD, 2017¹⁸⁰.

Além da encenação, o município também utiliza do recurso dos símbolos no processo de construção e manutenção dessa identidade. Na Praça dos Heróis da Laguna, encontram-se alguns monumentos que fazem alusão ao episódio histórico. Na figura seguinte, é possível verificar a distribuição destes na referida praça.

¹⁷⁸Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/ufgdoficial/photos/?tab=album&album_id=1495342240512335>.

Acesso em: 08/04/18.

¹⁷⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/ufgdoficial/photos/?tab=album&album_id=1495342240512335>.

Acesso em: 08/04/18.

¹⁸⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/pg/ufgdoficial/photos/?tab=album&album_id=1495342240512335>.

Acesso em: 08/04/18.

Figura 47 - Praça dos Heróis

Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

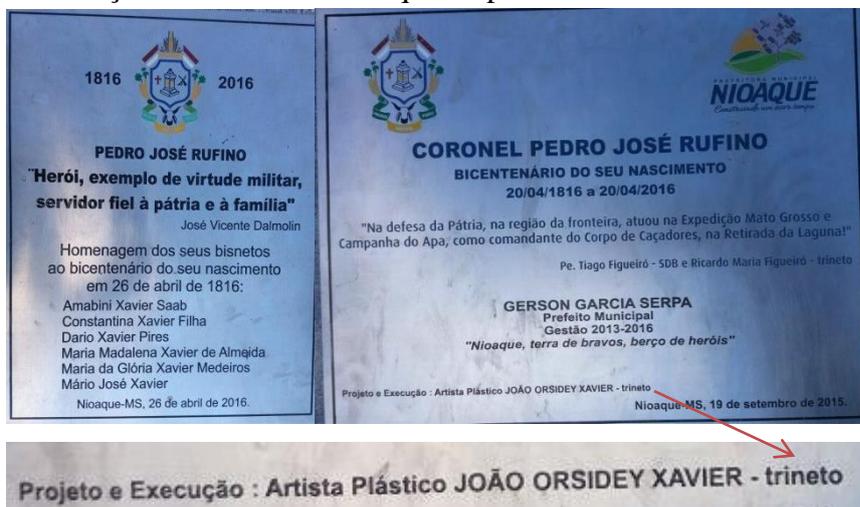
Observa-se que na figura anterior, da esquerda para a direita, está localizada a escultura do Coronel Pedro José Rufino montado em seu cavalo (figura 48). Esta obra foi idealizada e executada pelo artista plástico João Orsidey Xavier. É necessário chamar a atenção para a placa que acompanha a obra (figura 49) a fim de que seja observado que a própria identificação do artista já demonstra a presença de simbologia, pois a escultura não foi feita, simplesmente, por um artista, mas pelo próprio trineto do homenageado.

Figura 48 - Escultura Coronel Pedro José Rufino

Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

Figura 49 - Placas junto à escultura – Homenagem da Família ao bicentenário do nascimento do coronel; Identificação da obra com destaque ao parentesco do artista



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.
Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

O monumento apresentado a seguir diz respeito ao mais antigo deles, denominado de “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna” (figura 50). Nele, além de um canhão, está presente um conjunto de placas, com datas variadas, que representam: a) homenagem do governo brasileiro aos heróis da Guerra da Tríplice Aliança, no ano de 1923 e um relatório de datas e fatos relativo à Retirada da Laguna (figura 51); b) homenagem da 9ª Região Militar, 4ª Divisão de Cavalaria, prefeito, autoridades, escolas e do povo em geral aos heróis, no 1º Centenário da referida guerra e identificação da Praça – ambas na década de 1970 (figura 52); registro do evento realizado pelo exército brasileiro, em 1999, onde na oportunidade foi refeita a pé a rota histórica e, por fim, a homenagem dos 150 anos da Retirada da Laguna, celebrado em 2017 (figura 53).

Figura 50 - Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

Figura 51 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagem do Governo Federal, no ano de 1923



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

Figura 52 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagem ao 1º Centenário da Guerra da Tríplice Aliança



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

Figura 53 - Placas junto ao “Monumento dos Heróis da Retirada da Laguna”, homenagens feitas em 1999 e 2017 – 150 do episódio histórico



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.

Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

Cabe salientar que essas placas provam que, como foi mencionado há pouco no texto, construir, reconstruir e manter viva uma identidade, envolve a participação do tempo, pois se refere a processos que necessitam de insistência e perseverança de diversas instituições.

Dentre os monumentos, consta ainda um cruzeiro em alusão a primeira igreja do município de Nioaque, destruída na explosão (figura 54).

Figura 54 - Monumento referente à primeira igreja de Nioaque



Fonte: Trabalho de Campo. 2018.
Nota: Cedida por VINHAS, Fernando.

É preciso destacar que, embora seja informado na placa que o monumento indica o local onde esteve assentada a primeira igreja, na realidade, isso não procede. A justificativa para esse equívoco é que, depois de pronto, decidiram que o monumento seria instalado na praça, junto aos demais. Na mesma placa, também é dito que, a madeira nele usada provêm de “troncos de aroeira utilizados nas construções do século XVIII”¹⁸¹, fato esse que, mais uma vez, expressa uma carga extra de simbolismo aos monumentos.

Como bem ressaltado por Goettert (2018), ter necessidade de se sentir importante é algo que ocorre em todo lugar e isto não é diferente no caso de Nioaque. Dessa forma, dizer que o local foi palco de episódios da guerra também tem essa intenção. Como prova disso, cita-se o fragmento do texto da história de Nioaque – apresentado junto dos dados oficiais do município, disponível no *site* de sua prefeitura – onde diz que Nioaque “com as duas invasões ocorridas durante a Guerra do Paraguai tornou um dos principais patrimônios culturais do atual Mato Grosso do Sul”; acrescenta ainda que “a memória popular conta que no município teria hospedado pessoas importantes no cenário da Guerra”¹⁸².

Esses fragmentos citados também reforçam o desejo de se produzir um território turístico no município. Não é possível negar que exista respeito pelos seus heróis de guerra.

¹⁸¹ Segundo informou o artista João O. Xavier, em conversa via telefone no dia 08/04/2018, o madeiramento teria sido encontrado durante a retirada dos escombros da igreja original.

¹⁸² Fragmentos retirados do texto disponível em: <<http://www.nioaque.ms.gov.br/cidade.php>>. Acesso em: 10/04/18.

Entretanto, afirmar que todo esforço empregado se restrinja somente por tal respeito é, no mínimo, ingenuidade. Verifica-se que as ações que envolvem essa temática trabalham a identidade coletiva (territorial) “Filhos de Heróis”, visando explorá-la juntamente com a identidade “Vale dos dinossauros”, via atividade turística.

Cumpra salientar que, como afirmado por Haesbaert (1999, p. 173), “toda identidade territorial é uma identidade social”, porém “nem toda identidade social é uma identidade territorial”. De acordo com o autor, uma identidade só será territorial quando definida essencialmente em um território, a partir de “uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social”.

Dando continuidade à apresentação das figuras, as seguintes buscam comprovar que esse município após a criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal passou a tentar construir uma nova identidade territorial, usando os dinossauros e suas pegadas como símbolos. A figura 55 é a ilustração da camiseta produzida pelo município e vendida no evento da Retirada da Laguna, realizado em 2015. Através dessas, o município procurou reunir a ideia de ser tanto “Terra de Bravos, Berço de Heróis” quanto “Vale dos Dinossauros”.

Figura 55 - Camiseta produzida pela Prefeitura Municipal de Nioaque e vendida na Retirada da Laguna, em 2015



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

O mesmo ocorre nas figuras 56 e 57. Sendo que, na de número 56, a junção das duas identidades é materializada no troféu utilizado na premiação de um evento de *velocross*, denominado de “1º Treinão Hard”. No troféu, a figura do dinossauro aparece impressa e esculpida junto à uma engrenagem. Nele, ainda, são usadas expressões que fazem menção às

duas identidades – “acelerando no vale dos dinossauros” e “palco de heróis”. Enquanto que a figura 57 é referente à arte do convite de comemoração dos 169 anos de fundação de Nioaque. No convite, a alusão a essas identidades é feita usando a silhueta das esculturas: Coronel Pedro José Rufino e dos dinossauros junto ao letreiro.

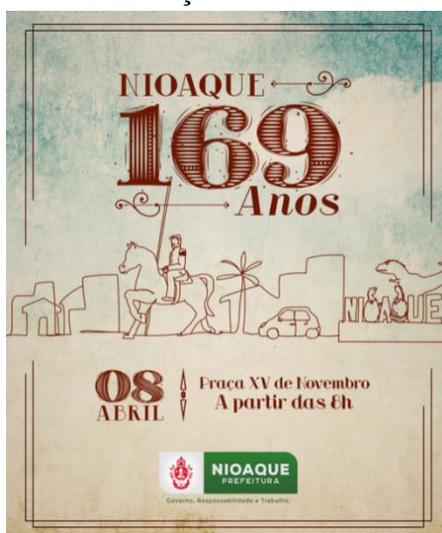
Figura 56 - Troféu do Velocross Nioaque, realizado no dia 26 de fevereiro de 2017



Fonte: COSTA, Cecília. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 57 - Convite de comemoração dos 169 anos de fundação de Nioaque



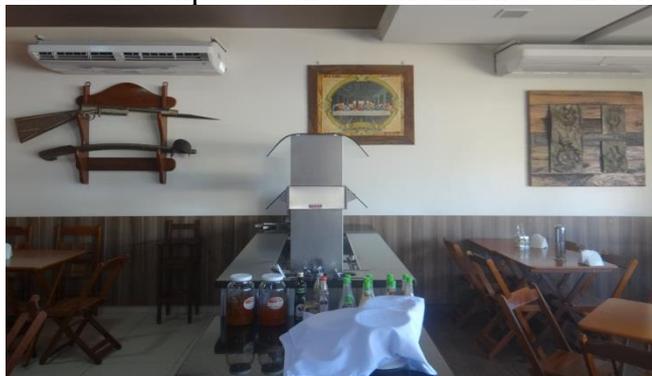
Fonte: Prefeitura de Nioaque (2018)¹⁸³.

A junção das duas identidades também foi observada em um estabelecimento comercial nesse município. O proprietário dispôs, em uma mesma parede, réplicas das pegadas e de armas utilizadas na guerra da Tríplice Aliança (figura 58 e 59). Também,

¹⁸³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefeituraNioaque/>>. Acesso em: 10/04/2018.

encontra-se exposto sobre o balcão desse estabelecimento uma escultura do Coronel Rufino (figura 60).

Figura 58 - Réplicas de armas utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança e das pegadas dos dinossauros expostas em estabelecimento comercial



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 59 - Réplicas de armas utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança e das pegadas dos dinossauros



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 60 - Escultura Coronel Pedro José Rufino exposta em estabelecimento comercial



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Convém salientar que, esse estabelecimento comercial, até o último trabalho de campo, em março de 2018, era o único no município que sobrevivia essencialmente do

turismo. Assim, a exposição de símbolos referentes às duas identidades neste local se torna importante, pois favorece a divulgação do município como sendo um território turístico. Outro ponto importante é que seu proprietário compõe a equipe do atual governo, no cargo de secretário de finanças. Especifica-se tal fato porque, durante entrevista realizada em 2015, o referido empresário se mostrava contrário ao governo e, conseqüentemente, criticava suas ações, estando entre elas aquelas que envolviam o geoparque, alegando que faltava informação. Disse que conhecia a história das pegadas de longa data, porém informou que somente soube da existência do geoparque devido à escultura de dinossauro na entrada da cidade. Naquele momento não demonstrou afeição nem interesse pela temática da mesma forma que mostrava pela história da guerra. Demonstrações de sentimentos semelhantes a essa foram relatadas por entrevistados durante os trabalhos de campo e citadas no decorrer do capítulo.

Em março de 2018, durante entrevista com dirigentes do Geoparque Bodoquena-Pantanal, foi informado que as críticas referentes à ideia do Vale dos Dinossauros e a própria escultura localizada no trevo diminuíram, porém não cessaram. A prefeitura tem trabalhado para que a identidade do “Vale dos Dinossauros” seja acessada pela população da mesma forma como acontece com a outra ligada à guerra. Afinal, não são identidades contraditórias; ou seja, não é preciso extinguir uma para nascer e ceder lugar à outra. O intuito nunca foi substituir a identidade coletiva dos nioaquenses e nem atribuir graus de importância às duas identidades. O objetivo sempre foi associá-las para dar força ao processo de produção do sonhado território turístico. Agora é preciso esperar a ação das instituições já citadas e, também, do tempo para saber se a nova identidade irá, de fato, “pegar”.

4.3 A inserção da comunidade local no projeto Geoparque Bodoquena-Pantanal e os resultados parciais da temática “Vale dos Dinossauros” no município de Nioaque

Considerando a discussão sobre o fato de existir um desejo em construir uma identidade territorial relacionada ao “Vale dos Dinossauros” e sobre o sonho do município de produzir um território turístico que possa diversificar e fomentar sua economia, surgem duas questões: (1) existe um real interesse e esforço para envolver a população como um todo?; e, principalmente, (2) havendo o desenvolvimento da atividade turística, a quem essa irá beneficiar?

Esses questionamentos têm importância ímpar na discussão sobre geoparques porque, teoricamente nesse modelo de conservação, a promoção do “desenvolvimento sustentável da comunidade local” compõe junto da “preservação de um patrimônio geológico, histórico ou cultural” e a “educação ambiental” os seus principais objetivos.

Como apresentado na segunda seção, o município de Nioaque tem um número de habitantes residentes na área urbana e na rural muito parecido e, entre esses moradores, encontramos uma diversidade populacional muito grande, pois existem quatro comunidades quilombolas, quatro aldeias indígenas e nove assentamentos rurais.

Antes de dar continuidade, é preciso lembrar que o Geoparque Bodoquena-Pantanal foi idealizado visando o ingresso na GGN e que, no ano de 2011, teve sua proposta negada. A necessidade de chamar a atenção para esse fato é em razão de que, na carta resposta a essa candidatura, foi orientado para que se desenvolvesse um programa de ações voltado, em específico, aos povos indígenas. Sendo assim, como Nioaque possui essa diversidade populacional, entende-se que as ações deveriam ser estendidas às comunidades quilombolas e, também, aos assentamentos rurais. Mas, o que tem sido feito na realidade?

Durante as entrevistas realizadas no trabalho de campo, foi informado que, devido à escassez de recursos para sua estruturação e desenvolvimento, o Geoparque Bodoquena-Pantanal focou em trabalhar a educação ambiental, pois segundo os dirigentes de Nioaque e do próprio geoparque, esse foi o meio encontrado para se alcançar os outros dois objetivos principais deste modelo de conservação.

O discurso apresentado tanto pelo DN-III quanto pelo representante da UNESCO no Brasil¹⁸⁴ é que só se ama aquilo que se conhece, portanto a geoeducação ficaria responsável por levar até a população o conhecimento da existência do geoparque e a necessidade de se contribuir para que fosse desenvolvido o sentimento de pertencimento por esse.

A estratégia de utilizar a educação para se atingir a população de maneira geral pareceu positiva, considerando que a grande maioria das escolas estaduais e municipais de Nioaque está localizada na zona rural. No âmbito urbano, existem apenas duas escolas, sendo uma estadual e a outra municipal. Enquanto, no rural as escolas totalizam nove. Destas escolas, cinco estão localizadas em assentamentos (duas pertencendo ao Estado e três ao município) e quatro nas aldeias indígenas (sendo uma escola estadual e as demais municipais), como é possível verificar no quadro seguinte:

¹⁸⁴ Entrevista realizada no dia 04/03/2018, via telefone.

Quadro 4 - Escolas localizadas na zona rural

ESCOLA	ENTE ESTATAL	LOCALIZAÇÃO
Escola Padroeira do Brasil	Estado	Colônia Padroeira do Brasil ¹⁸⁵
Escola Noé Nogueira	Município	Colônia Conceição
Escola Uirapuru	Estado	Assentamento Uirapuru
Escola 03 de Dezembro	Município	Assentamento Uirapuru
Escola Dr. José Garcia Netto	Município	Assentamento Palmeira
Escola Indígena 31 de Março	Estado	Aldeia Brejão
Escola Indígena Professor Eugênio de Souza	Município	Aldeia Brejão
Escola Indígena Gabriel Laureano	Município	Aldeia Água Branca
Escola Indígena Leôncio Marques	Município	Aldeia Cabeceira

Autor: Elaborado pelo autor¹⁸⁶.

Embora a escola seja o principal meio para se chegar a essas comunidades, verificou-se que, até abril de 2018, nem todas as escolas rurais foram contempladas com o projeto “Geoparque vai às escolas”. O DGBP-II (Dirigente do Geoparque Bodoquena-Pantanal II) informou que dentre as escolas localizadas nos assentamentos a Escola M. Dr. José Garcia Netto, do assentamento Palmeira, foi a única em que não foi possível desenvolver nenhum trabalho referente a esse projeto. Nas demais escolas, foram realizadas palestras, oficinas e visitas no núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal.

Já nas escolas indígenas, os geomonitores ministraram palestras somente na E. E. I. Angelina Vicente. O DGBP-II informou ainda que o núcleo do geoparque não recebeu visita de nenhum aluno proveniente dessas escolas. As falas seguintes demonstram a insuficiência de atividades desenvolvidas pelo geoparque nas aldeias.

Não veio ninguém aqui falar nada. A gente só vê ali no trevo de longe. E muitos ainda se pergunta por que do dinossauro (AAIN-I, 2015, informação verbal)¹⁸⁷.

Não ouvi falar aqui, nem na escola que eu trabalho... Aí, saem as crianças, aí aquele baita dinossauro lá e não sabem porque (AAIN-II, 2015, informação verbal)¹⁸⁸.

¹⁸⁵ A denominação de Colônia para o “Conceição e Padroeira do Brasil”, segundo informou o DGBP-II, se deve em razão de serem assentamentos mais antigos.

¹⁸⁶ Informação fornecida por DGBP-II, via telefone, no dia 15 de abril de 2018.

¹⁸⁷ Artesã Aldeia Indígena de Nioaque. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2015.

¹⁸⁸ Artesã Aldeia Indígena de Nioaque. A entrevistada trabalha de zeladora na escola indígena e faz artesanato nas horas vagas. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2015.

Mesmo que pensou-se usar a educação como principal forma de divulgar o geoparque, através do trabalho de campo verificou-se que, nas aldeias (Cabeceira, Água Branca e Brejão), dentre os treze entrevistados nenhum tinha tido a informação via escola. Dentre estes entrevistados, quatro nunca ouviram falar no geoparque; cinco souberam pelo rádio; e, os outros quatro, através de atividades diversas desenvolvidas pela prefeitura, tais como comemoração do aniversário da cidade e reuniões.

Se falava numas reuniões que a gente participava lá, da outra prefeita [...] aí que falaram que tinha pegada de dinossauro. As meninas da prefeitura que comentaram [...] (AAIN-III, 2105, informação verbal)¹⁸⁹.

Eu não estava muito por dentro. Foi através da Adriana da coordenadoria da mulher (AAIN- IV, 2015, informação verbal)¹⁹⁰.

Um dos entrevistados, LAIN-II (Liderança Aldeia Indígena de Nioaque), comentou que soube do geoparque ainda em 2008, quando ocupava uma pasta no município, trabalhando na coordenadoria de assuntos indígenas. Disse que na época, sempre era procurado para fornecer informações sobre questões referentes ao artesanato e acesso à aldeia, pois dirigentes municipais e do próprio geoparque tinham interesse em criar uma rota turística que envolvesse o geoparque, as aldeias e as comunidades quilombolas.

Essa informação é interessante, pois demonstra que apesar de tal interesse ter surgido em 2008, o projeto dessa rota não foi desenvolvido e nem sequer discutido com as lideranças e a comunidade. Tanto é que, dos três caciques entrevistados, dois nunca ouviram falar no geoparque.

O desconhecimento da existência do geoparque por parte desses caciques contradiz a fala do LAIN-II que, apesar de reconhecer que a comunidade indígena não tinha conhecimento sobre o geoparque, ele e os caciques estavam a par do desenvolvendo desse projeto. Em suas palavras, “[...] então, eles esperam e se espelham muito pela liderança. Então a gente tem participado muito com os caciques, a gente sabe como está o andamento do geoparque” (LAIN-II, 2015).

Outro ponto que merece atenção diz respeito ao fato que embora algumas artesãs indígenas tivessem ouvido falar do geoparque pela primeira através do rádio, para elas essa não era a única fonte de informação, pois como estavam cobrando dos dirigentes municipais

¹⁸⁹ Artesã Aldeia Indígena de Nioaque. Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2015.

¹⁹⁰ Idem a nota anterior.

um local para exporem seus produtos, isso permitiu um contato maior com as secretarias e, conseqüentemente, participaram de reuniões que mencionavam o projeto geoparque.

Em relação aos assentamentos, durante o trabalho de campo foi possível entrevistar artesãos e lideranças de três assentamentos (Andalucia, Palmeira e Colônia Conceição). Foram realizadas doze entrevistas e, entre esses entrevistados, somente dois tinham conhecimento da existência das pegadas e não do geoparque, enquanto os outros dois não tinham conhecimento sequer das pegadas; dois dos entrevistados assistiram reportagem sobre o geoparque na TV e três ouviram no rádio; os três restantes, afirmaram que souberam através de um amigo, Paulo Correa, que costumava visitar com frequência suas residências.

Cumprê ressaltar que esse amigo, no período da pesquisa já não era mais coordenador do núcleo de Nioaque. Entretanto tratava-se de uma pessoa que possui um histórico de vida política¹⁹¹ e é também um dos idealizadores da produção de um território turístico nesse município. É uma pessoa que estava envolvida com a temática das pegadas desde que essas foram estudadas pela primeira vez em 1989. Portanto, mesmo que esse amigo fosse um dirigente do geoparque, a informação não foi fornecida através de atividades oficiais desse projeto. Outra questão importante é que a escola não foi responsável por levar o conhecimento sobre o geoparque a nenhum dos entrevistados. Até mesmo na colônia Conceição onde está localizada uma escola municipal, o entrevistado LARN-II, quando questionado sobre o geoparque e a participação da escola na disseminação de tal conhecimento, deu a seguinte resposta:

Já ouvi. É uma coisa pouco divulgada. Pra falar bem a verdade, falar que sei o que é, eu estou mentindo. Não sei o que é, do que se trata!
[...] Não! Porque se não eles teriam chegado e comentado. Eles estudam na Padroeira, é outro assentamento porque lá é escola estadual (LARN-II, 2015, informação verbal¹⁹²).

Na realidade, dentre todos os entrevistados – indígenas, assentados e quilombolas – somente um disse que soube da existência do geoparque através da escola. A entrevistada identificada como AQN-II (Artesã Quilombola de Nioaque), ao ser indagada a respeito de como teria tido conhecimento, respondeu “Pela escola. Minha menina de oito anos veio e falou pra mim que iriam, no outro bairro, porque teria uma atividade lá”. Porém, quando questionada sobre o que seria o geoparque, respondeu “não tenho nem ideia” (AQN-II, 2015).

¹⁹¹ Informou em entrevista realizada no dia 22 de outubro de 2015 que já foi duas vezes presidente da câmara de vereadores e vice-prefeito e, naquele momento, o envolvimento na política se dava por conta que sua esposa estava atuando já no terceiro mandato como vereadora.

¹⁹² Liderança Assentamento Rural de Nioaque. Entrevista realizada no dia 23 de outubro de 2015.

A entrevistada em questão pertence a uma das comunidades quilombolas existentes no município. Durante o trabalho de campo foram entrevistadas as lideranças de três comunidades: Família Cardoso, Comunidade Araújo Ribeiro e Comunidade Romano Martins da Conceição. Não foi possível obter informações da comunidade quilombola Bulhões.

Dos três grupos de entrevistados, os quilombolas foram os que somaram o menor número de entrevistados porque nesta pesquisa buscou-se dialogar com as lideranças e os artesãos e, de acordo com a liderança da Comunidade Romano Martins da Conceição, não existiam artesãos em sua comunidade. A liderança da comunidade Araújo Ribeiro afirmou que somente ela e um primo trabalhavam com artesanato; enquanto na Família Cardoso, embora tivessem surgido alguns nomes¹⁹³, só foi possível entrevistar uma artesã.

Quanto à forma em que as lideranças dessas comunidades quilombolas tiveram conhecimento sobre a existência do geoparque, um disse que foi através do Joãozinho¹⁹⁴; outro disse que ouviu falar sem saber precisar a fonte; e, um último, tinha conhecimento somente das pegadas.

A escolha pelos artesãos foi em função de que – com a inserção dessas comunidades no projeto Geoparque Bodoquena-Pantanal – os artesãos poderiam obter lucro a partir da confecção de *souvenirs* ligados à temática dos dinossauros. Entrevistar as lideranças de tais comunidades também foi importante porque ajudava analisar a existência de conhecimento sobre o geoparque, bem como auxiliava na identificação da existência ou não de artesãos e interesse na produção de um artesanato direcionado a essa temática.

A partir do trabalho de campo, verificou-se que dentre todos os entrevistados dessas comunidades somente uma artesã indígena informou que sua família vive exclusivamente da produção de artesanato. Os demais artesãos alegaram que o artesanato é importante na complementação da renda familiar. Entre os indígenas, quatro informaram que eram funcionários públicos; dois viviam da agricultura familiar; um da atividade de pedreiro; e, outro dependia do auxílio saúde. Nos assentamentos: quatro trabalhavam com a agricultura familiar; um na criação de gado de corte; outro na criação de gado leiteiro; enquanto os outros dois recebiam benefício previdenciário. Quanto aos quilombolas, a artesã entrevistada disse que o esposo era diarista; a liderança/artesã trabalhava com agricultura familiar; e, o seu primo era funcionário público.

¹⁹³ Cumpre ressaltar que os nomes apontados pela liderança não eram de pessoas que efetivamente trabalhavam com artesanato, mas daquelas que já haviam feito cursos voltados para à cultura quilombola.

¹⁹⁴ Referindo-se ao artista plástico.

A importância do artesanato para essas famílias também foi frisada pela DN-IX (Dirigente de Nioaque) que comentou que existia uma demanda muito grande das mulheres rurais por cursos de artesanatos e produção de alimentos porque queriam ter uma renda própria ao mesmo tempo em que isso as ajudaria a complementar a renda familiar. Quanto às comunidades quilombolas, de acordo com a entrevistada, eram oferecidos os cursos, porém a comunidade não se organizava para requerer à prefeitura algum curso pelo qual tivesse interesse.

Os cursos eram uma parceria entre a prefeitura e o Sindicato Rural e eram fornecidos pelo SENAR/MS – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Segundo DN-IX, as aldeias e o assentamento Andalucia tinham preferência para os cursos de artesanato, tais como: artesanato em fibra de bananeira e taboa (preparo da matéria-prima e confecção das peças); beneficiamento da lã ovina, feltragem com a lã e confecção artesanal de peças; corte e costura; artesanato com palha de milho; artesanato de ponto cruz; crochê com barbantes. Enquanto que a preferência nos demais assentamentos era pelos cursos de culinária: produção de pães e salgados; produção de biscoitos, bolos simples e confeitados, entre outros.

Cumprе ressaltar que a realização dos cursos atendia a necessidade de aprender a técnica, mas não resolvia por si só o problema da renda porque as artesãs tinham dificuldades com o comércio de seus produtos. E foi dessa dificuldade que surgiu a demanda pela Casa do Artesão em Nioaque que, no momento da realização do trabalho de campo, estava com data prevista de abertura para novembro de 2015.

O local escolhido para a “Casa do Artesão” era estratégico, pois ficava na Avenida Visconde Taunay, meia quadra distante da Padaria e Confeitaria 3M, que era o ponto de parada das vans, micro-ônibus e ônibus de turistas em trânsito.

Como informou DN-IX, a cobrança das artesãs por um local que pudessem divulgar e vender seus produtos veio ao encontro com a procura por *souvenirs*, que surgiu após a instalação da escultura dos dinossauros no trevo da cidade. Em suas palavras:

Porque antes eles não se importavam muito com esse negócio de artesanato, lembrancinha daqui. Agora depois desse monumento do dinossauro o tanto de gente que para e tira foto. [...] Esses dias veio um senhor aqui na biblioteca que era do Rio Grande do Sul. Ele falou que morou aqui em Nioaque muito tempo atrás e queria saber o que tem de novidade para turista e a gente não tinha nem um cartão.

Então, a gente foi falar com o prefeito e a primeira dama que estão cobrando muito isso, de divulgar, apresentar, porque aqui a gente tem muitos artesãos, mas falta oportunidade de mostrar (DN-IX, 2015, informação verbal).

Quanto aos trabalhos realizados por esses artesãos, como foi relatado por eles, tinham aprendido produzir peças utilizando materiais variados, mas na prática, trabalhavam com aqueles materiais que mais se identificavam. A seguir são apresentadas as fotos dos artesanatos produzidos nas aldeias¹⁹⁵ de Nioaque.

Figura 61 - Artesanatos produzidos na Aldeia Cabeceira¹⁹⁶



Fonte: Cedida por SANTOS, Leonice. 2018.

Figura 62 - Artesanatos produzidos na Aldeia Brejão



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 63 - Cocares, brincos e cestaria produzidos na aldeia Brejão



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

¹⁹⁵ Não há fotos de artesanatos da aldeia Água Branca porque, no momento da entrevista, os artesãos não tinham peças para apresentar.

¹⁹⁶ É necessário esclarecer que se teve problema com o arquivo que continha as fotos tiradas na aldeia Cabeceira durante o trabalho de campo realizado em 2015. Deste modo, procurou-se por uma das artesãs que se tinha contato telefônico para solicitar novas fotos. Porém, como a artesã estava com problemas de saúde em sua família, não conseguiu fotografar o trabalho das demais artesãs, enviando somente fotos de seus artesanatos.

Nas aldeias, alguns artesãos relataram produzir peças que possuem uma ligação com a identidade indígena tais como: cocares, brincos, colares, saias rústicas, arco e flecha, balaios, peneiras. Mas, também confeccionavam peças de crochê, ponto cruz, bordados com fitas, bordados no chinelo, dentre outros, utilizando como matéria-prima: fibra da bananeira, palha de milho, taboa, argila, cabaça, sementes, penas, barbantes e retalhos.

Quanto aos artesanatos produzidos nos assentamentos rurais, com exceção dos produtos ligados à identidade indígena, os demais não deferiam muito do artesanato das aldeias, até porque todos eles haviam participado dos cursos fornecidos pelo SENAR/MS. Nas figuras 64, 65 e 66 são apresentados alguns artesanatos produzidos no assentamento rural Andalucia.

Figura 64 - Artesanatos produzidos no Assentamento Rural Andalucia



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 65 - Artesanatos produzidos com palha de milho e fibra da bananeira



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 66 - Artesanatos produzidos com fibra da bananeira, palha de milho e lã ovina – Assentamento Rural Andalucia



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Nesse assentamento existe um grupo de mulheres, denominado “Trabalhadoras Rurais Raízes do Cerrado”, que foi criado quando elas ainda eram acampadas em 1995. Ele surgiu da necessidade de trabalhar a autoestima dessas mulheres.

Depois que já estavam assentadas, ainda focadas na questão de melhoria da autoestima criaram um dia chamado de “Embeleze”, que era um momento de fazer o cabelo, manicure, pedicure e maquiagem. A ação buscava, além de ajudar essas mulheres a sentirem mais seguras e bonitas, atraí-las para o grupo e, logo, em seguida, começaram a trabalhar com crochê, porém tinham dificuldades em vender o produto porque era um artesanato muito comum entre as mulheres.

A diversificação dos artesanatos começou em 2013 quando surgiu a oferta de cursos pelo SENAR. No momento da pesquisa, elas informaram que já trabalhavam com a fibra da bananeira, palha de milho, lã ovina, bucha vegetal, porunga, casca de jatobá, dentre outros. A próxima figura ilustra a etiqueta de identificação desse grupo.

Figura 67 - Etiqueta do Grupo de Trabalhadoras Rurais Raízes do Cerrado



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

A sequência de fotos ilustradas nas figuras seguintes é referente aos artesanatos do assentamento rural Palmeira. Nesse assentamento, foi encontrada a única artesã, dentre os entrevistados, que possuía carteirinha da Casa do Artesão de Campo Grande.

Figura 68 - Artesanato do Assentamento Rural Palmeira



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 69 - Artesanatos do Assentamento Palmeira: bordado no chinelo, crochê e sementes



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 70 - Artesanatos do Assentamento Rural



Fonte: COSTA, Cecília. 2015

Nota: Trabalho de Campo

Dos três assentamentos, o Colônia Conceição é o que produz menos artesanato. Nesse assentamento, foi entrevistada somente a liderança, que informou ser a única artesã da comunidade. A figura 71 apresenta os trabalhos dessa liderança e artesã. Ela informou que trabalha com fibra da bananeira, biscuit na telha, crochê e ponto cruz.

Figura 71 - Artesanatos do Assentamento Rural Colônia Conceição



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Já as próximas figuras têm o objetivo de expor os artesanatos das comunidades quilombolas. A figura 72 é referente ao artesanato em crochê produzido por uma artesã da Família Cardoso. Enquanto a figura 73 ilustra parte dos artesanatos da comunidade quilombola Araújo Ribeiro. De acordo com a entrevistada, identificada como LQN-I, seu primo trabalhava com artesanato em madeira, enquanto ela trabalhava com crochê, tricô e fibra da bananeira.

Figura 72 - Artesanatos da Comunidade Quilombola Família Cardoso



Fonte: COSTA, Cecilia. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 73 - Artesanatos da Comunidade Quilombola Araújo Ribeiro



Fonte: Cedida por RIBEIRO, Mirtes. 2018.

Como foi dito anteriormente, durante a realização do trabalho de campo, em outubro de 2015, existia a demanda e a expectativa para a criação da Casa do Artesão. Sendo assim, ao retornar à Nioaque, em março de 2018, buscou-se por informações junto a DN-VIII, que afirmou não existir Casa do Artesão no município. Entretanto, disse que haviam iniciado a realização mensal de uma feira, na praça central da cidade, visando oportunizar às famílias que trabalham com a agricultura familiar um meio para que pudessem expor e vender seus produtos. Na citação seguinte, o entrevistado comenta sobre como funciona essa feira.

Nós criamos a feira da agricultura familiar no município uma vez no mês. A prefeitura custeia as despesas, eles fazem um cadastro na Secretaria de Agricultura, a prefeitura loca as barracas e sempre acontece no primeiro sábado após o pagamento. [...] a gente fez no começo uma vez no mês e agora vamos estudar para fazer a cada quinze dias. Não adiante fazer toda semana e não ter para quem vender! [...] Cada um traz o que tem (DN-VIII, 2018, informação verbal).

Como relatou o entrevistado, a prefeitura fica responsável por locar as barracas e pelo transporte dos feirantes. A questão do transporte foi bastante frisada durante o campo de 2015. Na oportunidade, os entrevistados relataram a grande dificuldade de se deslocarem até a cidade, pois a grande maioria era desprovida de algum tipo de transporte. Sendo assim, não compensava levar seus artesanatos e demais produtos porque as despesas de deslocamento comprometeriam muito o lucro obtido com as vendas.

A entrevistada identificada como LARN-I¹⁹⁷ confirmou que não existia a Casa do Artesão, porém avaliava a ação da Prefeitura como muito boa e que, para a realidade do seu grupo de mulheres, a realização da feira uma vez no mês tem sido o suficiente porque precisam conciliar o tempo para se dedicarem à produção de frutas e hortaliças, para a confecção dos artesanatos e, ainda, para os afazeres domésticos.

Apesar de ter tido avaliações positivas sobre a feira, ficou uma angústia por maiores informações sobre o motivo de não ter avançado o projeto da Casa do Artesão que, em 2015, já tinha inclusive data para sua abertura. Sendo assim, procurou-se pela entrevistada, identificada como DN-IX, que esclareceu que naquele ano, de fato, foi inaugurada a referida casa. Entretanto, antes mesmo de fazer um ano da inauguração, ela foi fechada. Disse que vendia-se muito pouco e que os clientes eram os turistas porque os nioaquenses achavam tudo muito caro. Relata a entrevistada:

¹⁹⁷ Informação fornecida via telefone, no dia 05 de março de 2018.

[...] a gente fez umas prateleiras, ficou tudo bonitinho, tudo bem arrumadinho [...] as mulheres da Andalucia eram as que mais tinham lá, tinha do Uirapuru, do Areias, da cidade, de todos os lugares tinha um pouquinho. Aí o pessoal foi vendo que não estava dando nada, que não tinha venda, aí todo mundo foi tirando [...] aí o pessoal mandava mais fechar que deixar aberto (referindo-se ao pessoal da Prefeitura) foi indo até que fechou (DN-IX, 2018, informação verbal)¹⁹⁸.

Durante a conversa com DN-IX, questionou-se a existência de trabalhos relacionados à temática do “Vale do Dinossauro” dentre os artesanatos e, sua resposta foi que, apesar do prefeito da época ter solicitado aos artesãos que confeccionassem algo que reproduzisse a nova identidade do município, na prática surgiram poucos trabalhos.

Elas fizeram porque o prefeito pediu. Olha, pra você ver, tinha uma mulher lá do Andalucia que fez um tapete de dinossauro que ficava em pezinho. Coisa mais linda! [...] Ela foi expor na Retirada da Laguna, todo mundo ficou admirado com aquilo. [...] Fez de crochê. [...] E eu me lembro que, tinha também, era um dinossaurozinho num porta-caneta, escrito Nioaque/MS [...] (DN-IX, 2018, informação verbal).

O porta-canetas, mencionado pela DN-IX, é ilustrado na figura seguinte. Essa peça encontra-se no gabinete do prefeito municipal e foi fotografada durante o trabalho de campo, realizado em março de 2018.

Figura 74 - Souvenir de Nioaque



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

No momento da realização das entrevistas em 2015, foi questionado aos entrevistados se tinham interesse em produzir artesanatos relacionados ao geoparque, se viam algum empecilho nisso e, com exceção de uma artesã indígena, os demais demonstraram

¹⁹⁸ Informação fornecida via telefone, no dia 20 de abril de 2018.

interesse. Até mesmo aqueles que não sabiam da existência do geoparque tinham uma reação positiva após ser explicado do que se tratava.

De uma maneira geral, os entrevistados afirmaram que a criação de um selo do geoparque poderia agregar valor em seus produtos. A artesã, identificada como AAIN-V, comentou que em uma das reuniões que havia participado foi falado sobre a possibilidade de criação de um selo, onde deveriam constar junto da figura da pegada, o nome da aldeia e do município. Em suas palavras: “alguma coisa tem que surgir para aparecer isso nos artesanatos, um selo, alguma coisa... A gente pensou em escrever e colocar dentro do chapéu (aldeia, Nioaque, uma patinha de dinossauro). Aí parou porque falta investimento” (AAIN-V, 2015). Entretanto, para essa artesã, aquela era a ideia de um grupo, porque em sua opinião o selo dos artesanatos produzidos na aldeia deveria expressar somente a identidade indígena.

LAIN-II, que é uma das lideranças indígenas, deu sua opinião sobre esse assunto e comentou que acreditava que poderia haver certo constrangimento de seu povo em confeccionar algo que fosse voltado aos dinossauros. O entrevistado acreditava que seria mais fácil ampliar os trabalhos já desenvolvidos que retratam a identidade indígena do que criar algo que remeta à identidade do não-índio, deixando explícito que seu povo não compartilhava da identidade coletiva “Vale dos Dinossauros”. Sua fala é transcrita na sequência.

Talvez, ficaria meio tímido para os artesãos poder confeccionar algum material que vem, assim, retratar, falar das pegadas ou dos dinossauros. Eu vejo que a ampliação dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos, até mesmo com relação à identidade indígena é o que vai fortalecer eles, nós, a comunidade, o povo indígena. Então, eles terão mais facilidade de ampliar o que estão produzindo no sentido de colares, que criar alguma coisa que eles vão falar: isso não é nosso, isso é do branco. [...] o cocar, o arco e flecha, trabalhos com cabaça, com colares, com sementes, tudo isso é a nossa identidade indígena (LAIN-II, 2015, informação verbal).

O entrevistado entendia como sendo muito importante para o município a criação do geoparque e que as comunidades indígenas tinham muito a oferecer a esse projeto, referindo-se, também, a possibilidade da aldeia fazer parte de uma rota turística. Porém, ressaltou que era necessária uma reflexão sobre o impacto que a inserção de sua comunidade no projeto geoparque poderia provocar em suas línguas, seus costumes, tradições e segurança, demonstrando preocupação com exploração da mão-de-obra do seu povo e de suas matérias-primas. Em suas palavras:

Ele é muito importante para o município porque nós também somos munícipes e a gente quando coloca a situação do município, a gente também esta envolvendo todo mundo, indígenas, quilombolas, assentamentos. E eu vejo que a comunidade indígena tem muito a oferecer dentro desse projeto também. Mas, temos que pensar no que vai refletir para a comunidade. De que forma vai ser conduzido esse trabalho, para onde a gente pode explorar de certa forma nossos artesãos, a nossa matéria-prima, o escoamento disso, o acesso? Será que esse acesso, não vou dizer uma invasão, mas a introdução da comunidade indígena nesse trabalho vai refletir em relação as nossas línguas, nossos costumes, tradições e segurança principalmente. Digo isso porque nós estamos 7 km da cidade, aonde vindo da cidade para a Terra Indígena nós somos a primeira aldeia (LAIN-II, 2015, informação verbal).

Vale reforçar que apesar dessa liderança ter manifestado tal preocupação e da AAIN-V não achar que deveriam juntar a identidade “Vale dos Dinossauros” à sua identidade indígena, ficou demonstrado que para os demais entrevistados indígenas eles não se importavam de ter seus trabalhos relacionados ao geoparque através de um selo, ou até mesmo, de confeccionar produtos ligados à temática porque para eles, naquele momento, não existia nenhum sentimento de pertencimento pelo geoparque. Eles apenas o viam como uma oportunidade financeira.

Ainda sobre a questão de preservar uma identidade, vale apresentar os entendimentos do artista plástico João Xavier, expostos durante a entrevista realizada em 2015. O referido artista disse que sempre trabalhou com desenvolvimento da parte cultural, com turismo no município e também vinha contribuindo com o projeto do geoparque. Disse ainda que, costumava acompanhar pesquisadores em seus trabalhos de campo e que isso permitiu conhecer ainda mais da cultura do município. Fato esse que o fazia sentir-se a vontade para dizer que o geoparque em Nioaque deveria não ficar somente preso na questão das pegadas, mas investir nos sítios geológicos, paleontológicos, explorar a parte cultural e gastronômica. Porém, acreditava que era importante sempre respeitar e preservar a cultura indígena e quilombola.

Para o entrevistado, era possível relacionar a temática do geoparque às identidades desses povos. Ele afirma que as atividades desenvolvidas pelo geoparque poderiam consistir em palestras com artistas sul-mato-grossenses e chefes de cozinha, mas sempre fazendo ressalvas que o que deveria ser passado para as comunidades eram técnicas mais aprimoradas, mas que não afetassem a cultura e o saber fazer de cada povo. O artista comenta:

O interessante é você levar uma técnica - uma técnica em queima, uma técnica em fundição, uma técnica em pintura – mas, não atrapalhar a técnica que eles têm de manusear o barro pra uma panela. Você pode passar uma

técnica aprimorada, assim em queima, em pintura, mas você tirar deles a arte que eles têm, eu acho um absurdo! (João Xavier, 2015, informação verbal).

Esse comentário foi embasado em um fato, narrado por ele, que ocorreu no município turístico vizinho, Bonito, onde aproximadamente há 15 anos o governo estadual trouxe alguns *designers* italianos para desenvolver no MS um artesanato que fosse vendável na Europa, avaliando isso como algo inaceitável.

O entrevistado apresentou sugestões de trabalhos que poderiam conciliar o artesanato com a culinária. Disse que poderiam criar um nome para um prato típico, citando como exemplos, o “carreteiro *a la* abelissauro” e o escondidinho de dinossauro. Explicou a sua ideia dizendo que poderia ser usada uma carne de sol de qualidade e fazer um prato mais elaborado. O diferencial desse prato seria servi-lo utilizando um recipiente de cerâmica, produzido por um grupo específico, e que após saboreá-lo, o turista poderia levar aquela cerâmica como lembrança. Afirma que isso seria fazer um vínculo entre a história natural e social.

Na sequência, é apresentada a fala do artista, detalhando mais uma de suas ideias que poderia ser explorada pelo geoparque.

[...] você pega essa pata aí (referindo-se aos moldes que havia feito das pegadas), vamos dizer que é um herbívoro, você coloca argila em cima e molda. Faz isso aí num material mais duro para que você possa moldar o prato de argila em cima da pata. Esse prato de argila vai secar, você queima, faz uma borda bonitinha, mas as características da pegada permaneceram. Então, você serve uma galinha caipira num prato desses. A sofisticação ela é um milhão de vezes a mais porque a pessoa vai estar levando o prato de uma real pegada (João Xavier, 2015, informação verbal).

Criar pratos com nomes ligados ao “Vale dos Dinossauros” não se restringia somente às ideias do artista plástico. Já em 2015, existia no município um empresário, Luís Alberto, proprietário do “Tropical Lanches”, localizado na praça central, que tinha como um de seus “carros chefes” um lanche batizado de “X-Dinossauro”. Na figura seguinte, é ilustrado o *banner* que faz a divulgação desse lanche.

Figura 75 - Banner divulgando o “X-Dinossauro” do Tropical Lanches



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

O lanche, segundo o proprietário, foi inspirado no “X-Cuiúdo” que ele conheceu durante uma de suas viagens¹⁹⁹, mas como houve um acréscimo de ingredientes, tornando-o, de fato, muito grande, e que como a cidade passou a ter a figura do dinossauro como um símbolo identitário, resolveu chamá-lo de X-Dinossauro²⁰⁰. O referido lanche é ilustrado na figura a seguir:

Figura 76 - X-Dinossauro servido no Tropical Lanches



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

O lanche é feito com pão²⁰¹ tradicional de hambúrguer em tamanho de uma pizza grande e é oferecido nos sabores de estrogonofe de carne ou de frango. Informou o proprietário que o lanche foi muito bem aceito por seus clientes, prova disso é que vendia-se, mensalmente, uma média de 400 a 500 unidades.

O proprietário do Tropical Lanche e o artista plástico são ambos naturais de Nioaque, pertencem às famílias tradicionais e participam da produção do território turístico no município.

¹⁹⁹ Disse que gosta muito de viajar e sempre aproveita para trazer novidades.

²⁰⁰ O proprietário patenteou o lanche X-Dinossauro.

²⁰¹ O pão utilizado é fabricado por uma padaria localizada na cidade de Jardim.

Segundo o entrevistado, criar o lanche com esse nome foi uma forma de incentivar e apoiar o projeto geoparque. Em sua opinião, essa atitude deveria ser compartilhada pelos demais comerciantes da cidade e que a temática deveria ser explorada através da confecção de camisetas e *souvenirs*. Ainda acrescentou que ele havia sugerido para o dono de uma pizzaria que criasse uma pizza com nome ligado à temática, porém a ideia não havia sido acatada.

Além da criação do lanche, esse empresário tem contribuído para a produção do território turístico apresentando em um telão para seus clientes e demais pessoas que passam pela praça, reportagens referentes às pegadas existentes no município (figura 77).

Figura 77 - Telão do Tropical Lanches, onde são apresentadas reportagens referentes às pegadas dos dinossauros



Fonte: COSTA, Cecília. 2015.

Nota: Trabalho de Campo.

Embora o entrevistado tivesse alegado que achava que os moradores e empresários não estivessem dando o devido valor à existência daquelas pegadas, após a criação do geoparque e a produção de um território turístico, um empresário local se apropriou da temática “Vale dos Dinossauros” e a incorporou em seu novo empreendimento.

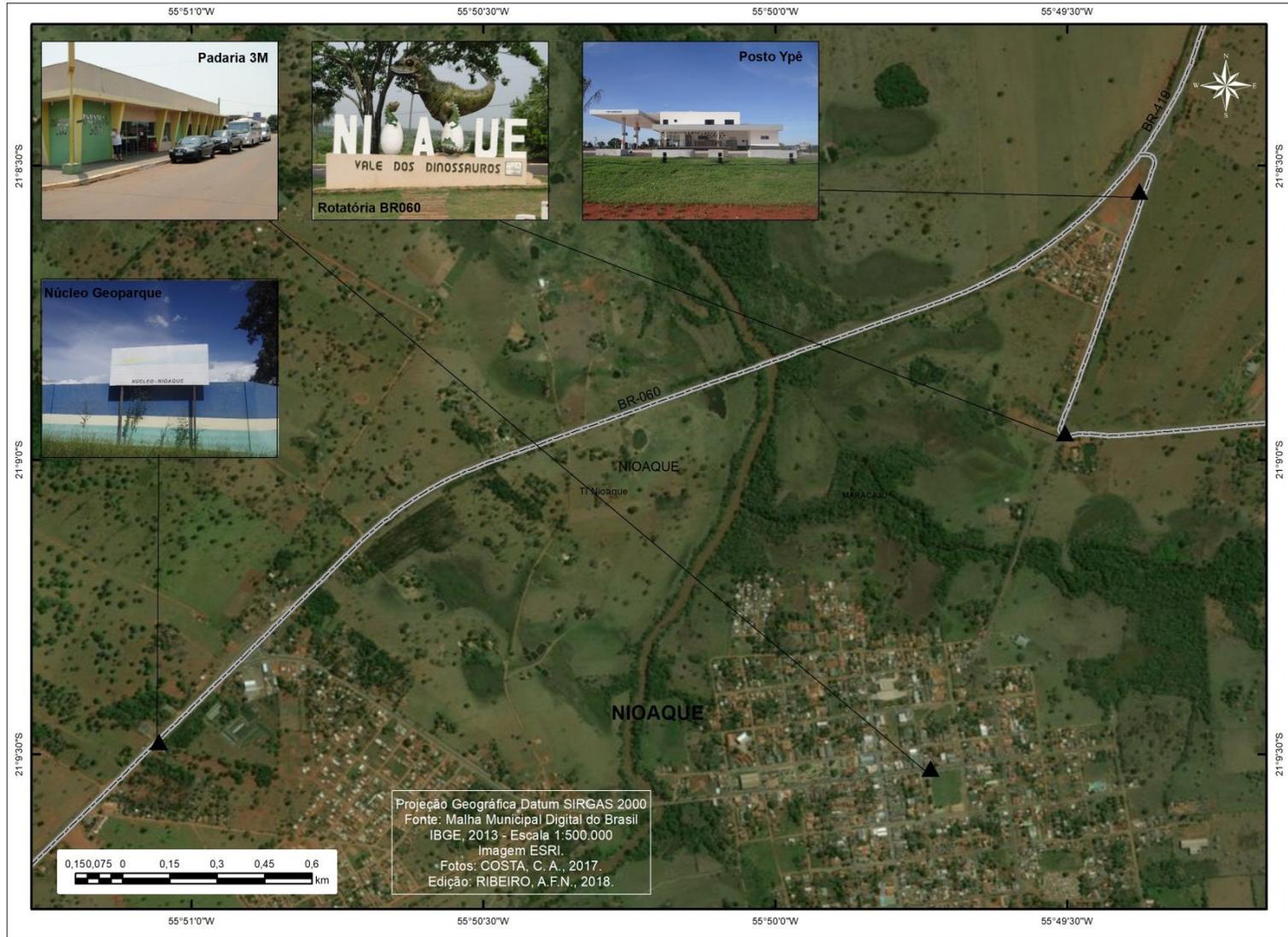
Trata-se do empresário Márcio Cafure, proprietário do “Real Auto Posto”, localizado na Avenida 15 de Novembro, centro de Nioaque e, que durante a realização dessa pesquisa, estava construindo o seu outro posto de combustível.

O empresário através de entrevista concedida em 2015 relatou que era natural de Jardim, que estava na cidade há 7 anos e que durante esse período no município, trabalhando nessa área, observou que existia campo para outro empreendimento, focando-se no público que estava de passagem pelo município. Para chegar ao Real Auto Posto, o cliente precisa entrar na cidade. Contudo, no novo empreendimento não haveria essa necessidade em razão de estar localizado na rodovia.

O local escolhido é bastante estratégico, pois como é possível verificar na figura 78 o novo empreendimento fica próximo ao trevo da Vila Santa Amélia, entre a BR 060 e a BR

419, passagem obrigatória para que vem de Campo Grande via Sidrolândia, bem como para aqueles que vem por Aquidauana e Anastácio, com destino à Jardim e Bonito.

Figura 78 - Localização da rotatória da BR 060, do Ypê Auto Posto, da Padaria 3M e do Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal



É importante destacar que, como já foi abordado em outros momentos no texto, em Nioaque o único estabelecimento comercial que 90% de seus clientes²⁰² são turistas é a Padaria e Confeitaria 3M, localizada na mesma quadra do Real Auto Posto. Portanto, para se chegar nesses dois estabelecimentos é preciso passar pelo centro da cidade, o que significa que o novo empreendimento pode comprometer o movimento diário da 3M, uma vez que o novo posto fornecerá os serviços tradicionais desse tipo de comércio e, também, contará com uma BR Mania que serve pratos rápidos. Na figura anterior, dentre os demais pontos destacados, está apresentada a localização da referida padaria.

O entrevistado relatou que a ideia de fazer um posto temático foi inspirada em outros postos localizados nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Santa Catarina e que a opção pelos dinossauros era porque queria valorizar algo regional. A decisão de focar nos dinossauros se deve ao fato que, além de ter interesse pela temática e ser inclusive um parceiro²⁰³ do geoparque, percebeu através da instalação da escultura no trevo, que aquele era um tema que chamava a atenção das pessoas e que faltava informação sobre o mesmo. Salientou que, embora exista o núcleo do geoparque, a sua localização estava muito distante da escultura e que, por isso, a grande maioria das pessoas que passa por ali ficava curiosa para saber o motivo de ter um dinossauro na entrada da cidade e não conseguia ter sua dúvida sanada. A referida distância pode ser verificada observando a figura anterior.

Portanto, a criação do posto temático no município, segundo o proprietário, uniria “esse negócio da parada, de ter um visual legal, com algo que tem o contexto, que é o contexto da cidade e a gente também poder sanar essa dúvida”²⁰⁴. Disse que sua ideia era que aquele “[...] turista que está vindo de Campo Grande pela BR 060 irá chegar ao trevo, se deparar com a escultura e, para aqueles que seguem pela rodovia, vão parar no posto, tirar fotos e, ali, vão poder se informar”²⁰⁵.

O projeto inicial desse posto temático era utilizar parte da área pertencente ao DNIT para fazer um espelho d’água e reproduzir o ambiente das pegadas. Porém, esse órgão optou em se eximir da responsabilidade perante qualquer acidente que viesse ocorrer naquele espelho d’água e não autorizou a utilização da área.

²⁰² Dado fornecido pelo proprietário durante entrevista realizada em 2015.

²⁰³ Disse que costumava participar de palestras, visitas na área das pegadas e que tinha algum contato com dirigentes do geoparque.

²⁰⁴ Entrevista concedida em 2018. Vale ressaltar que foram realizadas duas entrevistas com esse empresário: uma em 20 de outubro de 2015 e outra no dia 02 de março de 2018.

²⁰⁵ Proprietário do estabelecimento, 2018.

Sendo assim, até o momento da inauguração do empreendimento, no dia 26 de março de 2018, o posto contava com as esculturas de dinossauros para retratar a identidade do “Vale dos Dinossauros” no município, como é ilustrado nas figuras apresentadas a seguir.

Figura 79 - Escultura de dinossauros no Ypê Auto Posto



Fonte: Cedida por XAVIER, João. 2018.

Figura 80 - Esculturas dos dinossauros



Fonte: Cedida por XAVIER, João. 2018.

Como se observa nas fotos, as esculturas compõem uma cena onde um dinossauro rouba um ovo do ninho, deixando o macho furioso, enquanto a fêmea protege o filhote e demais ovos. O trabalho foi feito pelo mesmo artista João Xavier, que produziu a escultura encontrada junto ao letreiro “Nioaque”.

Tanto o artista quanto o proprietário disseram que as esculturas eram o resultado de um trabalho de idealização e desenvolvimento em conjunto entre eles; que a obra foi pensada para que as esculturas juntas compusessem uma cena, mas que, também, de forma individual, tivessem sua graça, seu valor e despertassem a atenção e interesse para que pudessem ser comercializadas em forma de *souvenirs*. Na sequência, é apresentado o fragmento da fala do proprietário:

Pedi para ele algo que não fosse só visual, que a gente pudesse explorar comercialmente depois, tanto para ele, quanto pra mim. Pedi para ele que fizesse uma imagem que desse pra reproduzir em miniaturas. Então aqueles

que você viu lá já são moldes de uma forma de silicone que vai possibilitar a gente fazer em grande quantidade (Proprietário do estabelecimento, 2018).

Na figura 81 são apresentadas as esculturas que deram origem aos moldes mencionados na fala anterior. Vale destacar que o artista plástico relatou ter patenteado o *design* dessas esculturas.

Figura 81 - Réplicas usadas como moldes para produção de souvenirs



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Cumpramos ressaltar que até o momento de finalização dessa pesquisa, as miniaturas dos dinossauros, embora já estivessem sendo produzidas, ainda não estavam prontas para serem comercializadas. Como o empresário informou²⁰⁶, estavam trabalhando nas peças para conseguirem chegar ao formato desejado e, também, estudavam valores para atribuírem a elas.

Além das miniaturas, o entrevistado manifestou interesse, já em 2015, em produzir *souvenirs* utilizando osso, como matéria-prima. No entanto, na entrevista realizada em 2018, informou que o artesão que iria confeccioná-las havia passado a trabalhar com móveis planejados e que ainda não tinha conseguido procurá-lo para tentar criar uma parceria²⁰⁷. O entrevistado idealizou fazer um chaveiro de osso, com o formato da pegada dos dinossauros para que isso pudesse ser um produto que represente a cidade.

Essa questão de criar parceiras para produzir seus próprios *souvenirs* é uma questão importante para a pesquisa e que, faz retornar ao início desse subitem, onde se questionou a real participação da população local na produção de um território turístico em Nioaque. Afinal, nesse município, os dois principais beneficiados com as paradas dos turistas em trânsito são os proprietários do Ypê Auto Posto e da Padaria e Confeitaria 3M. Vale salientar que ambos possuem seus estabelecimentos comerciais e também propriedades rurais. É

²⁰⁶ Informação fornecida via telefone, no dia 26 de abril de 2018.

²⁰⁷ Sua intenção é esperar o negócio estar bem estruturado para sentar com o artesão e desenvolver uma linha e estabelecer uma escala.

destacado isso porque, durante a entrevista com DN- VI, comentou-se sobre a pecuária, o comércio e os serviços serem as principais atividades econômicas do município.

Portanto, DN-VI afirmou que os proprietários rurais viam o geoparque com “bons olhos” porque esse representava uma oportunidade para a diversificação de suas atividades, seja através do desenvolvimento do turismo rural seja através de investimentos em infraestrutura urbana, voltada ao atendimento de turistas.

Buscando saber se o novo empreendimento ofereceria oportunidade para que os artesãos locais pudessem vender seus artesanatos, relacionados à temática Vale dos Dinossauros, questionou-se o empresário se haveria tal possibilidade. Assim, após apresentar uma escultura de dinossauro feito em resina, ilustrada na próxima figura, alegou que estava procurando quem trabalhasse com aquilo.

Figura 82 - Escultura de dinossauro feita em resina



Fonte: COSTA, Cecília. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

O entrevistado comentou que o intuito era de encontrar alguém que, se dispusesse em montar uma equipe com as pessoas da região para produzir o material. Disse ainda que havia procurado um amigo vereador, visando envolver algumas das instituições do município no projeto. Porém, ressaltou o seu receio de um envolvimento político no projeto porque temia que houvesse alteração de interesse a cada troca de gestão e, logo, isto provocasse ruptura no fornecimento do produto.

Percebeu-se que o entrevistado pretende trabalhar com produtos temáticos e específicos que apresentem um acabamento refinado e de qualidade, características que não são conferidas aos artesanatos aos quais se teve conhecimento, ao longo da pesquisa. Portanto, a probabilidade de os artesãos entrevistados conseguirem estabelecer parceria com essa empresa é muito pequena.

A opção que poderia ser interessante para esses artesãos seria a conclusão das alterações e construções planejadas para o núcleo para que pudesse ser disponibilizado um

lugar destinado à exposição de artesanatos locais. Entretanto, considerando toda a dificuldade financeira que o geoparque enfrenta, não é possível visualizar tal feito em um futuro próximo.

Retornando à questão do novo empreendimento ser um ponto de informação sobre o Vale dos Dinossauros, o proprietário informou que gostaria de ter folders, referentes ao geoparque para divulgá-lo e para que as pessoas entendam de onde originou a ideia dos dinossauros e não o chamarem de louco.

Em suas palavras: “[...] gostaria muito de ter (referindo-se ao material informativo), até mesmo pra me situar, para eu não ficar como o louco que tem um dinossauro no posto [...]. Tem porque existe todo um trabalho do geoparque na região, então não é só porque eu quero, eu preciso disso aí”.

Segundo o entrevistado, mesmo que o geoparque não forneça os folders, ele irá buscar informações junto aos dirigentes do geoparque para produzir um material informativo com embasamento em conhecimento científico para não correr o risco de divulgar informações equivocadas. Essas informações serão importantes não somente para os turistas, como também para os nioaquenses porque, de acordo com o entrevistado, 90% da população ainda não sabe o que é o geoparque.

Considerando a importância desse empreendimento no contexto da produção de um território turístico e da construção de uma identidade territorial nesse município, questionou-se o entrevistado sobre a forma como a população teria reagido perante o seu projeto temático.

Sua resposta foi que os moradores eram muito reticentes e ele percebe haver curiosidade em relação às estatuas. Porém se fizesse uma análise, desde a época que começou até a conclusão da obra, os comentários e o desdém eram muito maiores que os elogios. Disse que ouvia que aquilo seria um “elefante branco” e ele diz que ainda existem os que pensam assim, ressaltando que o grau de conhecimento das pessoas influenciava na forma de conceber tal temática. Por fim, completou que não era possível estabelecer comparação entre o retorno positivo e valorização que recebia das pessoas da região com o dos moradores de Nioaque.

Diante do exposto, verifica-se que o desejo e empenho para tentar produzir um território turístico nesse município é compartilhado por um grupo seletivo da população. Grupo esse que é detentor de capital e vêem no turismo uma oportunidade de diversificar suas atividades econômicas e ampliarem seus lucros. A maioria da população resiste à construção de mais uma identidade territorial e a produção desse território porque não tem conhecimento sobre o que é o geoparque e a origem da temática “Vale dos Dinossauros” e acredita que precisa “abrir mão” da identidade “Filho de Heróis” para acessar a nova identidade. Essa

população, mesmo tendo interesse em usufruir da atividade turística, não consegue visualizar algum sinal que demonstre que lograrão sua inserção neste novo projeto e que compartilharão dos lucros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade moderna, no mundo ocidental, vem construindo o chamado “Mundo da Sustentabilidade” que sinteticamente é caracterizado por uma relação sociedade/natureza complexa, que envolve uma suposta preocupação com os elementos naturais e um “mercado verde” em expansão.

Dos produtos resultados dessa relação, aquele que é explorado nesta tese é a criação de áreas de conservação, em especial, os geoparques que tem representado, principalmente nos continentes europeu e asiático, mais uma opção de modelo de conservação ambiental.

Nesses continentes, a disseminação dos geoparques tem ocorrido de forma rápida, diferentemente dos parques nacionais, que se proliferaram intensamente pelos países pobres dos continentes americano e africano. Portanto, essa preferência pelos parques nacionais nos países pobres e pelos geoparques nos países ricos foi uma dúvida que acompanhou o desenvolvimento desta tese. Tentar encontrar uma explicação para esse fato se tornou um desafio necessário para ajudar a entender porque no Brasil os geoparques não estão sendo aderidos pelo poder público como são as Unidades de Conservação.

Essa diferença de interesse entre Unidades de Conservação e os geoparques tida pelos governos federal e estadual foi também reconhecida pelo representante da UNESCO no Brasil, durante entrevista concedida para esta pesquisa. Para ele, a explicação para isto está no fato de que no Brasil – quando se pensa em conservação – associa-se a criação de uma UC de Proteção Integral, enquanto que a ideia principal do geoparque é a integração sociedade/natureza. Ele lembrou que os dois podem ser associados, pois o geoparque é uma geovitrine, ou seja, uma exposição a céu aberto que deve ser usufruída pela população. Em seu entendimento, o fato de ser um modelo recente ainda não permitiu que o Brasil consiga perceber que criar geoparques é uma iniciativa válida, uma vez que existe retorno em termos de geração de renda, emprego e oportunidades de negócios pra comunidade local.

Apesar de todo esforço argumentativo do entrevistado, sua explicação ainda não convenceu. Afinal, mesmo tendo conhecimento que os parques nacionais e demais UCs foram idealizados há muito mais tempo que os geoparques; e, que enquanto as UCs são regidas por legislação específica, o geoparque não possui determinação legal, situação essa que, não exige desapropriação de terras e não restringe o tipo de atividades a serem desenvolvidas na área, acredita-se que tais características, conferindo-lhes um grau maior ou menor de restrição, não

teriam força para decidir o destino dos geoparques nos países desses dois continentes (o africano e o americano).

Afinal, partindo do princípio da participação do egoísmo e do autointeresse humano no processo de valorização da natureza e no surgimento de uma preocupação ambiental, entende-se que seria muita ingenuidade acreditar que todos esses países estão, de fato, preocupados com a preservação ambiental, que o problema está na concepção de natureza, onde o ser humano por não se reconhecer enquanto natureza, acredita que é preciso se manter distante dos demais elementos naturais para não ameaçá-los.

Através da revisão bibliográfica realizada ao longo da pesquisa e dos trabalhos de campo, conclui-se que da mesma forma que o interesse econômico e o político foram responsáveis pela propagação dos parques nacionais nos países pobres, pois, como mencionado por Godoy e Luizinger (2015), esses países têm sido beneficiados por instituições intergovernamentais e ONGs internacionais com recursos financeiros (doações e empréstimos) para criarem áreas protegidas, entende-se nessa tese que a ausência dos geoparques seria em razão da falta desse mesmo tipo de incentivo.

Tomando como exemplo, o Geoparque Bodoquena-Pantanal, verificou-se que sua criação se deu pautada no intuito de conseguir inserção na Rede Global de Geoparques – GGN, para que além da divulgação internacional e do direito de usufruir do selo que agrega valor aos produtos locais, ainda existe possibilidade de conseguir financiamentos internacionais. Inclusive, esperava-se que esse retorno externo disponibilizasse fundos para a estruturação do geoparque, uma vez que a sua candidatura se deu usando somente de uma proposta e, não, de um geoparque em funcionamento.

Portanto, a dificuldade identificada é que tanto o Geoparque Bodoquena-Pantanal como os demais geoparques têm enfrentando dificuldades financeiras para conseguir criar uma infraestrutura e colocá-los em pleno funcionamento para, somente então, pleitear a inserção na GGN. É importante frisar que o envio da proposta não significa a sua aprovação, ou seja, é necessário todo um investimento sem a garantia desse esperado retorno financeiro, via Rede Global.

A presença do egoísmo, interesse econômico e político tem se manifestado de forma bastante evidente no geoparque, objeto de estudo desta pesquisa. Em uma escala ampliada, considerando o Geoparque Bodoquena-Pantanal como um todo, quando ele foi idealizado, mesmo tendo clara que a área abrangida era grande demais para os padrões europeus, assumiu-se o risco porque acreditava-se que a presença dos municípios de Corumbá e Bonito proporcionava maiores chances da proposta ser aceita. Todavia, esses dois municípios,

considerados os principais, não têm manifestado interesse e nem apoiado o projeto do geoparque. Situação bastante diferente do município de Nioaque, pois como foi destacado pelo DGBP-I, esse município não possui atributos para ser um geoparque internacional e é o que menos apresentava condições para fazer qualquer coisa. Mas, por que Nioaque tem interesse no geoparque? O que teria influenciado em seu empenho nesse projeto ao mesmo tempo em que Bonito e Corumbá o ignoram?

A explicação para isso está fundamentada no interesse político e econômico existente em Nioaque, pois como foi abordado ao longo da tese, o geoparque representa para este município uma oportunidade de fomentar a econômica local através da exploração da atividade turística. Porém, se em Nioaque os interesses citados interferem de forma positiva na participação no projeto geoparque, esses mesmos junto com o egoísmo influenciam na mencionada ausência de Bonito e Corumbá.

Afinal, Bonito e Corumbá não estão preocupados com o todo porque – mesmo tendo consciência da importância de seu envolvimento no processo de desenvolvimento e estruturação do projeto Geoparque Bodoquena-Pantanal – eles continuaram inertes. O motivo para tal egoísmo diz respeito ao fato que, ao contrário de Nioaque, esses dois municípios já possuem um turismo consolidado, tornando-se indiferente a participação ou não no geoparque.

Na realidade, a falta de interesse político não tem se restringido a Bonito e Corumbá, ele tem atuado no governo estadual atingindo e comprometendo a sobrevivência do projeto. De acordo com DGBP-I, no momento, vive-se um hiato do governo sobre o geoparque. O entrevistado afirmou que o governo atual ao não se posicionar favorável ou não ao projeto, mostrando-se indiferente, na prática, isso representa a sua não aprovação, pois tem faltado investimento, apoio e estrutura. Ainda relatou que, no governo passado, como foi o idealizador do geoparque, havia interesse político e que os investimentos eram pequenos, mas o suficiente para atender as necessidades mínimas de sobrevivência, enquanto o atual, até o mínimo tirou.

O entrevistado afirmou que, no atual governo, ninguém os enxergou, que ficaram soltos na estrutura. Tanto é que a diretoria da FUNDECT não quer reconhecer o geoparque como sendo de sua responsabilidade. Esta instituição quer que isto fique a cargo da UEMS, sob a alegação que ela é um órgão do governo e que a diretoria operacional já é feita por um de seus funcionários. O entrevistado informou que tem lutado contra isso, pois tem receio que o projeto geoparque fique esquecido pelo Estado e passe a ser somente um programa de extensão da UEMS.

No momento atual, segundo o DGBP-I, o geoparque encontra-se em *stand by*, dependendo da contratação das propostas aprovadas no edital “FUNDECT/SECTEI Nº 27/2016 – Geopark Bodoquena-Pantanal – MS” para voltar a desenvolver atividades e fazer sua estruturação. A FUNDECT teria reservado R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais) para a execução de quatro projetos aprovados.

Porém, apesar da participação em conjunto do Geoparque Bodoquena-Pantanal com a FUNDECT na elaboração do edital, que é direcionado e específico para atender o projeto geoparque, as propostas ainda não haviam sido contratadas até o momento da finalização da tese, causando frustração e deixando o entrevistado bastante desanimado com o futuro do geoparque.

Esse descaso do governo estadual com o Geoparque tem refletido também no núcleo de Nioaque, pois mesmo existindo interesse dos dirigentes municipais, esses conseguem fazer pouco porque não há recursos financeiros. Nas figuras apresentadas na sequência, é possível visualizar a deterioração do mobiliário e a falta de manutenção do local.

Figura 83 - Deterioração do mobiliário do Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque



Fonte: COSTA, Cecilia. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 84 - Falta de manutenção no Núcleo do Geoparque Bodoquena-Pantanal, em Nioaque



Fonte: COSTA, Cecília. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Figura 85 - Placa de identificação do Núcleo de Nioaque com a pintura apagada



Fonte: COSTA, Cecília. 2018.

Nota: Trabalho de Campo.

Durante o último trabalho de campo, realizado em março de 2018, DGBP-II relatou que havia muita dificuldade financeira, impossibilitando o deslocamento do geomonitor para a realização das ações do “Geoparque vai às escolas” e, que até mesmo, para conseguir servir pipoca com suco durante as sessões do geocine, os geomonitores compravam os produtos necessários usando recursos financeiros próprios. Portanto, se existe a falta de dinheiro para realizar as ações que demandam investimento e infraestrutura mínima, imagina para concluírem as alterações arquitetônicas propostas para o prédio do Núcleo e criarem infraestrutura de acesso ao geossítio.

Porém, mesmo com todas as dificuldades financeiras e com toda a falta de infraestrutura adequada, o Núcleo de Nioaque continua ativo e, dando condições para afirmar que no momento as ações do geoparque se resumem aquelas que são realizadas em Nioaque.

Sendo assim, o município que menos tinha condições de contribuir com o projeto, tem sido aquele que, na realidade, o tem representado enquanto geoparque.

Para DGBP-I, o envio de uma nova proposta de candidatura à GGN se dará somente entre aqueles “grupos, ou núcleos, ou regiões, ou cidades que estiverem militando, trabalhando” na proposta do modelo geoparque no MS e não seria mais **Geoparque Bodoquena-Pantanal**. O nome seria ajustado à nova configuração territorial. Entretanto, o entrevistado ressaltou que Nioaque jamais poderá propor a candidatura de um geoparque “Pegadas dos Dinossauros” porque não há atributos suficientes para isso. Ainda complementou dizendo que “pegadas muito mais interessantes, muito maiores e significativas existem no mundo inteiro, mas essas são importantes localmente e que, também, é um patrimônio geológico que a sociedade merece conhecer e se apropriar”²⁰⁸. Portanto, se Nioaque desejar, de forma independente, tornar-se um geoparque, o município poderá não ter reconhecimento internacional, mas nada o impede de ter reconhecimento regional ou, até mesmo, nacional.

Cabe ressaltar que, apesar da contribuição de Nioaque para o projeto geoparque, através dessa pesquisa, verificou-se que nem todos os entrevistados que tinham conhecimento sobre as pegadas, sabiam da existência do geoparque, bem como, o que ele representava.

Entretanto, é inegável que foi a partir da criação do Geoparque Bodoquena-Pantanal que as pegadas dos dinossauros passaram a ter maior divulgação e que os dirigentes do município fossem motivados e encorajados para, finalmente, produzirem um território turístico que há muito tempo era sonhado por uma parcela da população residente em Nioaque (como membros do poder público, artesãos e empresários).

É importante salientar que, por mais que fosse um sonho, como foi exposto, esse não era de todos os munícipes. Entretanto, tal fato não é uma especificidade de Nioaque porque, conforme destacou Saquet (2013, p. 127), todo território é produzido através do “exercício do poder por determinado grupo ou classe social”. Outra questão é referente à resistência que surgiu porque a população reconhecia a produção daquele território turístico como uma imposição, pois não havia sido consultada sobre a escolha do referencial simbólico “Vale dos Dinossauros”. Contudo, Raffestin (1993), ancorado em Foucault, afirmou que essa resistência é natural na produção de territórios porque onde há poder, há resistência.

A resistência também foi verificada na tentativa de construção de mais uma identidade territorial em Nioaque. O município que há anos vem trabalhando para construir e

²⁰⁸Entrevista realizada no dia 15 de março de 2018.

manter viva a identidade “Filho de Heróis”, com a criação do geoparque iniciou-se a tentativa de construir uma identidade territorial relacionada ao “Vale dos Dinossauros”, até porque, faz parte da proposta desse modelo de conservação promover na comunidade local o sentimento de pertencimento pelos seus geossítios.

Essas duas identidades territoriais “Filhos de Heróis” e “Vale dos Dinossauros”, embora não sejam contraditórias e, por mais que tenha sido idealizada a junção dessas para representarem a identidade coletiva dos nioaquenses e, ao mesmo tempo, fortalecerem a produção do território turístico, esse fato tem causado estranheza na população. Através dos trabalhos de campo foi possível perceber que essa resistência é uma junção da falta de conhecimento sobre temática “Vale dos Dinossauros”, ausência de uma sinalização na participação dos lucros oriundos do turismo e a falta de compreensão de que para acessar a nova identidade não precisa abrir mão daquela da qual eles tanto se orgulham.

Ainda sobre a resistência tida pela população, foi informado pelo DGBP-II, no último trabalho de campo, que é possível perceber que embora as críticas não tenham cessado, elas diminuíram, demonstrando maior aceitação. A entrevistada também observou que houve um aumento no número de solicitação para visitação do núcleo e do geossítio, porém ressaltou que apesar da maior aceita o por parte dos moradores de Nioaque, a procura local   feita pelas escolas e externamente por universidades e turistas.

Retornando   questão da falta de interesse e apoio financeiro ao Geoparque, ficou demonstrado que, na atualidade, os esforços dos dirigentes e empresários locais para divulgar o geossítio de Nioaque têm começado a dar um retorno positivo. Todavia, quando há a solicita o para conhecer as pegadas, os dirigentes do geoparque têm dificuldades em atender o pedido porque não dispõem de infraestrutura mínima para facilitar o acesso até o local e conferir segurança aos visitantes.

Como a área do geossítio ainda continua sendo um Patrim nio da União e, portanto, a atividade turística não está regulamentada e estruturada,   impossível instituir valor para as visitas. Desta forma, ficou demonstrada pela pesquisa que, assim como o Geoparque, a comunidade local não tem lucrado com a temática “Vale dos Dinossauros”, mesmo que o desenvolvimento sustentável dessas seja preconizado neste modelo de conserva o. Na realidade, a explora o dessa temática tem conferido lucro a um grupo muito pequeno, detentor de capital, no município de Nioaque.

  interessante ter que apresentar este cenário composto por conflitos decorrentes das rela oes de poder, frutos da tentativa de produ o de um território turístico, bem como, ter que apontar qual parcela da popula o tem usufruído dos benefícios econômicos sociais e

políticos, uma vez que a origem de toda a discussão está pautada na criação de um geoparque que, teoricamente, tem sido considerado como um modelo de conservação.

Diante do exposto, é possível afirmar que esse modelo de conservação surge como resultado dos apelos pela proteção ambiental existentes no mundo moderno. Como não são diferentes dos produtos gerados pelo “Mundo da Sustentabilidade”, os geoparques apresentam como justificativa da sua criação a preocupação com a conservação dos elementos naturais, em específico, aqueles relacionados à memória da Terra. Entretanto, através desta pesquisa foi possível comprovar a tese que o verdadeiro objetivo da criação desses é a reprodução do capital, pois tomando como exemplo o município de Nioaque, todo o interesse político existente não é porque estão preocupados com a conservação do geossítio, mas com a possibilidade que esse representa para fomentar a economia local através da mercantilização da natureza, via atividade turística.

É importante destacar que a tese permitiu refletir sobre a produção de territórios em nome da conservação ambiental, na perspectiva do que se define como Mundo da Sustentabilidade, apropriado e recriado com a intenção de construir formas de reprodução do capital. Essa construção de fato é a internalização dos chamados problemas ambientais pelo capital, gerando o “mercado verde”, com a produção de territórios supostamente inseridos na conservação ambiental, mas que reforçam a concentração de renda, a geração de lucros para empresas e o cercamento de áreas destinadas a frações do capital. A Geografia produzida em nome da conservação ambiental é a Geografia do capital.

Espera-se que as reflexões realizadas nesta pesquisa possam trazer contribuições na produção do conhecimento geográfico e instigar mais pesquisadores a direcionarem seus focos para a análise da produção desses novos territórios que surgem decorrentes das demandas produzidas no/pelo “Mundo da Sustentabilidade” e, principalmente, contribua com o pensar sobre formas de resistência associadas à produção de Geografias múltiplas e que permitam a pleno desenvolvimento humano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMADO, Frederico Augusto Di Trindade. **Direito ambiental esquematizado**. 4. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Método, 2013.

ATLAS VIRTUAL DA PRÉ-HISTÓRIA. Ornitópodes. Disponível em: <<http://www.avph.com.br/ornitopodes.htm>>. Acesso em 12/12/15.

_____. Terópodes. Disponível em: <<http://www.avph.com.br/teropodes.htm>>. Acesso em 12/12/15.

BOGGIANI, Paulo César. A aplicação do conceito de Geoparque da UNESCO no Brasil e relação com o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. **Revista Patrimônio Geológico e Cultura** –v. 1 –n.1 –junho, 2010.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 13/10/2015.

_____. **Exército**. Conhece a Retirada da Laguna? Publicado em 28 de julho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r8UoQ2Vkw9Y>>. 05'06". Acesso em: 05/04/2018.

_____. **IBGE**. Cidades. Disponível em<<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=500580&search=mato-grosso-do-sul|nioaque>>. Acesso em: 26/11/2015.

_____. **DNPM**. Relatório de vistoria na Mineradora Calcário Xaraés, em Bonito, e no afloramento de interesse paleontológico em Nioaque. Museu de Ciências da Terra. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000**. Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 30/12/2015.

_____. **MMA. Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/sistema-nacional-de-ucs-snuc>>. Acesso em: Acesso em 08/01/2016.

_____. **CPRM. Geopark Bodoquena-Pantanal - Dossiê de Candidatura à Rede Global de Geoparques Nacionais Sob Auspício da Organização das Nações Unidas Para Educação, Ciências e Cultura/UNESCO**. 2010. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/media/dossie_bodoquena_portugues_unesco.pdf>. Acesso em: 31/05/16.

_____. **CPRM. Geoparques**. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Gestao-Territorial/Geoparques-134>>. Acesso em: 23/01/2018.

BURSZTYN, Marcel, PERSEGONA, Marcelo. **A grande transformação ambiental: uma cronologia da dialética do homem-natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. Tradução: Álvaro Cabral. 1982. Disponível em: <<http://nous.life/Biblioteca/Física%20Quântica/Fritjof%20Capra/Ponto%20de%20Mutacao%20-%20Fritjof%20Capra.pdf>>. Acesso em: 11/08/2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil**. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2001.

CASCINO, F. A. Conservação e educação ambientais: caminhos, pistas e trilhas. In: Pas-Luchiari, Bruhns, Serrano (orgs.) **Patrimônio, natureza e cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

COMISSÃO EUROPEIA. **A abordagem Leader — Um guia básico**. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, 2006 - 24 p. Disponível em: <http://ec.europa.eu/agriculture/publi/fact/leader/2006_pt.pdf>. Acesso em: 24/05/2016.

COSTA, Cecília Aparecida. **A construção da concepção de natureza na fronteira de Ponta Porã/BR – Pedro Juan Caballero/PY e a produção do urbano**. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

DANZA, Andrés; TULBOVITZ, Ernesto: tradução Luís Carlos Cabral. **Uma ovelha negra no poder: confissões e intimidades de Pepe Mujica**. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

DESCARTES, Rene. **Discurso do Método**; [tradução Maria Ermantina Galvão]. – São Paulo: Martins Fontes, 1996. – (Clássicos).

DI DONATO, Fábio, T. **Informações sobre a régua usada para monitorar a situação das pegadas em relação ao nível do rio**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <ftdidonato@gmail.com> em 13 jan. 2016.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 3ª ed. — São Paulo: Hucitec, 2001.

DRUMMOND, José Augusto. Patrimônios natural e cultural: endereços distintos nos espaços urbanos, rurais e selvagens. In: PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D.; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Orgs.): **Patrimônio, Natureza e Cultura**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**; Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. – São Paulo: Boitempo, 2010. 388 p.: il. – (Mundo do trabalho; Coleção Marx-Engels).

EUROPEAN GEOPARKS NETWORK. Disponível em: <www.europeangeparks.org>. Acesso em: 22/01/2018.

_____. **História**. 2015a. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=637&lang=pt>. Acesso em: 01/05/2015.

_____. 2015b. **Global Geoparks Network**. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=633&lang=pt>. Acesso em 13/05/15.

_____. **Cooperação com a UNESCO**. 2016a. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=629&lang=pt>. Acesso em: 18/05/2016

_____. **Meet our Geoparks**. 2016b. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=168>. Acesso em: 25/05/2016

_____. **Património da Terra**. 2017. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=170&lang=pt>. Acesso em: 13/12/17.

_____. **O que é um Geoparque**. 2018a. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=165&lang=pt>. Acesso em: 22/01/18.

_____. **Introdução**. 2018b. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=342&lang=pt>. Acesso em: 17/02/2018.

_____. **Turismo**. 2018c. Disponível em:
<http://www.europeangeparks.org/?page_id=151&lang=pt>. Acesso em: 21/01/18.

FORD, Caroline. Imperial Preservation and Landscape Reclamation: National Parks and Natural Reserves in French Colonial Africa. *In*: GISSIBL, Bernhard; HÖHLER, Sabine; KUPPER, Patrick. (Orgs.): **Civilizing Nature: National Parks in Global Historical Perspective (Environment in History: International Perspectives)**. Berghahn Books, 2015.

G1 MATO GROSSO DO SUL. **Paleontólogo quer apontar animal que teria deixado pegadas fósseis em MS**. 29 de julho de 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2011/07/paleontologo-quer-apontar-animal-que-teria-deixado-pegadas-fosseis-em-ms.html>>. Acesso em: 12/12/2015.

GALANTE, Elias Tayar. **Retirada da Laguna (documentário) - Guerra do Paraguai**. 2016. (52m44s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MFkctkFIBF4>>. Acesso em: 06/04/18.

Gênesis. Português. *In*: **Bíblia Sagrada Online**. Disponível em:
<https://www.bibliaon.com/genesis_1/>. Acesso em: 04/01/18.

GEOPARK ARARIPE. **Geopark Araripe**. Disponível em:
<<http://geoparkararipe.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11/02/2018.

GEOPARQUE AÇORES. **Rede de Geoparques da Ásia – Pacífico**. Disponível em:
<http://www.azoresgeopark.com/rede_global_geoparques/asia.php>. Acesso em: 25/05/16.

GHIMIRE, Krishna B. **Parks and People: Livelihood Issues in National Parks Management in Thailand and Madagascar**. United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD), 1991. Disponível em:

<[http://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/httpNetITFramePDF?ReadForm&parentunid=326433A58FDC96A180256B67005B62B6&parentdoctype=paper&netitpath=80256B3C005BCCF9/\(httpAuxPages\)/326433A58FDC96A180256B67005B62B6/\\$file/dp29.pdf](http://www.unrisd.org/80256B3C005BCCF9/httpNetITFramePDF?ReadForm&parentunid=326433A58FDC96A180256B67005B62B6&parentdoctype=paper&netitpath=80256B3C005BCCF9/(httpAuxPages)/326433A58FDC96A180256B67005B62B6/$file/dp29.pdf)>. Acesso em: 06/01/2018.

GLACKEN, Clarence J. **Huellas en la playa de Rodas. Naturaleza y cultura en el pensamiento occidental desde la Antigüedad hasta finales del siglo XVIII**. Barcelona: Ediciones del serbal, 1996.

GLOBAL GEOPARKS NETWORK. **About GGN**. Disponível em: <www.globalgeopark.org>. Acesso em 22/01/2018.

GODOY, Larissa Ribeiro da Cruz; LEUZINGER Márcia Dieguez. O financiamento do Sistema Nacional de Unidades de Conservação no Brasil: Características e tendências. In: **Revista de Informação Legislativa**. Ano 52. Número 206. abr./jun., 2015. Disponível: <https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/206/ril_v52_n206_p223.pdf>. Acesso em: 15/05/18.

GOETTERT, Jones Dari. **Discussão sobre identidade**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <jonesdari@ufgd.edu.br> em 28/03/2018.

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA; Roberto Lobato. (Orgs.): **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

IPHAN. **Geopark Bodoquena/Pantanal recebe missão da UNESCO**. 2011. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1498>>. Acesso em: 15/02/18.

JONES, Karen. Unpacking Yellowstone: The American National Park in Global Perspective. In: Bernhard Gissibl, Sabine Höhler and Patrick Kupper. **Civilizing Nature: National Parks in Global Historical Perspective** (Environment in History: International Perspectives); Berghahn Books, 2015. Livro Digital.

KARNAL, Leandro. *et al.* **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI, 3. ed. – São Paulo : Contexto, 2011.

KUPPER, Patrick Nationalparks in der europäischen Geschichte, in: **Themenportal Europäische Geschichte**, 2008. Disponível em: <<http://www.europa.clio-online.de/essay/id/artikel-3472>>. Acesso em: 16/10/2017.

_____. Creating Wilnemess: a Transnational History of the Swiss National Park. In: Bernhard Gissibl, Sabine Höhler and Patrick Kupper. **Civilizing Nature: National Parks in Global Historical Perspective** (Environment in History: International Perspectives); Berghahn Books, 2015. Livro Digital.

LIMA, Maria Margareth Escobar Ribas. **O Projeto “Geopark Bodoquena Pantanal”:** **Proposta Inicial e Retificações Necessárias**. 231 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional) - Universidade Anhanguera-Uniderp, 2016. Campo Grande.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Relatório de Registro do Sítio Paleontológico “MS-NI-01”. In: **Revista Científica e Cultural**. Campo Grande: ed. UFMS, 1990. V5. N. 1.

MATO GROSSO DO SUL. **Lei n. 328**, de 25 de fevereiro de 1982. Dispõe sobre a Proteção Ambiental do Pantanal Sul-Mato-Grossense. Disponível em: <<http://aacpdappls.net.ms.gov.br/appls/legislacao/secoge/govato.nsf/1b758e65922af3e904256b220050342a/d19d43eca967c8dd04256e450002e86d?OpenDocument>>. Acesso em 26/09/2015.

_____. **Decreto n. 1.581**, de 25 de março de 1982. Regulamenta a Lei nº 328, de 25 de fevereiro de 1982, que dispõe sobre a proteção e preservação do Pantanal Sul-Mato-Grossense e dá outras providências. Disponível em: <<http://aacpdappls.net.ms.gov.br/appls/legislacao/secoge/govato.nsf/1b758e65922af3e904256b220050342a/84b197be4630ec9204256e2d006669dd?OpenDocument&Highlight=2,1.581>>. Acesso em 26/11/2015.

_____. **Decreto nº 12.897**, de 22 de dezembro de 2009. Dispõe sobre a criação do Geopark Bodoquena-Pantanal, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/89/2015/09/Decreto_MS_12897_22-12-2009-SITE.pdf>. Acesso em: 08/01/16.

_____. Paisagem cultura, economia, ciência e turismo se encontram no Geopark Bodoquena-Pantanal. In: Revista **Cultura em MS**. Geopark Bodoquena-Pantanal: a cultura abre a paisagem. n. 4, Campo Grande, 2011.

_____. **Apresentação GEO-MUSEU em Nioaque/MS - Núcleo do Geopark Bodoquena Pantanal**. Apresentação em PPT da proposta de criação de um Museu de Geociências em Nioaque/MS - Geopark Bodoquena Pantanal. 02’03”. Publicado em 15 de fev de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H4yshgkXbCQ>>. Acesso em: Acesso em: 20/11/2016.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal. **Diretoria do Geopark Bodoquena-Pantanal apresenta projetos para 2014**, Campo Grande, 03 abr 2014. Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/news/view/id/74>>. Acesso em: 27/06/15.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal. **Programa Educativo do Geopark Bodoquena Pantanal – 2015** - Portfólio de Atividades: Núcleos e Geopark Móvel.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal, **GEOPARK-BP Realiza reunião com professores da Rede Pública de Ensino**, Campo grande, 16 mar 2015. Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/news/view/id/86>>. Acesso em: 28/06/2015

_____. SEMADE/MS. Nioaque. Disponível em: <<http://www.semade.ms.gov.br/wp-content/uploads/sites/20/2017/01/Nioaque-2016.pdf>>. Acesso em: 16/05/2018.

_____. **Geoparque Bodoquena-Pantanal Núcleos**. Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=20>. Acesso em: 10/01/16.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal. **Núcleo de Nioaque**. Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=164>. Acesso em: 10/01/16.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal. **Núcleo Nioaque capacita funcionários da Prefeitura que participam do Programa PROFUNCIÓNÁRIO**. Disponível em: <<http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?p=150>>. Acesso em: 18/01/2016.

_____. Geoparque Bodoquena-Pantanal. **Sobre Geoparque Bodoquena-Pantanal**. Disponível em: <http://www.geoparkbodoquenapantanal.ms.gov.br/?page_id=67>. Acesso em: 16/02/18.

MARK, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. V. I. Livro 1º. O Processo de Produção do Capital. Tomo I, 1996. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf>. Acesso em: 16/05/18.

_____. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro 1º. O Processo de Produção do Capital. Tomo II, 1996. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-2.pdf>. Acesso em: 16/05/18.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. *In*: SAQUET, Marcos Aurélio; Sposito Eliseu Savério. (Orgs.): **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

NASH, Roderick Frazier. **Wilderness and the American Mind: Fifth Edition**. Yale University Press. Livro Digital, 2014.

NIOAQUE. **Nioaque realizou o 3º da Festival Retirada da Laguna**. Disponível em: <<http://www.nioaque.ms.gov.br/?p=noticias-ler&c=335>>. Acesso em 31/11/2015.

_____. **Dados oficiais**. Disponível em: <<http://www.nioaque.ms.gov.br/cidade.php>>. Acesso em 16/05/18.

_____. Decreto (S.N.) **Dispõe sobre o Conselho Gestor local do núcleo de Nioaque – Geopark Bodoquena-Pantanal**. (Versão não revisada), 2015.

NIOAQUE ONLINE. Nioaque Vale dos Dinossauros. Disponível em: <<http://nioaqueonline.com.br/nioaque-vale-dos-dinossauros/>>. Acesso em 16 de/01/2015.

OCON, Débora Cristina Macorini. **Grupos de Poder e Território: Criação e Implantação do Parque Estadual das Várzeas do Rio Ivinhema – PEVRI – MS**. 2015. 301 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Geografia, Maringá, PR.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D. Turismo e Patrimônio Natural no Uso do Território. *In*: PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D.; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia (Orgs.): **Patrimônio, Natureza e Cultura** – Campinas, SP: Papirus, 2007.

PORTAL DO MS. '**Pegadas' de dinossauros podem virar atração turística em Nioaque.** 22 de julho de 2011. Disponível em: <<http://portaldoms.news/artigo/artigos/16389-pegadas-de-dinossauros-podem- virar-atraca-o-turistica-em-nioaque?imprimir=sim>>. Acesso em: 16/12/15

PROTECTED PLANET. **Protected area coverage per country/territory by UN Environment Regions.** Disponível em: <<https://www.protectedplanet.net/c/unesp-regions#Asia%20&%20Pacific>>. Acesso em: 21/11/17.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Editora Ática S. A., 1993. (Série Temas: Geografia e Política, V. 29).

RODRIGUES, Arlete Moysés. **A Produção e o Consumo do Espaço para o Turismo e a Problemática Ambiental.** Congresso Internacional de Turismo “Sol e Território”. USP – Depto. Geografia. 7/95.

_____. **Produção e Consumo do e no Espaço: Problemática Ambiental Urbana.** [199-]. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/livros_de_arlete_moyses_rodrigues_para_download/1>. Acesso em: 10/05/2011.

ROCHA, Daniela Maria Teixeira da. **Avaliação do alargamento do Geoparque Arouca ao território Montemuro e Gralheira:** Um estudo sobre património geológico e proposta de um plano de desenvolvimento territorial, 2015. 846f. Vol. I e II. Tese (Doutoramento em Ciências da Terra e da Vida) - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

RUÃO, Teresa. As marcas e o valor da imagem. A dimensão simbólica das actividades económicas, **Caleidoscópico**, Universidade Lusófona, nº3, 2003. pp. 177 – 191.

RUNTE, Alfred. **National Parks: The American Experience.** Taylor Trade Publishing. Livro Digital, 1947.

SANTOS, J. A. História do transporte rodoviário. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 1, n. 1, p. 27-32, 2002.

SAQUET, Marcos Aurélio. Estudos territoriais: os conceitos de território e territorialidade como orientações para uma pesquisa científica. *In:* Fraga, Nilson Cesar (Org.): **Territórios e fronteiras – (re) arranjos e perspectivas.** Florianópolis: Insular, 2011.

_____. **Abordagens e concepções sobre território – 3.ed.** –São Paulo: Outras Expressões, 2013.

_____. Por uma abordagem territorial. *In:* SAQUET, Marcos Aurélio; Sposito Eliseu Savério. (Orgs.): **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

SCHEFFLER. Sandro M.; SILVA. Rafael da Costa. Pegadas Fósseis do Município de Nioaque, Estado do Mato Grosso do Sul. *In:* **Paleontologia em Destaque - Boletim**

Informativo da Sociedade Brasileira de Paleontologia. Ano 22. N. 57, 2007. Disponível em: <http://www.sbpbrasil.org/get_file?file=/assets/boletins/boletim_20.pdf&filename=Paleontologia+em+Destaque+n%C2%BA+57.pdf>. Acesso em 12/12/2015.

SCHEFFLER, S. **Informações sobre espécies de dinossauros**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <schefflersm@yahoo.com.br> em 13 jan. 2016

SCHOBENHAUS, Carlos; SILVA, Cássio Roberto da. (Orgs.): **Geoparques do Brasil: propostas** – Rio de Janeiro: CPRM, 2012.

SCHOBENHAUS, Carlos. Entrevista. Mensagem recebida por <carlos.schobenhaus@cprm.gov.br> no dia 09/02/2018.

SCHÜTZ, Rosalvo. **Religião e Capitalismo**: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

SEBRE/MS. **Desenvolvimento Econômico Territorial Mato Grosso do Sul: Nioaque Sudoeste**. [201-]. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MS/Anexos/Mapa%20Oportunidades/NIOAQUE.pdf>>. Acesso em: 03/03/2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.): **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**: Editora Vozes, [2000?].

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual**. Natureza, Capital e a Produção de Espaço. Tradução: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A. 1988.

SOARES, A. J. S.; RODRIGUES, J.; BRITES G.; TEIXEIRA, A; TURINE, M; Divulgação das Geociências no Núcleo Regional de Nioaque, Geopark Bodoquena-Pantanal, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Comunicações Geológicas**. 2014. 101, Especial III, 1383-1386. Disponível em: <http://www.lneg.pt/download/9777/62_2894_ART_CG14_ESPECIAL_III.pdf>. Acesso em: 27/06/15.

SO PORTUGUÊS. **Radicais Gregos**. Disponível em: <<http://www.soportugues.com.br/secoes/morf/morf10.php>>. acesso em 12/12/17.

STEIMAN, Rebeca. **Áreas Protegidas nas Zonas de Fronteira Internacional Da Amazônia Brasileira. 2008**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / PPGG, 2008, Rio de Janeiro.

TAMAIU, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablume: WWF, 2002.

TAUNAY, Visconde de. **A Retirada da Laguna**. Universidade da Amazônia/NEAD – Núcleo de Educação a Distância. Belém-PA. [2000?]. Disponível em: <<https://cs.ufgd.edu.br/download/A%20Retirada%20da%20Laguna%20-%20Visconde%20de%20Taunay.pdf>>. Acesso em: 15/05/18.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural** – Mudanças de atitudes em Relação às Plantas e aos Animais (1500 – 1800). Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

IUCN. **Categorías de Manejo de Áreas Protegidas de UICN**. Disponível em: <<https://www.iucn.org/es/regiones/am%C3%A9rica-del-sur/nuestro-trabajo/%C3%A1reas-protegidas/categor%C3%ADas-de-manejo-de-%C3%A1reas-protegidas-de-uicn>>. Acesso em 03/11/17.

_____. **Guidelines for Applying Protected Area Management Categories**. Gland, Switzerland: IUCN. WITH Stolton, S., P. Shadie and N. Dudley (2013). IUCN WCPA Best Practice Guidance on Recognising Protected Areas and Assigning Management Categories and Governance Types, Best Practice Protected Area Guidelines Series No. 21, Gland, Switzerland: IUCN, 2013. Disponível em: <<https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/PAG-021.pdf>>. Acesso em: 28/12/2017.

_____. **Directrices para las Categorías de Manejo de Areas Protegidas**. CPNAP con la ayuda de WCMC. IUCN, Gland, Suiza y Cambridge, Reino Unido, 1994. Disponível em: <<https://portals.iucn.org/library/sites/library/files/documents/1994-007-Es.pdf>>. Acesso em: 04/01/18.

UNESCO. **Geoparks Programme - A New Initiative to Promote a Global Network of Geoparks Safeguarding and Developing Selected Areas Having Significant Geological Features**. 156 EX/11 Rev. Paris, 15 April 1999. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001151/115177e.pdf>>. Acesso em: 26/11/15.

_____. Executive Board. **Recommendations by the Mab International Coordinating Council on the Feasibility Study on Developing a Unesco Geosites/Geoparks Programme**. Item 3.3.1 of the provisional agenda. 161 EX/9. Paris, 11 April 2001. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001222/122260e.pdf>>. Acesso em: 11/12/2017.

_____. **Estatuto del Programa Internacional de Ciencias de la Tierra y Geoparques**. [2000?]. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002606/260675S.pdf>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.

_____. Geopark Application: Bodoquena Pantanal Geopark Project, Natural Sciences. **Carta-Resposta à candidature do Geoparque Bodoquena-Panatanal, Brazil**, 21 October 2011.

_____. **Carta resposta referente à candidatura do Geopark Bodoquena-Pantanal à Rede Global de Geoparks**. (Tadução Geoparque Bodoquena-Pantanal), 2011.

_____. **Actividades de la UNESCO y Geoparques Consejo Ejecutivo**. 186 EX/41. Paris 186ª reunión, París, 18 de abril de 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001920/192093s.pdf>>. Acesso em: 12/10/15.

_____. **Estatutos del Programa Internacional de Ciencias de la Tierra y Geoparques (PICGG)**. Conferencia General. 38C/14. Paris, 08 de septiembre de 2015. Disponível em: <

<http://www.geoparque.uy/index.php/geoparques-mundiales-de-unesco/estatutos-del-programa-internacional-de-ciencias-de-la-tierra-y-geoparques.html>. Acesso em:

UNIAO EUROPEIA. **Meio Ambiente**. Disponível em: <https://europa.eu/european-union/topics/environment_es>. Acesso em: 15/10/2017.

_____. European Environment Agency. **Protected areas in Europe - an overview**. Report N. 5/2012. Disponível em: <<https://www.eea.europa.eu/publications/protected-areas-in-europe-2012>>. Acesso: 16/05/18.

USA. NATIONAL PARK SERVICE. **Giant Sequoias**. Disponível em: <<https://www.nps.gov/seki/learn/nature/bigtrees.htm>>. Acesso em: 16/11/17.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.): **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**: Editora Vozes, [2000?].

ŽIŽEK, Slavoj. Reciclagem, comidas orgânicas, andar de bicicleta... não é assim que nós salvaremos o planeta. *In*: **Caros amigos: a primeira à esquerda**. 10/03/2017. Disponível em: <<https://www.carosamigos.com.br/index.php/artigos-e-debates/9432-reciclagem-comidas-organicas-andar-de-bicicleta-nao-e-assim-que-nos-salvaremos-o-planeta>>. Acesso em 20/10/17.

ZOUROS, Nickolas. **The European Geoparks Network: Geological heritage protection and local development: Episodes**, Vol. 27, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.lesvosmuseum.gr/cms_files/dynamic/c45710/file/SP14_el_GR.pdf>. Acesso em: 16/05/2018.

_____. **Geodiversity and Sustainable Development: Geoparks - A New Challenge For Research And Education In Earth Sciences**. Bulletin of the Geological Society of Greece, 43, 159-168, 2010. Disponível em: <<https://ejournals.epublishing.ekt.gr/index.php/geosociety/article/view/11170/11222>>. Acesso em: 16/05/2018

_____. **Global Geoparks Network and the New Unesco Global Geoparks Programme**. Bulletin of the Geological Society of Greece, 50, 284-292, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA - DIRIGENTES

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Grupo de Pesquisa Território e Ambiente
LABORATÓRIO DE PESQUISAS TERRITORIAIS

ENTREVISTA DIRIGENTES

Data da entrevista: _____

Local da entrevista: _____

Identificação do entrevistado

Nome: _____

Cidade: _____

Função que desenvolve: _____

QUESTÕES GERAIS

- 1 - Como teve conhecimento da ideia de criação do geoparque Bodoquena Pantanal?
- 2 – Poderia nos contar como foi o processo de desenvolvimento desse projeto? Quais as dificuldades encontradas até o momento?
- 3 – O poder público tem parceiros no projeto geoparque? Se sim, quem? Como avalia essas parcerias?
- 4 – Em sua opinião quais seriam os motivos que justificaram a criação desse geoparque? Quais as vantagens e desvantagens de se ter no seu município um geossítio e também um núcleo do geoparque?
- 5 – Entende que o geoparque pode ajudar na conservação ambiental? Se sim, como é possível haver a preservação ambiental no interior do geoparque? De que forma se dá essa preservação?
- 6 - A preservação ambiental traria que tipo de benefícios para as pessoas que vivem no município?
- 7 - Qual seria a importância do ingresso do geoparque Bodoquena Pantanal à rede global de Geoparques?
- 8 - Tem conhecimento sobre a participação/interesse ou não dos moradores locais no Geoparque Bodoquena Pantanal? Caso exista, poderia nos explicar como avalia a participação

dessas pessoas, no que se refere a desenvolvimento local através da atividade turística? Existe uma identidade/um sentimento de pertencimento entre a comunidade local e o Geoparque? Poderia exemplificar?

9 – O poder municipal tem desenvolvido projetos ou pretende desenvolver para informar a população sobre o geoparque? Se sim, quais projetos? Como os avalia, atenderam as expectativas? Quais são os resultados?

10 - Como os setores ligados ao Turismo lidam com a ideia do Geoparque? No caso, específico dos agricultores e pecuarista, como eles entendem este processo?

APÊNDICE B – ENTREVISTA – GEOMONITORES DO GEOPARQUE

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
 Grupo de Pesquisa Território e Ambiente
LABORATÓRIO DE PESQUISAS TERRITORIAIS

ENTREVISTA GEOMONITORES

Data da entrevista: _____

Local da entrevista: _____

Identificação do entrevistado

Nome: _____

Cidade: _____

Função que desenvolve: _____

QUESTÕES GERAIS

- 1 – Qual a função de um geomonitor? É um trabalho remunerado? Se sim, quem é a fonte pagadora?
- 2 – Quem pode ser um geomonitor? Quem são os responsáveis por selecionar e treinar os candidatos?
- 3 - Tem conhecimento se o poder público local tem projetos referentes a área ambiental? Como os geomonitores estariam inseridos nesses projetos? Como atuariam?
- 4 - Como teve conhecimento da ideia de criação do geoparque Bodoquena Pantanal?
- 5 – Tem conhecimento da existência de parcerias com o poder público no projeto geoparque? Se sim, quem? Como avalia essas parcerias?
- 6 – Saberá apontar quais seriam os motivos que justificaram a criação desse geoparque? Quais as vantagens e desvantagens que o município irá ter com a sua implantação?
- 7 - Como avalia a importância da criação do geoparque para a contribuição da preservação ambiental?
- 8 - Entende que a população local irá se beneficiar da preservação ambiental? Como? Porque?
- 9 – Tem sido desenvolvidos projetos ou pretendem desenvolver para informar a população sobre o geoparque? Se sim, quais projetos? Como os avalia, atenderam as expectativas? Quais são os resultados?

10- Saberria dizer se existe alguma relação de pertencimento entre a população local e o geoparque, em específico o geossítio com as pegadas dos dinossauros?

11 – Tem conhecimento sobre a participação/interesse ou não dos moradores locais no Geoparque Bodoquena Pantanal. Caso exista, poderia nos explicar como avalia a participação dessas pessoas no que se refere a desenvolvimento local através da atividade turística?

**APÊNDICE C – ENTREVISTA – LIDERANÇA NAS ALDEIAS, ASSENTAMENTOS
E COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Grupo de Pesquisa Território e Ambiente
LABORATÓRIO DE PESQUISAS TERRITORIAIS

ENTREVISTA COM A LIDERANÇA

Data da entrevista: _____

Local da entrevista: _____

Identificação do entrevistado

Nome: _____

Cidade: _____

Função que desenvolve: _____

QUESTÕES GERAIS

1 – Quando foi criado o/a assentamento/aldeia/comunidade?

2 – Quantas famílias vivem aqui?

3 – Quais são as principais atividades econômicas desenvolvidas no local?

4 – Existe alguém ou grupo que produz artesanato? Se sim, o que é produzido? De onde vem a matéria-prima utilizada? Onde é comercializado?

5 – Se existir um grupo, como ele está organizado é uma associação, cooperativa?

a) Tem um representante?

b) Existe um espaço destinado à produção?

c) Como é organizada a produção? Há uma divisão do trabalho?

6- Tem conhecimento da existência de um geoparque aqui no município? Se sim, como e quando soube?

7 – Em sua opinião o que é o geoparque?

8 – Entende que o geoparque seja algo importante ou não para os moradores de Nioque? Por que?

9 – Existe algum projeto para incorporar o tema do geoparque - dinossauros e suas pegadas - aos produtos locais?

10 – Se sim, qual seria o projeto? Como ele funciona?

11 – Entende que o geoparque pode ajudar na conservação ambiental? Por que?

12 - E na sua vida dos moradores daqui o geoparque poderia trazer benefícios econômicos?

APÊNDICE D – ENTREVISTA – ARTESÃOS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Grupo de Pesquisa Território e Ambiente
LABORATÓRIO DE PESQUISAS TERRITORIAIS

ENTREVISTA ARTESÃOS

Data da entrevista: _____

Local da entrevista: _____

Identificação do entrevistado

Nome: _____

Cidade: _____

Função que desenvolve: _____

QUESTÕES GERAIS

- 1 – Qual é o seu estado civil?
- 2 – A sua família é formada por quantas pessoas? Todos moram contigo?
- 3 - Quanto tempo mora no local?
- 4 - Qual é a principal atividade econômica desenvolvida pela família?
- 3 – Qual a importância do artesanato na renda da família?
- 4 – Mais alguém na família trabalha com artesanato? Se sim, quantos? Há quanto tempo?
- 5 - Como e quando começou a trabalhar com o artesanato?
- 6 – Qual atividade você exercia antes?
- 7 – Onde consegue a matéria-prima necessária para a produção?
- 8 - Onde, quando e como é vendido o produto?
- 9 – Quanto em média seria sua renda mensal com o artesanato?
- 10 - É membro de alguma associação ou cooperativa? Se sim, como é organizado o trabalho?
 - a) Existe algum espaço comum para confecção dos produtos?

- b) Há uma divisão do trabalho? Se sim, qual a sua função?
- c) Existe um horário de funcionamento?

10 - Tem conhecimento da existência de um geoparque aqui no município? Se sim, como e quando soube?

11 – Em sua opinião o que é o geoparque?

12 – Entende que o geoparque seja algo importante ou não para os moradores de Nioque? Por que?

13 – Existe algum projeto para incorporar o tema do geoparque - dinossauros e suas pegadas - aos produtos locais?

14 – Se sim, qual seria o projeto? Como ele funciona?

15 – Se não, você teria interesse em produzir produtos relacionados ao geoparque? Se sim, o que seria?

16 - Entende que o geoparque pode ajudar na conservação ambiental? Por que?

17 – E na sua vida o geoparque poderia trazer benefícios econômicos?

ANEXOS

ANEXO A – CARTA RESPOSTA REFERENTE À CANDIDATURA DO GEOPARK BODOQUENA-PANTANAL À REDE GLOBAL DE GEOPARKS

(Versão original)



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organisation
des Nations Unies
pour l'éducation,
la science et la culture

Organización
de las Naciones Unidas
para la Educación,
la Ciencia y la Cultura

Организация
Объединенных Наций по
вопросам образования,
науки и культуры

منظمة الأمم المتحدة
للتربية والعلم والثقافة

联合国教育、
科学及文化组织

Natural Sciences Sector
Division of Ecological and Earth Sciences

Geopark Project Bodoquena Pantanal
7000, Afonso Pena
Av. Zip Code 79.031-010
District Pq das Nações Indígenas
Campo Grande
MS
Brazil

21 October 2011

Ref. : SC/EES/GEO/GEOPARKS/GGN/2011/008897

Subject : **Geopark Application: Bodoquena Pantanal Geopark Project, Brazil**

Dear Geopark Project Team,

I would like to inform you that the Global Geoparks Bureau at its meeting on 17 September 2011 in Langesund, Norway, after having examined your application and the evaluation reports, has come to the conclusion that the **Bodoquena Pantanal Geopark Project** is not yet ready to join the Global Network of Geoparks. The Bureau is however convinced that in some time from now, the Bodoquena Pantanal Geopark could become a good example for a Brazilian Geopark, given the strong enthusiasm and good-will of the people for linking landscape, geological heritage, biodiversity, social and cultural heritage as well as economic benefit aspects of the territory.

The GGN feels that some important Geopark principles were not yet integrated into the area and strongly recommend the Bodoquena Pantanal Geopark Project to seek advice and guidance by the GGN to develop towards an effective and functioning quality Geopark. Today the Geopark Project is not operative and functioning, there is no existing management team, master plan, responsible persons, separate budget for activities, and no activities are developed by the Geopark itself. However, we would like this to be an encouraging message for your future work and the improvement of the Geopark Project and have therefore listed below a number of important recommendations to be considered and put in place before submitting a new proposal.

Recommendations:

- reduce the area of the proposed Geopark which is considered as being unmanageable as it is not possible to unify people under a single Geopark corporate identity living several hundreds of kilometers from each other. This is not possible in the current geoparks concept, manageable average sizes of geoparks are between 1,000 km² and 2,500km². We advice that you prepare a new proposal in a 'core' Geopark area which is geologically interesting having several geosites, and communities living there to do projects and participate in the Geopark movement;

- establish a Geopark team with a number of staff who is acting with professionalism and headed by a coordinator with responsibility to lead the proposed Geopark;

- 2 -

- establish a publically accessible information office in the proposed Geopark area;
- establish a separate financial basis for the proposed Geopark, its functioning, projects and activities;
- establish Geopark activities and make them work even before the new application is submitted;
- develop a programme and actions for indigenous people and start their implementation;
- the proposed Geopark is encouraged to go ahead with the existing projects with current partners who should be clearly linked up with the Geopark activities;
- have formal partnership agreements with all proposed Geopark partners;
- establish tourist offers for tourists.

In order to improve the work of your Geopark Project by exchanging interesting projects and ideas, we encourage you to establish close links to GGN members in order to seek examples of good practise and strongly invite you also to participate in some of the upcoming conferences:

Taller Regional “Geoparques: Una alternativa para el desarrollo local”, workshop in Trinidad, Flores - Montevideo, Uruguay on 13-16 November 2011, contact Mrs Denise Gorfinkiel dgorfinkiel@unesco.org.uy

5th International Geoparks Conference 2012, organized by Unzen Volcano Geopark, in May 2012 Japan: <http://www.geoparks2012.com/index.html>

Knowing about your dedication for the Geoparks idea, the Global Geoparks Bureau is confident that by carrying out the recommendations while being in close contact with existing members of our network, as well as GGN Bureau, we like to encourage the Bodoquena Pantanal Geopark Project to prepare a good new application, which may be submitted in one or two years from now during the official application period.

We are looking forward to a fruitful cooperation.

Yours sincerely,



Margarete Patzak
Programme specialist
Global Earth Observation Section

Cc: Permanent Delegation of Brazil to UNESCO
Division of Cultural and Multilateral Agreements

**ANEXO B – CARTA RESPOSTA REFERENTE À CANDIDATURA DO GEOPARK BODOQUENA-PANTANAL À REDE GLOBAL DE GEOPARKS
(Tradução)**



Carta resposta referente à candidatura do Geopark Bodoquena-Pantanal à Rede Global de Geoparks.

Assunto: Aplicação Geopark Bodoquena-Pantanal, Brasil

Cara Equipe do Projeto,

Gostaria de informá-la que a Mesa Global de Geoparques, em sua reunião em 17 de Setembro de 2011, em Langesund, Noruega, depois de ter examinado o seu pedido e os relatórios de avaliação, chegou à conclusão de que o projeto **Geopark Bodoquena-Pantanal** ainda não está pronto para se juntar à Rede Global de Geoparques. O Bureau é, porém, convencido de que, daqui a algum tempo, o Geopark Bodoquena-Pantanal poderia se tornar um bom exemplo para um geoparque brasileiro, dado o forte entusiasmo e boa vontade das pessoas para a conexão entre o patrimônio paisagístico, geológico, da biodiversidade, social e cultural, bem como aspectos de benefícios econômicos do território.

A GGN sente que alguns princípios importantes sobre geoparques ainda não foram integrados no espaço e recomenda que o Projeto Geopark Bodoquena-Pantanal peça conselhos e orientação da GGN para desenvolver-se no sentido de um geoparque de qualidade, eficaz e funcional. Detectamos que hoje o Projeto Geopark BP não está operativo e em funcionamento, percebemos que não há equipe de gestão, plano diretor, pessoas responsáveis, e nem orçamento separado para as atividades, e nem atividades são desenvolvidas pelo próprio geoparque. No entanto, gostaríamos que isso servisse como uma mensagem de incentivo para o trabalho futuro e a melhoria do Projeto Geopark BP e, portanto, listamos a seguir uma série de recomendações importantes a serem consideradas e postas em prática antes de apresentar uma nova proposta.

Recomendações:

- ✓ Reduzir a área do Geopark proposta, que é considerada como sendo incontrolável, pois não é possível unificar pessoas sob uma identidade coletiva e única, vivendo várias centenas de quilômetros umas das outras. Isso não é possível no conceito de geoparques atuais, gerenciáveis, já que tamanhos médios de geoparques são entre 1.000 km² e 2.500 km². Aconselhamos que preparem uma nova proposta em uma área "núcleo", onde seria geologicamente interessante existirem vários geossítios e também comunidades residentes, para elaborarem projetos e participarem do movimento Geopark;
- ✓ Estabelecer uma equipe Geopark com um número de pessoal que haja com profissionalismo e que seja dirigido por um coordenador com a responsabilidade de liderar o Geopark proposto;

- ✓ Estabelecer um escritório de informação de acesso público na área do Geopark proposta;
- ✓ Estabelecer uma base financeira separada para o Geopark proposto, para subsidiar o seu funcionamento, projetos e atividades;
- ✓ Estabelecer atividades para o Geopark e fazê-lo funcionar mesmo antes da apresentação de um novo dossiê;
- ✓ Desenvolver um programa de ações para os povos indígenas e iniciar a sua implementação;
- ✓ O Geopark proposto é encorajado a ir adiante com os projetos existentes e com os parceiros atuais, que devem ser claramente ligados com as atividades Geopark;
- ✓ Ter acordos formais de parceria com todos os parceiros do Geopark proposto;
- ✓ Criar novos produtos turísticos para os turistas.

A fim de melhorar o trabalho de seu Projeto Geopark através do compartilhamento de projetos e ideias interessantes, nós encorajamos vocês a estabelecerem laços estreitos com os membros da GGN, a fim de buscar exemplos de boas práticas, e convidamos vocês também a participar em algumas das próximas conferências:

Taller Regional "Geoparques: Una Alternativa para el desarrollo locais"

Workshop em Trinidad, Flores - Montevidéu, Uruguai em 13-16 Novembro 2011, contato com a Sra. Denise

Gorfinkiel dgorfinkiel@unesco.org.uy

5ª Conferência Internacional de Geoparques 2012, Organizado pela Unzen Vulcão Geopark, em Maio de 2012 no Japão.

<http://www.geoparks2012.com/index.html>

A Mesa Global de Geoparques está confiante de que, através da efetivação das nossas recomendações e de estarem em contato próximo com os membros da nossa rede, assim como da Mesa GGN, gostaríamos de incentivar o Projeto Geopark Bodoquena- Pantanal a apresentar um novo dossiê, que pode ser apresentado em um ou dois anos a partir desta data, durante o período oficial de candidatura.

Estamos ansiosos para uma cooperação futura.

Com os melhores cumprimentos,

Margarete Patzak

**ANEXO C – MEMORIAL DESCRITIVO DO GEOSSÍTIO
“ICNOFÓSSEIS/FORMAÇÃO
BOTUCATU”**



**MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO**
Superintendência do Patrimônio da União no Estado de Mato Grosso do Sul – SPU/MS
Rua Joaquim Murtinho, n.º 65, Centro, Campo Grande (MS) CEP 79002-100 - fone/fax (0XX67) 384-3188/383-2358/384-3190

MEMORIAL DESCRITIVO

AREA: Marginal direita do rio Nioaque

MUNICÍPIO: Nioaque/MS

ÁREA TOTAL: 1054,15 m²

PERÍMETRO: 227,14 m

PROPRIETÁRIO: União Federal

CONFRONTAÇÕES:

Norte: Faixa marginal de domínio da União Federal;

Sul: Margem direita do Rio Nioaque;

Leste: Fazenda Minuano;

Oeste: Margem direita do Rio Nioaque.

LIMITES :

Inicia-se a descrição desse perímetro no vértice P6 de coordenadas N= 7661922,67m e E= 620921,31m, situado no limite da margem direita do rio Nioaque e da faixa marginal de domínio da União Federal, deste segue confrontando com a margem direita do rio Nioaque no seguinte azimute 316°12'23" e distância de 11,58m até o vértice P7 de coordenadas N= 7661931,03m e E= 620913,29m, deste segue confrontando no azimute 297°8'17" e distância de 11,63m até o vértice P8 de coordenadas N= 7661936,34m e E= 620902,95m, deste segue confrontando no azimute 51°27'37" e distância de 10,76m, até o vértice P9 de coordenadas N= 7661943,04m e E=620911,36m, deste segue confrontando no azimute 347°39'36" e distância de 9,14m até o vértice P10 de coordenadas N= 7661951,97m e E= 620909,41m, deste segue confrontando no azimute 272°23'22" e distância de 8,95m até o vértice P11 de coordenadas N= 7661952,35m e E= 620900,47m, deste segue confrontando no azimute 239°32'33" e distância de 13,78m até o vértice P12 de coordenadas N= 7661945,36m e E= 620888,59m, deste segue confrontando no azimute 37°44'12" e distância de 6,19m até o vértice P13 de coordenadas N= 7661950,25m e E= 620892,38m, deste segue confrontando no azimute 356°50'27" e distância de 9,24m até o vértice P14 de coordenadas N= 7661959,48m e E=620891,87m, deste segue confrontando no azimute 259°7'4" e distância de 4,71m até o vértice P15 de coordenadas N= 7661958,59m e E= 620887,24m, deste segue confrontando no azimute 281°8'59" e distância de 13,21m até o vértice P16 de coordenadas N= 7661961,15m e E= 620874,28m, deste segue confrontando no azimute 64°50'43" e distância de 15,67m até o vértice P17 de coordenadas N= 7661967,81m e E= 620888,47m, deste segue no azimute 290°52'43" e distância de 6,16m até o vértice P18 de coordenadas N= 7661970,08m e E= 620882,71m, deste segue confrontando no azimute 309°53'47" e distância de 8,22m até o vértice P19 de coordenadas N= 7661975,28m e E= 620876,40m, situado no limite da faixa marginal de domínio da União Federal e da margem direita do rio Nioaque, deste segue confrontando com a faixa marginal de domínio da União Federal no azimute 66°43'22" e distância de 13,43m até o vértice P20 de coordenadas N= 7661980,58m e E= 620888,74m, situado no limite da fazenda

MISSÃO DA SPU

Conhecer, zelar e garantir que cada imóvel da União cumpra sua função sócio-ambiental, em harmonia com a função arrecadadora, em apoio aos programas estratégicos para a Nação.



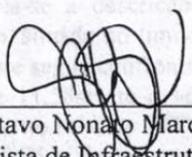
**MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO
SECRETARIA DO PATRIMÔNIO DA UNIÃO**

Superintendência do Patrimônio da União no Estado de Mato Grosso do Sul – SPU/MS

Rua Joaquim Murtinho, n.º 65, Centro, Campo Grande (MS) CEP 79002-100 - fone/fax (0XX67) 384-3188/383-2358/384-3190

Minuano e da faixa marginal de domínio da União Federal, deste segue confrontando com a fazenda Minuano no azimute $125^{\circ}49'13''$ e distância de 12,35m até o vértice de P21 de coordenadas $N=7661973,36m$ e $E=620898,76m$, deste segue confrontando no azimute $150^{\circ}38'39''$ e distância de 11,78m até o vértice P22 de coordenadas $N=7661963,09m$ e $E=620904,53m$, deste segue confrontando no azimute $92^{\circ}23'22''$ e distância de 5,83m até o vértice P23 de coordenadas $N=7661961,85m$ e $Y=620910,36m$, deste segue confrontando no azimute $103^{\circ}6'22''$ e distância de 5,25m até o vértice P24 de coordenadas $N=7661961,66m$ e $E=620915,47m$, deste segue confrontando no azimute $131^{\circ}57'55''$ e distância de 6,22m até o vértice P25 de coordenadas $N=7661957,50m$ e $Y=620920,09m$, deste segue confrontando no azimute $157^{\circ}37'43''$ e distância de 4,12m até o vértice P26 de coordenadas $N=7661953,69m$ e $E=620921,66m$, deste segue confrontando no azimute $167^{\circ}39'36''$ e distância de 16,53m até o vértice P27 de coordenadas $N=7661937,54m$ e $Y=620925,19m$, deste segue confrontando no azimute $231^{\circ}27'37''$ e distância de 1,92m até o vértice P28 de coordenadas $N=7661936,34m$ e $E=620923,69m$, deste segue confrontando no azimute $136^{\circ}12'23''$ e distância de 9,25m até o vértice P29 de coordenadas $N=7661929,67m$ e $E=620903,09m$, situado no limite da Fazenda Minuano e da faixa marginal de domínio da União Federal, deste segue confrontando com a faixa marginal de domínio da União Federal no azimute $231^{\circ}27'37''$ e distância de 11,22m até o vértice P6 ponto final do presente roteiro. Todas as coordenadas aqui descritas estão georreferenciadas no Sistema Geodésico Brasileiro, representadas no sistema UTM, referenciadas ao meridiano central -57° , tendo como Datum o SIRGAS 2000.

Campo Grande, 19 de Setembro de 2011.


Gustavo Nonato Marques Neto
Analista de Infraestrutura SPU/MS
Engenheiro Civil CREA/SP 192526/D
Visto CREA/MS 22242

Concordo com a Demarcação acima Descrita,

Em / /

Ass.: _____

Nome: _____

CPF nº _____

MISSÃO DA SPU

Conhecer, zelar e garantir que cada imóvel da União cumpra sua função sócio-ambiental, em harmonia com a função arrecadadora, em apoio aos programas estratégicos para a Nação.

**ANEXO D – Documento UNESCO 156 EX/11 de 1999
Programa de Geoparques da UNESCO**

United Nations Educational,
Scientific and Cultural Organization

Executive Board

ex

Hundred and fifty-sixth Session

156 EX/11 Rev.
PARIS, 15 April 1999
Original: English

Item 3.3.4 of the provisional agenda

**UNESCO GEOPARKS PROGRAMME -
A NEW INITIATIVE TO PROMOTE A GLOBAL NETWORK OF GEOPARKS
SAFEGUARDING AND DEVELOPING SELECTED AREAS HAVING
SIGNIFICANT GEOLOGICAL FEATURES**

SUMMARY

This revised version of document 156 EX/11 was prepared following the information meeting held on 23 March 1999 for Permanent Delegates and Observers to UNESCO organized by the Natural Sciences Sector and amends its draft decision regarding the setting up of an International Geoparks Advisory Committee.

Pursuant to the Programme and Budget (29 C/5) approved by the General Conference at its 29th session, UNESCO has undertaken steps to “promote a global network of geosites having special geological features” (29 C/5, para. 02036) by developing an initiative on geoparks, focused on the preservation of significant examples of our geological environment as an integral part of local strategies for sustainable development. In the present document, the Director-General reports on activities undertaken by the Secretariat and the progress made towards the implementation of the geoparks programme.

Decision required: paragraph 11.

I. INTRODUCTION

1. The General Conference approved at its 29th session that UNESCO undertakes steps to “promote a global network of geosites having special geological features” (29 C/5, para. 02036). Pursuant to this approval, the Division of Earth Sciences took the initiative to coordinate and combine several national and international efforts dealing with geoconservation, “geotopes”, “geosites” or in general geological heritage, notably evaluated in testing areas (1996-1998), and convened international expert meetings in Paris (25 November 1997, 6 November 1998 and 5 February 1999) and Nairobi (18-19 February 1999) to prepare the framework of future activities in conservation of geological heritage and the possible launching of a new dedicated undertaking under UNESCO’s auspices entitled the geoparks programme.
2. Recognizing the need to enhance the value of the Earth’s geological heritage and the popularization of knowledge on the Earth’s history, the experts recommended that UNESCO should launch a new geoparks programme to encourage national and international endeavours in Earth heritage conservation. It was also recommended that a possible UNESCO assistance extended to Member States for the development of individual geoparks should be financed through extrabudgetary resources. The new initiative should promote the international recognition of significant examples of geological heritage and enhanced protection of these specific sites, and trigger at the same time local sustainable development, in developing and developed countries alike.
3. Based on the findings and recommendations of the international expert groups, the planned geoparks programme would constitute a complementary activity to the International Geological Correlation Programme (IGCP) which focuses on research in earth sciences. It would represent a direct response to the “Declaration of the Rights of the Memory of the Earth”, signed by specialists from over 30 nations on 13 June 1991 in Digne, France, pointing out that now the time has come to protect our natural heritage, which is inscribed in rocks and landscapes, constituting our geological heritage.
4. Furthermore, the objective of promoting a geoparks programme is based on the specific interest expressed during the past years by geological institutions and geoscientists in numerous Member States and by non-governmental organizations, to fill the gap within existing initiatives for the conservation of nature.
5. The geoscientific community of the following Member States has expressed strong interest in this initiative: Brazil, Canada, China, Côte d’Ivoire, East African countries (e.g. Kenya, United Republic of Tanzania, Uganda), Ecuador, Egypt, Gabon, Indonesia, Japan, Malaysia, Namibia, Philippines, South Africa and 16 European countries. Non-governmental organizations which expressed interest are: the European Association for the Conservation of Geological Heritage, the International Association of Engineering Geology and the Environment, the International Geographical Union, and the International Union of Geological Sciences.
6. Promoting the preservation and international recognition of geological heritage at large, as foreseen by the geoparks programme, is not covered by any of the existing UNESCO programmes, neither by the World Heritage Convention nor by the Global Network of Biosphere Reserves within the Man and the Biosphere (MAB) Programme. In fact, none of the existing international programmes within and outside UNESCO is focused on enhancing

156 EX/11 Rev. - page 2

specifically the value of those geological heritage sites, which are particularly significant yet only of national or regional importance. The launching of the geoparks programme would provide an excellent means of giving global international recognition and support to these important geological sites. Given the very different objectives of both the World Heritage Convention and the Global Network of Biosphere Reserves, the geoparks programme would constitute a complementary activity to these other two undertakings of the Organization regarding the preservation of cultural and natural heritage. Already, in all ongoing activities in the Division of Earth Sciences aimed at the promotion of the geoparks programme, close co-operation with the other programmes has been ensured. Such co-operation will be enhanced further in the next biennium, while respecting fully the differences of objectives and the ensuing complementarity.

7. As recommended by the expert meetings, a geopark will be a dedicated area enclosing features of special geological significance, rarity or beauty. These features need to be representative of the geological history of a particular area and the events and processes that formed it. Like a “natural park”, a geopark will fall under the exclusive authority of the government in the country where it is situated.

8. Besides the possibilities provided for scientific research and broad environmental education, a geopark may have great potential for local sustainable development. It is intended to be used to generate employment and new economic activities linked to its specific theme. It can favour new orientations in tourism (“geotourism”) and in trades and crafts (“geoproducts”), such as the sustainable manufacturing of innovative handicrafts which have a geological connotation, for example, fossil casting and souvenirs.

9. Consequently, as part of the requirements for a possible nomination as a geopark, the national authorities submitting a proposal to UNESCO will be requested to provide a sound management plan for the area including, among others, a plan for the sustainable development of this area including the promotion of environmentally sound tourism and employment, as appropriate, and measures to promote education and research.

10. Based on these activities of the Division of Earth Sciences in the 1998–1999 biennium, the Director-General has decided to include the proposal for a geoparks programme in the draft 30 C/5 document. It is planned to make use, at least initially, of the existing structures of the International Geological Correlation Programme (IGCP) for the further development of this new initiative.

II. DECISION

11. In view of the foregoing, the Executive Board may wish to adopt the following decision:

The Executive Board,

1. Considering that the General Conference at its 29th session approved that UNESCO undertakes steps to “promote a global network of geosites having special geological features” (29 C/5, para. 02036),
2. Having examined document 156 EX/11 Rev.,

156 EX/11 Rev. - page 3

3. Takes note of the progress made in developing a geoparks programme and invites the Director-General to promote the geoparks programme, building on and co-operating with existing undertakings and relevant committees within the Organization.

ANEXO E – Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra

Comun. Serv. Geol. Portugal, 1991, t. 77, pp. 147-148

Comunicações dos
Serviços Geológicos
de Portugal

DECLARAÇÃO INTERNACIONAL DOS DIREITOS À MEMÓRIA DA TERRA (Digne, 1991)

Realizou-se em Digne-les-Bains (França), de 11 a 13 de Junho de 1991, o 1.º Simpósio Internacional sobre a Protecção do Património Geológico, com a participação de mais de uma centena de especialistas oriundos de 30 países de diversos continentes. No final do Simpósio, foi aprovada, por unanimidade e aclamação, a designada Carta de Digne – Declaração Internacional dos Direitos à Memória da Terra, belo e oportuno texto que aqui se apresenta na sua versão portuguesa.

- 1 – *Assim como cada vida humana é considerada única, chegou a altura de reconhecer, também, o carácter único da Terra.*
- 2 – *É a Terra que nos suporta. Estamos todos ligados à Terra e ela é a ligação entre nós todos.*
- 3 – *A Terra, com 4 500 milhões de anos de idade, é o berço da vida, da renovação e das metamorfoses dos seres vivos. A sua larga evolução, a sua lenta maturação, deram forma ao ambiente em que vivemos.*
- 4 – *A nossa história e a história da Terra estão intimamente ligadas. As suas origens são as nossas origens. A sua história é a nossa história e o seu futuro será o nosso futuro.*
- 5 – *A face da Terra, a sua forma, são o nosso ambiente. Este ambiente é diferente do de ontem e será diferente do de amanhã. Não somos mais que um dos momentos da Terra; não somos finalidade, mas sim passagem.*
- 6 – *Assim como uma árvore guarda a memória do seu crescimento e da sua vida no seu tronco, também a Terra conserva a memória do seu passado, registada em profundidade ou à superfície, nas rochas, nos fósseis e nas paisagens, registo esse que pode ser lido e traduzido.*
- 7 – *Os homens sempre tiveram a preocupação em proteger o memorial do seu passado, ou seja, o seu património cultural. Só há pouco tempo se começou a proteger o ambiente imediato, o nosso património natural. O passado da Terra não é menos importante que o passado dos seres humanos. Chegou o tempo de aprendermos a protegê-lo e protegendo-o aprenderemos a conhecer o passado da Terra, esse livro escrito antes do nosso advento e que é o património geológico.*
- 8 – *Nós e a Terra compartilhamos uma herança comum. Cada homem, cada governo não é mais do que o depositário desse património. Cada um de nós deve compreender que qualquer depredação é uma mutilação, uma destruição, uma perda irremediável. Todas as formas do desenvolvimento devem, assim, ter em conta o valor e a singularidade desse património.*
- 9 – *Os participantes do 1.º Simpósio Internacional sobre a Protecção do Património Geológico, que incluiu mais de uma centena de especialistas de 30 países diferentes, pedem a todas as autoridades nacionais e internacionais que tenham em consideração e que protejam o património geológico, através de todas as necessárias medidas legais, financeiras e organizacionais.*

(Tradução de Miguel M. Ramalho)

ANEXO F – Declaração de Madonie

THE MADONIE DECLARATION

BETWEEN THE DIVISION OF EARTH SCIENCES OF UNESCO AND THE EUROPEAN GEOPARKS NETWORK

Further to the April 2001 agreement of co-operation between the Division of Earth Sciences of UNESCO and the European Geoparks Network, this document re-affirms the subsequent agreement reached at UNESCO (Paris) in February 2004 concerning the UNESCO Global Network of Geoparks, that:

A European territory wishing to become a member of the UNESCO Global Network of Geoparks, must submit a full application dossier to the European Geoparks Network, which acts as the integration organization into the UNESCO Network for the European continent. Should a territory's membership application to the European Geoparks Network be rejected, or should a territory be expelled from the European Geoparks Network, then the membership of that territory in the UNESCO Global Network of Geoparks is rejected or cancelled as appropriate.

Furthermore, if in any European country a National Geoparks Network exists, then that territory must first become a member of that national network before submitting their dossier for membership to the European Geoparks Network.

At the global level:

The Division of Earth Sciences of UNESCO will ensure that within the existing International Group of Experts, the experience of the European Geoparks Network is fully recognized. This shall be demonstrated by the active inclusion of the 3 experts from the European Geoparks Network already within the International Group of Experts in the further expansion of the Global UNESCO Network.

The Division of Earth Sciences of UNESCO recognize that the office of the Coordination Committee of the European Geoparks in Digne is a fully operational office of the UNESCO Global Network of Geoparks. This information will be integrated into all information given by UNESCO and the Beijing office regarding the organizational structure of the global network. For the effective operation of the global network it is recommended that the Digne and Beijing offices regularly keep each other up to date with developments at each location.

The Division of Earth Sciences of UNESCO recognize that the European Geoparks Network is reference to follow for the creation of other continental networks of Geoparks. Therefore the Division of Earth sciences of UNESCO will use the expertise of the European Geoparks Network for the conception and development of other continental networks.

Signed

*On Behalf of the
European Geoparks Network
Nickolas Zouros*

October 29, 2004

*On Behalf of the
Division of Earth Sciences of UNESCO
Wolfgang Eder*

October 29, 2004

Agreement with UNESCO



ANEXO G – Relação dos Geoparques pertencentes à Rede Global de Geoparques - GGN

	GEOPARK NAME	DESIGNATED YEAR	COUNTRY	
1	Nature Park Eisenwurzen	2004	Austria	
2	Huangshan Geopark		China	
3	Wudalianchi Geopark			
4	Lushan Geopark			
5	Yuntaishan Geopark			
6	Songshan Geopark			
7	Zhangjiajie Sandstone Peak Forest Geopark			
8	Danxiashan Geopark			
9	Stone Forest Geopark			
10	Reserve Géologique de Haute Provence			France
11	Park Naturel Régional du Luberon		Germany	
12	Nature park Terra Vita			
13	Geopark Bergstrasse–Odenwald			
14	Vulkaneifel Geopark			
15	Petrified Forest of Lesvos		Greece	
16	Psiloritis Natural Park		Ireland, Republic of/Northern Ireland	
17	Marble Arch Caves & Cuilcagh Mountain Park			
18	Copper Coast Geopark		Ireland, Republic of	
19	Madonie Natural Park		Italy	
20	North Pennines AONB Geopark	UK		
21	Hexigten Geopark	2005	China	
22	Yandangshan Geopark		Czech Republic	
23	Taining Geopark			
24	Xingwen Geopark			
25	Bohemian Paradise Geopark			
26	Geopark Harz Braunschweiger Land Ostfalen			
27	Geopark Swabian Albs		Italy	
28	Parco del Beigua			
29	Hateg Country Dinosaur Geopark		Rumania	
30	North West Highlands – Scotland		UK	
31	Forest Fawr Geopark – Wales			
32	Araripe Geopark	2006	Brazil	
33	Taishan Geopark		China	
34	Wangwushan-Daimeishan Geopark			
35	Funiushan Geopark			
36	Leiqiong Geopark			
37	Fangshan Geopark			
38	Jingpohu Geopark			
39	Gea- Norvegica Geopark			Norway
40	Naturtejo Geopark			Portugal
41	Sobrarbe Geopark		Spain	
42	Subeticas Geopark			
43	Cabo de Gata Natural Park			
44	Papuk Geopark		2007	Croatia
45	Geological and Mining Park of			Italy

	Sardinia		
46	Langkawi Island Geopark		Malaysia
47	English Riviera Geopark		UK
48	Longhushan Geopark		China
49	Zigong Geopark		
50	Adamello Brenta Geopark		Italy
51	Rocca Di Cerere Geopark		
52	Alxa Desert Geopark	2009	China
53	Zhongnanshan Geopark		
54	Chelmos-Vouraikos Geopark		Greece
55	Toya Caldera and Usu Volcano Geopark		Japan
56	Unzen Volcanic Area Geopark		
57	Itoigawa Geopark		
58	Arouca Geopark		Portugal
59	Geo Mon Geopark - Wales		UK
60	Shetland Geopark		
61	Stonehammer Geopark	2010	Canada
62	Leye-Fengshan Geopark		China
63	Ningde Geopark		
64	Rokua Geopark		Finland
65	Vikos – Aaos Geopark		Greece
66	Novohrad-Nograd geopark		Hungary-Slovakia
67	Parco Nazionale del Cilento e Vallo di Diano Geopark		Italy
68	Tuscan Mining Park		
69	San'in Kaigan Geopark		Japan
70	Jeju Island Geopark		Korea
71	Magma Geopark		Norway
72	Basque Coast Geopark		Spain
73	Dong Van Karst Plateau Geopark		Vietnam
74	Tianzhushan Geopark	2011	China
75	Hongkong Geopark		
76	Bauges Geopark		France
77	Geopark Muskau Arch		Germany/Poland
78	Katla Geopark		Iceland
79	Burren and Cliffs of Moher Geopark		Ireland, Republic of
80	Apuan Alps Geopark		Italy
81	Muroto Geopark		Japan
82	Sierra Norte di Sevilla, Andalusia		Spain
83	Villuercas Ibores Jara Geopark		
84	Carnic Alps Geopark	2012	Austria
85	Sanqingshan Geopark		China
86	Chablais Geopark		France
87	Bakony-Balaton Geopark		Hungary
88	Batur Geopark		Indonesia
89	Central Catalunya Geopark		Spain
90	Shennongjia Geopark	2013	China
91	Yanqing Geopark		
92	Sesia - Val Grande Geopark		Italy
93	Oki island Geopark		Japan
94	Hondsrug Geopark		Netherlands
95	Azores Geopark		Portugal
96	Idrija Geopark		Slovenia
97	Karavanke/Karawanken		Slovenia & austria

98	Kula Volcanic Geopark		Turkey
99	Grutas del Palacio Geopark		Uruguay
100	Ore of the Alps Geopark	2014	Austria
101	Tumbler Ridge Geopark		Canada
102	Mount Kunlun Geopark		China
103	Dali Mount Cangshan Geopark		
104	Odsherred Geopark		Denmark
105	Monts d'Ardeche Geopark		France
106	Aso Global Geopark		Japan
107	M'Goun Global Geopark		Morocco
108	Lands of Knights Global Geopark		Portugal
109	El Hierro Global Geopark of Canary Islands Autonomous Region		
110	Molina and Alto Tajo Global Geopark		
111	Dunhuang	2015	China
112	Zhijindong		
113	Troodos		Cyprus
114	Sitia		Greece
115	Reykjanes		Iceland
116	Gunung Sewu		Indonesia
117	Pollino		Italy
118	Mount Apoi		Japan
119	Lanzarote and Chinijo Islands		Spain
120	Arxan	2017	China
121	Keketuohai		
122	Causses du Quercy		France
123	Qeshm Island		Iran
124	Comarca Minera, Hidalgo		Mexico
125	Mixteca Alta, Oaxaca		
126	Cheongsong		Republic of Korea
127	Las Loras		Spain

Adaptado por: COSTA, 2018, a partir de “www.globalgeopark.org”